

**ROSEMERE DE ALMEIDA AGUERO**

**DISCURSOS, MEMÓRIA E FABRICAÇÃO/CONSTRUÇÃO  
DISCURSIVA DA IDENTIDADE: OS *BRASIGUAIOS* NOS DOIS LADOS  
DA LINHA**

**PORTO ALEGRE  
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: ANÁLISES TEXTUAIS E DISCURSIVAS  
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO**

**DISCURSOS, MEMÓRIA E FABRICAÇÃO/CONSTRUÇÃO  
DISCURSIVA DA IDENTIDADE: OS *BRASIGUAIOS* NOS DOIS LADOS  
DA LINHA**

**ROSEMERE DE ALMEIDA AGUERO**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. FREDA INDURSKY**

Tese de Doutorado em Análises Textuais e Discursivas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE  
2014**

DE ALMEIDA AGUERO, ROSEMERE  
DISCURSOS, MEMÓRIA E FABRICAÇÃO/CONSTRUÇÃO  
DISCURSIVA DA IDENTIDADE: OS *BRASIGUAIOS* NOS DOIS  
LADOS DA LINHA / ROSEMERE DE ALMEIDA AGUERO. - -  
2014

301 f.

Orientadora: FREDA INDURSKY.

Tese (Doutorado) - - Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras,  
PortoAlegre, BR-RS, 2014.

1. DISCURSO. 2. MEMÓRIA. 3. FABRICAÇÃO/CONSTRUÇÃO  
DISCURSIVA DA IDENTIDADE. 4. BRASIGUAIO/BRASIGUAYO.  
5. JOGO OBLÍQUO DAS DENOMINAÇÕES. I. INDURSKY, FREDA,  
orient. II. Título.

**DISCURSOS, MEMÓRIA E FABRICAÇÃO/CONSTRUÇÃO  
DISCURSIVA DA IDENTIDADE: OS *BRASIGUAIOS* NOS DOIS LADOS  
DA LINHA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Freda Indursky (UFRGS)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ercília Ana Cazarin (UCPEL)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Mittmann (UFRGS)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia Maria Lescano Guerra (UFMS)**

*À memória dos meus pais, Maria Helena e Gonçalo. A Edson e Anne Caroline que me dão a força, a direção e o descanso.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao final deste trabalho gostaria de agradecer a todos que compartilharam deste Projeto. Em primeiro lugar à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Freda Indursky, que me acolheu nesta linha de pesquisa e me conduziu em momentos cruciais das análises com serenidade, exatidão refinada e elevado conhecimento científico. Agradeço à prof<sup>ª</sup>. Freda pelos anos de convivência, pelo percurso seguro nas orientações, pelas suas qualidades humanas, pela amizade e respeito que construímos. Aos professores e colegas da UFRGS pela acolhida e significativa contribuição humana e científica durante o meus anos de permanência na Instituição. Aos amigos pessoais, aos parceiros da UEMS e, em especial, aos do DINTER pelo apoio, colaboração e acolhida. Às professoras Solange Mittmann e Ercília Ana Cazarin pelas sugestões valiosas durante a Banca de Qualificação que ajudaram a aprimorar este trabalho. À Banca Examinadora de defesa da tese da qual faz parte também a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vânia Maria Lescano Guerra a quem tenho grande estima e consideração. À minha família (irmã, sobrinhos e cunhados) pelos laços que possuímos e pelo muito de todos que existe em mim. Agradeço especialmente ao Edson, companheiro de jornada nestes mais de trinta anos, e à minha filha Anne Caroline pela paciência, carinho e compreensão em minhas longas ausências.

*E se a gente se dissesse que nada tem muita importância, que basta se habituar a fazer os mesmos gestos de uma forma sempre idêntica, aspirando somente à perfeição plácida da máquina? Tentação da morte. Mas a vida se revolta e resiste. O organismo resiste. Algo, no corpo e na cabeça, se fortalece contra a repetição e o nada. A vida: um gesto mais rápido, um braço que pende inoportunamente, um passo mais lento, um sopro de irregularidade, um falso movimento, a 'reconstrução', o 'escoamento', a tática do posto; tudo o que faz com que, nesse irrisório quadrado de resistência contra a eternidade vazia que é o posto de trabalho, haja ainda acontecimentos, mesmo minúsculos, que haja ainda um tempo, mesmo monstruosamente estirado. Esse desajeito, esse deslocamento supérfluo, essa aceleração súbita, essa solda fracassada, essa mão que retoma a vida que se liga. Tudo o que, em cada um dos homens da cadeia, urra silenciosamente: "Eu não sou uma máquina!" (R. Linhart, *L'établi*. Paris: Minuit, 1978, p. 14 apud Pêcheux, [1975]. 2009b, p. 278).*

## RESUMO

Nesta tese o drama em torno da questão agrária, vivido pelo sujeito duplamente denominado *brasiguaiio/brasiguayo*, transforma-se em *objeto de análise* para refletirmos a propósito de questões como *discurso* (nosso *objeto teórico*) *memória e fabricação/construção discursiva* das identidades. Expulsos dos campos brasileiros, no século XX, pela mecanização da agricultura nacional, pela concentração fundiária e pelo *milagre econômico*, esses camponeses acabaram atravessando a fronteira física, em direção ao Paraguai, atraídos pelas promessas de terras baratas e pela possibilidade de uma vida melhor. Cinquenta anos após a emigração, esses trabalhadores e seus descendentes continuam a tomar parte em conflitos fundiários, agora em território paraguaio. O desdobramento de disputas pela terra com camponeses paraguaios é novamente a expulsão de inúmeros imigrantes brasileiros que, não tendo como comprovar a titulação de suas propriedades, são obrigados a voltar ao Brasil integrando-se a outros movimentos nacionais, como o MST, que lutam pela Reforma Agrária neste país. Tomando como ponto de partida essas *condições de produção*, debruçamo-nos sobre o tema *Discursos, memórias e fabricação/construção discursiva da identidade: os brasiguaios nos dois lados da linha*, com o objetivo de buscar, por meio da análise vertical de um *corpus* constituído por mais de 75 sequências discursivas recortadas de revistas brasileiras, jornais publicados no Brasil e no exterior e depoimentos registrados em estudos acadêmicos, regularidades discursivas que ajudem a evidenciar como o *acontecimento*, a *memória social e discursiva* e os *efeitos de sentido* são articulados pelos *sujeitos* nos discursos *dos/sobre* os *brasiguaios/brasiguayos*, enunciados de ambos os lados da linha da fronteira Brasil-Paraguai. As sequências são analisadas pelo viés da *Análise do Discurso de linha francesa (AD)* a partir da voz teórica de Michel Pêcheux. O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta as raízes dos movimentos sociais em território brasileiro, discutindo questões em torno da Reforma Agrária. O segundo trata das *condições de produção* de emergência do *acontecimento enunciativo brasiguaiio/brasiguayo*, no cenário político mundial. O terceiro apresenta as noções teóricas da *Análise do Discurso (AD)* que constituem nosso dispositivo de análise e o quarto analisa o discurso *do/sobre* os *brasiguaios/brasiguayos* a partir das SD recortadas. As análises evidenciam que a denominação/designação *brasiguaiio/brasiguayo* está associada a uma *fabricação/construção discursiva* heterogênea de identidade, regulada pela existência de um *jogo oblíquo de efeitos de sentido* instaurado em ambos os lados da linha de fronteira Brasil-Paraguai. Esse jogo resulta das *condições de produção* dos discursos e das FD nas quais se inscrevem os sujeitos enunciativos e vão sendo instaurados na dispersão e circulação dos discursos, produzindo contradições no entremeio das FD que mobilizam a denominação/designação. Pelo viés dessa contradição pode-se constatar a existência de um embate ideológico entre as diferentes classes sociais. Das hipóteses traçadas para este estudo confirmamos que a *memória discursiva* e os *efeitos de sentido* que emergem nas discursividades são forjados nas fronteiras das *formações discursivas* a partir das quais se estabelece uma interlocução entre os sujeitos em função das *condições de produção*. Entretanto, as análises mostraram que as *formações imaginárias* projetadas sobre os *brasiguaios/brasiguayos*, em ambos os lados linha de fronteira, *não são semelhantes* e que as demandas apresentadas por *brasiguaios* e militantes do MST *não são as mesmas*, embora apresentem afinidades parciais.

**Palavras-chave:** Discurso; memória; *Fabricação/construção discursiva da identidade; brasiguaiio/brasiguayo; jogo oblíquo das denominações.*



## ABSTRACT

In this thesis the drama surrounding the agrarian question, experienced by the subject called doubly *brasiguai* / *brasiguayo*, becomes the *object of analysis* to reflect concerning issues like *speech* (our *theoretical object*) *memory and discursive production of identities*. Expelled from Brazilian fields in the twentieth century, by the mechanization of national agriculture, by the land concentration and the *economical miracle*, these peasants ended up crossing the physical border heading to Paraguay, attracted by promises of cheap lands and the possibility of a better life. Fifty years after the emigration, these workers and their descendants continue to take part in land conflicts, now in Paraguay. The split of land disputes with Paraguayan peasant is again the expulsion of many Brazilian immigrants, not having to prove title of their property, they are forced to return to Brazil integrating themselves to other national movements like the MST again, and who fight by the Agrarian reform in this country. Taking as starting point *these conditions of production*, we look on the topic *Speeches, memories and discursive production of identity: the brasiguaios on both sides of the line*, with the goal of searching through the vertical analysis of a *corpus* made up from more 75 cropped discursive sequences of journals, newspapers published in Brazil and abroad and recorded testimonies in academic studies, discursive regularities that helps showing how the *event, the social and discursive memory, and the effects of meaning* are articulated by the *subjects* in the discourses of / about *brasiguaios / brasiguayos*, enunciated on both sides of the line of the Brazil-Paraguay border. The sequences are analyzed by the bias of the *Discourse Analysis of the French line* (DA) from the theoretical voice of Michel Pêcheux. The paper is structured in four chapters. The first chapter presents the roots of social movements in Brazil, discussing issues surrounding the land reform. The second deals with the *production conditions of emergence of declarative event brasiguai / brasiguayo* on the world political scene. The third presents the theoretical notions of *Discourse Analysis (DA)* that constitute our analysis device and the fourth analyzes the discourse of / about *brasiguaios / brasiguayos* from DS cropped. The analysis reveals that the name / designation *brasiguai / brasiguayo* is associated to a heterogeneous *discursive production* of identity, regulated by the existence of an *oblique set meaning effects* brought on both sides of the Brazil-Paraguay border line. This set results of the conditions of discourse production and DF on which are inscribed enunciators subject and will be filed in the dispersal and movement of speeches, producing contradictions in between the DF that mobilize the name / designation. At this contradiction bias can be seen the existence of an ideological clash between different social classes. From the Hypotheses outlined in this study we confirm that *discursive memory and the effects of meaning* that emerge in discursivities are forged in the boundaries of *discursive formations* from which it establishes an interlocution between subjects according to the *conditions of production*. However, the analysis showed that the *imaginary formations* projected about *brasiguaios / brasiguayos* on both sides of the line of the border *are not similar* and that the demands presented by *brasiguaios* and militants of MST *are not the same*, although they present partial affinities.

Keywords: Speech; memory; *Discursive production of identity; brasiguai / brasiguayo; oblique set* of denominations

## RÉSUMÉ

Dans cette thèse, le drame autour de la question des terres, joué par doublement sujet appelé brasiguaios / brasiguayos, devient l'objet d'analyse pour refléter la façon dont les questions telles que la parole (notre objet théorique) et de la mémoire production/fabrication discursive des identités. Expulsé de champs brésiliens au XXe siècle, la mécanisation de l'agriculture nationale, la concentration de la terre et le miracle économiques, ces agriculteurs finalement traversé a frontière physique, vers La Paraguay, attirés par des promesses de terres pas cher et la chance d'une vie mieux. Cinquante ans après l'émigration, ces travailleurs et de leurs descendants continuer à participer à des conflits fonciers, maintenant au Paraguay. Le déploiement des conflits fonciers avec les paysans paraguayens à nouveau expulsion de nombreux immigrants brésiliens, ne pas avoir à prouver le titrage de leurs propriétés, sont tenus de retourner au Brésil est l'intégration de l'autre mouvements nationaux comme le MST, que lutte pour la réforme agraire dans ce pays. Prenant comme point de départ les conditions de production, nous avons recherche thème: Discours, des souvenirs et de la production/fabrication discursive de l'identité: dans les brasiguaios les deux côtés de la ligne, dans le but de chercher à travers une analyse verticale de corpus se compose de plus de 75 séquences discursives découpées dans des magazines journaux brésiliens publiés au Brésil et à l'étranger et les déclarations enregistrées dans études universitaires, des régularités discursives qui aident à montrer comment La événement, la mémoire sociale et discursive, et les effets de sens sont articulés par les sujets dans les discours de / sur / brasiguaios Brasiguayos, les déclarations de les deux côtés de la ligne de la frontière Brésil-Paraguay. Les séquences sont analysées parti pris *Analyse du discours de ligne française* (AD) de la voix théorique Michel Pecheux. Le document est structuré en quatre chapitres. Les premiers cadeaux de chapitre les racines des mouvements sociaux au Brésil, en discutant des questions autour de la réforme agraire. La deuxième porte sur les conditions de production d'urgence énonciative événement brasiguaios / brasiguayos sur la scène politique mondiale. Le troisième présente les notions théoriques de l'analyse du discours (AD) qui constituent notre dispositif d'analyse et la quatrième analyse le discours de / sur / brasiguaios Brasiguayos de SD recadrée. Les analyses ont montré que le nom / désignation brasiguaios / brasiguayos est associée à un discours de fabrication hétérogène identité, réglementé par l'existence d'un jeu oblique effets de sens a des deux côtés de la frontière du Brésil, du Paraguay. Ces résultats se la conditions de production du discours et FD qui correspond à sa le sujet énonciateurs et seront déposés dans la dispersion et la circulation des discours, produisant contradictions entre la FD qui mobilisent Nom / Appellation. À cette contradiction biais peut observer l'existence d'une lutte idéologique entre les différentes classes sociales. Les hypothèses décrites pour cette étude confirme que la mémoire discursive et des effets de sens qui émergent les discours sont forgées dans les limites de formations discursives de qui établit un dialogue entre les sujets en fonction des conditions de production. Cependant, l'analyse a montré que les formations conçues imaginaires sur Braziguayans / Brasiguaios, des deux côtés de la frontière ne sont pas similaire et que les demandes présentées par brasiguaios et militants do MST non sont les mêmes, mais ils ont des affinités partielles.

Mots-clés: La parole; La mémoire; Production/fabrication discursive de l'identité; Brasiguaios / brasiguayos; Ensemble oblique de dénominations

## RESUMEN

En esta tesis el drama alrededor de la cuestión agraria, vivido por el sujeto doblemente denominado *brasiguaiio/brasiguayo*, se transforma en *objeto de análisis* para que reflejemos el propósito de cuestiones como *discurso (nuestro objeto teórico)*, *memoria y fabricación discursiva* de las identidades. Expulsados de los campos brasileños, en el siglo XX, por la mecanización de la agricultura nacional, por la concentración agraria y por el *milagro económico*, esos campesinos han atravesado la frontera física, hacia Paraguay, atraídos por las promesas de tierras baratas y por la posibilidad de una vida mejor. Cincuenta años después de la emigración, esos trabajadores y sus descendientes siguen con los conflictos agrarios, pero ahora en territorio paraguayo. El desdoblamiento de disputas por la tierra con campesinos paraguayos es nuevamente la expulsión de inúmeros inmigrantes brasileños que, por no poder comprobar la titulación de sus propiedades, se obligan a volver a Brasil integrándose a otros movimientos nacionales, como el MST, que luchan por la Reforma Agraria en este país. Teniendo como punto de partida esas *condiciones de producción*, nos inclinamos sobre el tema *Discursos, memorias y fabricación discursiva de la identidad: los brasiguayos en los dos lados de la frontera*, con el objetivo de buscar, por medio del análisis vertical de un *corpus* constituido por más de 75 secuencias discursivas recolectadas de revistas brasileñas, periódicos publicados en Brasil y en el exterior y deposiciones registradas en estudios académicos, regularidades discursivas que ayuden a evidenciar cómo los sujetos en los discursos *de los/sobre los brasiguaios/brasiguayos* articulan el *acontecimiento*, *la memoria social y discursiva y los efectos de sentido*, enunciados de ambos lados de la línea de frontera Brasil-Paraguay. Las secuencias discursivas (SD) se analizarán bajo la perspectiva del *Análisis del Discurso de línea francesa (AD)* a partir de la voz teórica de Michel Pêcheux. La estructura del trabajo presenta cuatro capítulos. El primer capítulo enseña las raíces de los movimientos sociales en territorio brasileño y discute cuestiones acerca de la Reforma Agraria. El segundo trata de las *condiciones de producción* de emergencia del *acontecimiento enunciativo brasiguaiio/brasiguayo*, en el escenario político mundial. El tercero presenta las nociones teóricas del Análisis del Discurso (AD) que constituyen nuestro dispositivo de análisis y el cuarto analiza el discurso *de los/sobre los brasiguaios/brasiguayos* a partir de las SD seleccionadas. Los análisis evidencian que la denominación/designación *brasiguaiio/brasiguayo* está asociada a una *fabricación discursiva* heterogénea de identidad, regladas por la existencia de un *juego oblicuo de efectos de sentido* instaurado en ambos los lados de la línea de frontera Brasil-Paraguay. Ese juego resulta de las *condiciones de producción* de los discursos y de las FD (formación discursiva) en las cuales se inscriben los sujetos enunciadorees y van instaurándose en la dispersión y circulación de los discursos, al producir contradicciones en el intermedio de las FD que movilizan la denominación/designación. Por la perspectiva de esa contradicción se puede constatar la existencia de un embate ideológico entre las diferentes clases sociales. De las hipótesis trazadas para este estudio confirmamos que la *memoria discursiva* y los *efectos de sentido* que emergen en las discursividades se forjan en las fronteras de las *formaciones discursivas* a partir de las cuales se establece una interlocución entre los sujetos en función de las *condiciones de producción*. Sin embargo, los análisis han mostrado que las *formaciones imaginarias* proyectadas sobre *brasiguaios/brasiguayos*, en ambos los lados de la línea de frontera, *no son semejantes* y que las demandas presentadas por *brasiguaios* y militantes del MST *no son las mismas*, aunque presenten afinidades parciales.

**Palabras-clave:** Discurso; Memoria; *Fabricación discursiva de la identidad; Brasiguaiio/brasiguayo; Juego oblicuo* de las denominaciones.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Termos utilizados aos pares nas análises.....	127
Quadro 2: Trajeto temático inicial da denominação <i>brasiguayo/brasiguaio</i> - camponeses pobres, fracassados, Sem Terra, expulsos do Paraguai.....	142
Quadro 3: Trajeto temático da <i>denominação brasiguayo/brasiguaio</i> – pequenos e médios produtores rurais no Paraguai.....	143
Quadro 4: Individuação da FD1.....	145
Quadro 5: Desenho das <i>posições-sujeito</i> inscritas na FD1.....	148
Quadro 6: Individuação da FD2.....	152
Quadro 7: <i>Posição-sujeito</i> inicialmente inscrita na FD2 .....	153
Quadro 8: <i>Posições-sujeito</i> inscritas na FD2.....	158
Quadro 9: Trajeto temático da denominação <i>brasiguayo/brasiguaio</i> - imigrantes brasileiros inscritos na FD2.....	158
Quadro 10: Imagens projetadas sobre os imigrantes brasileiros inscritos nas FD1 e FD2, de acordo com um jornalista paraguaio.....	160
Quadro 11: Oposições construídas no discurso do jornalista paraguaio.....	160
Diagrama 1: FD e <i>posições-sujeito</i> nas quais se inscrevem os imigrantes brasileiros no Paraguai.....	161
Quadro 12: Quadro-síntese das principais demandas apresentadas pelos <i>brasiguaios</i> .....	173
Quadro 13: Demandas que identificam <i>brasiguaios</i> e Sem Terra brasileiros.....	173
Quadro 14: Demandas que distinguem os <i>brasiguaios</i> dos Sem Terra brasileiros.....	173
Quadro 15: Trajeto temático da denominação <i>brasiguaio</i> - Sem terra, expulso do Paraguai que retorna ao Brasil e se aloca em acampamentos do MST.....	177
Diagrama 2: A denominação <i>brasiguaios</i> , seus efeitos de sentido e as possíveis equivocidades instauradas do lado brasileiro da fronteira.....	194
Quadro 16: Individuação das FD3 e FD4.....	199
Quadro 17: <i>Posições-sujeito</i> inscritas na FD3.....	203

Diagrama 3: FD(3) e FD(4) e suas <i>posições-sujeitos</i> correspondentes.....	204
Quadro 18: Trajeto temático da designação <i>brasiguaiio</i> à luz das FD3 e FD4.....	211
Diagrama 4: Simbolização do quadro-síntese das análises empreendidas do lado brasileiro.....	212
Quadro 19: <i>Efeitos de sentido</i> construídos sobre os <i>brasiguaios</i> do lado brasileiro da fronteira.....	212
Diagrama 5: A denominação <i>brasiguayos</i> , seus <i>efeitos de sentido</i> e as possíveis <i>equivocidades</i> instauradas do lado paraguaio da fronteira.....	213
Quadro 20: <i>Posições-sujeito</i> favoráveis e desfavoráveis à presença de imigrantes brasileiros no Paraguai.....	217
Quadro 21: Individuação da FD5.....	221
Quadro 22: Individuação da FD6.....	221
Quadro 23: Individuação da FD7.....	233
Quadro 24: <i>Posição-sujeito</i> inscrita na FD7.....	236
Diagrama 6: FD e <i>posições-sujeito</i> nas quais se inscrevem os paraguaios. <b>PS1 da FD5:</b> paraguaios contrários à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai que enunciam discursos nacionalistas. <b>PS2 da FD5:</b> paraguaios contrários à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai que enunciam discursos preservacionistas. <b>PS1 da FD6:</b> paraguaios favoráveis à permanência de <i>brasiguayos</i> no Paraguai que enunciam discursos de integração e pacificação entre <i>brasiguayos</i> e paraguaios. <b>PS2 da FD6:</b> paraguaios favoráveis à permanência de <i>brasiguayos</i> no Paraguai que enfatizam o desenvolvimento econômico paraguaio após a chegada dos imigrantes brasileiros. PS da FD7: campesinato paraguaio.....	243
Quadro 25: Trajeto temático da designação <i>brasiguayo</i> à luz das PS1 e PS2 da FD5, PS1 e PS2 da FD6 e PS da FD7. <b>PS1 da FD5:</b> paraguaios contrários à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai que enunciam discursos nacionalistas. <b>PS2 da FD5:</b> paraguaios contrários à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai que enunciam discursos preservacionistas. <b>PS1 da FD6:</b> paraguaios favoráveis à permanência de <i>brasiguayos</i> no Paraguai que enunciam discursos de integração e pacificação entre <i>brasiguayos</i> e paraguaios. <b>PS2 da FD6:</b> paraguaios favoráveis à permanência de <i>brasiguayos</i> no Paraguai que enfatizam o desenvolvimento econômico paraguaio após a chegada dos imigrantes brasileiros. PS da FD7: campesinato paraguaio.....	244
Quadro 26: Quadro-síntese dos <i>efeitos de sentido</i> produzidos sobre a designação <i>brasiguayo</i> no lado paraguaio da fronteira.....	245
Quadro 27: Trajeto temático da designação <i>brasiguaiio/brasiguayo</i> à luz das FD3 e FD5	255
Quadro 28: Quadro-síntese de todas as FD e <i>posições-sujeito</i> mobilizadas na pesquisa...	259
Quadro 29: Trajeto temático da designação <i>brasiguaiio/brasiguayo</i> à luz das FD1, FD2, FD3, FD4, FD5, FD6, FD7 e FD do MST.....	260-1

## LISTA DE SIGLAS

**AD** – Análise de Discurso de Linha Francesa  
**AAD – 69** – Análise Automática do Discurso  
**BNF** – Banco Nacional de Fomento  
**CAND** – Colônia Agrícola de Dourados (MS)  
**CEM** – Centro de Estudos Migratórios  
**CNBB** – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
**CONLUTAS** – Coordenação Nacional de Lutas  
**CONTAG** – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura  
**CPT** – Comissão Pastoral da Terra  
**CRE** – Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional  
**CSP** – Central Sindical Popular  
**CTG** – Centro de Tradições Gaúchas  
**CUT** – Central Única dos Trabalhadores  
**DOF** – Departamento de Operações de Fronteiras  
**FD** – Formação Discursiva  
**FI** – Formação Ideológica  
**FETAGRI** – Federação dos Trabalhadores na Agricultura  
**FHC** – Fernando Henrique Cardoso  
**FMI** – Fundo Monetário Internacional  
**FNC** – Federación Nacional Campesina  
**GN** – Gramática Normativa  
**IBOPE** – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística  
**IBR** – Instituto de Bienestar Rural  
**IBRA** – Instituto Nacional de Reforma Agrária  
**IMILA/CELADE** – Projeto de Investigación de la Migración Internacional en Latinoamérica, associado ao Centro Latino Americano de Demografia  
**INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
**IPEA** – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
**JK** – Juscelino Kubitschek  
**MCNOC** – Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas  
**MS** – Mato Grosso do Sul  
**MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra  
**OAB** – Ordem dos Advogados do Brasil

**ONU** – Organização das Nações Unidas  
**PAEG** – Programa de Ação Econômica do Governo  
**PCB** – Partido Comunista Brasileiro  
**PFL** – Partido da Frente Liberal  
**PIB** – Produto Interno Bruto  
**PMDB** – Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
**PNRA** – Plano Nacional de Reforma Agrária  
**PR** - Paraná  
**PS** – Posição-sujeito  
**PSD** – Partido Social Democrático  
**PSDB** – Partido Socialista do Brasil  
**PT** – Partido dos Trabalhadores  
**SD** – Sequência Discursiva  
**UDN** – União Democrática Nacional  
**UDR** – União Democrática Ruralista  
**UNE** – União Nacional dos Estudantes

## QUADRO DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS (FD) INDIVIDUADAS NESTA PESQUISA

<b>FD1</b>	Camponeses <i>brasiguayos</i> pobres.
	Pequenos e médios produtores rurais brasileiros no Paraguai.
<b>FD2</b>	Grandes produtores rurais brasileiros no Paraguai.
	Imigrantes brasileiros que se lançam à vida política para defenderem os interesses dos latifundiários brasileiros naquele país.
<b>FD3</b>	Imprensa brasileira que apoia e elogia os <i>brasiguaios</i> .
	Imprensa brasileira que criminaliza os <i>brasiguaios</i> .
	<i>Blogs</i> brasileiros (democráticos) que se abrem às discussões dos problemas agrários.
<b>FD4</b>	Políticos e partidos políticos brasileiros que, no âmbito desta pesquisa, se mostram favoráveis às demandas <i>brasiguaias</i> .
<b>FD5</b>	Sujeitos contrários à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai e que compartilham do <i>ideário nacionalista</i> em defesa da soberania paraguaia.
	Sujeitos contrários à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai e que enunciam <i>discursos preservacionistas</i> .
<b>FD6</b>	Sujeitos favoráveis à permanência do <i>brasiguayo</i> no Paraguai e que enunciam <i>discursos de integração e pacificação entre brasileiros e paraguaios</i> .
	Sujeitos favoráveis à permanência do <i>brasiguayo</i> no Paraguai e que enfatizam o <i>desenvolvimento econômico</i> daquele país após a chegada do imigrante brasileiro.
<b>FD7</b>	Campeiros paraguaios cujos saberes migraram da FD7 atravessando as fronteiras da FD5.
<b>FD do MST</b>	Sem Terra brasileiros do MST.
	<i>Brasiguaios</i> expulsos do Paraguai que se alocam em acampamentos do MST.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL</b>	
1.1 As raízes dos movimentos sociais no Brasil.....	26
1.2 O fim do tráfico negreiro, a Lei de Terras e a economia agrária brasileira.....	29
1.3 O início da industrialização brasileira: a modernização <i>dependente</i> e o empobrecimento do pequeno produtor.....	32
1.4 A irrupção de militâncias políticas no campo.....	33
1.5 O fim do <i>milagre econômico brasileiro</i> e a política agrária pós-ditadura.....	35
1.6 O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): início e expansão.....	39
1.6.1 <i>Acontecimentos que marcaram o aparecimento do MST</i> .....	40
1.6.2 <i>A organização do movimento dos Sem Terra e a ocupação da fazenda Burro Branco</i> .....	42
1.6.3 <i>As ações do MST na região Centro Oeste e a chegada dos brasiguaios</i> .....	44
1.6.4 <i>A retração do MST</i> .....	47
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO <i>DO/SOBRE OS BRASIGUAIOS</i> NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI</b>	
2.1 As migrações transfronteiriças na América do Sul.....	50
2.2 Política pragmática de aproximação entre Brasil e Paraguai. A emigração brasileira.....	52
2.3 A heterogeneidade das imigrações na fronteira Brasil-Paraguai.....	56
2.4 O jogo das identidades na zona de fronteira: a questão linguística e cultural.....	62

2.5 Conflitos e tensões: resquícios de litígios históricos nas relações entre brasileiros e paraguaios.....	71
2.6 Os <i>brasiguaios</i> e a luta pela terra em território paraguaio.....	80
2.7 A luta pela terra em Mato Grosso do Sul.....	83
2.8 O encontro entre o MST e os <i>brasiguaios</i> .....	86

### CAPÍTULO III

#### O CAMPO TEÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO (AD)

3.1 O <i>sujeito</i> no quadro teórico da AD.....	89
3.1.1 O <i>sujeito</i> na primeira fase da AD: <i>Análise Automática do Discurso (AAD-69)</i> .....	90
3.1.2 <i>Atualizações e perspectivas: o sujeito afetado pelo esquecimento</i> .....	96
3.1.3 <i>Semântica e Discurso: o sujeito da ideologia e do inconsciente</i> .....	99
3.1.4 O <i>sujeito retificado: Só há causa daquilo que falha</i> .....	104
3.1.5 <i>A AD a partir dos anos 80</i> .....	107
3.2 Os contornos da <i>memória</i> : a <i>memória discursiva</i> .....	112

### CAPÍTULO IV

#### A IMPRENSA E O DISCURSO *DO/SOBRE O BRASIGUAIO/BRASIGUAYO*

4.1 A imprensa sul-mato-grossense e a questão agrária .....	115
4.2 A delimitação do <i>corpus</i> e o dispositivo de análise.....	122
4.3 Análise formal da <i>denominação/designação brasiguaios/brasiguayos</i> .....	128
4.4 O papel da <i>denominação/designação</i> : a questão do nome <i>brasiguaios/brasiguayos</i> ....	130
4.5 <i>Brasiguaios</i> no Paraguai: o <i>acontecimento</i> , as <i>formações discursivas</i> e as <i>posições-sujeito</i> em que se inscrevem os imigrantes brasileiros no Paraguai.....	136
4.5.1 <i>Posições-sujeito inscritas na FD1</i> .....	140
4.5.2 <i>Posições-sujeito inscritas na FD2</i> .....	152
4.5.3 <i>Oposições construídas entre a FD1 e a FD2</i> .....	159
4.5.4 <i>Os posicionamentos do campesinato paraguaio e as imagens projetadas sobre os imigrantes brasileiros na região de fronteira</i> .....	162
4.6 <i>Brasiguaios</i> no Brasil: a irrupção da denominação <i>brasiguaios</i> em território brasileiro	166
4.6.1 <i>De brasiguayos a brasiguaios: a FD que afeta os brasiguaios em território brasileiro. Sujeito ou posição-sujeito no interior da formação discursiva do MST?</i> .....	169
4.7 A irrupção da memória social e do sentimento de identidade dos <i>brasiguaios</i> nos acampamentos do MST.....	178
4.8 A dinâmica das identidades na região da fronteira Brasil-Paraguai: o <i>jogo oblíquo</i> dos <i>efeitos de sentido</i> , instaurados em torno da <i>denominação/designação</i> , e das possíveis	

equivocidades.....	190
4.8.1 <i>Os diferentes efeitos de sentido instaurados em torno da denominação/designação brasiguayo e as possíveis equivocidades do lado brasileiro da fronteira Brasil-Paraguai</i> .....	194
4.8.2 Os múltiplos <i>efeitos de sentido</i> instaurados em torno da denominação <i>brasiguayo</i> do lado paraguaio da fronteira Brasil-Paraguai.....	213
4.8.2.1 A individuação das FD5, FD6 e FD7 e suas respectivas <i>posições-sujeito</i> nas quais se inscrevem as <i>tomadas de posição</i> dos paraguaios. <i>Efeitos de sentido</i> instaurados por sujeitos contrários à presença do imigrante brasileiro no Paraguai.....	215
4.8.2.1.1 <i>Brasiguayos</i> ► invasores ► usurpadores de propriedades ► <i>brasiguayos</i> ricos	215
4.8.2.1.2 <i>Brasiguayos</i> ► grandes latifundiários ► destruidores da natureza.....	229
4.8.2.1.3 <i>Brasiguayos</i> ► imigrantes pobres que não ascenderam socialmente e que, muitas vezes, já regressaram ao Brasil.....	234
4.8.2.1.4 <i>Brasiguayo</i> ► todo imigrante que vive no Paraguai, indistintamente.....	237
4.8.2.2 <i>Efeitos de sentido</i> instaurados por sujeitos favoráveis à permanência dos imigrantes brasileiros no Paraguai.....	238
4.8.2.2.1 <i>Brasiguayos</i> : trabalhadores que ajudam no desenvolvimento da economia do país ► trabalhadores incansáveis ► exemplos de obstinação pelo trabalho.....	238
4.8.2.2.2 <i>Brasiguayos</i> ► descendentes de imigrantes brasileiros nascidos no Paraguai ► todos os imigrantes brasileiros adaptados à cultura paraguaia.....	240
4.9 <i>Memória discursiva e o interdiscurso</i> : uma última volta ao exame do <i>corpus</i> .....	246
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	263
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	274
<b>ANEXO A</b> .....	285
<b>ANEXO B</b> .....	301

## INTRODUÇÃO

A posse da terra sempre foi um tema presente nas inquietações sociais e políticas da história nacional. Embora desde o período colonial essa temática já emergisse como alvo de conflitos interfamiliares, o debate em torno da posse da terra só ganhou relevância no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Ao longo dos séculos anteriores essa discussão foi convenientemente postergada, na história nacional, por arranjos sociais arquitetados por políticas públicas que excluíram a imensa massa de trabalhadores das discussões em torno do direito à terra.

A perversa exclusão do camponês do debate em torno da posse da terra deu origem à questão agrária brasileira cujas raízes históricas repousam na formação econômica e política do Brasil. Essas questões desencadearam inúmeras lutas que se intensificaram, no decorrer dos séculos, resultando na emergência histórica de *sujeitos* e movimentos de *resistência* idealizados pelas populações rurais pobres do país. A principal virtude desses movimentos sempre foi a singular capacidade de recriação que resultou no avanço e nas conquistas de alguns direitos sociais para os trabalhadores do campo.

Entretanto, se houve avanços eles não foram suficientes para garantir a permanência de muitos trabalhadores rurais em terras brasileiras. No decorrer do século XX, inúmeros camponeses empobrecidos pela mecanização da agricultura nacional, pela concentração fundiária e pelo *milagre econômico* acabaram *expulsos* dos campos brasileiros e atravessaram a fronteira em direção ao Paraguai, atraídos pelas promessas de terras baratas e pela possibilidade de uma vida melhor.

Cinquenta anos após a emigração esses trabalhadores e seus descendentes continuam a tomar parte em conflitos fundiários, agora em território paraguaio. O desdobramento dessas disputas pela terra com campesinos paraguaios é, novamente, a expulsão de inúmeros imigrantes brasileiros que, não tendo como comprovar a titulação de suas propriedades rurais, são obrigados a voltar ao Brasil integrando-se a outros movimentos nacionais que lutam pela Reforma Agrária. Muitos resistem e permanecem lá, aguardando dos governos paraguaio e brasileiro uma solução para suas demandas.

É partindo dessas reflexões pouco confortáveis que iniciamos esta tese. Debruçamo-nos sobre a problemática desses sujeitos para refletir em torno de práticas discursivas que atravessam o campo social, trazendo ao debate a figura do *brasiguai* sujeito que protagoniza, na contemporaneidade, mais um capítulo do drama da questão agrária e se transforma, nesta

pesquisa, em *objeto de análise* (ORLANDI, 2012a, p. 42). Nesse caminho buscamos contribuir para o amadurecimento de questões relacionadas aos sentidos discursivos que, de acordo com esta pesquisa, vão se ressignificando e acompanhando as transformações das condições sócio-históricas de produção dos grupos sociais que produzem e interpretam esses novos efeitos de sentido.

Utilizamos como principal aporte teórico deste estudo a *Análise do Discurso de linha francesa (AD)* na perspectiva teórica de *Michel Pêcheux*. Por esse viés privilegiamos o *discurso* como *objeto teórico*, compreendendo-o na acepção de Pêcheux (2010a, p. 81) como “um efeito de sentidos entre os pontos A e B”, interpretando-se A e B como interlocutores sociais do processo discursivo.

Neste estudo, mobilizamos duas categorias de memória: a *memória discursiva* teorizada por Pêcheux ([1983] 2010d) e a *memória social* (ou *coletiva*) na perspectiva de Nora ([1984], 1993), Halbwachs (1990) e Pollak (1992). A questão da *identidade* é analisada na concepção de Seriot (2001) que reflete sobre a *construção discursiva da identidade* e Pollak (1992), teórico que não concebe a *memória* dissociada do sentimento de *identidade*.

A *memória discursiva* deve ser compreendida, neste estudo, na perspectiva do duplo *jogo de forças* mencionado por Pêcheux ([1983], 2010d, p. 52-3) que por um lado mantém a regularização dos sentidos e a estabilização dos enunciados discursivos pelo viés da retomada de implícitos (*interdiscurso*) e, por outro, se abre aos deslizamentos dos sentidos ante o choque de um *acontecimento discursivo* novo.

Quanto à *memória social* (ou *coletiva*) é um fenômeno *coletivo, múltiplo e social*, construído por todo o grupo. É também um elemento constituinte do sentimento de identidade coletivo.

O percurso que desenvolvemos, no decorrer deste trabalho, inicia-se com questões que emergem com a problemática da Reforma Agrária no Brasil, inaugurada historicamente a partir da imposição de relações econômicas e políticas que desencadearam a concentração da propriedade da terra. Essas relações foram estabelecidas desde o período colonial e perduram há mais de cinco séculos na sociedade brasileira, trazendo como saldo uma série de lutas de *resistência* que resultaram da emergência de um campesinato de notável obstinação na luta contra a concentração fundiária, organizado em movimentos que ressoam em nossa *memória social*.

Avançamos, em seguida, para as *condições de produção* em que irrompeu um novo *acontecimento histórico* que no século XXI mobilizou os noticiários das mídias nacionais e internacionais, associado a conflitos entre *brasiguaios* e paraguaios decorrente da disputa por terras no país vizinho.

Alvos de tensões e de litígios históricos desde o século XVII, as regiões que compreendem os estados brasileiro e paraguaio sempre foram marcadas por contradições e disputas que, direta ou indiretamente, envolveram os dois países e que atualmente ainda permanecem no imaginário coletivo, principalmente do povo paraguaio. A região de fronteira entre os dois países permanece ainda hoje como um espaço de poder e de disputas simbólicas, resgatadas amiúde através de narrativas orais repetidas de geração a geração pelo povo paraguaio. A *memória social e discursiva* da população paraguaia aciona constantemente os conflitos entre as duas nações, que servem como justificativas para legitimar discursos e/ou ações hostis contra os imigrantes brasileiros.

Essa série de *acontecimentos*, compreendidos a partir da acepção de Pêcheux ([1983], 2002, p. 19) como *ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória*, tiveram uma origem comum que foi o *acontecimento histórico* da emigração de muitos trabalhadores brasileiros para aquela nação durante o século XX. Expulsos do país vizinho a partir de 1985, muitos brasileiros pobres iniciaram o retorno ao Brasil após a intensificação dos conflitos no Paraguai, fixando-se em acampamentos sul-mato-grossenses do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Mas quem são os *brasiguaios*? Como e por que atravessaram a fronteira, num movimento migratório para o país vizinho? Por que a sua presença no Paraguai é alvo de atritos e polêmicas, neste início de século XXI? Por que estão de volta, engrossando a imensa fileira de barracos que se espalham pelas rodovias de Mato Grosso do Sul, junto aos integrantes do MST? Quais *efeitos de sentido* são instaurados em torno da denominação/designação *brasiguai/brasiguayo* em ambos os lados da fronteira Brasil-Paraguai? De que modo os traços da *memória discursiva* e do *interdiscurso* se projetam em seus discursos? Como a *denominação/designação brasiguaios/brasiguayos* marca discursivamente a identidade desses sujeitos? Existe um jogo de *denominações e efeitos de sentidos* em cada lado da fronteira? Refletindo nos processos identitários como *decorrentes dos movimentos da história* (ORLANDI, 2012b, p. 74) pode-se pensar no *brasiguai/brasiguayo* como uma identidade de *resistência*? As demandas dos brasiguaios e da militância do MST são as mesmas? À luz da teoria do discurso seria o *brasiguai* um novo

sujeito histórico, constituindo uma nova *formação discursiva* ou apenas mais uma *posição-sujeito* que se abriga na mesma FD que afeta o discurso do MST? Em outros termos, sua irrupção se configura como um *acontecimento discursivo* ou *enunciativo*?

Estas são perguntas que buscaremos responder ao longo deste trabalho, a partir do lugar de analista do discurso.

As questões de pesquisa elencadas anteriormente norteiam diretamente este estudo, cujo objetivo geral é buscar, por meio de uma análise vertical do *corpus*, regularidades discursivas que ajudem a evidenciar como o *acontecimento*, a *memória social e discursiva* e os *efeitos de sentido* em torno da denominação/designação são articuladas pelos *sujeitos* nos discursos *dos/sobre os brasiguaios/brasiguayos* enunciados de ambos os lados da linha da fronteira Brasil-Paraguai. Procuramos, nesse aspecto, problematizar essas interpretações buscando a desconstrução do óbvio, do discurso aparente.

Como objetivos específicos buscamos problematizar: a) os *efeitos de sentidos* articulados nas discursividades a partir de recortes efetuados no *corpus*; b) as *relações de força* presentes nos processos discursivos a partir do *lugar social* de onde os sujeitos enunciam; c) alguns discursos dominantes e as *relações de poder* presentes na sua opacidade a partir das *formações discursivas* nas quais esses discursos se inscrevem; d) o *brasiguai* como uma *identidade de resistência* forjada em *condições de produção* específicas pela necessidade de se constituir como *sujeito*; e) a *memória discursiva* e o *interdiscurso* que atravessam as discursividades apontando não apenas a incidência de elementos *pré-construídos*, mas também os efeitos de sentidos instaurados em condições distintas de produção por sujeitos inscritos em FD diferentes; f) os saberes mobilizados nas discursividades que migram de uma FD a outra, mostrando que as FD não se configuram como espaços fechados e como blocos homogêneos de saberes; g) as representações projetadas sobre os *brasiguaios/brasiguayos* em cada lado da fronteira Brasil-Paraguai, apontando a *heterogeneidade* dos *efeitos de sentido* instaurados pelos diferentes grupos sociais; i) as demandas apresentadas pelos *brasiguaios* e pelos militantes do MST buscando apreender se esses sujeitos se inscrevem em FD antagônicas ou se mostram identificação com a mesma FD.

A opção que fazemos por essa temática relaciona-se a um compromisso de entender as práticas discursivas que atravessam a sociedade e que, em face de sua contemporaneidade, reproduzem a conjuntura sócio-histórica-ideológica vivida pelos sujeitos identificados como *brasiguaios*.

Nesse aspecto pretendemos contribuir para a reflexão dessa temática pelo viés dos estudos discursivos buscando elucidar algumas práticas discursivas que dialogam na sociedade, estabelecendo uma relação entre a produção de discursos e os processos de *construção discursiva de identidades* (SERIOT, 2001).

O *corpus* deste estudo é constituído por sequências discursivas recortadas de revistas brasileiras e de jornais publicados no Brasil e no exterior. Analisaremos também recortes de depoimentos registrados em estudos acadêmicos que tratam de temáticas relacionadas aos *Brasiguaios*. Esses materiais encontram-se detalhados na seção 4.2 do capítulo IV.

As hipóteses previstas para este estudo são que 1) *a memória discursiva e os efeitos de sentido que emergem nas discursividades sociais, são forjados nas fronteiras das formações discursivas a partir das quais se estabelece uma interlocução entre os sujeitos em função das condições de produção*; 2) *as imagens projetadas sobre os brasiguaios dos dois lados da fronteira são semelhantes*; 3) *as demandas que identificam brasiguaios e militantes do MST são análogas e ambos constituem uma única forma-sujeito no interior da mesma FD*.

Estas hipóteses são investigadas a partir dos seguintes eixos de pesquisa: a) os discursos dominantes e as relações de força a partir do lugar social de onde os discursos provêm; b) as materialidades discursivas, os efeitos de sentidos e a legitimação dos discursos; c) os lugares sociais e os jogos enunciativos determinando sentidos; d) redes de memória e produção discursiva de identidades; e) o jogo das denominações/designações, dos efeitos de sentidos e das possíveis equívocas.

O conceito de *imagem* que utilizamos neste estudo é o teorizado por Pêcheux (2010a, p. 81-2) compreendido como lugares ou *posições sociais* colocadas em jogo durante o processo discursivo pelos sujeitos e que são determinados no interior da estrutura social. O que funciona nesses processos discursivos são as *formações imaginárias* responsáveis por uma série de *efeitos de sentidos* que irrompem nos discursos dos sujeitos.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo denominado *A questão agrária no Brasil* inicia apresentando as raízes dos movimentos sociais em território brasileiro. Estende-se à discussão da economia agrária no país após a extinção do tráfico negreiro, ao início da industrialização e às políticas econômicas voltadas ao setor agrícola, durante o período da Ditadura militar e pós-Ditadura. Discute o empobrecimento do pequeno produtor rural e a irrupção de militâncias políticas no campo, enfatizando a emergência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST),



sua organização na região Centro Oeste, as ações desencadeadas no estado de Mato Grosso do Sul e a retração do MST ao final da década de 90.

O segundo, intitulado *Condições de produção do discurso sobre os brasiguaios na fronteira Brasil-Paraguai* aborda a questão das migrações transfronteiriças na América Latina, a política de aproximação entre o Brasil e o Paraguai durante o século XX e as migrações de brasileiros para o país guarani durante aquele século. Aponta também os conflitos históricos desencadeados entre os dois países que deixaram marcas profundas na memória social do povo paraguaio, assim como questões de natureza linguística e cultural que, no século XXI, alavancam disputas de poder e *relações de força* em torno da afirmação da soberania e das identidades reivindicadas por brasileiros e paraguaios. O texto avança para o debate em torno da luta pela terra no estado de Mato Grosso do Sul, trazendo na sequência o encontro entre *brasiguaios* e a militância do Movimento Sem Terra.

O terceiro capítulo designado *O campo teórico da Análise do discurso (AD)* apresenta as noções teóricas que vão constituir nosso dispositivo de análise.

O quarto capítulo, *A imprensa e o discurso do/sobre os brasiguaios*, inicia-se com questões relacionadas à imprensa brasileira e sul-mato-grossense e a problemática fundiária no país. Avança em seguida para a emergência da denominação em território brasileiro e para a análise da dupla denominação *brasiguaios/brasiguayos* em seu aspecto formal. Na sequência traz também a análise da dupla denominação *brasiguaios/brasiguayos* do ponto de vista da *fabricação/construção discursiva da identidade* (SERIOT, 2001) considerada em sua dimensão simbólica. Progride para a análise de algumas marcas linguísticas presentes no *corpus* enfatizando o *acontecimento*, *as formações discursivas* e as *posições-sujeito* em que se inscrevem os imigrantes brasileiros no Paraguai, examinados a partir das sequências discursivas recortadas. Inicialmente o capítulo aponta a emergência de dois sujeitos identificados a duas FD antagônicas, uma com a qual se identificam sujeitos para quem a terra é a garantia da própria sobrevivência e, outra, para quem a terra carrega o sentido de acumulação do capital. O capítulo mostra, ainda, a irrupção da *memória social e discursiva* assim como o sentimento de *identidade dos brasiguaios* que retornam e que acampam junto ao MST. Com base nas demandas apreendidas nos discursos dos *brasiguaios*, o capítulo discute, ainda, se o *brasiguai* se inscreve como *sujeito* ou *posição-sujeito* na FD do MST e se seu aparecimento se constitui em *acontecimento discursivo* ou *enunciativo*.

As seções que se seguem prosseguem na individuação de mais quatro FD e nove *posições-sujeito* em que se inscrevem os discursos da imprensa nacional, dos partidos e políticos brasileiros e dos sujeitos paraguaios a propósito do *brasiguai/brasiguayo*. Nessas seções analisamos o *jogo oblíquo dos efeitos de sentido* em torno da denominação/designação que se instaura em cada lado da fronteira Brasil-Paraguai. As análises progridem para o exame de aspectos da *memória discursiva* e do *interdiscurso* irrompendo nas discursividades, apontando que a *memória discursiva* é uma via de mão dupla, atravessada pela *repetição* e também pela *desregulação* de sentidos. Finalizamos apresentando um quadro-síntese que aponta o *percurso ideológico* da denominação/designação *brasiguai/brasiguayo*, apreendido ao longo de todas as análises desenvolvidas.

A partir dos objetivos traçados esperamos, ao final das análises apresentadas, contribuir para os estudos do discurso trazendo mais luzes às questões tratadas nesta pesquisa.

## CAPÍTULO I

### A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL

*Até hoje, a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das suas classes em luta (MARX; ENGELS, [1848], 2001, p. 4).*

A longa história da ocupação do território brasileiro inicia-se com a chegada do português a este território que marca o início da questão agrária no Brasil, inaugurada a partir da imposição econômica e política de relações de natureza colonial caracterizadas pela escravidão e pela concentração da propriedade da terra.

Desde então cinco séculos de lutas foram deflagradas, primeiramente contra a escravidão de indígenas e negros, depois em oposição à exploração dos imigrantes camponeses, posteriormente em combate à exploração de trabalhadores livres como forma de resistência à expropriação e, por fim, reagindo à concentração fundiária e em favor da ocupação de terras, em ações empreendidas por movimentos sociais como as Ligas camponesas e o MST. Os ecos dessas lutas ainda ressoam na nossa memória social, ajudando-nos a compreender o complexo processo econômico e político da história desta nação, que impediu secularmente a reforma agrária e cujo saldo de enfrentamentos fizeram emergir um campesinato de notável perseverança e resistência à opressão.

#### 1.1 As raízes dos movimentos sociais no Brasil

No período Colonial era bastante comum a interdição do direito à propriedade de terras. Martins (1995, p. 32-3) assinala que essa interdição era praticada de três formas durante o período Colonial: a primeira alcançava o índio, reduzido à condição de escravo nas fazendas; a segunda remetia aos filhos de brancos e índias, que ficavam agregados nas fazendas, sem direito à propriedade e obrigados ao pagamento de tributos diversos; a terceira abarcava os empobrecidos e excluídos pelo *morgadio*, regime que tornava o filho primogênito herdeiro legal do fazendeiro, causa, segundo Martins, do empobrecimento da população e de inúmeros conflitos familiares pela posse da terra.

Nesse período era comum a proliferação dos casamentos intrafamiliares, como forma de manter a propriedade nas mãos da mesma família. Outro recurso usado pelas famílias era a manutenção da propriedade com base no consenso, entre os herdeiros, dos direitos e dos limites territoriais de cada um que eram mantidos na memória da família ao longo de várias gerações.

O *morgadio* foi extinto em 1835 como forma do Império impedir a formação de uma elite fundiária que monopolizasse os cargos políticos, baseando-se no direito hereditário.

Embora o *morgadio* impedisse a partilha da herança e a divisão dos bens, não evitava a criação de novas propriedades pela simples ocupação da terra. Era esse o processo de criação de *sesmarias*. A um branco deserdado era facultado o direito de obter sua própria sesmaria. A terra era ocupada e, só depois, o fazendeiro se credenciava para a obtenção da concessão. O critério para a concessão era o uso da terra. Caso o fazendeiro abandonasse a propriedade, ela poderia voltar às mãos da Coroa e ser concedida a outro *sesmeiro*. Quanto ao mestiço sem posses, teoricamente até poderia postular uma sesmaria, contudo devido às restrições impostas aos impuros de sangue, dificilmente obtinha a concessão da terra restando-lhe viver como agregado nas fazendas caso fosse aceito pelo proprietário (*Idem*, p. 33-4). A desigualdade e a concentração fundiária marcaram, portanto, a formação da sociedade brasileira. Enquanto os senhores de engenho, considerados puros de sangue, obtinham grandes áreas para explorar, a maioria da população era alijada do direito à terra.

A posse da terra pelo fazendeiro branco conduzia à concessão do título da sesmaria. Quanto ao camponês mestiço o uso da propriedade só se efetivava em nome do fazendeiro. Os direitos dos camponeses mestiços, dessa forma, só existiam como extensão dos direitos dos fazendeiros, configurando-se numa relação desigual de troca de favores. Inúmeras vezes o camponês agregado era incumbido da criação de novas fazendas, da derrubada da mata, da preparação do solo e do plantio dos cafezais em troca de poder plantar gêneros alimentícios para sua sobrevivência. Com o trabalho do agregado a abertura de novas fazendas saía praticamente de graça ao fazendeiro, configurando-se como exploração de mão de obra livre (MARTINS, 1995, p. 35-9).

Além dos camponeses agregados existiam também os posseiros e sitiantes. A diferença entre estes dois últimos baseava-se na relação jurídica com a terra. Enquanto o sitiante era um pequeno agricultor, dono de uma modesta propriedade, o posseiro usufruía da posse da terra, todavia não possuía o seu título. Muitos camponeses agregados nas grandes

fazendas eram considerados como sítiantes, uma vez que suas roças no interior das propriedades eram concebidas como sítios. Esses agregados produziam alimentos para o próprio consumo, comercializavam de forma primária o excedente e, embora nas relações sociais tivessem um estatuto diferente dos escravos, permaneciam firmemente excluídos das estruturas de poder da época (*Idem*, p. 39-0).

O modo de produção familiar existia, portanto, de forma subordinada às grandes fazendas, constituindo-se em atividades semiautônomas praticadas por homens livres que, em troca da cessão de pequenos lotes para cultivo, prestavam serviços de todo tipo ao patrão, incluindo-se o de agir como jagunços durante os conflitos.

No final do Império e início da República, no Brasil, profundas mudanças sociais, políticas e econômicas se verificaram no novo regime. No âmbito social e econômico a extinção do trabalho escravo, em maio de 1888, associava-se à criação da *Lei de Terras*, em 1850, que transformava as áreas devolutas em patrimônio da União e dos Estados sob o controle das oligarquias regionais, representadas pela poderosa classe de fazendeiros. Na prática a *Lei* sujeitava os camponeses que não tiveram suas terras legitimadas até 1850 a trabalharem ininterruptamente para os fazendeiros, buscando acumular recursos para comprar sua própria propriedade. Cada Estado estabelecia sua política de concessão de terras e, mediante isso, instituiu a transferência indiscriminada de propriedades para as mãos de fazendeiros e de empresas colonizadoras interessadas na exploração imobiliária.

A terra que até então tinha importância econômica inferior ao da propriedade de escravos, converteu-se em objeto de disputa e passou a submeter o trabalho do homem livre. A necessidade de aquisição da propriedade tornou-se o principal instrumento de assujeitamento do trabalhador e, principalmente no Nordeste, de antigos agregados, que se dedicavam à lavoura de subsistência no período das sesmarias, e eram obrigados a conceder alguns dias de trabalho gratuito ao fazendeiro ou submeter-se à baixa remuneração. A *Lei* transformou a terra em mercadoria, o senhor de escravos em senhor de terras e o camponês em um comprador de pequenas propriedades (MARTINS, 1995, p. 41-3).

Do ponto de vista político o camponês só começou a ter um lugar reconhecido no processo das lutas sociais brasileiras após a década de cinquenta, no século XX, quando inúmeros conflitos envolvendo trabalhadores rurais irromperam em diversos pontos do país.

Nesse período sua atuação passou a ser discutida pelos partidos políticos de esquerda. Antes disso, como indica Martins (*Idem*, p. 24-5), o camponês vivia à margem da

sociedade brasileira, recebendo diversas denominações pejorativas tais como *caipira*, *caiçara*, *tabaréu* e *caboclo* que o alijavam de seu lugar no debate social e do reconhecimento de sua identidade como sujeito histórico. Em outras palavras, o camponês era um *excluído* ideologicamente ou, antes, um retardatário no debate político situação ratificada pela ausência de uma designação ou de uma categoria que o inscrevesse no processo histórico.

Podemos estabelecer uma analogia entre o lugar social ocupado pelo camponês na sociedade brasileira do século XIX e princípios do século XX com o que Rancière (1996, p. 23-41) denomina *sem parcela*. Rancière considera com base em Aristóteles a existência social de duas *partes*, na sociedade: os ricos e os pobres (*Idem*, p. 26). O camponês, nesse aspecto, faz parte da parcela do povo (dos pobres) que,

[...] nada mais é que a massa indiferenciada daqueles que não têm nenhum título positivo – nem riqueza, nem virtude [...]. A gente do povo é de fato simplesmente livre *como* os outros. Ora, é dessa simples identidade com aqueles que, por outro lado, lhes são em tudo superiores que eles tiram um título específico (*Idem*, p. 23-4).

O camponês é o homem *sem propriedade*, normalmente lançado à inexistência pelas classes dominantes que não cessam de negá-lo, causando-lhe danos e privando-o da participação política. Faz parte do “[...] ajuntamento factual dos homens sem qualidade, desses homens que, como nos diz Aristóteles, *não tomavam parte em nada*” (*Idem*, p. 24). O fato de não ter um *nome* que identifique o camponês como sujeito no debate social (ele é chamado indistintamente de *caipira*, *caiçara*, *tabaréu* e *caboclo*) é providencial à classe dominante que o desqualifica retirando-lhe a especificidade do trabalho ligado à terra, colocando-o em meio à massa disforme dos *sem nome* não lhes dando voz, a partir da lógica que “Aquele que não tem nome não *pode* falar” (*Idem*, p. 37). Desse modo a outra *parcela* (a classe dominante) priva-o do *logos* e, por extensão, de um lugar que o inscreva como sujeito na sociedade, posicionando-o num espaço de *invisibilidade* (*Idem*, p. 40-1) que o retira da participação política e o subjugua nas relações sociais.

O julgamento depreciativo e a falta de reconhecimento do camponês no debate político (durante o século XIX e primeira metade do século XX) permeou também a compreensão de suas ações nas lutas sociais de modo que, em muitos momentos, ele foi visto como inferior ou ausente e, em outros, como alheio ou absolutamente desnecessário.

## 1.2 O fim do tráfico negreiro, a Lei de Terras e a economia agrária brasileira

Em meados do século XIX, a Monarquia começou a sofrer pressões das grandes potências econômicas da época para acabar com o tráfico negreiro e substituir a mão de obra

escrava pelo trabalho assalariado. O regime monárquico dependia do trabalho escravo executado nas grandes fazendas de café, na época a principal mola propulsora da economia brasileira. Consciente de que a abolição era uma questão de tempo, a Monarquia uniu-se aos grandes cafeicultores e decretou a *Lei de Terras*, em 1850, planejando, simultaneamente, a imigração de trabalhadores europeus para substituir o trabalho escravo nas lavouras de café.

A *Lei de Terras*, de 18 de setembro de 1850, regulamentou juridicamente a propriedade privada no Brasil, transformando a terra em mercadoria. Estabelecia que quaisquer cidadãos brasileiros poderiam se transformar em proprietários, transformando sua concessão de uso em propriedade privada, mediante pagamento à Coroa. Essa medida impedia, entretanto, que ex-escravos e grande parte da população pobre, incluindo-se os imigrantes, tivessem livre acesso à terra, pois só era possível obter propriedades por meio da compra em dinheiro. Esse foi um estratagema usado pelas elites dominantes para manter inalterada a estrutura fundiária brasileira, uma vez que ex-escravos e trabalhadores humildes não teriam recursos financeiros para pagar por propriedades e, assim, permaneceriam como mão de obra assalariada nas grandes fazendas.

Dessa forma, ao invés de promover o livre acesso à terra, a exemplo do que fizera os Estados Unidos ao abrir as áreas de sua fronteira Oeste para a colonização, o Brasil, no século XIX, criou mecanismos para a manutenção de trabalhadores Sem Terra, inaugurando a primeira questão agrária brasileira. Para Martins (1997) a questão agrária surge quando,

[...] a propriedade da terra, ao invés de ser atenuada para viabilizar o livre fluxo e reprodução do capital, é enrijecida para viabilizar a sujeição do trabalhador livre ao capital proprietário da terra. Ela se torna instrumento da criação artificial de um exército de reserva, necessário para assegurar a exploração da força de trabalho e a acumulação (MARTINS, 1997, p. 12).

A *Lei de Terras* legitimava, assim, a criação de uma legião de despossuídos de quaisquer bens, cuja única alternativa era vender sua mão de obra aos grandes proprietários consolidando, simultaneamente, o modelo da grande propriedade rural em vigência até os dias atuais. Foi também responsável pelo surgimento das primeiras favelas, pois uma vez libertos os ex-escravos se dirigiam às cidades portuárias para trabalhar como estivadores, habitando em áreas que não interessavam à oligarquia rural, como os morros e os manguezais (Stedile, 2005, p. 24).

A *Lei Áurea*, de 1888, oficializou o fim da escravidão, após um longo período de debates no Congresso Monárquico para deliberar se o governo deveria indenizar ou não os fazendeiros pela libertação dos escravos. O fim da escravidão determinou o término do

modelo de *plantation*, proveniente do período colonial, interrompido definitivamente com a irrupção da I Guerra Mundial, de 1914-1918, que obstruiu o comércio entre as Américas e a Europa. No Brasil, após o fim da escravidão, as elites promoveram intensa propaganda em países europeus visando atrair os camponeses pobres, excluídos pelas intensas transformações socioeconômicas na Europa que afetaram, sobretudo, a propriedade da terra.

As promessas de terras férteis e baratas atraíram mais de 1,6 milhões de camponeses europeus ao Brasil. No Sul esses camponeses recebiam lotes de 25 a 50 ha a serem pagos aos fazendeiros. Em São Paulo e no Rio de Janeiro trabalhavam sob o regime de *colonato*, forma de organização econômica em que os imigrantes recebiam um cafezal pronto, organizado pelo antigo escravo, comprometendo-se ao cultivo e recebendo, ao final da colheita, o pagamento em café. Recebiam, ainda, uma moradia e o direito de usar uma pequena área para o cultivo de alimentos e criação de animais para subsistência (*Idem*, p. 25-6).

Segundo Prado Junior (1979, p. 9) o desenvolvimento das relações de trabalho no campo, na época, eram condicionadas pela economia especulativa baseada na larga oferta de mão de obra de fácil exploração e custo mínimo. A baixa remuneração dos trabalhadores era uma das bases de sustentação da economia agrária especulativa que gerava o aumento dos lucros e o desenvolvimento das propriedades agrícolas. Por meio desses mecanismos o capitalista produtor rebaixava o custo da produção diminuindo a remuneração dos trabalhadores, aplicando formas de pagamentos adequadas à sua disponibilidade de capital. Para o autor as formas diversificadas de remuneração praticadas no período,

[...] são apenas substitutos eventuais ditados por circunstâncias de ocasião, e particularmente pelas vicissitudes financeiras da grande exploração [...] são formas de retribuição de serviços prestados em que por um motivo ou outro – mas sempre por motivo de ordem circunstancial – o pagamento em dinheiro é substituído por prestações de outra natureza (PRADO JUNIOR, 1979, p. 64-6).

Normalmente o grande proprietário impunha formas de pagamentos mistas (em espécie associada à divisão do produto e à permissão do uso da terra) em períodos em que os lucros da comercialização não poderiam ser contabilizados ou em fases de menor liquidez. Em outros momentos, quando a capacidade de pagamento do fazendeiro aumentava, o assalariamento era feito totalmente em espécie.

A crise deflagrada com a I Guerra Mundial, que interrompeu o transporte de imigrantes, fez surgir o campesinato e suas comunidades no Brasil, constituído tanto a partir da chegada de milhões de camponeses pobres que se espalharam pelas áreas agrícolas das



regiões Sul e Sudeste, quanto das populações mestiças geradas pela miscigenação entre brancos, negros e índios durante o longo processo de colonização da nação brasileira. Impedidos pela Lei de Terras de se tornarem pequenos proprietários, iniciaram uma longa migração para o interior do Brasil, ocupando o território e se dedicando às atividades de agricultura de subsistência (Stedile, 2005, p. 27).

Situando-se no cenário do processo de expansão colonial da agricultura brasileira, Prado Júnior (1979) assim o define:

A economia agrária brasileira não se constituiu na base da produção individual ou familiar, e da ocupação da parcelaria da terra, como na Europa, e sim se estruturou na grande exploração agrária voltada para o mercado. [...] Não se constituiu assim uma economia e classe camponesas, a não ser em restritos setores de importância secundária. E o que tivemos foi uma estrutura de grandes unidades produtoras de mercadorias de exportação trabalhadas pela mão de obra escrava. (PRADO JUNIOR, 1979, p. 170).

O surgimento da questão agrária no país tem, assim, suas raízes históricas assentadas na formação econômica e política do Brasil. Seus ecos ressoam nestes cinco séculos, desde a chegada dos portugueses às terras brasileiras quando impuseram relações de natureza colonial, fundamentadas na concentração da propriedade da terra, resultante da apropriação de propriedades públicas pelos grandes fazendeiros, da agro exportação e do trabalho escravo. Desde então lutas intermináveis foram encetadas, provando a resistência admirável do camponês brasileiro à dominação. Primeiramente contra a escravidão indígena e africana, depois opondo-se à exploração dos trabalhadores livres. Por fim, contrárias à concentração fundiária nas bandeiras levantadas pelas Ligas Camponesas e pelo MST.

### **1.3 O início da industrialização brasileira: a modernização *dependente* e empobrecimento do pequeno produtor**

No final do século XIX e início do século XX, apesar da economia ainda estar sob o controle da oligarquia rural cafeeira, o país dava início a uma modesta industrialização. Para o sucesso do novo modelo econômico era necessária a expansão do mercado consumidor interno, pois grande parte da população brasileira se constituía por trabalhadores das fazendas de café que viviam sob o regime de *colonato* e que não eram grandes consumidores de produtos industrializados.

A crise de 1929 derrubou o preço do café fazendo com que a oligarquia rural cafeeira entrasse em franca decadência, desencadeando uma crise política e institucional no país. A partir de 1930 o Brasil inicia um processo de mudança de seu eixo econômico. O governo

Getúlio Vargas implanta um novo modelo baseado na substituição de importações e estímulo à indústria nacional, fortalecendo o mercado interno. O modelo econômico adotado é o da *industrialização dependente* caracterizada pela sujeição econômica do país às outras economias mundiais e sem a ruptura com a velha oligarquia rural, origem da nova elite industrial. A agricultura brasileira, no período, volta-se ao abastecimento dos centros urbanos e para a geração de recursos financeiros para subsidiar as importações necessárias ao desenvolvimento da indústria.

A partir dessa lógica nasce uma burguesia agrária, voltada à modernização agrícola e ao abastecimento do mercado interno (STEDILE, 2005, p. 29) que emerge entre os anos de 1930 e 1945 a partir do projeto político implantado pelo governo Vargas.

Aos filhos de camponeses coube a tarefa de atuar como força de trabalho barata, disponível à nascente indústria capitalista. Propagandas governamentais incentivavam o êxodo rural e as famílias camponesas enviavam seus filhos às cidades para trabalharem como operários na indústria, produzindo alimentos para o nascente mercado consumidor mediante baixos salários.

#### **1.4 A irrupção de militâncias políticas no campo**

Com a redemocratização do país, após a Ditadura Vargas, camponeses e trabalhadores se organizaram sob a bandeira do Partido Comunista Brasileiro (PCB), espalhando-se por quase todos os estados do Brasil. Após 1948, com o desterro do PCB<sup>1</sup> esses grupos sofreram franco abalo de tal forma que, até o ano de 1954, poucas organizações restavam.

Após os anos 50 os movimentos relacionados à luta pela terra irão se distinguir por concentrar um número de trabalhadores rurais expressivo, que começam a manifestar uma vontade política própria, organizando-se em Ligas e organizações sindicais para exigir do Estado brasileiro uma política de Reforma Agrária. A fundação das Ligas Camponesas, em 1955, inicialmente no Nordeste e, posteriormente, em vários estados do país faz irromper debates acerca do acesso à terra, da ausência de uma política de reforma agrária e da concentração das propriedades e da renda nas mãos dos latifundiários que impedem a criação de um amplo mercado consumidor para as indústrias.

---

<sup>1</sup> O desterro do PCB deu-se com a cassação dos seus parlamentares pela Lei nº 211/48 e o cancelamento do registro do Partido, em 7 de maio de 1947, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra.

Ao longo de vários anos, as Ligas Camponesas conseguiram mobilizar um contingente significativo de trabalhadores rurais, que se reuniam em defesa do homem do campo, reivindicando a Reforma Agrária e a posse da terra. Na defesa dessa bandeira, enfrentaram tanto a repressão policial, como a de usineiros e latifundiários.

Com o golpe militar de 1964, seus principais líderes foram presos e condenados e, em consequência, o Movimento enfraqueceu, sendo posteriormente esmagado pela Ditadura Militar. A experiência dessas lutas, entretanto, serviria mais tarde como inspiração para o nascimento de outros grupos que herdariam a bandeira da resistência em favor da justiça social no campo e pela Reforma Agrária, dentre eles o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

Entre os anos de 1960-4 militâncias políticas originárias de diferentes setores de trabalhadores rurais irrompem no campo e começam a exigir do governo uma ampla reforma agrária no país, ao mesmo tempo em que contestam a desigualdade social e a concentração fundiária. Com João Goulart na presidência da República, finalmente as chances de uma ampla reforma agrária no país parecem exequíveis. Essa aspiração era sustentada pelas ideias progressistas do governo que enxergava na reforma o caminho necessário à modernização da nação.

A reforma defendida pelo governo Goulart provocou forte reação nos setores mais conservadores da elite brasileira, levando-os a se agruparem em torno de um golpe de Estado. Entre os que apoiaram o golpe militar encontravam-se especuladores de capital, banqueiros, grandes latifundiários, setores da indústria mecânica e da construção civil, segmentos da igreja católica e protestante e, principalmente, políticos e oportunistas. Os maiores financiadores do golpe foram as grandes oligarquias nacionais, aliadas às multinacionais e ao governo americano.

No âmbito do pensamento intelectual destacou-se, nessa época, Antonio Delfim Neto. Delfim Neto polemizou, desde o início, publicando vários textos, a partir de 1962, contra as teses da reforma agrária, derrotada finalmente pelo golpe militar de 1964. Contrariando o pensamento reformista, negava a existência de uma questão agrária no Brasil, desconsiderando a estrutura fundiária e as relações de trabalho estabelecidas no campo como um problema relevante para a economia nacional. Argumentava que, mesmo diante da estrutura agrária existente, o papel da agricultura na economia brasileira havia sido cumprido. Dessa forma, a reforma agrária, nos moldes propostos pelo governo Goulart, era totalmente prescindível, sendo possível uma modernização técnica na agricultura sem reforma.

As teses de Delfim Neto e seu grupo passaram a integrar a política do governo, a partir de 1967, quando o economista assume o Ministério da Fazenda durante a ditadura militar no governo de Costa e Silva (DELGADO, 2005, p. 55-7).

Após o Golpe Militar, durante o governo Castelo Branco, foi elaborado o *Estatuto da Terra*, lei de reforma agrária e de desenvolvimento agrícola que previa desapropriações por interesse social e a redistribuição fundiária conduzida pelo IBRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária). O *Estatuto* apresentava muitos aspectos positivos, mas foi alvo de forte oposição por setores agrários conservadores que haviam contribuído para o golpe militar. O desdobramento desses impasses foi a burocratização do processo previsto no *Estatuto* de modo que a reforma agrária tornou-se inexecutável.

Com o aumento da repressão política, a partir de 1968, o debate em torno da reforma agrária desaparece oficialmente. Entre 1969 e 1973, época do *milagre econômico brasileiro*, também conhecido como *anos de chumbo da Ditadura Militar*, durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici, nutria-se o pensamento de que o aumento da produtividade agrícola era a solução para os problemas econômicos do país. Aspirava-se que a agricultura cumprisse o papel de gerar divisas para o país, fornecer alimentos e matérias-primas com a finalidade de aumentar a oferta e minimizar os preços na indústria. Esse pensamento era acalentado, principalmente, a partir do rápido crescimento econômico pelo qual passava a nação, fomentado pelo Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG) implantado desde o governo de Castelo Branco.

Durante a Ditadura, cuja característica principal foi o crescimento da desigualdade socioeconômica com o aumento da concentração de renda e da pobreza no país, instaurou-se o ideal nacionalista de um Brasil potência.

### **1.5 O fim do *milagre econômico brasileiro* e a política agrária pós-ditadura militar**

Após o *crash* econômico caracterizado pela queda no preço das ações no país, iniciado em junho de 1971 e que avançou até 1973, o crescimento da economia brasileira diminuiu, causando uma crescente desconfiança nos investidores. A crise foi agravada, a partir de 1974, pela alta nos preços do petróleo que elevou a taxa de inflação no mundo todo e, principalmente, no Brasil. A partir daí, a balança comercial brasileira começou a acumular *déficits* causados pela importação do petróleo. A inflação chegou a patamares de 200% ao ano, ao final de 1983, e a dívida externa brasileira assumiu tal magnitude que para honrá-la o país era obrigado a usar 90% de toda a receita proveniente das suas exportações. A

consequência desse processo foi uma fortíssima recessão econômica que perdurou até 1990, com taxas elevadíssimas de desemprego.

Nesse cenário econômico caótico que marca a falência do ciclo de crescimento econômico e, principalmente, após o fim da Ditadura Militar, na década de 80, a questão agrária volta à agenda política da nação. O tema torna a ser discutido nas universidades e nos meios políticos da Nova República.

Após mais de vinte anos de regime autoritário abre-se uma via para o ressurgimento das forças sociais silenciadas durante os anos de chumbo. O processo de abertura política incentiva a articulação de movimentos sociais e instituições ligadas à reforma agrária. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) reorganiza-se, a Comissão Pastoral da Terra da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) se fortalece, surgem diversas organizações não governamentais (ONGs) em apoio ao Fórum Nacional pela Reforma Agrária e, principalmente, nasce o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, fundado durante o Primeiro Encontro Nacional realizado em Cascavel, no Paraná, em janeiro de 1984 (DELGADO, 2005, p. 61).

Após a morte de Tancredo Neves, antes mesmo de assumir a presidência da república, em 21 de abril de 1985, José Sarney assume a presidência e elabora o Plano Nacional da Reforma Agrária (PNRA). Entretanto a Reforma não saiu do papel, pois novamente a classe de ruralistas, fortalecida no período da Ditadura, se interpôs à proposta criando obstáculos jurídicos e administrativos à implantação de assentamentos rurais que vinham sendo implementados, ainda que lentamente, no decorrer dos anos 80. Em 1990 Collor assume a presidência, representando a continuidade dessa paralisação institucional em relação à questão agrária (BERGAMASCO; NORDER, 1999, p. 33-4). Durante seu governo as forças políticas conservadoras impuseram uma legislação mais anacrônica que aquela praticada pelo *Estatuto da Terra* proposto por Castelo Branco durante os tempos da Ditadura.

A Constituição de 1988 muda o estatuto da propriedade fundiária, validando a função social da terra. O documento avança em relação aos direitos sociais e agrários, reafirmando a questão da igualdade social. Entretanto, o jogo político que se desenrola, a partir de então, será conduzido pela estrutura econômica globalizada, regulada pelo ajustamento financeiro da nação à crise de endividamento externo. Desse modo, a economia brasileira entrará num período de estagnação interna em que tanto a agricultura quanto a agroindústria terão as tarefas de gerar saldos favoráveis à balança comercial. Nesse panorama a política econômica nacional utilizará o setor agrícola na busca de alternativas para a resolução do

endividamento externo, reforçando em contrapartida a concentração fundiária e a especulação realizada no negócio de terras pelos grandes proprietários (DELGADO, 2005, p. 62). O resultado político e social desse jogo de relações de força mantém a desigualdade social no país em um estado praticamente inalterado.

O governo Fernando Henrique Cardoso, eleito em 1994, adota o Plano de Estabilização Monetária – Plano Real – subsidiado por uma política neoliberal de atração do capital estrangeiro. Sucessivos ajustes econômicos trarão consequências à renda fundiária, provocando a desvalorização do preço da terra.

O efeito dessa política é paradoxal. Por um lado facilita a política de reforma agrária, pois a queda nos preços agrícolas promove a incorporação de propriedades por parte do Governo. Essas circunstâncias possibilitam a implantação de inúmeros assentamentos rurais representando, aparentemente, um avanço nas conquistas dos movimentos sociais engajados na luta pela terra. Por outro lado, a política agrícola governamental adotada revela-se débil, apresentando inúmeras carências em relação à concessão de créditos, a programas voltados à educação e saúde dos assentados, além de não considerar certas especificidades regionais (*Idem*, p. 65).

O programa de reforma agrária implantado por FHC transformou 18 milhões de ha de latifúndios em assentamentos. Entretanto, no mesmo período, ampliou em 56 milhões as áreas ocupadas por grandes imóveis rurais (superiores a 2000 ha). Dessa forma, não houve uma transformação da velha estrutura fundiária praticada no país. Ante as sucessivas pressões sociais por terra, o governo buscou satisfazer momentaneamente a demanda social, mas garantiu a preservação de antigas áreas, desenvolvendo uma política ardilosa favorável às elites fundiárias (CARVALHO, 2003, p. 14).

A experiência neoliberal encabeçada por Fernando Henrique Cardoso (FHC) balança com a crise econômica vivida em 1998. O governo recorre a três empréstimos sucessivos tomados ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e muda o regime cambial. Em seu segundo mandato FHC relança o modelo econômico baseado no agronegócio, pois ante a crise econômica o setor agrícola é novamente convocado a gerar saldo comercial, voltando à prioridade da agenda do Governo Federal (DELGADO, 2005, p. 66).

A eleição de Luis Inácio Lula da Silva, em 2002, representou a esperança de superar a conjuntura neoliberal do governo anterior e foi aclamada por praticamente todos os movimentos sociais de esquerda da América Latina. Entretanto a política praticada por Lula

de constante desmobilização dos movimentos sociais, de invalidação da autonomia e independência dos sindicatos, cooptando seus principais dirigentes, e de subordinação das organizações de trabalhadores ao Governo frustrou as expectativas iniciais.

Após a crise política sofrida pelo Partido dos Trabalhadores, em 2005, divulgada pela mídia como o *Escândalo do Mensalão*, agravou-se a situação já historicamente complexa dos movimentos sociais no país. O MST, por exemplo, passou a viver uma situação contraditória em suas bases, em que de um lado achava-se pressionado por sua própria trajetória de lutas marcadas pela busca de autonomia e independência em relação ao Estado e, de outro, adotava uma posição condescendente com o Governo Lula que havia ajudado a construir.

Outros movimentos sociais, contudo, se organizaram associados a novas organizações que emergiram por considerarem que o MST, a CUT e a UNE não representavam mais o ideário do trabalhador brasileiro por estarem vinculadas ao governo do PT. Uma dessas organizações foi a *Central Sindical e Popular - Coordenação Nacional de Lutas* (CSP-CONLUTAS), que nasceu da união de vários sindicatos. A *Conlutas* nasceu a partir da necessidade de se buscar um modelo sindical independente de relações com o governo como forma de restabelecer as identidades dos movimentos de esquerda e de resistência àquilo que denominavam de *reformas neoliberais do governo Lula*.

Atualmente, com Dilma Rousseff na presidência, o que mais se vê na imprensa nacional são denúncias de que a reforma agrária deixou definitivamente de fazer parte da agenda nacional. De acordo com Brancolina Ferreira, coordenadora de Desenvolvimento Rural da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea):

Embora conste da programação oficial – nos Planos Plurianuais 2008/2011 e 2012/2015 –, o Programa de Reforma Agrária praticamente desapareceu da agenda governamental, pelo menos desde os anos finais do mandato do presidente Lula. A partir de 2011 o programa ficou ainda menor, e, mais grave, os assentamentos se tornaram alvo da acusação de serem em grande medida responsáveis pela tragédia da pobreza rural mais extrema (Revista *on line Desafios do Desenvolvimento*, IPEA, de 28/12/2012. Título: *Reforma agrária perde fôlego na agenda nacional*).

A imprensa alternativa brasileira que normalmente cobre fatos ignorados pela grande mídia nacional vem sistematicamente acusando o governo Dilma de estar em dívida com os trabalhadores Sem Terra, correndo o risco de entrar para a história como o pior governo para a reforma agrária, desde que o país foi redemocratizado. De acordo com o Jornal *on line Brasil de Fato*, publicado em 25/04/2013, o governo Dilma apresentou nos dois primeiros anos o

menor número de desapropriações da história recente deste país, quando comparados aos governos anteriores. Esse pensamento é corroborado por pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) para os quais, durante o ano 2012, o número de famílias que conseguiram um lote de terra foi bastante baixo. O Ipea se baseia em dados divulgados pelo Incra, que mostram que até 16 de novembro de 2012 apenas 10.815 famílias haviam sido assentadas, representando 1/3 da meta estabelecida pelo próprio governo para esse ano. Comparando-se ao ano de 2006 em que, de acordo com o Incra, foram favorecidas 136.319 famílias, os resultados do governo Dilma vem sendo ínfimos (Revista *on line Desafios do Desenvolvimento*, IPEA, de 28/12/2012. Título: *Reforma agrária perde fôlego na agenda nacional*).

Enquanto a questão agrária vai aos poucos desaparecendo da agenda pública, observa-se um crescimento progressivo do agronegócio no país, voltado à exportação de *commodities*. Na opinião de Brancolina Ferreira (Ipea), “A política privilegia o agronegócio e financia a expansão de grandes empreendimentos no campo, enquanto o Programa de Reforma Agrária vem sendo peremptoriamente desconstruído” (Revista *on line Desafios do Desenvolvimento*, IPEA, de 28/12/2012. Título: *Reforma agrária perde fôlego na agenda nacional*).

A questão agrária, hoje, divide as opiniões da sociedade. De um lado existem aqueles que insistem em apontar a questão fundiária como uma causa ultrapassada, superada pela crescente modernização da agricultura e pelos programas sociais do governo. Por outro lado, os movimentos sociais sustentam a necessidade de modificação do atual modelo econômico do país, para que se contemple um regime efetivo de distribuição de terras.

### **1.6 O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): início e expansão**

O fim da Ditadura Militar, na década de 80, oportunizou a muitos movimentos sociais, silenciados durante os *anos de chumbo*, a chance de se reorganizar. O clima de abertura política experimentado após o término do Regime permitiu, ainda, que vários Movimentos sociais despontassem. O MST foi um deles. Atuando num espaço de lutas e resistências travadas contra o Estado e em oposição a uma política secular de latifúndios solidamente implantados no país, o MST acabou por se consolidar tornando-se uma das principais organizações na luta pela terra em território brasileiro. A trajetória de lutas definida pelo MST, no histórico de sua expansão, privilegiou a ocupação de terras, empenhando-se contra a concentração fundiária como única forma de acesso à propriedade, prática que resultou em



inúmeros assentamentos espalhados por diversos estados do país. É sobre o aparecimento do Movimento e sobre a sua repercussão nas regiões brasileiras que tratam as seções que se seguem.

### **1.6.1 Acontecimentos que marcaram o aparecimento do MST**

Mesmo com toda repressão imposta durante os *anos de chumbo* da Ditadura, as organizações camponesas prosseguiram, mesmo que clandestinamente, na organização da luta pela terra, recebendo o importante auxílio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), principalmente após 1975, por meio de suas Comunidades Eclesiais de Base. Essas comunidades constituíram-se em verdadeiros espaços de socialização política e articulação de diferentes experiências que permitiram a reconstituição dos movimentos camponeses, graças ao envolvimento cada vez maior dos eclesiásticos com os problemas do trabalhador rural, a partir de orientações emanadas pela Igreja por meio de uma série de conferências que deram origem ao movimento católico denominado Teologia da Libertação (FERNANDES, 1999, p. 39-40).

Herdeiro das lutas camponesas que irromperam no Brasil principalmente na década de 50, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nasceu nessa conjuntura, como uma forma de resistência contra a política decorrente dessa *modernização conservadora* estatal, que privilegiava o grande capital expulsando e expropriando o pequeno produtor rural, obrigando-o a vender sua propriedade e a tornar-se um trabalhador assalariado.

Fernandes (1999, p. 40 – 50) aponta alguns acontecimentos que marcaram o início da trajetória do MST. Dentre eles, destacam-se:

a) as ações empreendidas pelos índios *Kaigang* da Reserva Indígena de *Nonoai* que expulsaram, em 1978, mil e oitocentas famílias de colonos que viviam em terras da reserva. As famílias expulsas se dispersaram. Algumas migraram para os projetos de colonização da Amazônia; outras foram para as cidades empregando-se nas indústrias e muitas foram para o Rio Grande do Sul aspirando lutar por terras naquele estado. Como não havia, na época, movimentos organizados de luta muitas famílias se dispersaram vagando pelos municípios rio-grandenses, acampando às margens das rodovias, morando em casas de parentes e amigos ou errando sem ter onde ficar. Em junho de 1978 trinta famílias iniciaram as primeiras ocupações nas Glebas Macali e Brilhante, terras públicas arrendadas a empresas, e na Reserva Florestal da fazenda Sarandi, em Rondinha. As trinta famílias iniciais se transformaram em trezentas e logo surgiram outras na esperança de serem assentadas no Rio Grande do Sul. O

governo do Estado cadastrou-as, convencendo boa parte delas a retornarem a seus antigos abrigos. Transferiu, ainda, algumas para o Parque de Exposições de Esteio, na grande Porto Alegre, e se propôs a assentá-las em Bagé, para onde foram 128 famílias. Logo depois o governo federal assentou 550 famílias em *Terranova*, um projeto de colonização em Mato Grosso (*Idem*, p. 41).

b) o acampamento organizado na *Encruzilhada Natalino* que teve início em 8 de dezembro de 1980 quando um colono chamado Natálio, expulso de Nonoai, montou um barraco próximo ao cruzamento das estradas que levavam a Ronda Alta, Sarandi e Passo Fundo. Próximo ao local havia uma casa comercial de propriedade de um comerciante também chamado Natálio, decorrendo daí o nome *Encruzilhada Natalino*. A esse colono seguiram-se outros provenientes de várias regiões, de modo que em abril de 1981 havia cinquenta famílias acampadas no local. Esse número se multiplicou rapidamente e em junho do mesmo ano o acampamento já contava com seiscentas famílias, espalhando-se por quase dois quilômetros ao longo da estrada.

Os acampados começaram a se organizar em grupos, setores e comissões, criando divisões de saúde, alimentação e negociação cujas lideranças eram escolhidas entre os Sem Terra. Esse modelo de organização tornou-se, mais tarde, referência em outras mobilizações.

Embora já manifestassem uma forma de organização inicial, os acampados enfrentavam condições de vida precárias nos acampamentos, além de coerções constantes da Brigada Militar. Os governos estadual e federal não acenavam com a possibilidade de assentar as famílias, que permaneciam acampadas em atitude de resistência. Apoiados pela CPT, pelo Movimento da Justiça e Direitos Humanos e por uma série de outras instituições que os ajudavam em sua organização, os Sem Terra resistiam às coerções institucionais.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana promoveu um levantamento nas áreas vizinhas, descobrindo que próximo ao acampamento havia uma área de 4 mil ha à venda, contrariando o governo estadual que teimava em transferir as famílias para projetos de colonização em Roraima, Acre, Mato Grosso e Bahia, alegando a não existência de terras disponíveis no Rio Grande do Sul.

No ano de 1982, durante um encontro da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), os acampados solicitaram à Igreja que comprasse uma área em Ronda Alta, para onde seriam temporariamente encaminhadas as famílias. A CNBB juntamente com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana promoveu campanhas de arrecadação em suas paróquias e

comprou uma área de 108 ha, denominada Nova Ronda Alta, para o assentamento temporário das famílias. Em março as famílias começaram a ser removidas. No ano e meio seguinte continuaram a articular suas lutas, sendo observados de perto pelos brigadianos.

Com a aproximação das eleições para governador os acampados realizaram discussões com os principais candidatos conseguindo promessas de compromisso com as suas causas. O governador eleito, em setembro de 1983, autorizou finalmente a compra de 1870 ha para o assentamento definitivo das famílias. Essa experiência deixou lições de cidadania, resistência, organização e persistência que entrariam para a história das lutas do campesinato brasileiro.

O processo de abertura política pós-ditadura possibilitou a irrupção de novas mobilizações pela terra que repercutiram em todo o país, como resposta às políticas de desenvolvimento praticadas pelo governo. Para Martins (1999, p. 116), “[...] enfim os trabalhadores da terra decidiam emergir das sombras e da passividade e reivindicar”.

### **1.6.2 A organização do Movimento dos Sem Terra e a ocupação da Fazenda Burro Branco**

Segundo Fernandes (1999, p. 40) o MST começou a se articular no dia 7 de setembro de 1979, por ocasião da ocupação da gleba *Macali*, localizada em Ronda Alta, Rio Grande do Sul. Entre 1979 e 1984 foram organizadas várias reuniões e ocorreram as primeiras experiências de ocupações de terra. Esse conjunto de ações que aconteceram no Rio Grande do Sul culminou na fundação oficial do MST, em 1984, durante o *Primeiro Encontro Nacional* realizado em Cascavel, no Paraná, entre os dias 21 a 24 de janeiro daquele ano. Essa data foi escolhida pelos trabalhadores Sem Terra para marcar a fundação do Movimento. Ao final do *Encontro*, do qual participaram cerca de cem trabalhadores de várias regiões do país, estabeleceu-se que no ano seguinte seria realizado o seu primeiro *Congresso Nacional*.

A ocupação da Fazenda Burro Branco, em Campo Erê, aconteceu em maio de 1980, quando alguns camponeses da região foram informados por técnicos do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) que uma das fazendas da área seria desapropriada. Assim que tomaram conhecimento da notícia, cinco trabalhadores ocuparam uma propriedade que julgavam ser a fazenda desapropriada. Alguns dias depois foram informados que a fazenda não era aquela, mesmo assim decidiram permanecer. A demanda perdurou tempo suficiente para mobilizar aproximadamente 350 famílias para aquela região. No dia 12 de novembro de 1980 o governo federal desapropriou a fazenda Burro Branco e a ação entrou

para a história do MST como a primeira ocupação do Movimento em Santa Catarina (*Idem*, p. 53).

No ano de 1983 os Sem Terra já se organizavam com o apoio da CPT. Nas reuniões de base, que aconteciam nas Comunidades Eclesiais, eram discutidos temas relacionados ao *Estatuto da Terra*, proposto pelo governo, e à experiência vivenciada na Encruzilhada Natalino. Mais tarde quando as reuniões se estenderam para diversos estados brasileiros, as discussões eram em torno do Plano Nacional de reforma Agrária (PNRA) proposto pelo governo (*Idem*, p. 51).

De 21 a 31 de janeiro de 1985, em Curitiba, PR, foi realizado o *Primeiro Congresso* do MST que contou com a participação de 1500 trabalhadores de 23 estados brasileiros. O *Congresso* foi organizado com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Contou ainda com representante de movimentos camponeses da América Latina, de entidades religiosas europeias, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), de grupos indígenas, do Movimento da Consciência Negra, do Centro de defesa dos Direitos Humanos, do Centro de Estudos Migratórios (CEM) e de parlamentares de vários estados brasileiros. Esse evento deu início ao processo de expansão do MST por todo o território nacional (*Idem*, 79).

Em julho de 1985 o MST organizou um ato político, em Palmeiras das Missões, RS, cadastrando para o PNRA três mil famílias ali acampadas provisoriamente. No mês de outubro o MST organizou a ocupação da Fazenda Anoni, em Sarandi, RS, mobilizando 1500 famílias vindas de 33 municípios. Esse litígio entraria pela década de 90 com a vitória do MST e a aprendizagem de novas formas de resistência (*Idem*, p. 52).

A primeira ocupação do MST foi realizada em 28 de agosto de 1985. Nesse dia 75 famílias ocuparam a Estação Experimental Fitotécnica da Secretaria da Agricultura, em Santo Augusto, no Rio Grande do Sul. As famílias foram expulsas pela Brigada Militar e, depois de nove meses de manifestações em Porto Alegre, finalmente conseguiram ser assentadas em áreas do município de Erval Seco, no mesmo Estado.

Aos poucos o movimento dos Sem Terra foi se estendendo para as diversas regiões do país. De 1985 a 1990 o MST se expandiu por dezoito estados brasileiros e entre 1990 e 1999 difundiu-se por mais três. O que, em 1978, parecia um fenômeno isolado, localizado no sul do país, em Encruzilhada Natalino, no Rio Grande do Sul, e posteriormente na ocupação da fazenda Burro Branco, em Santa Catarina, rapidamente se espalhou por todos os estados da

Federação, transformando o MST, a partir de 1984, em um dos movimentos sociais mais bem organizados da América Latina.

Nas seções que se seguem resgataremos resumidamente algumas ações empreendidas pelo MST na região Centro-Oeste, enfatizando a implantação, o desenvolvimento e a atual situação do Movimento em Mato Grosso do Sul, espaço em que ocorrem questões importantes tomadas como objeto em nossas análises. Essas ações servirão para mostrar que as ocupações, mais do que a única forma de acesso dos camponeses à terra, foram acontecimentos históricos que inauguraram um novo período na história das lutas camponesas no país.

### **1.6.3 As ações do MST na região Centro Oeste e a chegada dos *brasiguaios***

Em Goiás a troca de experiências sobre as lutas e resistências, vividas por militantes em outros estados brasileiros, foi fundamental para a articulação do MST naquele Estado. Após a participação dos Sem Terra goianos no 1º Congresso do MST, e com o auxílio de lideranças paranaenses, iniciou-se a organização do Movimento no Estado que articulou instituições como a CUT, a CPT e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Goiânia e Itapuranga. Nesse período lutas isoladas pela posse da terra aconteciam em várias regiões do Estado, tais como as ocupações das fazendas Rio Paraíso e Pedregulho, em Jataí, a ocupação da Fazenda Serra Branca, em Itapuranga, e a resistência no município de Goiás, onde posseiros das terras devolutas da Fazenda Estiva lutavam contra a expropriação.

Essas lutas eram apoiadas pela CPT de Goiás e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga. No entremeio dessas lutas o MST iniciou seus trabalhos de base, articulando as famílias que ocuparam a Fazenda Mosquito, em maio de 1985.

Expulsos por duas vezes consecutivas os Sem Terra acamparam em frente à Prefeitura e, posteriormente, diante do Palácio das Esmeraldas, localizado na Praça Cívica de Goiânia, sede e residência oficial do governo. Os Sem Terra reivindicavam uma solução para o impasse e permaneceram no local por dois meses, até data próxima ao natal. A Praça Cívica era enfeitada todo ano por um presépio de modo que o governador Íris Resende se dispôs a transferir as famílias para um acampamento provisório, em área governamental. Os acampados apresentaram condições para sair da praça que incluíam intervenções do governo para a desapropriação da fazenda Mosquito. Em 1986 a fazenda foi desapropriada e as famílias assentadas no local.

A conquista da Mosquito marcou o nascimento do MST em Goiás. Em 1986, o MST realizou seu primeiro Encontro, em Goiás, e instalou sua secretaria nas dependências da CUT, espalhando sua organização por trinta municípios. Em junho do mesmo ano realizou caravana até Brasília para denunciar ao Presidente José Sarney assassinatos de trabalhadores e sacerdotes e reivindicar a desapropriação de quarenta e cinco pontos de conflitos no Estado. Não foram recebidos. Em agosto de 1987 ocuparam a Fazenda Rio Vermelho. A desapropriação da fazenda se prolongou por cinco anos. Parte das famílias foi transferida para Projeto Lebre, em Doverlândia. Durante a luta pela Rio Vermelho, os Sem Terra ocuparam a fazenda Retiro Velho, em Itapirapuã e aguardaram no local sua desapropriação.

Ao final de 1988 o MST se estruturava formando setores de Frente de Massa, esferas responsáveis pela mobilização das famílias que se integram à base social do movimento. A militância da *frente de massa* atua normalmente percorrendo os bairros mais pobres da periferia das cidades, conscientizando as famílias das injustiças sociais e tentando mobilizá-las para futuras ocupações de terra.

Em agosto houve a ocupação da fazenda Aurora, pertencente à família Caiado, tradicional latifundiária goiana. A desapropriação foi reivindicada, porém o Incra negociou outra área com as famílias. Transferidas, as famílias retornaram em pouco tempo, pois a área arenosa era inadequada à agricultura. Nessas lutas sucessivas o MST criou novas articulações e somou experiências para enfrentar os novos desafios que surgiriam para a consolidação do Movimento no Estado. (*Idem*, p. 116-20).

Em Mato Grosso do Sul, segundo Fernandes (1999, p. 140-3), o evento que marcou o nascimento do MST foi a ocupação da Fazenda Santa Idalina, no ano de 1984, que deu origem ao assentamento Padroeira do Brasil, em Nioaque. Nesse local foram assentadas famílias procedentes de várias regiões do Brasil (Alagoas, Minas Gerais, Sergipe, Bahia, Paraná, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, dentre outras) além de *brasiguaios*.

No período de formação do MST em Mato Grosso do Sul, os Sem Terra do Estado foram assessorados tanto pela CPT, em conjunto com os sindicatos de trabalhadores rurais, quanto por dirigentes de outros estados brasileiros onde o movimento já estava mais consolidado.

A partir da articulação dos trabalhos de base coordenados pela CPT, no ano de 1985 um grande número de agricultores brasileiros, conhecidos como *brasiguaios*, que na década de 60 haviam emigrado para o Paraguai em busca de terras baratas e melhores condições de

vida, começaram a fazer o caminho de volta. Várias reuniões aconteceram nos municípios de Paranhos, Sete Quedas e Mundo Novo, entre as lideranças dos *brasiguaios* e do MST, antes que o primeiro grupo de mil famílias brasiguaias acampasse em Mundo Novo, em junho de 1985. O sucesso das ocupações promovidas pelo MST e a possibilidade de implantação da reforma agrária em território brasileiro foram alguns dos elementos que motivaram o retorno dos *brasiguaios*.

Em julho de 1985 mais cento e quarenta e quatro famílias retornaram, estabelecendo-se em um novo acampamento em Sete Quedas. Após a implantação dos acampamentos, o Movimento iniciou pressão sobre o Incra e o governo do estado de MS para que providenciassem o assentamento das famílias. Em outubro do mesmo ano a Fazenda Santa Idalina, que já estava ocupada desde abril de 1984 pelo MST, foi finalmente desapropriada. Em janeiro de 1986 foi implantado oficialmente o assentamento Novo Horizonte onde foram assentadas 761 famílias procedentes de várias regiões do Estado de MS e do Paraguai. Outras ocuparam um latifúndio em Paranhos, onde posteriormente foram assentadas. Em abril de 1992, Novo Horizonte do Sul tornou-se um município.

Ainda em 1986, após o sucesso obtido pelas primeiras famílias que retornaram do Paraguai, outras se mobilizaram para o regresso, porém a polícia de Mato Grosso do Sul constituiu barreiras para impedir a entrada dos camponeses no Estado, adotando estratégias violentas para dissuadi-los. As poucas famílias que conseguiram atravessar a fronteira acamparam no município de Eldorado e, outras, que tentavam deixar o Paraguai, foram impedidas antes mesmo de alcançarem os limites entre os dois países.

As constantes ameaças e a rígida vigilância fronteiriça impossibilitou a volta organizada, como pretendia o MST. Desse modo, as famílias começaram a retornar em grupos pequenos ou individualmente, cruzando a fronteira a pé. Na mesma época alguns sindicatos rurais do Estado, descontentes com o encaminhamento da luta, iniciaram campanhas reivindicando terras para os nacionais, articulando outro movimento denominado *brasunidos*.

As famílias que acamparam em Eldorado foram transferidas, no início de 1987, para o assentamento provisório Marcos Freire, em Dois Irmãos do Buriti, no Pantanal Sul-Mato-Grossense, juntando-se a mais mil famílias removidas de treze acampamentos localizados no Leste e Sudoeste do Estado. O objetivo do governo de MS era impedir novas ocupações e acabar com os conflitos fundiários na região. Em junho do mesmo ano, cansados de aguardar o assentamento das famílias, os camponeses ocuparam a fazenda Monjolinho, em Anastácio. Após inúmeras pressões sobre o Incra e o governo do estado de MS, finalmente foram

assentados nos assentamentos Taquaral e Piraputanga, em Corumbá, e Casa Verde, na região Leste do Estado.

No acampamento provisório Marcos Freire reuniam-se camponeses partidários de várias organizações como o MST, a CPT e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul (FETAGRI). A proximidade estimulou o embate entre as diferentes organizações, que disputavam a liderança do Movimento a partir da necessidade de se estabelecer a autonomia política do MST em Mato Grosso do Sul, articulado desde sua formação por dirigentes de outros estados e conduzido, naquela época, por membros da CPT. O embate desencadeou o rompimento entre o MST e a CPT em Mato Grosso do Sul, enfraquecendo o Movimento que só voltou a realizar novas ocupações em 1989.

Em fevereiro de 1989, mil duzentas e oitenta famílias brasiguaias e brasileiras ocuparam a fazenda Itasul, em Itaquirai, MS, organizadas pelo MST. Em maio de 1989 as terras foram decretadas de interesse para reforma agrária e as famílias foram assentadas no mês de junho. Durante o segundo semestre de 1989 o MST realizou várias ocupações nos municípios de Itaquirai, Jateí e Bataiporã. Nessa ocasião, as famílias acamparam às margens da rodovia após serem expulsas das áreas disputadas. Em 1990 foi ocupado um latifúndio em Anastácio, região do Pantanal sul-mato-grossense. Durante as experiências de ocupação o MST foi se consolidando no Estado de MS, organizando os novos assentamentos e articulando setores para dar continuidade às mobilizações.

#### **1.6.4 A retração do MST**

No final do século XX e início do século XXI o MST começou a enfrentar um dos maiores desafios de sua história: a contenção do rápido esvaziamento de seus acampamentos.

Apesar de que entre os anos 1990 e início de 2000, durante a gestão de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), o Movimento tenha transformado a luta pela reforma agrária em um instrumento de oposição ao governo, nos primeiros anos do governo de Luís Inácio Lula da Silva (PT), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) sofreu retração. De acordo com levantamento da Comissão Pastoral da Terra (CPT), no primeiro ano do governo Lula existiam 285 acampamentos de Sem Terra no país. Em 2009 esse total diminuiu para 36, sendo ainda menor em 2010.

As causas para a redução do número de acampados, segundo opinião do professor da Faculdade de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Antônio Márcio Buainain, especialista em Economia Agrária, deve-se ao atual aquecimento da economia que



gerou mais oportunidades de emprego, fazendo com que o Movimento perdesse força. Com o crescimento da economia brasileira, durante os governos Lula e Dilma, houve aumento de geração de emprego e renda nos centros urbanos, mantendo as pessoas nas cidades. Programas sociais, como o *Bolsa Família*, para a população de baixa renda, também são incentivos que impedem as pessoas de deixarem a cidade. Tudo isso diminui o número de pessoas que pretendem buscar o campo como alternativa de sobrevivência (Jornal *Correio Popular*, Campinas, 15/04/2012, p. A14).

Segundo o presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Celso Lacerda, nos oito anos do governo Lula foram assentadas por volta de 500 mil famílias, no país (Jornal *Correio Popular*, Campinas, 15/04/2012, p. A14). Dados do INCRA apontam que o total de acampados, entre 2003 e 2010, passou de 400 mil para menos de 100 mil. Segundo o secretário da Coordenação Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Antonio Canuto, essa diminuição é acentuada e admitida pelas próprias lideranças do MST. Dentre essas lideranças podemos citar Gilmar Mauro, integrante da Coordenação Nacional do MST. Reconhecido como um dos principais ideólogos do Movimento, admite que grande parte da população que, antes engrossava as fileiras da luta pela Reforma Agrária, é absorvida nas frentes de trabalho (Arruda, 03/2011). Nesse mesmo caminho, Delwek Matheus, integrante da coordenação nacional do MST, reconhece que as ações do MST diminuíram de intensidade nos últimos anos. Para Matheus “O governo não está fazendo a reforma agrária e as pessoas notam que a luta está mais difícil” (Jornal *Correio Popular*, Campinas, 15/04/2012, p. A15). Matheus observa que o fortalecimento da economia brasileira, o incentivo do governo federal ao agronegócio e as políticas compensatórias que fixam as famílias na cidade foram fatores para o esvaziamento do Movimento.

Canuto (CPT) também atribui o esvaziamento ao crescimento do número de postos de trabalho, principalmente na construção civil, que absorve grande número de trabalhadores egressos do campo, com pouca ou nenhuma especialização profissional. Reitera que é preciso considerar, ainda, a falta de empenho do governo na execução da Reforma Agrária, o que desmotiva as famílias que relutam a passarem anos embaixo de barracas de lona, aguardando o atendimento às suas reivindicações.

Trata-se, portanto, de uma situação conjuntural associada às transformações econômicas pelas quais o país vem passando, embora a demanda pela distribuição de terras ainda seja grande. O desenvolvimento que se observa nas áreas rurais, com investimentos maciços, tanto por parte do governo, quanto de empresas privadas na agroindústria, e,

principalmente nos últimos anos, na produção de etanol, vem reduzindo as áreas disponíveis para a Reforma Agrária. Isso faz com que alguns vejam com pessimismo o destino de Movimentos como o MST, já que acreditam ser esta uma tendência irreversível na economia brasileira.

Apesar da flagrante retração, a ação do MST continua importante. Segundo Lacerda, presidente do INCRA, o Movimento continua a exercer o papel fundamental de orientar e organizar as comunidades já assentadas, na busca da infraestrutura necessária para a permanência nos assentamentos.

No capítulo que se segue trato das condições de produção do discurso sobre os *brasiguaios* cuja emergência acontece na fronteira Brasil-Paraguai, a partir da emigração histórica de muitos trabalhadores brasileiros para aquela nação. Essa região de fronteira, marcada por confrontos históricos entre os dois países, ainda hoje é alvo de profundas contradições e disputas que emergem não somente a partir das tensões desencadeadas em virtude da luta pela terra, entre descendentes de brasileiros e paraguaios, mas também por confrontos econômicos, políticos e culturais que irrompem num espaço de poder e disputas simbólicas.

## CAPÍTULO II

### CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO *DO/SOBRE*<sup>2</sup> OS *BRASIGUAIOS* NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

*“Todas as sociedades [...] se basearam no antagonismo entre classes opressoras e classes oprimidas”* (MARX; ENGELS, [1848], 2001, p. 10).

Neste capítulo passo a tratar das condições de produção do discurso sobre os *sujeitos* denominados *brasiguaios* na fronteira Brasil-Paraguai, região que desde o século XVII foi palco de inúmeros confrontos que envolveram vários países da América Latina, durante o processo de delimitação das fronteiras nacionais.

No decurso dos séculos XIX e XX esse continente continuou sendo marcado por tensões dentre as quais destacam-se os conflitos desencadeados entre os Estados Brasileiro e Paraguai. Essas nações na tentativa histórica de ampliar seus domínios geopolíticos e econômicos impulsionaram e permitiram a entrada de indivíduos, vindos de outros países, buscando ocupar uma área considerada desabitada na tentativa de promover o desenvolvimento de cada lado da fronteira.

Numa história mais recente, tensões marcaram a luta pela posse da terra nos dois países, irrompendo em conflitos entre os grupos sociais que tentam, principalmente do lado paraguai da fronteira, impor suas identidades nacionais, cultura e língua num jogo contínuo de *relações de força*.

#### 2.1 As migrações transfronteiriças na América do Sul

Os deslocamentos intrarregionais tornaram-se bastante comuns a partir da segunda metade do século XX, quando ocorreu uma substancial redução do número de migrantes provenientes de outros continentes. Após a chegada de milhões de emigrantes, durante o século XIX e primeira metade do século XX, a América Latina deixou de ser um polo de atração aos deslocamentos internacionais.

---

<sup>2</sup> O discurso *do/sobre* neste estudo deve ser compreendido à luz do que considera Indursky (2000, p. 11) quando observa que “a função enunciativa do sujeito político [...] mesmo quando se constitui pelo viés do discurso jornalístico, produz o *discurso do* [...]” Quando o sujeito do discurso jornalístico [ou outro sujeito] faz referência ao *discurso do*, o que produz, na verdade, é o *discurso sobre*, uma vez que não tem legitimidade para falar desse lugar.

Entretanto, se nessa década ocorreu a estagnação do número de migrantes ultramarinos para a região, em contrapartida houve o crescimento da migração intrarregional. O número de migrantes intra-latino-americanos que, em 1970, era de 1,2 milhões, passou a 2 milhões em 1980 e 2,9 milhões em 1990 (MARINUCCI, [sd], p. 6).

As migrações intrarregionais entre os países do Cone Sul predominaram principalmente entre 1930 e 1960, em decorrência da formação de grandes centros urbanos e das mudanças nos modelos econômicos dos países latino-americanos. A forte urbanização em alguns países e o êxodo rural se tornaram cada vez mais intensos, acarretando o aumento das migrações intrarregionais.

Quanto às políticas migratórias, a preocupação com a integração econômico-comercial generalizou-se nos países do Cone Sul, culminando na criação do *Mercosul*. Nos últimos anos, entretanto, a percepção sobre os deslocamentos migratórios, antes compreendidos como uma válvula de escape ou como mera *deserción*, hoje é percebida a partir da ótica de problema social. Essa questão pode ser percebida a partir do fragmento da sequência<sup>3</sup> que se segue, analisada no capítulo IV:

Disse uma vez para um taxista paraguaio que eu estava estudando a imigração brasileira no Paraguai o que o deixou bastante alterado. Ele achava que eu era um funcionário do governo brasileiro e que estaria incentivando a entrada de mais brasileiros no Paraguai. Disse-me que seu país não precisava mais de imigrantes, pois “quien manda acá es brasilero, todo es de brasilero, solo falta poner a bandera del Brasil aqui. Todo brasilero, intendente [prefeito], a mayoría de los concejales [vereadores]. Nosotros somos ‘cachorros’ para ellos”. Falou-me que os brasileiros tinham tomado muita terra paraguaia na *Guerra da Tríplice Aliança* (1864-1870) e era necessário defender a terra que conseguiram com os bolivianos na *Guerra do Chaco* (1932-35). [...]. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 29. Notas do caderno de campo do autor, de conversa realizada com um taxista paraguaio em 20/11/2004, na cidade de Naranjal-Paraguai).

A esse respeito, Mármora observa que “Así como en otras regiones del mundo, en las últimas décadas la inmigración ha dejado de ser en el imaginario colectivo un sinónimo de ‘aporte al desarrollo’ para pasar a la categoría de ‘problema social’” (MARINUCCI [sd], p. 18 *apud* MÁRMORA, 2001, p. 35).

Todas essas políticas alimentam na sociedade civil sentimentos de xenofobia que se materializam em episódios de segregação aos imigrantes. Esses comportamentos têm gerado

---

<sup>3</sup>Todos os recortes mobilizados neste capítulo estão sendo tomados apenas como ilustração. Por não serem objetos de análise, não devem ser confundidos com as SD numeradas e analisadas no capítulo IV.

discussões em torno da construção de um espaço político internacional que assegure aos indivíduos que se deslocam o *direito a ter direitos* (ARENDDT, 2004, p. 330), garantindo simultaneamente a tutela aos direitos internacionais dos imigrantes sem desprezar as soberanias nacionais.

## **2.2 Política pragmática de aproximação bilateral entre Brasil e Paraguai. A emigração brasileira**

Após a derrota para a *Tríplice Aliança* durante a *Guerra do Paraguai*, conflito desencadeado entre dezembro de 1864 e março de 1870, o Paraguai passou a ser controlado econômica e culturalmente pela Argentina. Na época, empresas argentinas e inglesas compraram grandes extensões de terras no país, explorando principalmente o comércio de erva-mate. A influência brasileira, no país, era insignificante, restringindo-se a alguns membros do *Partido Colorado*. A maioria dos governos paraguaios não conseguia completar seus mandatos, renunciando ou sendo depostos por golpes de Estado.

Moraes (2007, p. 72) observa que o processo de reorganização do Estado paraguaio foi tumultuado até a Ditadura Stroessner. Nesse período, o poder era disputado por caudilhos através de golpes de estado e enfrentamentos armados. A dissolução do Congresso paraguaio por presidentes que assumiam o poder por meio de golpes ou revoltas tornou-se prática comum, assim como o governo baseado em apenas um partido político que exercia o poder sem dar espaço às manifestações de oposição.

Politicamente Brasil e Paraguai estiveram afastados desde 1904 quando o partido Liberal assumiu o poder. Nesse período, a Argentina juntou-se ao Partido Liberal ampliando sua vantagem em relação ao Brasil na disputa pela hegemonia política no território.

Em 1941 o presidente brasileiro Getúlio Vargas visitou Assunção, dando início a uma política de aproximação diplomática com o Paraguai. O objetivo do Brasil era contrair relações econômicas e políticas com aquele país, atraindo-o para o seu campo de influência de modo a diminuir a ascendência argentina entre os países da Bacia do Prata (ALBUQUERQUE, 2010, p. 61). A visita do primeiro chefe de estado brasileiro ao Paraguai gerou possibilidades de acordos entre os dois países (MENEZES, 1987, p.43), resultando na assinatura de tratados na área do comércio, transporte e atividades culturais, assim como na criação de comissões para investigar os problemas de navegação do rio Paraguai e a franquia do Porto de Santos e de Paranaguá aos paraguaios.

Foi durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-61) e no período da Ditadura militar (1964-85) que se deu a aproximação definitiva entre os dois países, com a

formalização de projetos de integração, como a rodovia que ligava Assunção às principais cidades e portos brasileiros, a concessão de área no porto de Paranaguá para importação e exportação dos produtos paraguaios, a construção da Ponte da Amizade e da Hidrelétrica de Itaipu que permitiu o desenvolvimento econômico e territorial do leste paraguaio, oportunizando a ocupação dos espaços fronteiriços vazios por camponeses dos dois países.

O Paraguai, país sem costa marítima, até aquele momento era totalmente dependente dos rios Paraná, Paraguai e Prata, assim como do Porto de Buenos Aires para o escoamento e importação de seus produtos. A Argentina, aproveitando-se da dependência paraguaia, controlava a importação e exportação do país estipulando impostos alfandegários e regulando, indiretamente, seu desenvolvimento econômico.

Após a ascensão do ditador Alfredo Stroessner ao poder, pelo partido Colorado, em 1954, inauguraram-se novas relações diplomáticas entre o Estado brasileiro e o paraguaio. Stroessner deu início a um regime autoritário e de estreitos vínculos políticos com o Brasil. Nessa mesma época Kubitschek (1956-61) foi eleito presidente do Brasil cabendo a ele dar continuidade à política de aproximação iniciada por Vargas, executando uma série de projetos bilaterais que ficaram conhecidos como a *política pragmática de aproximação bilateral*, entre os dois países, que perdurou até 1973, com a assinatura de um acordo entre o Brasil e o Paraguai, durante o governo militar de Médici, para a construção da usina de Itaipu. Stroessner tinha interesse em atenuar a influência argentina em sua política interna, eliminando a dependência do país em relação ao porto argentino. O ditador buscava criar um novo *pulmão econômico*, através dos portos brasileiros, para escoar sua produção. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 62).

Quanto a Kubitschek, compartilhava do pensamento pragmático de desenvolvimento postulado por Vargas, porém com flexibilidade discursiva e política. Para JK o Brasil exercia uma posição de liderança na América Latina que demandava a interlocução com os demais países do continente. A partir dessas ideias, iniciou uma política externa de fortalecimento das relações com os países latino-americanos, voltada estritamente para o desenvolvimento econômico do Brasil. Sua principal ambição era firmar os interesses brasileiros na América do Sul por meio de pactos de cooperação, como partes de uma estratégia geopolítica nacional para projetar o Brasil no cenário platino.

A presença de Stroessner na presidência oportunizou o estreitamento das relações entre o Brasil e o Paraguai, além de possibilitar a construção de rodovias como a *Coronel Oviedo-Porto Presidente Franco* e *Concepción-Pedro Juan Caballero*, obras financiadas com

recursos brasileiros. O financiamento dessas obras pelo governo brasileiro era parte de uma estratégia para atestar à comunidade política internacional o grau de desenvolvimento do país projetando, simultaneamente, uma imagem de potência econômica regional.

Stroessner foi um dos maiores incentivadores da geopolítica brasileira e aproveitando-se da disputa política entre Brasil e Argentina, debruçou-se sobre o desenvolvimento das regiões próximas à fronteira com o Brasil. Nesse aspecto fundou a cidade fronteiriça de *Puerto General Stroessner*, em 1957, hoje denominada de *Cidade do Leste*. O pacto com o Brasil “[...] constituía o fundamento da política exterior do Paraguai, onde o Partido Colorado [...] a ela recorria como esteio para eventuais pressões quer contra a Argentina quer até mesmo contra os Estados Unidos” (BANDEIRA, 1993, p. 102). Essa nova parceria assegurou o deslocamento dos produtos paraguaios pelo Atlântico, possibilitando o aprimoramento das relações comerciais com outros países.

Em 1960, conflitos decorrentes de disputas territoriais em torno da demarcação do *Salto Grande das Sete Quedas* e à ocupação militar brasileira de 20 km de um território fronteiriço, estremeceram as relações entre os dois países. As divergências foram resolvidas após um acordo sobre o aproveitamento comum da energia elétrica de Sete Quedas, pelos dois países, e de um pacto firmado em favor da construção da Hidrelétrica de Itaipu Binacional.

Setores políticos argentinos e críticos paraguaios avaliavam o governo brasileiro sob uma ótica expansionista, alertando que o objetivo do Brasil era apossar-se do território paraguaio. Esse discurso persiste até hoje em vozes que se levantam contra a política hegemônica praticada pelo Brasil no Cone Sul, conforme se pode verificar no recorte a seguir, analisado no capítulo IV:

Desde a época da colonização sulamericana, o Brasil não parou de expandir-se para o oeste. Mais além das fronteiras oficiais, os brasiguaios hoje já estão instalados na metade da região oriental e no interior do departamento (estado) de Alto Paraguay.[...] O ânimo e a determinação expansionista lusitana datam desde os primórdios da colonização sulamericana. Seus expoentes mais célebres foram os famosos bandeirantes, considerados heróis no Brasil, mas aqui, aventureiros bárbaros e belicosos. Vinham capturar indígenas para vendê-los como mão-de-obra escrava nas plantações paulistas, mas acabaram por expandir o domínio lusitano às bordas do território hispânico e arrinconar a província do Paraguai. Desde então, o Brasil não parou de se expandir para o oeste. [...] é muito grande o interesse que o Brasil tem nesses territórios, como para justificar uma vigilância mais estreita de sua diplomacia sobre as autoridades paraguaias. [...] Para nós, o grave risco que corremos com o interesse que o Brasil demonstra em relação ao Paraguai consiste em que dito interesse culmine com a meta que – isso se pode assegurar – sua chancelaria alenta secretamente: apropriar-se para sempre, legal e pacificamente ante os olhos do mundo, de 90% da produção de Itaipu, deixando-nos o restante para nosso consumo [...]./(*Sopa Brasiguaia – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai, on line*. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao*

*Brasil. Subtítulo: Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?).*

O período de aproximação entre o Brasil e o Paraguai fortaleceu o governo ditatorial de Stroessner, ao mesmo tempo em que favoreceu a entrada de muitos brasileiros naquele país. Os interesses do governo brasileiro, ao desencadear frentes de expansão agrícola na região Centro Oeste e no Paraná, transcenderam as fronteiras nacionais e aliaram-se à disposição do ditador paraguaio em desenvolver a porção oriental do Paraguai, por meio de um grande projeto de expansão agrícola na fronteira com o Brasil. Todos esses fatores facilitaram o acesso dos brasileiros àquele país.

A exemplo da *Marcha ao Oeste* desencadeada pelo presidente Getúlio Vargas, a *Marcha hacia el Este* de Stroessner também pretendia ocupar os espaços vazios do território paraguaio. O programa visava fixar camponeses paraguaios que viviam na área central do país nas zonas fronteiriças de intensa floresta tropical, que até então era habitada por indígenas, traficantes de madeira e empresas de erva-mate (ALBUQUERQUE, 2010, p. 65). Stroessner elaborou um plano de colonização e admitiu a entrada de brasileiros para a derrubada da mata e para o trabalho no plantio agrícola. De acordo com Stroessner, as empresas de colonização poderiam trazer os *negros* brasileiros, pois os camponeses e indígenas paraguaios eram indolentes demais para o serviço pesado de derrubada da mata (ALBUQUERQUE, 2010, p. 65 *apud* WAGNER, 1990, p. 14).

Ao final de 1960, propagandas veiculadas em rádios e jornais do Sul do Brasil encorajavam os agricultores, especialmente os descendentes de alemães e italianos, a migrarem para o Paraguai. O fator de atração divulgado eram as terras baratas e a possibilidade de melhoria econômica acelerada. Muitos agricultores do Sul do país, proprietários de pequenos lotes, venderam suas terras e compraram maiores extensões no Paraguai. Stroessner acenou com outras facilidades para atraí-los, como incentivos agrícolas e créditos em longo prazo no *Banco Nacional de Fomento* do Paraguai.

Brasileiros indenizados e remanescentes das inundações do lago de Itaipu, além dos trabalhadores que colaboraram na construção da Hidrelétrica somaram-se às fileiras de emigrantes que atravessaram a fronteira, comprando propriedades em território paraguaio e contribuindo para a mudança da região. Esses fatores, portanto, explicam a expressiva emigração brasileira para aquela região.



### 2.3 A heterogeneidade das imigrações na fronteira Brasil-Paraguai

A emigração de brasileiros para o Paraguai iniciou-se na segunda metade do século XX, por volta de 1950, intensificando-se nas décadas de 1960-70, por ocasião da construção da *Hidrelétrica de Itaipu* e da *Ponte da Amizade*. Esse movimento emigratório de características intrarregionais teve um aumento de fluxo a partir de 1970, impulsionado pela busca de trabalho, pela compra de terras com melhores preços e pela extração de recursos naturais, como madeira, no país vizinho. Hoje, o mercado de trabalho no comércio e no setor de serviços também se constitui como fonte de atração e incentivo para os deslocamentos transfronteiriços entre os dois países.

Os estrangeiros no Paraguai somam atualmente 3,4% da população. Desse total, 47,1% são brasileiros e 36,5% são argentinos. O deslocamento de sujeitos de diferentes etnias, gêneros e nacionalidades para o Paraguai atesta a heterogeneidade das emigrações para aquele país. Algumas estimativas chegam a apontar a existência de 450 mil imigrantes brasileiros vivendo, hoje, no país.

Embora as estatísticas sejam imprecisas, de acordo com dados apresentados pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil (ALBUQUERQUE, 2010, p. 60 *apud* SPRANDEL, 2002) dos 545.886 brasileiros que emigraram para países da América Latina, 459.147 estão no Paraguai, espalhados por cidades como *Assunção*, *Ciudad del Este*, *Concepción*, *Encarnación*, *Pedro Juan Caballero* e *Salto del Guairá*.

As estimativas brasileiras e paraguaias apresentam cifras diferenciadas para registrar as dimensões da emigração brasileira. Os dados oficiais de censos realizados no Paraguai apontam índices bem menores quando comparados às cifras brasileiras e vêm diminuindo nas últimas décadas. As imprensas brasileira e paraguaia também fazem eco a esse jogo impreciso de números. Alguns jornais falam de 300 a 350 mil imigrantes; outros estimam em meio milhão, incluindo, nesses números, os descendentes dessa população, já nascidos no Paraguai. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) também tem suas próprias estatísticas, com base em dados levantados pela Igreja. Para a CNBB, em 1975 viviam no Paraguai cerca de 40 mil brasileiros; em 1982 os números subiram para 250 mil; em 1985 chegaram aos 500 mil, mas declinaram nas décadas de 1980 e 1990 quando muitos imigrantes pobres não conseguiram comprar terras no Paraguai e voltaram ao Brasil em direção aos Estados de Mato Grosso do Sul e Paraná.

A realidade dos brasileiros que vivem no Paraguai, hoje, é bastante complexa. Essa população é constituída por sujeitos que vieram de vários lugares do Brasil, pertencentes a diferentes etnias e classes sociais e, ao longo de mais de 40 anos de permanência no país, se estabeleceram em diversos setores da economia paraguaia, como é possível constatar pelas sequências que se seguem:

Não gosto de **alemão**. Falam uma língua do diabo. Olham pra gente com ar de pouco caso. Tudo neles é diferente: as roupas, as danças, as comidas, as casas até o cheiro. Quando vejo um homem de pele muito branca, cabelo de barba de milho e olho de bolita de vidro, até me dá nojo. Se eu fosse governo, mandava essa alemoada embora. Não é que eu seja mesquinho, somítico ou malevo: estrangeiro também é filho de Deus. [...]. (VERÍSSIMO, 1997, p. 545 *apud* ALBUQUERQUE, 2010, p. 168).

Meu pai e minha mãe vieram no ano de 1966, de **Santa Catarina pro Paraná** e do Paraná pro Paraguai. **Meu pai e minha mãe são do Rio Grande do Sul**, são gaúchos. **Eu nasci no Paraná** e tenho **um irmão que é paraguaio** [...] (Imigrante brasileiro na cidade de Mbaracayu em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 73).

Os imigrantes vieram predominantemente de três estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Segundo dados da CNBB, entre 1972 e 1977, eram constituídos por 63% de paranaenses, 18% de catarinenses, 12% de gaúchos e 7% de mineiros e nordestinos (ALBUQUERQUE, 2010, p. 72). Os gaúchos e catarinenses, em sua maioria, são descendentes de imigrantes alemães e italianos.

Ainda em território brasileiro essa população, composta em sua maioria por famílias camponesas, realizou no mínimo dois grandes movimentos migratórios, pelo interior do Brasil, antes de cruzar a fronteira seca. O primeiro movimento era de sujeitos vindos do Rio Grande do Sul que migraram em direção à Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul. O segundo, vindo do Nordeste e Minas Gerais, dirigiu-se para São Paulo e, posteriormente, para o Norte e Oeste do Paraná, cruzando a fronteira entre 1950-60 para o desmatamento das fazendas, o plantio do café e da menta, como o recorte a seguir permite constatar:

No ano de 1960 nós saímos do Nordeste, chegamos no estado de São Paulo. Era na época das colheitas de amendoim e algodão. Viemos de caminhão pau-de-arara. Até São Paulo viemos com nossos recursos. De São Paulo fomos para Presidente Prudente. Trabalhamos 90 dias em Presidente Prudente, ganhamos um pouquinho de dinheiro, fretamos de novo um outro caminhão. Eram três famílias que estavam juntas. Nós chegamos até Ivaílanda, que é uma cidadezinha pequena perto de Maringá (Norte do Paraná). Em Ivaílanda chegamos a trabalhar mais 60 dias, meu pai e meus irmãos. Ganhamos outro pouquinho de dinheiro, fretamos outro caminhão até Goioerê, seria o nosso destino. Viemos e trabalhamos anos e anos em fazendas, daí compramos um pequeno pedaço de terra em Goioerê, cinco alqueires de terra. A família muito grande, era 11 homens e 2 mulheres e meu pai e minha mãe. Com todas as dificuldades que os nordestinos encontram no Sul, encontram dificuldades terríveis, com este pedacinho de terra que compramos, a família

começou a crescer, casar, os filhos começaram a casar, daí nós viemos para uma cidade quase já nas fronteiras. Ali nós moramos 10 anos, depois chegamos a Foz do Iguaçu. Em Foz do Iguaçu foi onde eu primeiramente tive a ideia de passar a ponte na época do militar no Brasil. Antes da construção de Itaipu nos já estávamos entrando no Paraguai e também fomos infelizes. Nós tínhamos uma propriedade e fomos desapropriados por Itaipu pela chamada Alvorada do Iguaçu e dali nós viemos para Foz do Iguaçu, passamos a ponte para o lado de cá. Hoje está com 27 anos que estamos no Paraguai. [...]. Hoje tenho uma fazenda aqui no Paraguai. A gente construiu esta grande fazenda, estamos sendo fortes produtores na região. (Depoimento de imigrante brasileiro na cidade de Naranjal, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 75).

Os imigrantes cruzavam a fronteira seca sem visto de permissão, em direção ao departamento de Alto Paraná (Paraguai), *Canindeyú* e *Amambay*. Na época, não havia fiscalização e muitos permaneciam nas cidades e vilas fronteiriças; outros entravam pelas matas paraguaias, em meio à poeira vermelha das primeiras estradas. Esses pioneiros fundaram várias colônias ao norte e sul da *Ciudad del Este*, ao se deslocarem de uma região para outra na tentativa de comprar maiores extensões de terras em áreas menos valorizadas. Hoje, concentram-se em cidades como *Hernandarias*, *San Alberto*, *Mabaracayu*, *Itakyry-Mingua Porá*, *Nueva Esperanza*, *Katuete*, *Puente Kyhja*, *Corpus Cristhis*, *Francisco Caballero Alvarez*, *La Paloma* e *Salto Guairá*, ao norte da *Ciudad del Este*; *Los Cedrales*, *Santa Rita*, *santa Rosa*, *Naranjal*, *San Cristóval*, *Domingo de Irala*, *Nacunday*, ao Sul de *Salto de Guairá* e em *Caazapá*, *Caaguazu* e *Itapúa*, departamentos não fronteiriços.

No início a população era constituída por camponeses, boias-frias e alguns proprietários rurais dedicados aos setores de agricultura, pecuária e extração de madeira. Hoje, os imigrantes pertencem às mais distintas classes sociais, desenvolvendo variadas atividades devido ao crescimento econômico das colônias e à ascensão social de alguns desses indivíduos que chegam a participar da vida política do país.

Embora existam variadas classificações sociais que tentam explicitar a dinâmica da vida dessa população no Paraguai, na verdade elas pouco esclarecem o complexo cotidiano dos imigrantes brasileiros naquele país. Entretanto, pode-se dizer, de forma simplificada, que existem no Paraguai grupos diversos, a começar por empresários agrícolas que se estabeleceram no país consolidando colônias bem sucedidas economicamente e que, hoje, participam da vida política da nação, até grupos de arrendatários e agregados, que lá chegaram como empregados de empresas colonizadoras e, atualmente, estão vendendo suas terras aos grandes plantadores de soja (ALBUQUERQUE, 2010, p. 76).

Sprandel (2000) define seis grupos vivendo atualmente no Paraguai: 1) proprietários de terras, comerciantes e madeireiros, com documentos regulares e integração na vida

econômica e política local; 2) pequenos proprietários de terra com outras atividades (arrendatários, assalariados, motoristas de caminhão e máquinas agrícolas); 3) empregados nos setores agrícola, comercial e madeireiro; 4) ex-arrendatários que hoje trabalham como peões; 5) brasileiros em situação marginal (prostitutas, prisioneiros, meninos e meninas em situação de risco); 6) brasileiros ligados ao crime organizado tais como quadrilhas de roubos de carros, tráfico de drogas, jogos de azar e recrutamento de prostitutas (ALBUQUERQUE, *Idem*, p 76-7 *apud* SPRANDEL, 2000).

Embora não haja estatísticas atualizadas sobre as atividades econômicas exercidas pelos brasileiros no Paraguai, pode-se inferir algumas tendências profissionais desses imigrantes, a partir de dados sistematizados pelos censos de 1982 e 1992, coletados pelo *Projeto de Investigación de la Migración Internacional em Latinoamérica, asociado ao centro Latino Americano de Demografía* (IMILA/CELADE). De acordo com esses dados, há ainda um predomínio de agricultores, embora o número de comerciantes e prestadores de serviços esteja aumentando. As profissões urbanas estão em ascensão, enquanto as atividades agrícolas estão declinando, o que dá uma dimensão do processo de mudança em relação às profissões dos brasileiros no Paraguai.

Alguns grupos de brasileiros que conseguiram ascensão social e econômica ao longo dos anos de permanência no país controlam importantes setores da economia, da política e da cultura nacional, conforme se observa nos recortes a seguir:

[...] **la tradición cultural de los inmigrantes sigue siendo muy fuerte y muchas veces, cuando asistimos a una celebración, tenemos la impresión de encontrarnos en Brasil.** Pero eso también sucede porque el Estado paraguayo ha permanecido prácticamente ausente en toda esta región fronteriza y hasta ahora casi todo llega del Brasil (Paraguai de Katuete *apud* Gutiérrez, 22/09/1993. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 95).

[...]. Nesta quarta-feira de madrugada, um grupo de sem-terra paraguaios bloqueou os acessos à cidade e interditou o prédio da prefeitura. A manifestação acontece uma semana depois que a Polícia Nacional do Paraguai teve de interferir, por ordem da Justiça, para acabar com o protesto que durante 21 dias manteve a cidade parcialmente sitiada. O alvo dos protestos é o **prefeito de San Alberto, o brasileiro Romildo Antônio de Souza Maia, 36 anos**, que pela segunda vez é deposto do cargo à revelia, sob a acusação de mau uso do dinheiro público. Os dois protestos foram organizados por adversários políticos de Maia e líderes locais do movimento sem-terra. Cinco dos nove vereadores querem a saída do prefeito e já pediram uma intervenção federal no município, que pode ser julgado pelo Congresso paraguaio ainda esta semana. (Diário do Grande ABC, *on line*, de 11/08/1999. Título: *Sem-terra paraguaios bloqueiam acessos à San Alberto*).

Disputando era eu com mais três e nós ganhemos com 66,6% acima dos 3. Sai muito bem, dos 12 vereadores, 8 entrou da minha lista. Nas mesas de imigrantes a diferença era de 260 contra 7, contra 3 e contra 1, uma coisa assim. Na mesa de paraguaios natos era menos a diferença, mas também tinha diferença para nosso lado

(César Pandoin, Prefeito de Naranjal em entrevista a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 89).

No início do processo emigratório, muitos brasileiros vendiam pequenos pedaços de terra, no Brasil (de 5 a 12,5 hectares) e compravam extensões bem maiores no Paraguai (de 30 a 75 hectares) e ainda sobrava dinheiro para investir na propriedade. Plantavam, inicialmente, menta e café. Com o declínio do preço da menta e o aumento do valor da soja, a maioria dos pequenos e médios produtores brasileiros começou a plantar essa cultura. Grandes proprietários de Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo começaram também a comprar terras no Paraguai, como se pode apurar na sequência que se segue:

Los empresarios son aquellos que después se han venido a Alto Paraná, al departamento de Canindeyú con las tierras rojas, tierras fértiles, tienen dinero para comprar esas tierras. Son grandes empresarios que no viven acá, son gente que vienen a comprar extensiones de tierra, que muchas veces lo tienen aquí como un capital para sacar créditos, esos son los empresarios. (Jornalista paraguaio na cidade de Salto de Guairá, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 15/03/2005. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 77).

A partir do final da década de 1970 e início de 1980 os processos de mecanização agrícola se ampliaram e a concentração de terras, igualmente. Uma única família podia aumentar o plantio e a colheita, sem necessidade de aumento de contratação de mão de obra. Dessa forma, expandiram-se as propriedades rurais com o cultivo da soja. Do mesmo modo, aumentaram as compras de terras de pequenos camponeses e produções de cultura de subsistência como milho, arroz e mandioca passaram a ser substituídas pela soja. Vejamos nas formulações a seguir:

[...] Primeiro se plantava e se cultivava menta, aí da menta você entrava na plantação de soja e todos os produtos agrícolas de consumo, que é arroz, feijão, milho e tudo. Para o comércio era menta. A menta deu lugar à soja e aí com a entrada de algumas máquinas começou a mecanização. Aquela pessoa que fazia 5 hectares começou a fazer 20, 30, começou a aumentar, deslocar e começou a ampliar as áreas. [...] (Imigrante brasileiro na cidade de Mbaracayu em entrevista a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 81).

Iniciou-se, também, nesse período, o deslocamento dos produtores brasileiros para outras frentes agrícolas no interior do Paraguai. Brasileiros que estavam se capitalizando compravam mais terras, tanto de pequenos produtores brasileiros como de camponeses paraguaios, concentrando as propriedades nas mãos de poucos e causando a expulsão daqueles que não conseguiam sobreviver nesse mercado de produção.

À vista disso, constata-se hoje na região de fronteira a existência de um espaço de contradições, pois enquanto alguns imigrantes conseguiram enriquecer e expandir suas propriedades, muitos tiveram que vender seus pequenos lotes e voltar ao Brasil ou migrar para

outros departamentos paraguaios. Muitos brasileiros que não tiveram seus contratos de arrendamento renovados por empresários brasileiros, que resolveram plantar soja em áreas antes arrendadas, tornaram-se mais empobrecidos e acabaram regressando ao Brasil, ingressando em movimentos de reivindicação de terras, como o MST. É o que se verifica no depoimento que se segue:

Dono de dois terrenos que formam uma fazenda de 116 hectares e de 10% das cotas de uma fábrica de *mozzarella* com capacidade para processar 6 mil litros de leite por dia, Moll tem bons motivos para continuar no Paraguai. Entende, porém, que o país não oferece mais perspectivas para os brasileiros pobres. "O Paraguai não é mais um eldorado para os brasileiros pobres", garante. "Tenho em mãos uma lista com os nomes de 15 chefes de família, brasileiros, que não conseguem mais sobreviver do lado de cá da fronteira", diz o brasileiro Moll. (Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

Com o fim da Ditadura Stroessner, em 1989, os setores camponeses locais iniciaram movimentos de reivindicação à terra. Imigrantes brasileiros pobres começaram a ser expulsos pela política de concentração das propriedades paraguaias, sendo atraídos pelas promessas de terra no Brasil, passando a ser conhecidos como *brasiguaios*, como se vê na passagem que se segue:

A vida deles ficava a cada dia mais difícil no Paraguai, onde estavam havia, pelo menos 30 anos, plantando e sobrevivendo do que a terra lhes oferecia. De cinco anos para cá a "nacionalização" pregada pelo povo paraguaio fez com que grupos armados invadissem terras de brasiguaios e os encurralassem de tal forma que fossem obrigados a deixar o país. A solução encontrada por muitos foi seguir as indicações de um grupo de brasileiros que os apresentou a uma forma de conseguir novas terras, agora no Brasil – o Movimento dos trabalhadores Sem-Terra (MST). (Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10ª – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*).

Enquanto alguns eram expulsos, em duas décadas a produção de soja crescia bastante. Em 1991 a área plantada era de 552.657 hectares, com uma produção de 1.770.666 toneladas. Treze anos depois, em 2004, as áreas de plantio aumentaram para 1.936.000 hectares e a produção superou 4 milhões de toneladas. O sucesso das safras impulsionou, ainda mais, a compra de terras, assim como a liberação do cultivo de soja transgênica no país, como se lê no depoimento a seguir:

Hoje o Paraguai é o que é por causa dos imigrantes, senão o Paraguai não seria essa potência que ele é enquanto soja e em vários outros aspectos diferentes (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 193).

Embora não sejam apenas os brasileiros os responsáveis pelo cultivo de soja – o mercado produtor também congrega empresários paraguaios e outros estrangeiros – sabe-se

que os imigrantes e outros empresários que vivem no Brasil são responsáveis por 70% a 80% da produção de soja paraguaia e é justamente nas regiões onde vivem os brasileiros que a expansão da soja é mais intensa, conforme se verifica no recorte que se segue:

Para você ver hoje o país, o Paraguai do jeito que é [...] é o único país do mundo que tem 88% de plantio direto e isso é porque têm descendentes de outros países que vêm aqui e implantaram, isso se não fosse os imigrantes isso não teria acontecido (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 193).

No movimento de expansão agrícola muitos brasileiros estão se afastando de suas antigas áreas e adquirindo terras em outras regiões. Várias colônias agrícolas se transformaram em cidades, alcançando benefícios como asfalto, sistema de telefonia, ônibus, dentre outras vantagens. Isso favoreceu a constituição de uma elite local da qual participam muitos brasileiros que, inicialmente, lutaram pela emancipação de seus municípios, tornando-se prefeitos e vereadores de seus departamentos. Enquanto isso, colônias, reservas naturais paraguaias e comunidades indígenas foram se transformando, gradativamente, numa paisagem única ocupada pela cultura da soja.

#### **2.4 O jogo das identidades na zona de fronteira: a questão linguística e cultural**

Existe, hoje, no Paraguai, um espaço simbólico de disputas e conflitos em torno da afirmação das identidades reivindicadas por brasileiros e paraguaios. As relações entre os grupos de sujeitos das duas nações oscilam entre situações de hostilidades mútuas e discursos de integração, conforme os interesses existentes. É o que se pode constatar nos depoimentos que se seguem:

“Creio que o governo deve rever a questão que tem a ver com os latifúndios ou grandes plantações de soja, que em alguns casos, trancam comunidades inteiras, além dos problemas que temos com os agrotóxicos, que são regados nas comunidades. [...] o que o governo deveria ter feito desde o começo, com o cultivo da soja, era ter determinado zonas para a plantação, e não fazê-lo indiscriminadamente e agredindo o meio ambiente e comunidades porque não há regulamentação. [...]”(*Sopa Brasiguaiá, on line*, de 26/10/2008. Título: *Bispo católico [paraguaio] analisa conflito no campo*).

Con ellos [brasiguayos] aprendí a trabajar en serio, también los domingos, los feriados, hasta Semana Santa. Aprendí a trabajar en comunidad. Aprendí lo que es economía familiar. Ellos tienen otra manera de ver las cosas y están haciendo mucho por el país. Creo que, en lugar de atacarlos tanto, tenemos que conocerlos, dialogar. Hay muchas cosas que corregir, pero es innegable que su presencia favorece el país (Recortada de entrevista concedida pelo prefeito paraguaio de Santa Rita a GUTIÉRREZ, em 23/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186)

Na região de fronteira, apesar dos permanentes contatos entre os grupos, as identidades nacionais se fortalecem e os nacionalismos se manifestam de modo singular.

Denominações nacionais e étnicas, tais como *brasileiros, paraguaios, brasiguaios, imigrante, nativo, estrangeiro, cidadão, colono brasileiro, descendente de alemão, paraguaio legítimo e puro*, dentre outras formas de nomear, são articuladas a todo o momento, como poderemos observar nas análises que empreenderemos no capítulo IV. Do mesmo modo, processos de mistura cultural irrompem mesclados a discursos de exaltação da soberania de cada país, de afirmação das identidades nacionais e de manifestações de preconceitos mútuos, conforme se pode depreender no recorte a seguir:

Nosotros no podemos volvernos unos anónimos, nosotros debemos fortalecer lo que significa la nacionalidad, el ciudadano paraguayo orgulloso de su frontera, mil veces vilipendiada, hemos tenido desmembraciones atroces [...]. Si es valorizar los principios nacionales, defender la integridad territorial de los intereses de las personas, estamos en la vanguardia. Y por último, ruego a Dios todo poderoso, para que la bandera paraguaya siga flameando en nuestro territorio nacional y en ningún caso pase por nuestra mente que otras banderas flameen al mismo nivel en donde el pendón nacional debe ser predominante en todas las instituciones de la República (Senador paraguaio, sesión ordinaria, 21/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 126)

Há, assim, um clima constante de tensão decorrente de disputas de poder e questões de dominação-subordinação entre os dois estados nacionais, exteriorizadas pelos sujeitos em suas manifestações, deixando entrever nessa diversidade de denominações a diversidade de *posições-sujeito* presentes nesses discursos. Essas questões serão analisadas no capítulo IV.

Muitas localidades onde os processos imigratórios e as frentes de colonização brasileira eram intensas acabaram se transformando, ao longo dos anos, em municípios autônomos e urbanizados, alcançando vários benefícios como asfaltamento, sistema de telefonia, energia elétrica e transporte público graças a contatos mantidos entre agricultores brasileiros e políticos paraguaios. As cidades prosperaram atestando o intenso desenvolvimento econômico dessas localidades, conforme se observa na sequência a seguir:

[...] Esto no parece Paraguay [...]. Calles limpias, amplias avenidas asfaltadas, paseos centrales bien cuidados y con mucho verde. Prósperos edificios comerciales, galerias, bancos, financieras, locales de vendas de vehículos, tractores y cosechadoras. Y el más impresionante: casi no existe vendedores ambulantes (GUTIÉRREZ, 23/09/2003 *apud* ALBUQUERQUE, 2010, p. 87).

O desenvolvimento dessas cidades favoreceu a constituição de uma elite local, formada desde a época em que esses primeiros imigrantes lutaram pela emancipação de seus municípios, e, posteriormente, pela disputa de cargos públicos assumidos pelos descendentes, nascidos no Paraguai, ou por brasileiros naturalizados. É o que se pode constatar a seguir:



Eu digo para você dentro de 4 ou 5 anos vai ter uma renovação dentro do Paraguai que são os filhos destes imigrantes tomando toda a parte política. Hoje nós temos aqui no distrito e Naranjal, onde eu moro, nós temos um prefeito de 25 anos. Ele é filho de imigrante, filho de brasileiro, mãe argentina, e são todos descendentes de alemão ali. Então é uma renovação, o que ele fez, é uma política jovem. Já tem senador que é descendente de alemão, só que eles são uma minoria, mas cada dia está crescendo mais e vai chegar num momento que vai mudar esta mentalidade (Imigrante brasileiro da cidade de Santa Rita. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 90).

Os imigrantes de maior prestígio nessas áreas são os chamados *pioneiros*, fundadores e responsáveis diretamente pela emancipação desses municípios. Contudo, como a maioria não é naturalizada, habituou-se a lançar a candidatura de filhos e sobrinhos para a disputa dos principais cargos municipais. Nas cidades em que o número de imigrantes é grande, esses candidatos conseguem se eleger com boa margem de votos à frente dos demais. À vista disso, prefeitos e vereadores costumam ser bastante jovens, com idades que variam entre 25 e 35 anos, como vimos no recorte anterior.

Muitos imigrantes, principalmente os provenientes do Sul do Brasil, adotam discursos progressistas, construindo uma imagem desenhada por meio de discursos apreciativos em que se apresentam como *pioneiros* e *trabalhadores* em oposição aos paraguaios, considerados como *ociosos* e *preguiçosos*, conforme a passagem seguinte:

O sistema de vida deles é bem diferente do brasileiro. O brasileiro trabalha dia e noite na época de plantio, na época de preparação da terra e não tem hora, pode ser domingo, pode ser feriado, porque todo dia é dia de plantar. Na hora de colher tem que colher. Eles não, eles não querem compromisso com criação de porco, de galinha, de qualquer animalzinho, porque eles querem ser livres. Eles trabalham, começam segunda-feira, mas eles começam, primeiro tomam seu mate, depois eles vão para o serviço, quando é 10 horas tem que tomar tererê porque isso é sagrado, é o costume deles [...]. Depois eles vão trabalhar um pouquinho, já é meio dia e vão para casa. [...] eles almoçam e vão para a *siesta* deles [...] ( Imigrante brasileiro e vereador. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 182).

Nas *formações imaginárias*<sup>4</sup> que permeiam as construções discursivas sobre brasiguaios e paraguaios perpassam relações de poder entre os grupos sociais dominantes e dominados. Nessa relação, ou os grupos dominados incorporam os valores dominantes ou reagem manifestando atitudes de resistência a essa configuração de poder.

---

<sup>4</sup>*Formações imaginárias*, segundo Pêcheux ([1969], 2010a, p. 81-2) são mecanismos de funcionamento discursivo compreendidos como lugares representados e transformados pelos sujeitos nos processos discursivos, de acordo com a *imagem* que fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro na estrutura social. Colocadas em jogo durante os processos discursivos, essas *imagens* representam as posições sociais de onde os sujeitos falam sendo responsáveis por uma série de *efeitos de sentidos* que irrompem em seus discursos. As formações imaginárias serão trabalhadas na seção 4.8 deste estudo.

Desse modo, muitos imigrantes brasileiros ricos apresentam-se como os únicos capazes de assumir um projeto de modernização política e econômica que desenvolva o país. A imagem construída por esses imigrantes brasileiros é a de emissários da civilização, do progresso e de ideais de modernidade. Em contrapartida os paraguaios são avaliados como arcaicos e obsoletos, simbolizando o atraso e a preguiça. Esses efeitos de sentido podem ser observados no *discurso do brasiguayo*, que se segue:

Porque aqui tem a colonização dos imigrantes brasileiros e têm as colônias paraguaias, é outra realidade. As colônias que são de brasileiros, imigrantes, são mais fortes, mais dinâmicas economicamente, em todos os aspectos. As colônias paraguaias são aquelas que pararam no tempo. [...] (Imigrante brasileiro. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 177).

A força desses discursos serve para legitimar a presença brasileira no Paraguai, face às opiniões contrárias dos paraguaios que apontam os imigrantes como invasores e destruidores do meio ambiente, conforme podemos verificar no *discurso sobre* o imigrante brasileiro a seguir:

[...] y lo peor, lastimosamente te tengo que decir, por ser tu compatriota, que es el peor criminal, desde el punto de vista de la destrucción ambiental, destrucción local, sea hídrico, descargando veneno, lavando los instrumentos de maquinarias, el uso de agroquímicos. Encima de eso, tirando todos los envases vacíos, flotando ahí en el agua, hasta inclusive algunos cerrando los causes, es un desastre, son los más criminales en ese sentido. [...]. (Líder campesino de la MCNOC – Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 107).

A ideologia do trabalho perpassa o discurso *do/sobre* o imigrante brasileiro que mobiliza argumentos relatando as dificuldades iniciais de colonização do território paraguaio, reforçando a construção de uma autoimagem de trabalhadores e pioneiros. Segundo Albuquerque (2010, p. 170-3) tais imagens são transferidas ao camponês paraguaio e começou a ser construída na década de 1970, quando as frentes de expansão capitalistas, no Leste do Paraguai, começaram a se intensificar. Naquele período os brasileiros já se apresentavam como *trabalhadores*, denominando os paraguaios de *haraganes* (preguiçosos). Esses sentidos ainda frequentam o imaginário de muitos imigrantes, conforme se pode observar no *discurso do* imigrante a seguir:

[Os paraguaios] são por natureza mais fracos no trabalho, não têm visão do futuro, são mais índios. O pensamento deles é poder ficar dentro do mato, de viver assim de caça, pesca. O trabalho deles é fazer alguma coisinha, plantar mandioca. Eles dizem que o trabalho mata, acham que a vida deve ser vivida diferente. Então eles acham isso, vendo como o brasileiro trabalha, para que trabalhar para fazer tanto dinheiro assim se vamos morrer um dia, tem que pensar pro dia de hoje, comer e dormir e ter sombra e água fresca. Essa é a mentalidade deles (Imigrante brasileiro e vereador em

entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 173).

Nas relações entre imigrantes brasileiros e paraguaios estão presentes, portanto, processos de relações de poder entre os dois países, desigualdades econômicas entre imigrantes ricos e paraguaios pobres e distinções culturais e étnicas, visto que muitos imigrantes são descendentes de europeus. Os imigrantes assumem a posição dominante com base na *formação imaginária* que fazem de si em relação ao outro, supremacia garantida pelas características mencionadas e por pertencerem à elite fundiária em suas regiões. Em contrapartida, muitos setores da população paraguaia os apontam como estrangeiros e invasores, conforme se pode depreender no recorte a seguir:

Con esa expansión se produce lo que nosotros conceptualizamos que es la invasión extranjera , porque no solamente ocupa la tierra [...] sino instala su modelo de producción, su idioma, su cultura, sus autoridades, todo, entonces está ocupado prácticamente por la otra potencia nacional, que la principal es brasileña. [...] (Líder campesino de la MCNOC – Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 107).

Nesse jogo de denominações/designações (*haraganes* X emissários do desenvolvimento) os paraguaios são assinalados como a parte dominada nessa relação de poder, pois chegaram às áreas colonizadas pelos brasileiros depois desses imigrantes, são pobres e mestiços. Todavia são *paraguaios legítimos*. O recorte a seguir evidencia o jogo de relações de força que perpassa essas denominações no Paraguai:

Eu como sou paraguaio legítimo eu posso ser candidato, o estrangeiro só pode ser vereador ou *concejel* como fala aqui. É que aqui a maioria somos estrangeiros [...]. A gente às vezes é considerado não legítimo paraguaio, eu muitas vezes sou considerado como brasileiro. Então os jornais colocam a gente como *intendente* (prefeito) *brasiguayo*, um *intendente* brasileiro [...]. Eles são, nós, eu sou paraguaio, nasci aqui, me considero. [...] (Filho de imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 18/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 217).

Camponeses paraguaios engajados em lutas sociais também constroem uma autoimagem valorativa que se opõe às representações articuladas pelos grupos dominantes (ALBUQUERQUE, 2010, p. 175). Nesse aspecto, a questão da nacionalidade representa um elemento diferenciador favorável a esses camponeses, principalmente em situações de crise dentro de seu país. É o que se pode depreender do recorte que se segue em que a imprensa paraguaia trata um grupo de campesinos que invadiram terras pertencentes a um imigrante brasileiro a partir da ótica de *trabalhadores e pequenos comerciantes, que vivem em casas de aluguel nos subúrbios e que não têm acesso à terra pelo alto custo*:

Entre 800 y 1.000 personas irrumpieron ayer en un costoso inmueble ubicado a 2,5 kilómetros del centro de Salto del Guairá, camino al aeropuerto de esta capital departamental, que pertenece al inmigrante brasileño João Carlos Bernardes. [...] Ahora los carperos decidieron asentarse en el sitio con la intención de forzar que el dueño del inmueble y el instituto agrario vuelvan a negociar un acuerdo para la transacción de compraventa, de tal forma que luego el lote les sea cedido. [...] [...] El grupo que anoche protagonizó la violenta invasión está compuesto de obreros y pequeños comerciantes, que viven en casas de alquiler situadas en los barrios periféricos de la ciudad de Salto del Guairá. [...] La mayoría se trasladó a la ciudad después del repunte económico de la zona y no pueden acceder a un terreno por el alto costo. (*Jornal ABC Color*, on line, Assuncão, Paraguai, de 05/08/2012. Título: *Invaden un costoso terreno en Salto del Guairá tras vencer defensa de guardias*).

Deste modo, as frentes de expansão econômica abertas pelos imigrantes brasileiros criam várias imagens e, se por um lado recebem críticas por parte de setores sociais descontentes com a política de concentração de terras, por outro angariam apoio de outros grupos da sociedade, principalmente da classe dominante, que defendem a permanência dos imigrantes no país.

Outras disputas envolvendo a afirmação identitária dos imigrantes e seus descendentes, em território paraguaio, acontecem no campo linguístico e cultural. Embora a língua não seja o único elemento de identidade nacional, é considerada em várias nações como elemento de identificação cultural e demarcador de fronteiras simbólicas.

O guarani, reconhecido como língua oficial em 1992, hoje é visto pela maioria dos paraguaios como a expressão máxima da identidade nacional, ainda que em muitos setores da classe dominante seja considerado como língua de índio ou de camponês. Embora seja estigmatizado pela elite econômica e cultural paraguaia, constitui-se ideologicamente como língua de resistência para muitos paraguaios que costumam resgatar episódios vivenciados durante as duas guerras enfrentadas pela nação, em que destacam o guarani como forma de comunicação secreta utilizada nos campos de batalha. É que se pode observar a seguir:

Una de las armas fundamentales del Paraguay en las dos guerras fue el guaraní. Los brasileños y argentinos no entienden el guaraní. Entonces era más fácil hablar en guaraní, comunicar en guaraní entonces despistaban a sus enemigos. Se utilizaba el guaraní porque es el idioma que más nos acerca como paraguayo (Professor de História em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 143).

O guarani, para os paraguaios, apresenta o *status* de língua natural, sentimental, poética, o retrato da expressão mais pura da cultura popular. Já o espanhol é visto como a língua racional, estatal e transmissora da cultura erudita. A realidade linguística paraguaia, portanto, é a de um país bilíngue que tem como idioma mais falado uma língua de raízes indígenas que é estigmatizada pelos falantes de espanhol. (*Idem*, p. 91-2).

Es idioma que más utilizamos, el paraguayo habla más en guaraní que en español. Es más fácil para la comunicación. Es un idioma completo, es más dulce, si nosotros hablamos en el guaraní parece que estamos expresando nuestros sentimientos (Professor de História em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 221).

A relação língua-nacionalidade, na região da fronteira Brasil-Paraguai se estabeleceu, ao longo dos anos, de maneira bastante complexa, pois há muitos paraguaios (professores, governantes, políticos) que consideram que o convívio com os imigrantes brasileiros faz com que o país perca sua identidade nacional. Isso acontece principalmente em cidades em que a presença maciça de imigrantes brasileiros é responsável pelo desenvolvimento local e, conseqüentemente, pelo aumento do poder político dessa população.

Nos municípios de maioria imigrante a língua portuguesa, assim como outras manifestações culturais brasileiras, está bastante presente no cotidiano das comunidades. A presença constante dos meios de comunicação brasileiros faz com que essas cidades fronteiriças se transformem em um pedaço do Brasil no Paraguai, como se pode observar pela propaganda recortada a seguir, de uma emissora de rádio no Paraguai:

Atenção aí, sensacional festa da virgem de *Caacupé*, tradicional festa do chop, acontece próximo dia 6 de dezembro na colônia 8, na vila Magali. [...] às 8 h haverá um culto, às 9 h um amistoso de futebol suíço, ao meio dia almoço com churrasco, saladas e bebidas [...] participação de grupos paraguaios e brasileiros [...] às 18h30min início do baile com animação da banda *Matebaile* (Propaganda em português na Radio Pioneiro, em San Alberto – Alto Paraná, Paraguay, em 24/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 94).

Devido à forte imigração brasileira o português vem ganhando espaço no território paraguaio, ao lado do guarani e do espanhol, conforme se pode notar na seqüência a seguir:

Son las 21:35 de un miércoles cuando llegamos a la ciudad de Katuete, departamento de Canindeyú, a casi 400 km de Assunción. [...] Frente a un bar, varios jóvenes toman cerveza [...] Nos acercamos hasta ellos con el móvil de *Última Hora* para preguntar cómo se llega en la casa de un poblador del lugar:

- *Nde, socio* (le dice el chofer a uno de los jóvenes) *Ikatu pio aporandumi ndeve petei mba'e?*

El joven se acerca con un gesto amable pero incómodo:

- Desculpa... mas eu não compreendo guarani. Você não sabe falar em português? Pergunta.

- No mi amigo. Yo no hablo portugués, sino guaraní. Por qué? Acaso aquí no es Paraguay?

- Sim claro. [...] mas você tem que falar em português [...] aqui tá cheio de brasileiros. (André Colmán GUTIÉRREZ jornalista do jornal paraguaio *Última Hora* em 22/09/2003 *apud* ALBUQUERQUE, 2010, p. 92-3)

De acordo com os dados do último censo paraguaio 326.496 sujeitos falam português no Paraguai, o que significa o quádruplo do total oficial de imigrantes regulares naquele país, que é de 81.592 pessoas (ALBUQUERQUE, 2010, p. 91).

O português, assim como os valores culturais brasileiros, predomina mais nas áreas urbanas e sua importância, principalmente nos municípios próximos à fronteira, é primordial. No entanto, sua influência se reduz nas localidades em que o número de imigrantes é menor. Nessas áreas os imigrantes brasileiros acabam assimilando mais o espanhol e o guarani, assim como as manifestações culturais locais, para poderem interagir com a população nativa.

Nas cidades de fronteira as músicas tocadas em bares e carros de som também são, em sua maioria, brasileiras, assim como os conjuntos contratados para tocar em bailes e feiras locais, como a *Exposoja*, exposição que acontece nessas localidades, em que predomina, do idioma à culinária, a cultura brasileira (*Idem*, p. 93). Nessas cidades há, ainda, os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) onde as danças regionais gaúchas são divulgadas. Por conseguinte, são os paraguaios que acabam se adaptando à cultura brasileira, principalmente porque a diversidade das atividades nessas cidades abre frentes de emprego que atraem a população paraguaia.

Antes, em muitas cidades, os letreiros de lojas, cartazes e placas também figuravam em português, mas isso vem gradativamente mudando. Na busca de melhor integração entre brasileiros e paraguaios, principalmente após o aumento dos conflitos fundiários, os letreiros vêm sendo escritos em espanhol, em *portunõl* (português misturado ao espanhol) e em *portuguarañol* (português, guarani e espanhol), o que mostra a irrupção de uma nova sociedade mestiça e de cultura fronteiriça nos hábitos e na descendência que se mistura, entre brasileiros das mais variadas regiões do Brasil e paraguaios, de origem indígena e hispânica:

O emblema *Gente que trabaja* foi nós que fizemos. Antes era como todos os emblemas, todos quase iguais [...] têm 4 janelinhas. Nós fizemos uma *naranjinha*. Então que a *naranjinha* é nossa, é Naranjal. O negocinho da mão é a integração, depois tem a agricultura, a *ganaderia* (pecuária) [...] e embaixo tem verde e amarelo, na verdade, não por ser brasileiro, é porque o verde simboliza a natureza e o amarelo o plantio direto. [...] (Descendente de imigrante brasileiro e prefeito de Naranjal em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 179).

A língua portuguesa também está bastante presente nos cultos das igrejas evangélicas e católicas, em cidades de colonização brasileira. As igrejas são financiadas pelos imigrantes e padres, irmãs e pastores são levados do Brasil para lá. Contudo, nos últimos anos as igrejas vêm empreendendo ações no sentido de se tornarem espaços de aproximação entre brasileiros e paraguaios, principalmente após a intensificação dos conflitos na região. O aumento de missas e cultos em espanhol e *portuñol* têm atraído mais paraguaios, embora as igrejas continuem sob o comando de padres e pastores brasileiros (ALBUQUERQUE, 2010, p. 205).

A política é um lugar antagônico de aproximação e de geração de conflitos entre brasileiros e paraguaios. Na década de 1990 muitos brasileiros e paraguaios se uniram na luta para a emancipação de seus municípios. Todavia, quando os imigrantes mais ricos se aventuravam na disputa a cargos públicos, começavam os conflitos. Na busca de votos, os imigrantes brasileiros precisam dominar os dois idiomas nacionais, pois os campesinos paraguaios mais idosos só falam o guarani e é necessário estabelecer com eles uma relação de confiança e de ser reconhecido como um *paraguaio legítimo*. Desse modo, a identidade paraguaia só é reconhecida nos imigrantes brasileiros se falarem fluentemente o guarani. Não é a cidadania o critério para o reconhecimento social, mas o domínio da língua (*Idem*, p. 205-6) conforme se pode observar no recorte abaixo:

[...] Nós não sabemos mais, nós perdemos nossa identidade no Brasil e também não temos nossa identidade aqui porque não falamos o guarani. Nesse meio termo criou-se o brasiguai (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, no Paraguai, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 232).

À vista de todas estas questões, nada é estático nas relações interpessoais nas cidades fronteiriças. Se o Brasil exerce domínio nos meios de comunicação, no desenvolvimento das cidades e no idioma, o Estado paraguaio permanece presente nas escolas, nos partidos políticos, nos processos eleitorais e na presença do exército e de postos policiais que fazem parte do cotidiano dos moradores. Assim, na relação direta com o Estado paraguaio, os imigrantes acabam se reconhecendo como estrangeiros (*Idem*, p. 208).

A imigração paraguaia para o Brasil é bastante reduzida em relação ao movimento migratório que se verifica no interior do país guarani. Os imigrantes paraguaios se concentram mais no estado de Mato Grosso do Sul. Segundo estimativas do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, cerca de 80 mil paraguaios moram em Mato Grosso do Sul, incluindo os índios paraguaios que emigram para o lado brasileiro em busca de tratamentos de saúde. Esses índios possuem afinidade cultural com muitas comunidades indígenas sul-mato-grossenses que continuam falando o guarani.

Apesar de todas as tentativas de integração, o sentimento de segregação e desconfiança à cultura paraguaia permanece bastante arraigado nas gerações de imigrantes brasileiros mais velhos. As gerações mais jovens, entretanto, se aproximam com mais facilidade, principalmente no espaço das escolas em que aprendem, além das duas línguas nacionais, aspectos relacionados à história e à geografia paraguaia, além do hino nacional. Participam também de projetos de integração mobilizados por professores locais. Nesse aspecto a escola e a família acabam se tornando espaços de tensões, pois pais e professores

lutam simbolicamente, cada qual do seu lado, para educar as gerações segundo os valores e tradições de sua cultura (*idem*, p. 204-5), conforme podemos ver na sequência a seguir:

[...] Como ellos son hijos de inmigrantes, la influencia en la casa, todos los días papá y mamá les hablan en portugués, entonces ellos se sienten brasileños, miran las teles, los canales brasileños se exalta el nacionalismo y esto lo que sale: el Brasil es el más grande del mundo, todos los días es exaltación del nacionalismo [...]. Pero viene a la escuela, a la institución escolar y tienen que hablar en castellano, tienen que hablar el guarani, tienen que practicar costumbres y tradiciones paraguayas, entonces se sienten paraguayos, saben bien que nacieron en Paraguay [...] pero pertenecen, sus padres son inmigrantes. (Professor de História em escola paraguaia em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 232).

É dessa maneira, conseqüentemente, que as gerações mais jovens vão constituindo suas identidades nacionais, no entremeio existente entre a cultura das duas nações.

Resta dizer que nas regiões de fronteira o complexo jogo das relações de poder e do estabelecimento das identidades nacionais faz com que alguns sentidos, atribuídos às palavras, deslizem ganhando efeitos negativos que devem ser evitados caso se queira estabelecer uma relação harmoniosa. As palavras *conflicto*, *imigração*, *imigrante* são apenas algumas que, se mencionadas, podem produzir efeitos de desconfiança, exaltação e animosidade na população paraguaia.

Para além das palavras, os conflitos políticos do presente, nessas fronteiras, atualizam também, em muitos momentos, antigos discursos nacionalistas fundamentados em três momentos específicos da história paraguaia, quando o país se envolveu em disputas de natureza territorial para a delimitação de fronteiras nacionais. Discursos que acionam memórias passadas e acontecimentos presentes são ouvidos com frequência, mobilizando recordações de atritos que marcaram a história paraguaia e que servem, no presente, para alimentar estigmas, ódios e intensificar ressentimentos coletivos. É o que veremos na seção seguinte.

## **2.5 Conflitos e tensões: resquícios de litígios históricos nas relações entre brasileiros e paraguaios**

Sem ter a pretensão de fazer uma narrativa histórica minuciosa do que foram os inúmeros confrontos de delimitação das fronteiras nacionais que envolveram o Brasil e o Paraguai, é importante resgatar resumidamente alguns acontecimentos, já que no contexto das crises atuais entre imigrantes brasileiros e campesinos paraguaios, o passado é constantemente atualizado pela população paraguaia, através de narrativas orais. Essas narrativas delineiam recortes históricos de antigos conflitos que envolveram direta ou indiretamente as duas nações figurando, em muitos momentos, como argumentos que justificam a desconfiança dos



paraguaios em relação ao Brasil e aos imigrantes brasileiros no país. Desse modo os sujeitos acabam por estabelecer uma rede de relações complexas entre episódios passados e presentes que legitimam hostilidades.

Albuquerque (*Idem*, p. 132) observa que nos confrontos atuais entre imigrantes brasileiros e campestinos paraguaios os discursos que circulam naquela sociedade mobilizam três períodos específicos da história paraguaia. O primeiro refere-se ao avanço dos *bandeirantes paulistas* sobre as *missões jesuíticas* paraguaias, gerenciadas pelos espanhóis, nos séculos XVII e XVIII. O segundo, resgata situações vividas durante a *Guerra da Tríplice Aliança*, conflito ocorrido entre 1864-70 que culminou em perdas territoriais para a nação paraguaia e na morte de milhares de pessoas, entre cidadãos dos quatro países envolvidos (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai). Essa história de perdas e derrotas, lembrada com discrição, no Brasil, é constantemente rememorada pelos paraguaios em ritos comemorativos nacionais, transformados, pelos políticos, em autênticos *lugares de memória* (NORA, [1984], 1993, p. 12). O terceiro evento, constantemente mobilizado no Paraguai do século XXI, é a abertura das fronteiras nacionais aos imigrantes brasileiros no período da Ditadura Stroessner (1945-89) que, na opinião crítica de muitos setores sociais, possibilitou o aumento da influência brasileira nas questões políticas e econômicas do país comprometendo a soberania nacional.

As *entradas* e *bandeiras* marcaram um período importante na história colonial brasileira sendo fundamentais na delimitação geográfica das fronteiras do território nacional. Por esse motivo, essas marchas sempre foram concebidas a partir de uma ótica imperialista, principalmente por nações que fizeram fronteira com o Brasil, no período Colonial, e que se envolveram em contendas na delimitação de limites territoriais.

Durante o século XVII o número de expedições responsáveis pelo aprisionamento de indígenas cresceu assustadoramente. Essas expedições retornavam às vilas da capitania com centenas de índios cativos para serem comercializados. Em decorrência dessas práticas, muitas tribos foram dizimadas e outras embrenharam-se pelo sertão adentro. Assim, as bandeiras começaram a seguir cada vez mais para o Sul da capitania, penetrando na área da *Província de Guairá*, antiga colônia espanhola administrada por missionários jesuítas.

Nesta época, Portugal e todo o seu império ultramarino estavam sob o domínio da Espanha de Filipe II e seus descendentes, constituindo a *União Ibérica*. Sob o domínio espanhol não havia mais necessidade de se respeitar o *Tratado de Tordesilhas*. Assim, tais expedições não poderiam ser consideradas invasoras e isso se tornou problemático quando as

bandeiras começaram a entrar em *Guairá* a procura de índios, já que todas as terras teoricamente eram de propriedade da colônia espanhola. Isso levou os reis Filipe III e Filipe IV a ignorarem as inúmeras atrocidades cometidas pelos bandeirantes.

A instalação de missões jesuíticas nas fronteiras era uma estratégia utilizada pelo Império espanhol para deter o avanço dos bandeirantes lusitanos em direção ao *Rio da Prata* e à *Cordilheira dos Andes*.

Ao longo de todo o século XVII aconteceram muitas incursões às missões jesuíticas para a pilhagem e escravização de indígenas. Ao final de 1637, essa região já estava praticamente conquistada, embora os jesuítas, cansados de tantos ataques e destruições, tenham aprimorado a organização defensiva e formaram milícias indígenas encarregadas de proteger as missões e o avanço dos portugueses. A partir do século XVII, embora os bandeirantes tenham tomado a região, os jesuítas retornaram e fundaram novas missões e povoados, que ficaram conhecidos como *Sete Povos das Missões*.

No início do século XIX os antagonismos permaneciam nas fronteiras entre o Brasil e os países de legado espanhol. Devido ao passado histórico dos bandeirantes, o Brasil passou a ser considerado, no imaginário dos povos da América Latina, como um país imperialista, pronto a investir sobre as fronteiras dos países vizinhos. Essa imagem perpassou os séculos XIX e XX sendo sedimentada e ampliada pelos conflitos deflagrados com a *Guerra da tríplice Aliança* e, já no século XX, com as questões em torno de *Salto do Guairá*.

Nos dias de hoje, as memórias orais dos confrontos entre bandeirantes e jesuítas são constantemente acionadas pelos setores sociais paraguaios favoráveis às lutas camponesas no país. Muitos intelectuais de esquerda, jornalistas, padres, campesinos e boa parte da população paraguaia consideram, direta ou indiretamente, os imigrantes brasileiros como novos bandeirantes, conforme se pode verificar no recorte a seguir:

Hace poco el ex ministro de la justicia (Ángel José Burró) se ha expedido contra los bandeirantes. Hasta hoy en día en San Pablo tienen todavía el monumento a los bandeirantes. Para mí, el monumento a los bandeirantes tendría que ser una vergüenza para los hermanos brasileños. Sabemos la filosofía de los bandeirantes y mamelucos. Tenemos en San Carlos el fuerte contra los bandeirantes. Yo no sé si a los brasileños sigue alimentando a la filosofía de los bandeirantes [...]. En fin, yo no creo que acá nos compete defender nuestra soberanía, nuestra tierra, lo poco que tenemos delante de lo mucho que tienen nuestros hermanos brasileiros (Jornal ABC Color. Publicado em 29/08/2003. Entrevista com Bispo paraguaio da Igreja Católica. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 132-3).

Como se vê, atualmente é bastante comum o discurso comparativo em torno dos conflitos vividos no passado colonial entre bandeirantes e jesuítas e os recentes atritos entre

imigrantes brasileiros e campesinos paraguaios. Há uma preocupação coletiva atravessando vários setores da sociedade paraguaia que observam, com receio, a ocupação silenciosa dos imigrantes brasileiros naquele país. O sentimento de apreensão se faz ouvir por meio de discursos críticos que, dependendo do lugar social de onde provêm, são capazes de intensificar os antagonismos. O *discurso sobre* a seguir ilustra essa inquietação coletiva:

A presença de aproximadamente trezentos mil brasiguaios em nosso território [...] deveria ser uma grande preocupação para o governo paraguaio à medida que os territórios que os brasiguaios ocupam e dominam estão na mira do interesse geopolítico brasileiro. [...]. Em poucas palavras, é muito grande o interesse que o Brasil tem nesses territórios, como para justificar uma vigilância mais estreita de sua diplomacia sobre as autoridades paraguaias. [...] Para nós, o grave risco que corremos com o interesse que o Brasil demonstra em relação ao Paraguai consiste [...] apropriar-se para sempre, legal e pacificamente ante os olhos do mundo, de 90% da produção de Itaipu, deixando-nos o restante para nosso consumo [...] não é difícil temer que em poucos anos mais, o Paraguai estará submetido a uma grave pressão por parte do Brasil, até para pretender anexá-lo ou mantê-lo como um estado livre associado, como os Estados Unidos fazem com Porto Rico. [...]. (*Sopa Brasiguai – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*).

Esses julgamentos são parte de conflitos simbólicos de *relações de força* entre os sujeitos dos dois países pelo reconhecimento de suas identidades e comprovam que o passado colonial deixou ressentimentos profundos que não foram apagados pelo tempo e que ainda são capazes de fomentar ódios entre os sujeitos, como se pode verificar no recorte a seguir, extraído do jornal paraguaio *ABC Color*:

[...] Mucha sangre fue derramada [...] La coyuntura actual nos demuestra [...] lo difícil que es para un país como el nuestro, rodeado por dos naciones enormes y con pretensiones altamente hegemónicas, consolidar la independencia que nuestros padres proclamaron el 14 y 15 de mayo de 1811. [...] casi un año atrás fuimos testigos atónitos y víctimas inocentes a un tiempo de la más brutal intervención en los asuntos internos de la República que se haya conocido desde la Guerra de la Triple Alianza. [...] Sin concedernos siquiera el legítimo derecho a defendernos [...]a nuestra sumaria y arbitraria suspensión del Mercosur y la Unasur. [...] El ultrajante Tratado Secreto de la Triple Alianza, suscrito por los enemigos de la Nación paraguaya el 1 de mayo de 1865, sostenía en su artículo 7º: “No siendo la guerra contra el pueblo paraguayo sino contra su gobierno...” [...] ¡Hipócritas! Todo, desde luego, comandado por el codicioso imperio brasileño, hoy travestido bajo los ropajes de una supuesta república democrática, pero con la misma insaciable voracidad imperialista de hace un siglo y medio. Sí, el mismo imperio, poderoso y soberbio, que desde hace 40 años, en virtud de un oprobioso tratado suscrito entre dos tiranos sangrientos, viene robándonos descaradamente la energía hidroeléctrica que producimos en Itaipú, y nos impide disponer libremente de ella para comerciarla con quienes mejor nos la paguen. [...]. No hemos declarado formalmente nuestra independencia del imperio español [...] para permitir que sus intolerables cadenas fueran reemplazadas por las de otro amo, el angurriente y despiadado imperio del Brasil (*Jornal ABC Color*, on line, Assuncion, Paraguai, de 14/05/2013. Título: *Del imperio español al imperio brasileño*).

Campeiros, políticos e intelectuais da esquerda paraguaia relembram os episódios da Guerra da Tríplice Aliança, as invasões dos Bandeirantes e a emigração brasileira para o Paraguai, durante a Ditadura Stroessner, quando se trata de assumir posicionamentos sobre as questões entre *brasiguaios* e campeesinos. Observa-se, entretanto, que há uma enorme contradição entre os discursos que circulam na sociedade paraguaia e os *acontecimentos históricos* que motivaram a *Guerra da Tríplice Aliança*, conforme veremos a seguir. É importante ressaltar que a Guerra foi deflagrada pelo ditador paraguaio Solano López, contudo a imprensa paraguaia insiste em acusar o Brasil, responsabilizando-o pelos desdobramentos negativos do confronto armado para o povo paraguaio.

A *Guerra da Tríplice Aliança* ou *Guerra do Paraguai* ocorreu no período de dezembro de 1864 a março de 1870 envolvendo o Brasil, a Argentina e o Uruguai que se aliaram para lutar contra o Paraguai. Foi o maior conflito armado ocorrido na América Latina. Iniciou-se a partir da ambição do ditador Francisco Solano López de aumentar o território de domínio paraguaio e encontrar uma saída para o Oceano Atlântico, através dos Rios da Bacia do Prata.

Antes da *Guerra da Tríplice Aliança* o Paraguai era um país bastante desenvolvido em relação às outras nações do continente sul-americano. As políticas adotadas pelos governos de José Gaspar Rodríguez de Francia (1813-1840) e de Carlos Antonio López (1841-1862) de controle ao comércio exterior e proteção ao pequeno mercado interno fomentavam o crescimento econômico do país, graças ao fortalecimento da produção agrícola e ao controle da entrada de produtos estrangeiros mediante a aplicação de altos impostos. Essas medidas mantinham a balança comercial favorável, tornando o Paraguai um país desenvolvido economicamente e independente das nações europeias. Na opinião de Doratioto:

O Paraguai que Solano López recebeu para chefiar era uma nação unificada, sem dívidas e, graças à presença de técnicos estrangeiros, com avanços tecnológicos em relação a outras nações do continente. Essa modernização, todavia, era de caráter militar ou defensiva, enquanto o camponês paraguaio utilizava ainda técnicas de cultivo de dois séculos de idade (DORATIOTO, 2002, p. 44).

O desenvolvimento econômico pedia contatos com o comércio internacional, todavia a localização geográfica do país, distante do litoral, problematizava o acesso, que era feito descendo-se o rio Paraguai e, posteriormente, o rio Paraná, até chegar ao rio da Prata e, depois, ao Oceano.

Embora Solano López tenha recebido do pai moribundo - administrador consciente das limitações do seu país e que havia lutado para alcançar uma posição para o Paraguai na política externa internacional - o conselho de que o Paraguai “[...] tem muitas questões pendentes, mas não busque resolvê-las pela espada, mas sim pela caneta, principalmente com o Brasil” (*Idem*, p. 41), optou por um governo autoritário e por se colocar em rota de colisão com o Império de D. Pedro II. Pretendendo ampliar o território paraguaio e obter acesso ao Atlântico, Solano López iniciou um projeto bélico, incentivando a indústria de armamentos em seu país, treinando uma grande quantidade de soldados e construindo fortalezas na entrada do rio Paraguai. Aliou-se ao Uruguai, aproximando-se do partido dos *blancos*, que estava no poder na época e era adversário dos *colorados*, aliados do Brasil e da Argentina. Seu plano era anexar uma faixa do território brasileiro ao paraguaio, ligando o país ao litoral.

Na época que antecedeu a *Guerra da Tríplice Aliança*, o Brasil não contava com estradas que ligassem a província de Mato Grosso ao Rio de Janeiro. Para chegar a Cuiabá, por exemplo, os navios brasileiros precisavam subir o rio Paraguai, passando pelo território paraguaio. Contudo, muitas vezes o governo paraguaio dificultava o acesso brasileiro àquelas águas, embora o Brasil tivesse sido o primeiro país a reconhecer a Independência paraguaia, em 1811, e contribuído para a melhoria das fortificações e do próprio exército paraguaio, no período em que o governo argentino de Juan Manuel Rosas (1829-1852) era o inimigo comum do Paraguai e do Brasil. Solano López passou a criar inúmeros obstáculos para a passagem das embarcações brasileiras pelas águas paraguaias.

Em 12 de novembro de 1864 o navio brasileiro *Marquês de Olinda*, que atravessava o território paraguaio, foi capturado e no dia 13 de dezembro do mesmo ano o Paraguai declarou guerra ao Brasil. Três meses mais tarde, Solano López declarou Guerra à Argentina. Invadiu, então, a província de Mato Grosso e, encontrando-a praticamente sem defesas militares, fez uma campanha rápida e bem sucedida.

Com o sucesso da primeira ofensiva, López dispôs-se a continuar a ocupação do território brasileiro. De acordo com Doratioto (*Idem*, p. 69) “O passo seguinte seria o de invadir o Rio Grande do Sul, em São Borja, com as tropas que estavam concentradas em Encarnación, às margens do rio Paraná”. Sua segunda ofensiva foi, desse modo, em direção ao Rio Grande do Sul, mas para tomá-lo tinha que passar pela Argentina, governada por Bartolomé Mitre Martinez. López invadiu, então, *Corrientes*, ocupando a província Argentina.

Em 1º de maio de 1865 Brasil, Argentina e Uruguai se uniram contra o Paraguai através do acordo conhecido como *Tratado da Tríplice Aliança*. O comando dos aliados caberia à Mitre, presidente da Argentina, e assim foi durante boa parte da Guerra.

As forças militares dos três países eram muito inferiores à capacidade bélica do Paraguai. A Argentina disponibilizou 8 mil soldados, o Uruguai menos de 3000 e o Brasil, que tinha aproximadamente 18 mil homens, só podia contar com 8000 que, naquele momento, integravam as tropas do Sul do país. O exército paraguaio, no início da Guerra, contava com mais de 60 mil homens bem treinados, uma esquadra de 23 vapores, cinco navios apropriados à navegação fluvial e cerca de 400 canhões. A vantagem brasileira, entretanto, consistia em sua marinha de guerra, sob o comando do Marquês de Tamandaré, que tinha cerca de 4000 tripulantes, 42 navios com 239 canhões, já aportados na bacia do *Prata* em decorrência das contendas com Aguirre.

Apesar dessa força marítima, o Brasil estava despreparado para a Guerra. O exército brasileiro não era estruturado, as tropas usadas no confronto uruguaio eram constituídas basicamente por contingentes armados pelos líderes políticos gaúchos e por alguns militares da *Guarda Nacional*. Desse modo, a infantaria brasileira que lutou na *Guerra da Tríplice Aliança* não era constituída por soldados profissionais, mas por *Voluntários da Pátria*, que se apresentavam para lutar, e escravos enviados pelos fazendeiros. A cavalaria era formada pela *Guarda Nacional do Rio Grande do Sul*.

Os conflitos se arrastaram ao longo de cinco anos e, já no terceiro ano, o Brasil encontrava-se em grandes dificuldades com a organização de suas tropas, pois além da superioridade numérica do inimigo, havia ainda as epidemias, a falta de alimentos e de comunicação que derrotava os aliados. Diante dessa situação caótica, em 10 de outubro de 1866 o marechal Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi chamado para liderar o exército que estava praticamente inerte, pois os contingentes aliados vinham sendo sistematicamente dizimados pelas epidemias. Mitre também já havia se retirado para seu país, chamado por questões políticas internas.

Caxias assumiu o comando geral e reestruturou o exército, organizando um sistema de abastecimento e um corpo de saúde para assistir aos inúmeros feridos e acometidos pela cólera-morbo. A tática de Caxias era marchar pela esquerda das fortificações paraguaias, cortando as ligações entre *Assunção* e *Humaitá*, mas com a volta de Mitre ao comando, em 1867, este insistia em atacar pelo flanco direito, estratégia que já havia se mostrado desastrosa em *Curupaiti*.

Seguindo as ordens de Mitre a armada brasileira forçou a passagem por *Curupaiti*, mas não conseguiu tomar *Humaitá*. A partir daí irromperam várias divergências entre os dois líderes e Mitre foi afastado em 1868. Caxias assumiu o comando supremo tomando Humaitá em 25 de julho daquele ano. A partir daí foram deflagradas uma série de batalhas vitoriosas, conhecidas como *Dezembrada*. Em 24 de dezembro de 1868 os três novos comandantes da *Tríplice Aliança* – Caxias, o argentino Gelly y Obes e o uruguaio Enrique Castro – enviaram um ultimato a Solano López que fugiu para *Cerro León*. Assunção foi ocupada em 1º de janeiro de 1869 por tropas comandadas pelo coronel Hermes Ernesto da Fonseca. No dia 5 de janeiro Caxias entrou na cidade e 13 dias depois deixou o comando por ordem do Imperador Dom Pedro II, que nomeou seu genro, o conde d'Eu, para comandar o final das operações militares. D. Pedro II aspirava, além da derrota total do Paraguai, o fortalecimento do Império brasileiro.

Durante o período da Guerra, o Brasil enviou cerca de 180 mil homens, dos quais mais de 30 mil foram mortos. O Paraguai perdeu mais de 300 mil pessoas, entre civis e militares, mortos em decorrência dos combates, das epidemias e da fome. Além das perdas humanas (cerca de 70% a população paraguaia pereceu durante o conflito, a maioria homens), após a Guerra o Paraguai não conseguiu mais se reestruturar economicamente.

Sem querermos nos aprofundar no debate historiográfico sobre a *Guerra da Tríplice Aliança* interessa-nos, entretanto, observar que após mais de cento e quarenta anos do término do confronto, seus desdobramentos, tanto em relação à perda de vidas quanto às questões políticas e econômicas, ainda ressoam na memória social do povo paraguaio.

Nos dois países (Paraguai e Brasil) a importância que se atribui à Guerra é paradoxal. No Paraguai os governos nacionalistas, principalmente durante o século XX, instituíram um calendário oficial de comemorações das principais batalhas, incluindo-se várias datas em que são lembrados inúmeros acontecimentos, como a morte de crianças que pereceram durante o confronto, que ajudam a manter acesos os ressentimentos provenientes do conflito. Os cidadãos mais idosos, principalmente, lembram com maior intensidade os sofrimentos decorrentes do conflito, perpetuando a experiência dolorosa vivida no passado. Essas lembranças, que servem para mobilizar sentimentos nacionalistas, são transmitidas de geração a geração, fazendo com que a Guerra esteja mais presente no cotidiano do povo paraguaio que nas lembranças dos brasileiros. O povo paraguaio, hoje, acusa o Brasil de ter invadido seu país, entretanto esquece que a Guerra começou com a invasão de Solano López.

O terceiro acontecimento constantemente mobilizado pela memória social do povo paraguaio é a emigração dos brasileiros para o Paraguai, durante a ditadura Stroessner.

Alfredo Stroessner assumiu o governo paraguaio após o golpe de estado, em 1954, que derrubou o governo civil de Frederico Chaves (MORAES, 2007, p. 62). Posteriormente reestruturou o partido Colorado, consolidando-se como Ditador do país. Iniciou, então, uma política de aproximação com o Brasil que buscou diminuir a dependência política e econômica do Paraguai em relação à Argentina, abrindo “um novo pulmão econômico” (MENEZES, 1987, p. 50) por meio da ampliação do mercado externo paraguaio e da garantia de acesso aos portos brasileiros para a escoação dos produtos guaranis para outros países. A política de aproximação entre os dois países gerou benefícios como a abertura de estradas em território paraguaio, o acesso ao porto de Paranaguá e a inauguração da Ponte da Amizade em 1965.

Apesar dos avanços o país ainda sofria enormes carências em termos de infraestrutura, o que levou Stroessner a traçar um plano de crescimento econômico baseado num processo de reforma agrária (WAGNER, 1990, p.14), buscando modernizar e expandir as fronteiras agrícolas do país e inserir o Paraguai no mercado agropecuário, promovendo a exportação. A intenção do ditador era povoar as terras de baixa densidade demográfica localizadas na porção oriental do país. Através do *Programa Alianza para el Progreso*, e com a ajuda dos EUA, a estrutura fundiária do país foi aprimorada com a criação do *Instituto de Bienestar Rural* (IBR) e do novo *Estatuto Agrário* (FIGUEREDO e MIGUEL, 2006, p. 5). Em 1967, foi revogada a lei que impedia a venda de terras a estrangeiros criando, dessa forma, condições para que os processos emigratórios se iniciassem.

Na concepção da elite paraguaia, a economia só cresceria com o incentivo à emigração dos camponeses sulistas brasileiros, conhecedores de apuradas técnicas agrícolas. Para atraí-los o governo paraguaio disponibilizou o financiamento das produções agrícolas pelo Banco Nacional de Fomento (BNF) e realizou a concessão de baixos impostos (CHIAVENATO, 1980, p. 77) viabilizando a produção a custo menor e atraindo, desse modo, muitos agricultores brasileiros para o país. Essa política de ocupação, semelhante à estabelecida pelo presidente Getúlio Vargas, no Brasil, durante o Estado Novo, ficou conhecida como *Marcha hacia el Este*.

No Brasil os movimentos emigratórios ocorreram em razão de várias situações sociais e políticas que aconteciam no país. Dentre eles podemos citar o processo de



modernização da agricultura brasileira, a construção da *Ponte da Amizade*, em 1965, e da *hidrelétrica de Itaipu Binacional*, de 1975 a 1982.

A construção da *Hidrelétrica Binacional de Itaipu* foi iniciada em 1975, decorrente de um acordo assinado entre o Brasil e o Paraguai, no ano de 1973, que pressupunha o aproveitamento dos recursos hídricos do Rio Paraná, de modo a aumentar a produção de energia elétrica que beneficiaria os dois países.

A construção de Itaipu inundou 1.460 km<sup>2</sup> de áreas localizadas em território brasileiro e 625 km<sup>2</sup> do lado paraguaio, desapropriando cerca de 42.000 brasileiros. Destes, 38.000 eram residentes em propriedades agrícolas situadas nas áreas próximas à usina (ZAAR, 2001, p. 1). Durante os processos de desapropriação as famílias receberam apoio de vários segmentos da sociedade, dentre eles da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que visavam à garantia de indenizações mais justas de modo a assegurar, através de acordos com o Governo, a aquisição de novas propriedades aos desalojados, dentro do próprio território brasileiro. Com a criação do programa *Bolsa Agrária* muitos agricultores conseguiram adquirir áreas próximas às regiões em que residiam. Outros, entretanto, migraram em direção às regiões Centro Oeste e Norte do país. Alguns abandonaram o campo e se estabeleceram nas cidades próximas e uma porcentagem atravessou a fronteira, em direção ao Paraguai, onde já viviam muitos brasileiros, em sua maioria grandes proprietários de terras.

Com as medidas tomadas pelo governo, o Paraguai experimentou um período de desenvolvimento econômico que angariou o apoio popular à Ditadura Stroessner mantida graças ao respaldo das forças armadas, do Partido Colorado e ao consentimento à entrada no país de capital estrangeiro e de emigrantes.

Muitos emigrantes brasileiros, principalmente aqueles que conseguiram melhorar suas condições de vida durante o governo Stroessner, se uniram a essa corrente de apoio. Para muitos imigrantes, assim como para alguns setores da sociedade paraguaia, Stroessner é, ainda hoje, sinônimo de uma época de prosperidade, segurança e bem-estar social, enquanto que para facções mais críticas da nação a presença de imigrantes no país é o legado de um tempo em que o Ditador hipotecou a soberania nacional ao Brasil.

## **2.6 Os *brasiguaios* e a luta pela terra em território paraguaio**

Durante a ditadura Stroessner os brasileiros eram bem-vindos ao Paraguai. O programa de colonização do governo paraguaio denominado *Marcha hacia el Este*, semelhante ao desenvolvido pela ditadura brasileira, abriu as fronteiras do país para a

emigração. Grandes áreas de terras foram adquiridas por grupos de latifundiários e empresas estrangeiras, com o apoio do IBR (*Instituto de Bienestar Rural*) que especulava com a venda das terras, expulsando os posseiros que haviam comprado as propriedades no próprio IBR, na década de 1960, por meio da invalidação dos contratos desses camponeses (FERRARI, 2007, p. 119).

Após o fim da ditadura Stroessner, o Movimento Campesino no Paraguai se fortaleceu, dando origem a vários movimentos de luta pela terra, tais como a *Liga Agrária Cristiana*, *Hermanos Franciscanos* e a *Comunidade Cristiana de Bases*. Esses movimentos eram contra a venda de terras aos brasileiros.

Com a modernização da agricultura paraguaia, em 1980, e a expansão do agronegócio, em 1990, os imigrantes brasileiros pobres começaram a ser expulsos do Paraguai, pela expansão da monocultura da soja (*Idem*, p.125). Nessa época, grandes empresários brasileiros iniciaram uma política de concentração de terras e expansão de seus negócios, comprando propriedades de pequenos produtores descapitalizados e de camponeses paraguaios que não conseguiam competir no mercado produtor. Interessados em investir no plantio da soja em áreas antes arrendadas, deixaram de renovar os antigos contratos de arrendamento causando o empobrecimento de muitos pequenos produtores que, arruinados, resolviam voltar ao Brasil.

A partir de 1985 esses imigrantes começaram um processo de retorno ao país, com o apoio da Comissão Pastoral da Terra. Nesse ano, cerca de mil famílias expulsas ergueram um acampamento em Mundo Novo, em Mato Grosso do Sul, passando a se identificar como *brasiguaios*, modo como seriam reconhecidos, daí em diante, na luta pela terra.

Sprandel (2006 *apud* SPRANDEL, 1992) observa que a opção desses brasileiros pelo Paraguai se configurou mais como possibilidade ao acesso às terras propícias à agricultura, do que como uma escolha propriamente dita. Eram terras que estavam muito próximas ao Brasil, facilitando o contato com as cidades brasileiras. Assim, a denominação *brasiguaios* foi criada como uma forma de identificação forjada por esse trabalhador rural, pobre, volante, camponês de produção familiar de subsistência, que é explorado e alijado do processo produtivo em países como o Paraguai. Nesse sentido, convém diferenciar o *brasiguai* de *outros brasileiros no Paraguai*.

Enquadram-se na denominação *brasileiros no Paraguai* os grandes latifundiários da monocultura da soja transgênica, produtores ricos que se integram às empresas de

agronegócio sediadas no país vizinho protegidos pelo governo paraguaio e que não gostam de serem identificados como *brasiguaios* (FERRARI, Idem, p. 120). São os proprietários de *silos* - locais em que se materializam os agronegócios no Paraguai, e que pertencem às empresas transnacionais ou a grandes fazendeiros, subsidiando desde a compra de sementes e insumos, até a concessão de empréstimos rurais. É interessante observar que enquanto *silos*, no Brasil, referem-se apenas aos grandes celeiros para armazenamento de grãos, no Paraguai, é o local onde são feitas as negociações em torno da produção e da comercialização da soja. Esse segundo sentido pode ser observado na sequência que se segue, recortada da Revista *Época*:

Para cobrir as terras de soja na última safra, foi a uma companhia de silos e pediu emprestados sementes, fertilizantes, defensivos e o serviço de um trator para fazer o plantio. Na colheita, em maio, foi à empresa entregar a produção. O saldo era uma dívida de 6 milhões de guaranis (ou R\$ 3.614,50), engordada mensalmente por juros de 1,5% sobre o valor equivalente em dólares. "Morro de velho e não consigo pagar a terra", conclui Daniel. (Recortada da Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

Observa-se, portanto, a presença de diferentes classes sociais de brasileiros emigrados num país cuja área é duas vezes menor que o Estado de Mato Grosso. É curioso constatar que a partir da incitação dos conflitos fundiários e em decorrência da defesa de interesses comuns em torno da posse da terra, imigrantes Sem Terra e pequenos produtores rurais que encontram-se na iminência de terem suas terras invadidas vêm assumindo politicamente a identificação comum de *brasiguaios*, denominação que tem lhes conferido maior poder de negociação junto aos governos do Paraguai e do Brasil e que figura no cenário político internacional.

Por ora antecipamos que de um lado há os grandes proprietários de terras, produtores de soja e pecuaristas e, de outro, os imigrantes despossuídos e pequenos produtores rurais que muitas vezes não possuem sequer a titulação das terras em que estão. À luz da análise do discurso podemos adiantar que esses sujeitos se inscrevem em *formações discursivas* antagônicas<sup>5</sup>: uma com a qual se identificam os imigrantes que concebem a terra no sentido de garantia de subsistência/sobrevivência em território paraguaio (FD1), e outra com a qual se identificam os grandes produtores rurais para os quais a terra tem o sentido de acumulação de capital (FD2).

---

<sup>5</sup>As formações discursivas antagônicas (FD1) e (FD2) serão analisadas na seção 4.3 do capítulo IV.

A imprensa nacional e internacional, nos últimos anos, também têm acolhido sob identificação de *brasiguaios* todos os imigrantes brasileiros e seus descendentes, independente da classe social a que pertencem, da situação econômica ou da permanência dos grupos no Paraguai. Essas questões serão analisadas na seção 4.3 do capítulo IV.

A estrutura agrária do Paraguai é caracterizada pela extrema concentração de terras na mão dos grandes produtores rurais brasileiros e paraguaios, uma vez que a agricultura familiar detém apenas 6,2% da área disponível (SILVA e MELO, *Idem*). Essa concentração aumenta na medida em que o agronegócio avança, expropriando pequenos trabalhadores rurais, populações indígenas e acirrando a luta pela terra.

Para a coação dessas populações os grandes fazendeiros brasileiros aliciam os camponeses paraguaios, estimulando-os a invadir as propriedades dos camponeses *brasiguaios*. Ferrari (2007, p. 121) sustenta que os camponeses paraguaios que participam dessas ações são externos aos movimentos oficiais de luta pela terra no Paraguai, como a Federação Nacional Camponesa (FNC), agindo como mercenários a serviço dos grandes proprietários rurais brasileiros.

Os *brasiguaios* que hoje retornam, expulsos pelo desenvolvimento do agronegócio nos campos paraguaios e pela concentração fundiária no país, são aqueles que há mais de trinta anos foram expropriados das terras brasileiras pela mecanização da agricultura, pela política de concentração de terras e em virtude da construção de Itaipu. E, nessa volta, acabam erguendo um cinturão de miséria em torno das cidades brasileiras ou integrando-se aos acampamentos do MST, engrossando a luta pela terra em território nacional.

## **2.7 A luta pela terra em Mato Grosso do Sul**

*A Marcha para o Oeste* foi uma das estratégias implantadas pelo governo Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, para o povoamento da região Oeste do Brasil. Na época, além da *Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND* – localizada no sul do então Estado de Mato Grosso, foram criadas outras quatro colônias agrícolas no país. A implantação das colônias tinha como objetivo o povoamento das áreas do país consideradas desertas, a nacionalização das fronteiras e o desenvolvimento do capitalismo no campo (SCHEWENGBER, 2008, p. 53 *apud* OLIVEIRA). Por outro lado, também era uma estratégia para solucionar as tensões rurais, amenizadas com a distribuição de lotes de 30 a 50 hectares aos trabalhadores brasileiros Sem Terra, principalmente provenientes da região nordestina.

Para a implantação dessa política em Mato Grosso, Vargas terminou com o monopólio de meio século de arrendamento de terras da *Companhia Erva Mate Laranjeira*, instalando na área, onde estava concentrada a sua sede e grande parte dos ervais, o território de Ponta Porã submetido à fiscalização federal. Implantou o sistema de pequenas propriedades, para a diversificação da agricultura, criando a *Colônia Agrícola de Dourados – CAND* – com a pretensão de diminuir o poder dos grandes latifundiários da região, atraindo para o local milhares de trabalhadores entre nordestinos, mineiros, paulistas e mesmo imigrantes japoneses.

É interessante notar que essa política longe de ser mal recebida pelos grandes proprietários de terra, foi assimilada com complacência, pois as grandes propriedades foram protegidas de invasões pelos Sem Terra e os latifundiários tinham agora à disposição farta mão de obra barata. Isso aconteceu em decorrência da apropriação de extensas áreas de terra por grupos capitalistas, que acabaram com a possibilidade das populações trabalhadoras conseguirem áreas para plantar (SCHEWENGBER, 2008, p. 54 *apud* LENHARO, 1986, p. 48). Ou seja, os Sem Terra chegavam a Mato Grosso e continuavam Sem Terra para plantar, podendo apenas vender sua mão de obra barata para os grandes latifundiários.

Martins observa com pessimismo essa questão, ao dizer que a Ditadura quando converteu por meio de incentivos fiscais o grande capital nacional em proprietários de terras, bloqueou, talvez para sempre, a possibilidade de uma reforma agrária no país (MARTINS, 1999, p. 106). Isso se comprovou já na Constituição Estadual de 1946, convenientemente alterada para que os interessados pudessem comprar até 10 mil ha de terras (antes eram disponibilizados apenas 500 ha), oportunizando que políticos, grupos econômicos de São Paulo e Rio Grande do Sul e mesmo a antiga *Companhia Mate Laranjeira* pudessem acumular extensas áreas rurais. As propriedades eram repassadas às companhias pelo preço de sete a dez cruzeiros e eram revendidas por cem a trezentos cruzeiros o hectare.

O interior do Estado de Mato Grosso assistiu, nesse período, um grande fluxo migratório. A atividade agrícola se capitalizou precipitando o preço da terra graças às compras especulativas, concentrando a ocupação na área em volta da CAND, próxima à região de fronteira. A população de Mato Grosso cresceu, passando de 516.514 pessoas, em 1950, para 1.623.618, em 1970 (SCHEWENGBER, 2008, p. 55 *apud* FOWERAKER, 1981, p. 73).

Ao final do regime Militar, em 1985, as propriedades rurais, em Mato Grosso do Sul (dividido em 1977) com mais de mil ha representavam 11% dos imóveis, mas ocupavam 80%

da área. Os imóveis com menos de 100 ha representavam 61,6%, todavia ocupavam somente 2,3% da área do Estado.

A partir dos anos 80 o conflito pela posse de terras cresceu no Estado, ao mesmo tempo em que aumentava o número de favelas nas periferias das cidades. O número de acampamentos de Sem Terra proliferou às margens das rodovias, na mesma medida em que cresciam os conflitos pela posse de terras.

Os trabalhadores rurais de Mato Grosso do Sul se organizaram com o auxílio da *Comissão Pastoral da Terra* (CPT) em movimentos de resistência aos ruralistas e seus representantes políticos e, em 1982, foi criada a *Comissão Estadual dos Trabalhadores Sem Terra*, articulada ao movimento nacional, com o objetivo de fortalecer a luta no campo.

No ano de 1984 muitos movimentos sociais iniciaram campanhas pelo fim da Ditadura militar, cujo término foi marcado pela eleição presidencial de Tancredo Neves que faleceu antes de assumir a presidência. Ao mesmo tempo em que o país se mobilizava em campanhas pelas *Diretas Já*, os trabalhadores rurais também se organizavam para reivindicar direitos sociais e uma política de reforma agrária. Com a Constituição de 1988 o processo de abertura política e redemocratização do país se consolidou.

No primeiro semestre de 1985 o MST-MS começou a se mobilizar em reuniões conjuntas com os coordenadores dos *brasiguaios* para organizar o retorno das famílias do Paraguai. Em junho do mesmo ano mil famílias *brasiguaias* acamparam em Mundo Novo. O Movimento iniciou então negociações com o Incra e o Governo do Estado para o assentamento imediato das famílias. Em outubro de 1985 o Incra desapropriou a Fazenda Santa Idalina e implantou o assentamento Novo Horizonte que transformou-se em município em 1992.

O Estado de MS criou, ainda em 1985, uma polícia especial, o DOF<sup>6</sup> – Departamento de Operações de Fronteiras – usando a justificativa de que o grupo atuaria na repressão ao tráfico de drogas e de mercadorias na área. Todavia as ações do DOF eram

---

<sup>6</sup> O DOF (Departamento de Operações de fronteira) foi criado em 28 de maio de 1985 com a denominação de GOF (Grupo de Operações de Fronteira). A missão inicial do GOF era realizar o policiamento ostensivo itinerante na fronteira do Brasil com o Paraguai. A partir do decreto estadual nº 8.431, de janeiro de 1996, a denominação foi modificada e o DOF começou a atuar também na fronteira de Mato Grosso do Sul com a Bolívia.

direcionadas para a vigilância da fronteira com o objetivo de impedir o retorno das famílias do Paraguai.

Semelhante ao que vinha ocorrendo em outros estados brasileiros, o governo e os latifundiários locais se organizaram numa reação violenta às ocupações das propriedades e ao retorno das famílias *brasiguaias* do Paraguai.

Em 1986 foi criada a UDR (União Democrática Ruralista) entidade instituída para se opor às discussões e propostas em torno da reforma agrária e contra o fortalecimento das organizações do campo. A atuação da UDR foi decisiva no sentido de impedir ações do governo federal favoráveis à reforma agrária, elegendo representantes para a Constituinte de 1987. Em MS a entidade atuava em conjunto com o governo na repressão violenta às ocupações.

Ao final de 1990 mil e trezentas famílias organizadas pelo MST permaneciam acampadas pressionando o governo do Estado para a criação de novos assentamentos que foram sendo implantados, aos poucos, após cinco longos anos de lutas empreendidas pelos trabalhadores Sem Terra da região.

## **2.8 O encontro entre o MST e os *brasiguaios***

Após o ano de 1985 a designação *brasiguaios* passou a ser conhecida no cenário político e midiático brasileiro. Nesse ano o primeiro grupo de *brasiguaios* entrou no Brasil, fugindo da violência e das arbitrariedades impostas pela burocracia político-jurídica das autoridades paraguaias, em decorrência de um organizado processo de expropriação que acontecia naquele país.

No retorno ao Brasil reafirmavam constantemente a sua identificação como brasileiros, hasteando diariamente a bandeira e cantando o hino nacional, na tentativa de mobilizar favoravelmente a opinião pública para sua causa (SPRANDEL, [sd], p. 1).

Na ocasião o grupo foi assentado em Ivinhema (MS), após a desapropriação de 18 mil hectares de terras, naquele município. A eficácia dessa primeira mobilização incentivou novos *brasiguaios* a se engajarem na luta pela terra em território nacional. Além disso, chamou a atenção da opinião pública sobre os trabalhadores brasileiros residentes no Paraguai, em situação de conflito naquele país, gerando um incidente diplomático entre os governos do Brasil e Paraguai e várias reuniões com a finalidade de discutir o problema.

Enquanto os governos dos dois países se sentavam à mesa de negociação tentando achar uma saída diplomática para a questão, no estado de Mato Grosso do Sul o retorno dos *brasiguaios* recebia reação adversa por parte dos grandes proprietários de terras da região.

O estado de Mato Grosso do Sul possui um dos índices mais elevados de concentração de terras nas mãos de latifundiários do país. O Estado é reduto da União Democrática Ruralista (UDR), entidade que se organizou no ano de 1985 numa contra-ofensiva ao movimento de Reforma Agrária e possui forte influência na eleição dos políticos locais (SPRANDEL, [sd], p. 1). A política do Estado, desde as primeiras mobilizações dos *brasiguaios*, até a presente data, tem sido a de não negociação com os acampados. A crescente dificuldade imposta ao retorno das famílias ao Brasil fez com que os *brasiguaios* se mobilizassem junto aos integrantes do MST de Mato Grosso do Sul e do Paraná. Segundo Priori e Klauck (2010, p. 101) o MST incentivou o retorno dos *brasiguaios* desde o final da década de 1990. Em 1999 havia um acampamento localizado às margens da BR 277, no município de Ibema, no Paraná, que foi o ponto de encontro dos *brasiguaios*. Dali seguiam para os acampamentos do MST situados nas diversas regiões do Paraná.

De modo geral, o MST também se beneficiou com essa união, buscando fortalecer seu próprio Movimento que já dava mostras de enfraquecimento no limiar dos anos 90. A partir dessa data o MST, assim como dirigentes da CUT, promoveu sucessivas visitas às regiões de conflitos, empreendendo esforços no sentido de organizar os *brasiguaios* e de buscar novos conhecimentos sobre essa população, que auxiliassem na projeção de ações em torno do grupo (SPRANDEL, [sd], p. 1). Apesar de incluir entre os trabalhadores camponeses os pequenos proprietários de terras, no Paraguai, o MST não tem conseguido atender a multiplicidade de situações sociais vividas pelos brasileiros no país vizinho. Isso ocorre porque entre os grupos que se identificam como *brasiguaios*, há diferentes classes sociais que apresentam distintas situações econômicas e políticas, assim como estratégias e objetivos variados. Há aqueles que, pelo acirramento das disputas em torno da terra, desejam voltar ao Brasil e outros que querem permanecer no Paraguai. Grupos que manifestam um discurso mais progressista e outros com tendência mais conservadora. O que os aproxima, entretanto, são as disputas em torno da posse da terra no Paraguai.

Na busca de autonomia e independência em relação às organizações brasileiras e paraguaias, algumas lideranças dos *brasiguaios*, acampados em Amambai (MS), e que reclamam estarem sendo tratados como cidadãos de 2ª categoria, também no Brasil, já falam em recorrer à Organização das Nações Unidas (ONU), não mais como brasileiros, mas como



*brasiguaios*, grupo étnico semelhante aos palestinos, sem terra e sem pátria - *apátridas*, na acepção de Arendt (2004, p. 301). Isso acarretaria mais um problema aos governos brasileiro e paraguaio, decorrente do não reconhecimento dos direitos de cidadania do grupo em questão (SPRANDEL, [sd], p. 2).

No capítulo seguinte reportar-me-ei ao campo teórico da Análise do Discurso (AD) realçando algumas noções que comporão nosso dispositivo de análise.

## CAPÍTULO III

### O CAMPO TEÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO (AD)

*Se na história da humanidade, a revolta é contemporânea à extorsão do sobretrabalho é porque a luta de classes é o motor dessa história. E se, em outro plano, a revolta é contemporânea à linguagem é porque sua própria possibilidade se sustenta na existência de uma divisão do sujeito, inscrita no simbólico (PÊCHEUX, 2009b, p. 279)*

Tendo como objetivo geral analisar regularidades discursivas que ajudem a evidenciar como o *acontecimento*, a *memória social e discursiva* e os *efeitos de sentido* em torno da denominação/designação são articulados pelos *sujeitos* nos discursos *dos/sobre* os *brasiguaios* em ambos os lados da fronteira Brasil-Paraguai, neste capítulo mobilizo algumas questões teóricas relacionadas ao campo da Análise do Discurso (AD) vinculadas diretamente a este estudo.

O percurso desenvolvido neste capítulo, preliminar à análise do *corpus*, inicia-se com considerações sobre o *sujeito* e seus desdobramentos teóricos, desenvolvidas por Pêcheux ao longo de um projeto que se transformou com as mudanças históricas. Discuto também questões relacionadas à *heterogeneidade discursiva*, *memória social e identidade*. Na sequência apresento uma síntese da *história da arquivística*, finalizando com as concepções de *arquivo* para a Análise do Discurso.

#### 3.1 O *sujeito* no quadro teórico da AD

O conceito de *sujeito* foi desenvolvido ao longo da trajetória teórica de Michel Pêcheux. Essa trajetória iniciada em 1969, com a publicação da sua obra inaugural intitulada *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) passou por três fases de construções e desconstruções, de acordo com a demarcação temporal sugerida pelo próprio Pêcheux no texto de 1983, *A análise de discurso: três épocas* (PÊCHEUX [1983], 2010c, p. 307-15)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Adoto, neste estudo, a seguinte simbolização na identificação das obras de Pêcheux e outros autores clássicos da AD: a data entre [ ] refere-se àquela da publicação da obra original; a registrada entre ( ) refere-se à edição utilizada neste estudo.

### 3.1.1 O sujeito na primeira fase da AD: *Análise Automática do Discurso* (AAD – 69)

A França, no ano de 1968, vivia um cenário de disputas políticas. Pelas ruas do país circulavam diversos enunciados discursivos pintados em faixas e cartazes, exibidos durante as passeatas ou pichados nos muros das universidades. Na opinião de Courtine ([1982], 2006b, p. 9) naquele período “O discurso flutuava perdido no espaço”. Frases como *É proibido proibir; Todo poder abusa. O poder absoluto abusa absolutamente; A revolução deve ser feita nos homens, antes de ser feita nas coisas; O sagrado, eis o inimigo e Abaixo o Estado*, resumiam o pensamento emergente.

A década de 60 marcará um tempo de releituras. Althusser se debruçará sobre a releitura de Marx, Lacan examinará os textos de Freud e Saussure também será reavaliado, buscando-se determinar um novo materialismo da estrutura para a ciência linguística. Para Pêcheux ([1982], 1998, p. 38) “A (re) leitura de Saussure foi um dos agentes principais do movimento”. A linguística saussuriana que aceitava o pensamento filosófico do *sujeito* como *senhor de si*, responsável por suas escolhas, começou a ser interrogada. Courtine ([1982], 2006b, p. 9) relembra que a década de 60 “Era o tempo da multiplicação das releituras, das grandes manobras discursivas; os conceitos se entrecrocavam: a luta de classe reinava na teoria”.

O cenário intelectual francês na conjuntura política dos anos sessenta será marcado, assim, pela ruptura com a ordem social vigente, tanto no terreno do *discurso* como no do comportamento. Essa ruptura será concomitante ao “[...] surgimento, na França, de uma nova corrente filosófica, epistemológica e politicamente bastante heterogênea [...] que constitui seu espaço pela referência a três nomes fundadores: Marx, Freud e... Saussure” (PÊCHEUX, [1982] 1998, p. 38). A França torna-se palco do aparecimento de uma mentalidade de esquerda que anseia por uma revolução social e que servirá de base para a construção da *teoria do discurso*.

Nesse cenário de efervescência intelectual, a França assiste, durante o ano de 1969, a irrupção de projetos teóricos grandiosos, curiosamente articulados em torno do *objeto discurso*. Nesse ano Michel Pêcheux lança *Análise Automática do Discurso*; Michel Foucault publica *A Arqueologia do Saber* e Lacan profere o *Seminário 17*, intitulado *O Avesso da Psicanálise*, em que trata da teoria dos quatro discursos. O ano de 1969 testemunha, deste modo, o surgimento da AD no campo dos estudos da linguagem constituído, segundo Courtine ([1982] 2006b, p. 11), a partir de *arquivos doutrinários*, transcritos dos discursos

escritos dos partidos da esquerda francesa contemporânea. O autor assinala ainda “[...] algumas incursões no discurso pedagógico e científico e nos trabalhos de historiadores que se inscrevem em uma duração mais longa, centrados na revolução francesa” (COURTINE, *Idem*). É interessante observar que a maioria dos linguistas que se dedicavam à AD, nessa fase, era constituída por professores e militantes dos partidos de esquerda. Nesse aspecto, a teoria tornou-se o lugar para o encontro da linguística e da política, ainda que essa confluência nem sempre tenha sido plenamente satisfatória.

Para propor esse instrumento, Pêcheux se apoia em três pontos revolucionários, na época: o *Materialismo Histórico*, decorrente da releitura de Marx por Althusser; a *Psicanálise*, revisitada por Lacan por meio do seu retorno à Freud e o *Estruturalismo* que abria espaço a um pensamento não reducionista em relação à linguagem. Dessa forma, ele engendra a proposta de uma *análise automática do discurso* como um instrumento de intervenção.

Objeto de uma tese universitária defendida por Pêcheux em 1968, *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) marcará o início oficial da trajetória intelectual do filósofo-linguista. Articulada em torno de três campos disciplinares - a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise e dos nomes de Marx, Freud e Saussure, tríade que Pêcheux designará em outros trabalhos como a “[...] Tríplice Aliança estruturalista” (PÊCHEUX, [1982], 1998, p. 39) – a obra será o marco do aparecimento da *máquina discursiva* francesa que causou, com a sua divulgação, uma reviravolta no campo das Ciências Sociais. Era a proposta de uma “máquina de ler que arrancaria a leitura da subjetividade” (MALDIDIER, [1990], 2003, p. 21). Desse modo, no momento em que toda a Europa respira sob o paradigma do *Estruturalismo* e da *Gramática Gerativa-Transformacional* chomskyana, Pêcheux inicia a construção de um *dispositivo teórico* que se debruça sobre a compreensão dos processos de significação cujo enfoque, nessa fase inicial, está voltado à organização de uma ferramenta de análise de textos. Concebida como a primeira máquina discursiva, a AAD-69 será o “[...] protótipo remodelado sem cessar, criticado, corrigido, finalmente abandonado [na França], mas sempre presente” (MALDIDIER, [1990], 2003, p. 19).

*Análise Automática do Discurso* surge numa época de inúmeras tentativas de renovação do pensamento filosófico. Nesse período, Foucault busca um novo caminho para a *história das ideias*, postulando o *sujeito da ordem do discurso*; Derrida experimenta uma renovação na filosofia, teorizando um *sujeito do jogo ou da ordem do signo*; Lacan renova a *Psicanálise* trazendo ao cenário o *sujeito do inconsciente estruturado como uma linguagem*,

*ser de linguagem ou ser falante* e Althusser enseja uma tentativa de renovação em torno do *Marxismo* e do *Materialismo Histórico* (HENRY, [1969], 2010a, p. 35). Todos, incluindo Pêcheux, buscam uma renovação tomando por base a linguagem.

Embora esses teóricos não possam ser considerados estruturalistas (principalmente Lacan, Foucault e Pêcheux), observa-se em seus trabalhos um conjunto de preceitos linguísticos alinhados a essa corrente filosófica, embora ressignificados no âmbito de cada teoria. Esses preceitos fazem referência à linguagem, ao signo e ao discurso como elementos *exteriores ao sujeito*, funcionando como uma *posição* possível. Althusser não se interessava especificamente pela linguagem, entretanto o que o aproxima de teóricos como Lacan, Foucault e Derrida é a rejeição ao *sujeito transcendental*, metafísico, fonte, essência ou causa de si, posição advinda do *idealismo* hegeliano. Essa rejeição teórica foi posteriormente rotulada como *anti-humanismo*, conforme registra Henry:

Por trás dessas posições, às quais foi colocada a etiqueta de *anti-humanismo teórico*, corre um fio comum: o desfazer-se da sujeição transcendental em qualquer de suas formas, inclusive aquelas ligadas ao humanismo *teórico*, mas também as formas dissimuladas que pode tomar, como, por exemplo, o caso de certos tipos de pseudomaterialismo da natureza humana ou do espírito humano – com o objetivo de abrir um campo de questões e de práticas tornadas impossíveis ou inconcebíveis em função desta sujeição (HENRY [1969], 2010a, p. 29-30).

Em Pêcheux, o discurso torna-se, a partir da *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) o solo para uma nova abordagem sobre o *sujeito*, contrariando o pensamento iluminista até então corrente do indivíduo unificado e estável, dotado de razão e consciência, cujo centro essencial do *eu* constituía a base para a definição identitária. O paradigma cartesiano do *sujeito* como senhor de si, por conseguinte, é definitivamente deslocado na *teoria do discurso*.

Embora Pêcheux tivesse em sua contemporaneidade um leque de grandes pensadores nos quais poderia se inspirar, é em torno das ideias de Althusser, ideólogo do *Marxismo*, que pensará o *sujeito* como um *efeito ideológico elementar*.

O artigo de Althusser condensa aparatos teóricos importantes que enfatizam as práticas sociais e que interessam a Pêcheux, na medida em que propõe a tese sobre os *aparelhos ideológicos*, considerados na perspectiva da *reprodução das condições de produção* pela classe dominante burguesa. As *ideologias* são concebidas, no artigo, como originárias do funcionamento das instituições sociais. Pelo viés ideológico e na figura da *interpeleção*, Althusser lança a categoria de *sujeito da ideologia* (MALDIDIER, [1990], 2003, p. 32-3). Althusser não reconhece outro *sujeito*, senão o da *ideologia* e, embora não se interessasse particularmente pela linguagem, inspira Pêcheux a refletir sobre as relações

existentes entre a *linguagem* e a *ideologia*, com base no *materialismo histórico* e na perspectiva da *luta de classes*.

Ao desenvolver a tese que *a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos*, Althusser acaba por abrir os caminhos que conduzirão Pêcheux ao exame da evidência do *sujeito* e do *sentido*, propondo uma abordagem materialista do discurso. As reflexões de Pêcheux, entretanto, o levarão a colocar em discussão essas evidências, re teorizando tanto a noção de *sujeito* quanto a de *sentido* em sua *teoria do discurso*. Segundo Henry ([1969], 2010a, p. 31) “[...] é tendo como referência a ideologia que Pêcheux introduz o sujeito como efeito ideológico elementar”.

Na percepção de Maldidier ([1990], 2003, p. 31) o pensamento de Pêcheux, após 1971, irá avançar, concentrando-se no princípio de que o laço que liga as significações de um texto às suas condições sócio-históricas de produção é constitutivo de seus processos de significação. Ainda segundo a autora (*Idem*) nessa fase de consolidação da teoria, Pêcheux irá meditar em uma frase irônica proferida por Lenine, líder da Revolução Russa, segundo o qual “as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Longe de tomá-la como mera banalidade, Pêcheux irá ressignificá-la na *teoria do discurso*, associando a frase de Lenine, na fase inicial da AD, a “[...] lugares determinados na estrutura de uma formação social [...] representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo” (PÊCHEUX, [1969], 2010a, p. 81).

Mais tarde, em 1975, ao escrever *Semântica e discurso* Pêcheux irá resumir suas reflexões na seguinte tese: “[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...]” (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 146-7). Nessa fase em que os conceitos da AD estão mais desenvolvidos, Pêcheux irá associar essas *posições dos sujeitos* às *formações ideológicas* e às *formações discursivas*.

É interessante observar que os conceitos de *formação ideológica* e *formação discursiva* já se acham presentes no artigo de 1971, *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*, onde aparecem associados às noções advindas do materialismo histórico, denotando a mudança de terreno proposta pelos autores. Nas palavras de Maldidier, as duas principais teses da teoria do discurso irão aparecer no artigo, escritas “[...] em algumas linhas apertadas em que cada palavra é um conceito [...]” (MALDIDIER, [1990], 2003, p. 32). O conceito de *formação ideológica* será caracterizado como “[...] um conjunto complexo de atitudes e representações [que] se relacionam mais ou menos a ‘posições de classe’ em conflito umas com as outras” (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY

[1971], 2008, não paginado *apud* PÊCHEUX, [1975], 2010b, p. 163). Essas formações ideológicas “[...] comportam [...] uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura [...]” (*Idem*, p. 164).

As teses em torno das formações *ideológica* e *discursiva* serão aprofundadas no artigo de 1975, *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*, produzido em parceria com Catherine Fuchs. Ao se cotejar cronologicamente os textos escritos por Pêcheux, constata-se a evolução contínua de conceitos que irão compor o quadro teórico da AD. Texto a texto, Pêcheux avança na articulação de uma teoria que coloca em jogo práticas discursivas produzidas pelos *sujeitos* relacionadas aos lugares sociais por eles ocupados, considerando-se posições políticas e ideológicas disputadas em circunstâncias de lutas de classe. No texto de 1969, *Análise Automática do Discurso* (AAD-69), a noção de *sujeito* aparece, assim, associada a “[...] posição dos protagonistas do discurso em uma estrutura social dada [...]” (PÊCHEUX [1969], 2010a, p. 149). Nessa fase vamos encontrá-lo no interior de uma maquinaria estrutural fechada, concebido como um lugar determinado e intrínseco a uma estrutura social. Na AAD-69 o *sujeito* acredita ser a fonte de seu discurso, quando na verdade é *assujeitado* “[...] de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos [...]” (PÊCHEUX, [1983], 2010c, p. 307). Esse conceito será modificado, posteriormente, em fases de retificações que virão, trazendo reflexões sobre o *sujeito* dividido que irrompe no lapso, no ato falho e no *witz*, conforme Pêcheux teoriza em *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: o início de uma retificação*, texto escrito em 1978:

É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interperlação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se ‘manifesta’ incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação *sentido/non-sens* do sujeito dividido (PÊCHEUX [1978], 2009b, p. 277).

Pêcheux não ignorava, entretanto, a vulnerabilidade de sua teoria. Na *Conclusão provisória: perspectivas de aplicação da análise automática do discurso*, ao analisar o Projeto da AAD-69 e estabelecer algumas direções mostra que não estava cego às dificuldades para a execução de sua proposta. Nesse aspecto, adverte que:

O projeto que acabamos de apresentar é incompleto sob vários aspectos. [...] estamos conscientes da existência de um certo número de dificuldades que ficam por superar [...]. Lembremos que um imenso trabalho fica por se efetuar antes que essas

diversas possibilidades sejam concretamente realizáveis. (PÊCHEUX, [1969], 2010a, p. 149-53).

A AAD-69 traz, ainda, outros conceitos importantes para a *teoria do discurso*. Dentre eles destacam-se os conceitos de *condições de produção*, concepção originária do pensamento marxista, que admite a existência de um *exterior* que marca o lugar do *sujeito* no discurso, a noção de *formações imaginárias* compreendidas como mecanismos discursivos que se assentam em *imagens* projetadas pelos locutores A e B durante o processo discursivo a partir das *posições sociais* de onde falam (PÊCHEUX, [1969], 2010a, p. 81-2) e a noção de *pré-construído*, termo mencionado por Culioli em sua teoria da *déixis* e, posteriormente, ressignificado por Paul Henry (MALDIDIER, 2003, p. 34). A noção de *pré-construído*, relacionando o discurso ao *já dito*, ao *já lá* aparecerá, mais tarde, na obra *Semântica e Discurso*, pensada como um elemento ou um *enunciado discursivo*<sup>8</sup> que em meio a outros constituem o *interdiscurso*.

Os conceitos formulados por Pêcheux na AAD-69 são fundamentais nas análises que empreenderemos no capítulo IV deste estudo. Enfatizamos, de modo especial, a noção de *formações imaginárias*<sup>9</sup> formulada por Pêcheux ([1969], 2010a, p. 82) e que se manifesta no processo discursivo por meio da *antecipação*, das *relações de força* e de *sentido*. Na *antecipação* o enunciador projeta uma representação imaginária do enunciatário que lhe permite prever os efeitos de seu discurso sobre o outro. As *relações de força* no discurso são determinadas pelo lugar social de onde fala o sujeito. Quanto às *relações de sentido*, estas estabelecem que os discursos se relacionam uns com os outros. Compreendidas como mecanismos de funcionamento discursivo as *formações imaginárias* não se relacionam aos lugares empíricos nos quais os sujeitos se inscrevem, mas às *imagens* que delineiam no interior das relações sociais e que os inscrevem como sujeitos discursivos a partir de suas projeções.

A noção de *formações imaginárias* será refinada por Pêcheux em 1975, em parceria

---

<sup>8</sup> Courtine ([1981], 2009, p. 100-01) define o *enunciado discursivo* como “ a forma geral, ‘indefinidamente repetível’, a partir da qual se pode descrever a constituição em uma rede de um conjunto de formulações dispersas e desniveladas no seio da FD. Em Courtine (2006a, p. 71) o autor reitera essa definição quando afirma que o enunciado pode ser pensado “ligado à noção de repetição”.

<sup>9</sup> As *formações imaginárias* serão trabalhadas na seção 4.8 deste estudo.



com Fuchs, quando o teórico traz à discussão a questão da *ideologia* e a *interpelação* ou *assujeitamento* do *sujeito* como *sujeito ideológico* (PÊCHEUX; FUCHS, [1975], 2010b, p. 162-5) e em *Semântica e Discurso* ([1975], 2009a, p. 147) quando aprofunda a tese da interpelação ideológica ligada à FD com a qual o sujeito se identifica.

Neste estudo, mobilizaremos o conceito de *formações imaginárias* para analisarmos o jogo *oblíquo* dos *efeitos de sentido* construídos em torno da denominação/designação *brasiguai/brasiguayo* em cada lado da fronteira Brasil-Paraguai, que instauram a construção da própria identidade *brasiguai/brasiguayo* ou articulam um processo de *fabricação discursiva das identidades*<sup>10</sup> (SERIOT, 2001, p. 16) deslizando de acordo com os interesses dos grupos.

Das quatro possíveis *posições* dos protagonistas do discurso, mencionadas por Pêcheux a partir das *imagens* que constroem (PÊCHEUX, [1969], 2010a, p. 81-2), mobilizaremos na seção mencionada a primeira e a segunda posições do sujeito simbolizadas por  $I_A(R)$  - compreendendo-se (R) como o referente, isto é, o discurso sobre o *brasiguai/brasiguayo* - e  $I_A(A)$  que remetem às seguintes interrogações: *Quem é ele para que eu dele fale assim?* e *Quem sou eu para lhe falar assim?*

### 3.1.2 Atualizações e perspectivas: o *sujeito* afetado pelo *esquecimento*

Em março de 1975, Pêcheux publica na revista *Langages* 37 o artigo *A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas*, em parceria com Catherine Fuchs. O texto irá articular três áreas do conhecimento – o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso – atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Pelo viés do materialismo histórico a AD irá conjugar a *língua*, em sua forma material, com a história na *produção dos sentidos*. Nesse campo também estará presente a teoria das *ideologias*, com seus princípios sobre as formações sociais e suas transformações. A linguística irá contribuir para que a AD mostre que a relação entre *linguagem*, pensamento e mundo não se dá de maneira unívoca, termo a termo. A teoria do discurso auxiliará com seus princípios de determinação histórica dos processos semânticos e a psicanálise a partir do

---

<sup>10</sup> Para Seriot (2001, p. 16-7) dar nomes é um modo de cristalizar novas oposições de grupos e de *fabricar discursivamente uma identidade* trazendo um *outro* à existência.

deslocamento que promove da noção de indivíduo para a de *sujeito*, constituído na relação entre o histórico e o simbólico. A AD irá trabalhar no *entremeio* desses campos do conhecimento, constituindo o *discurso* como um novo objeto.

No ano de 1975, no estágio em que se encontrava a teoria, Pêcheux procurava aprofundar-se na relação existente entre a Linguística e a *teoria do discurso*. Nesse aspecto, a parceria com uma linguista como Fuchs era fundamental para ajudá-lo a refletir “[...] buscando responder às exigências teóricas internas da linguística e às necessidades de uma aplicação a um campo exterior” (MALDIDIER, [1990], 2003, p. 38).

Pêcheux abre o texto apresentando o quadro epistemológico da AD, tarefa necessária para evitar equívocos em relação ao trabalho crítico empreendido pelo autor na segunda parte do texto. A *teoria materialista do discurso*, que já se vislumbra no artigo, postulará um *sujeito* não empírico, afetado pela língua e pela história em um processo complexo de produção de *sentidos*. A *língua* será a base material onde se desenvolvem os processos discursivos. Entretanto nesse artigo o funcionamento da *língua* não é percebido como uma máquina lógica, como pensada na AAD-69; nessa nova fase interferem processos semânticos.

De modo geral, a primeira parte do texto prepara o terreno para que Pêcheux promova o deslocamento de algumas noções teóricas postuladas na AAD-69. Conforme observa o próprio Pêcheux, esse deslocamento teórico irá resultar de “[...] uma conversão (filosófica) do olhar pelo qual são as *relações entre* as ‘máquinas’ discursivas estruturais que se tornam objeto da AD” (PÊCHEUX, [1983], 2010c, p. 307). O que articula essa nova concepção são as noções de *formação discursiva*, de *interdiscurso* e de *preconstruído*. De acordo com Pêcheux:

[...] a noção de *formação discursiva* tomada de empréstimo de Michel Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de ‘preconstruídos’ [...]) (PÊCHEUX, [1983], 2010c, p. 310).

Nessa fase, portanto, a relação da máquina discursiva com seu exterior se acentua, invadida pelo exterior específico ou *interdiscurso*, que aparece sob forma de elementos que vêm de outro lugar e atravessam a *formação discursiva*. Apesar de Pêcheux conservar a noção de maquinaria, o pensamento contraditório de um exterior irrompendo na *formação discursiva*

permite pensar o discurso como lugar de dispersão de outros discursos, procedentes de outras FD. Desse modo, tudo conduz à ideia que o *sentido* de um *discurso* não existe por si só, mas está vinculado a uma determinada FD e à sua relação com o *interdiscurso*. A constatação da existência de uma *alteridade* no interior de uma FD, difícil de ser determinada já que atravessa as fronteiras dessa FD transportando uma série de efeitos discursivo-ideológicos trazidos de outras FD, interroga a questão do fechamento da FD e também a própria noção de maquinaria estrutural fechada. Esse é o primeiro passo para pensar, em fase posterior, no primado do *outro sobre o mesmo* e na *heterogeneidade* enunciativa e discursiva sobrepujando-se à *homogeneidade*.

Na constituição dos *sentidos*, no artigo de Pêcheux e Fuchs, irão intervir *condições de produção* específicas que posicionarão os *sujeitos* e os objetos do *discurso* a partir de lugares determinados na estrutura social. O modo como o *sujeito* ocupa esse lugar não lhe é acessível, pois é determinado pela *ideologia*, responsável pela constituição dos *sujeitos* e dos *sentidos*. Em outras palavras, o indivíduo é interpelado em *sujeito* pela *ideologia* ao produzir o seu dizer e tem a ilusão, entretanto, de ser a fonte do *sentido* e senhor de sua enunciação. A ilusão da transparência do *sentido*, todavia é um efeito ideológico, pois mascara o caráter histórico de sua constituição.

As noções de *interdiscurso*, *alteridade* e *pré-construído* serão fundamentais às análises que apresentaremos no capítulo IV.

O *sujeito* convocado pela AD tem a ilusão de ser a origem do que diz, quando, na verdade, mobiliza sentidos preexistentes, ditos em outras *condições de produção*. Entretanto, esquece que existem outras formas de enunciar, colocando-se como fonte única de suas palavras. Essa *ilusão* ou *esquecimento* (PÊCHEUX [1975], 2010b, p. 170) é condição necessária para a produção discursiva dos *sujeitos* e dos *sentidos* (PÊCHEUX [1975], 2009a, p. 170).

A teoria dos *dois esquecimentos* designará o espaço em que se conjugam a produção dos *sujeitos interpelados* pela *ideologia* e dos *sentidos* que produzem. No *esquecimento n° 1* o *sujeito recalca* ou *esquece* que os *sentidos* se formam por meio de processos que lhe são exteriores. Desse modo, a zona de *esquecimento n° 1* é inacessível ao *sujeito*. Já o *esquecimento n° 2* é a zona em que o *sujeito* se move e em que ele constitui o seu dizer, nas fronteiras entre o *dito*, o *não-dito* e o *rejeitado*, onde se estrutura a sequência discursiva.

Desse modo, em *Atualização e perspectivas* o sujeito permanece ainda concebido como efeito de *assujeitamento* à FD com a qual se identifica. A esse respeito, Pêcheux afirma que:

A questão do “sujeito da enunciação” não pode ser posta no nível da AD-2 senão em termos da ilusão do “ego-eu” [“moi-je”] como resultado do assujeitamento (cf. a problemática althusseriana dos Aparelhos Ideológicos de Estado) frequentado pelo tema spinozista da ilusão subjetiva produzida pela “ignorância das causas que nos determinam” (*Idem*).

Pêcheux recusa, assim, o pensamento do *sujeito* uno, não dividido, alinhado a uma concepção mecânica de *língua*, elegendo o *sujeito* marcado pela *dispersão* e pela *ilusão* que o constituem e que se evidencia no deslizamento dos sentidos, nas falhas e ambiguidades presentes em sua enunciação. Na opinião do teórico, pensar o sujeito psicológico e empirista na base da linguística e da atividade de linguagem é uma ilusão e um obstáculo, pois se essa aparente estabilidade falha ocorre um abalo na estrutura do *sujeito* e na própria atividade de *linguagem* (PÊCHEUX, [1975], 2010b, p. 173-4).

No trabalho desenvolvido por Pêcheux e Fuchs em *A propósito da análise do discurso: atualizações e perspectivas* impõe-se, portanto, a noção de *sujeito* como um *efeito ideológico*, afetado pelos *dois esquecimentos* em sua relação com o *discurso*. As noções de *inconsciente* e *ideologia*, fundamentais para que se possa compreender a questão da *subjetividade*, serão apresentadas apontando para o horizonte da AD e aparecerão articuladas a partir da ideia de que afetam o *sujeito* tanto em sua constituição, quanto na produção de sentidos. Esboçadas nesse texto essas noções serão retomadas, posteriormente, em *Les vérités de la palice* onde a questão do *sujeito* será apresentada em um estado mais avançado da teoria.

Na análise do jogo *oblíquo* de denominações/designações que desenvolveremos no capítulo IV, a noção de *sujeito* como *efeito ideológico* afetado pelos *esquecimentos* e identificado à determinada *formação discursiva* também é fundamental. A identificação dos *sujeitos* com determinada *formação discursiva* definirá seus discursos tanto do lado brasileiro quanto do paraguaio, na perspectiva *do que pode e deve ser dito* em determinadas circunstâncias e a partir do lugar em que se reconhecem como *sujeitos*.

### **3.1.3 Semântica e Discurso: o sujeito da ideologia e do inconsciente**

*Les vérités de la palice*, livro lançado em 1975, na França, traduzido em 1988, no Brasil, e publicado como *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* é a grande obra de Pêcheux, o momento da ordenação e desenvolvimento dos conceitos apresentados na AAD-69, e em artigos posteriores, e da construção de uma teoria materialista do discurso.

*Semântica e discurso* é um livro que chama simultaneamente para a reflexão filosófica e linguística porque adota o ponto de vista lógico-linguístico em suas argumentações, trabalhando na fronteira entre esses dois campos do conhecimento. Ao mesmo tempo a obra traz reflexões profundas em torno da *ideologia* e do *inconsciente*, que passam a ser pensados em definitivo como constitutivos de *sujeitos* e *discursos*. A *linguagem*, entendida na obra como uma *prática* que se relaciona a outras práticas, acolhe a intervenção de elementos exteriores aos domínios puramente linguísticos, contrariando o pensamento estruturalista vigente à época, abrindo espaço ao *sujeito*, a partir da ideia de que não existe prática sem *sujeito*.

As reflexões em torno do conceito de *interdiscurso* e da figura da *interpelação ideológica*, tese althusseriana, levam Pêcheux a avançar em sua própria teoria sobre o *sujeito do discurso*, adotando a aproximação sugerida por Althusser entre a evidência do *sujeito* e a evidência do *sentido*. No centro das reflexões de Pêcheux está a relação existente entre o *inconsciente* e a *ideologia* que se impõe por meio da figura da *interpelação*. Ambas têm em comum o fato de dissimularem sua própria existência “[...] no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências subjetivas* [...] nas quais se constitui o sujeito” (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 139). O mecanismo da *interpelação ideológica* chama o *sujeito* à existência e produz o seu *assujeitamento* a uma *formação ideológica*, dissimulando essa submissão sob a ilusão de uma falsa autonomia. A referência ao *assujeitamento*, ao *Outro* (lacaniano) e ao *Sujeito* absoluto e universal já esboça uma aproximação entre o *sujeito da ideologia* e o *sujeito do inconsciente* que sempre fascinou Pêcheux, o que será discutido no anexo da edição brasileira de *Semântica e discurso*, intitulado *Só há causa daquilo que falha*.

Desse modo, é em torno da tese central da *interpelação*, concebida a partir de Althusser como o funcionamento da *ideologia* que interpela os indivíduos em *sujeitos*, que Pêcheux irá fundamentar a sua teoria materialista do discurso e do sujeito. Essa tese permitirá pensar o *sujeito* não como fonte do *sentido*, mas sendo afetado, na constituição da sua subjetividade, pelo *inconsciente* e pela *ideologia*. Indursky (2008) observa que:

[...] o sujeito que o fundador da Análise do Discurso convoca é um sujeito que não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado. Pessoalmente e socialmente. Na constituição de sua psiquê, este sujeito é dotado de inconsciente. E em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia. É a partir desse laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da Análise do Discurso se constitui. É sob o efeito desta articulação que o sujeito da AD produz seu discurso. É esta a natureza da subjetividade convocada por Pêcheux: uma *subjetividade não subjetiva* (INDURSKY, 2008, p. 10-1).

Pêcheux argumenta que “O apagamento do fato que o sujeito resulta de um processo” (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 143) o leva às fantasias metafísicas que o colocam como causa de si. No entanto, todos os indivíduos são recrutados em *sujeitos* pela *ideologia*. Desse modo, embora o *sujeito*, em suas práticas discursivas, seja interpelado pela *ideologia* ele tem a ilusão de ser a fonte e a origem do seu dizer. Mantém a ilusão de autonomia, mascarando o processo de *assujeitamento* por meio do qual se identifica com determinada *formação discursiva*. A *formação discursiva* se apresenta como o lugar da constituição dos *sujeitos* e dos *sentidos* e é definida por Pêcheux, como “[...] aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina o que pode e deve ser dito [...]” (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 147). Nesse sentido, o *sujeito* é um efeito ideológico.

As reflexões de Pêcheux em torno da *interpelação* e do *interdiscurso* apontam, todavia, para o reexame do conceito de *formação discursiva*. A noção de *interpelação* esclarece a tese de que o sentido se constitui no interior da *formação discursiva*. Já o *interdiscurso*, conjunto das *formações discursivas* com dominante e intrincado às *formações ideológicas*, fornece aos *sujeitos* sua “realidade” impondo e ao mesmo tempo dissimulando seu *assujeitamento*. Desta forma, Pêcheux conclui que a *interpelação* do indivíduo em *sujeito* se dá pela identificação deste com a *formação discursiva* que o domina. Essa identificação deixa traços no discurso do *sujeito* por meio de elementos do *interdiscurso* (como *pré-construído* e como processo de *sustentação*) que nele se reinscrevem e que determinam a identidade imaginária do *sujeito* (*Idem*, p. 150).

O funcionamento do *sujeito* do discurso está vinculado, desse modo, às suas práticas discursivas, que se inscrevem em determinada *formação discursiva* (FD) com a qual se identifica e que o constitui como *sujeito*. Essa identificação é constituída como efeito da *forma-sujeito* de uma determinada *formação discursiva*. A expressão *forma-sujeito*, introduzida por Althusser, remete ao *sujeito* em sua forma histórica, como agente de práticas sociais.

Pêcheux observa que durante o processo de reconhecimento, o *sujeito* se esquece das determinações que o colocam no lugar que ocupa. Isto caracteriza o *assujeitamento ideológico*, que faz com que o indivíduo se posicione como *sujeito* do seu discurso, ao mesmo tempo em que apaga o fato de que seu discurso é determinado pela *ideologia* ou pelo *Sujeito*

(universal). O *sujeito*, portanto, toma posições a partir do lugar em que se reconhece como *sujeito*.

A certeza de perceber como evidente o sentido do que diz acoberta no *sujeito* o fato de que o seu dizer se produz num processo de *identificação-interpelação*, a partir dos lugares que lhe são destinados nesse processo. Assim, o indivíduo é interpelado em *sujeito* pela *ideologia* e se constitui a partir do processo de *identificação* com determinada FD. Vale dizer ainda que o processo de *identificação* é sempre inacabado, de forma que o *sujeito* pode se *contra-identificar* no interior dessa FD ou se *desidentificar* dessa FD identificando-se a outra FD.

A *forma-sujeito* pode, portanto, desdobrar-se, no âmbito de uma *formação discursiva*, tomando posições que possibilitam assumir três diferentes modalidades. A primeira modalidade consiste num recobrimento entre o *sujeito* da enunciação e o *sujeito universal*. Há, nesse sentido, uma identificação plena do *sujeito* com a *forma-sujeito* da FD, originando o que Pêcheux chama de discurso do *bom sujeito*. O *sujeito* ao ser interpelado equipara-se à *forma-sujeito*, identificando-se aos saberes inscritos naquela FD. Em nosso trabalho a noção será mobilizada no capítulo IV, quando individuarmos a FD2.

A segunda modalidade é caracterizada por Pêcheux (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 215-6) como “o discurso do mau sujeito” que por meio da recusa, da negação e da separação se volta contra a *forma-sujeito*. Ocorre, nesse caso, um antagonismo no interior da *forma-sujeito* colocando em suspeição os saberes que lhes são apresentados no interior daquela FD. Neste caso, o *sujeito* se contra-identifica com a *formação discursiva*, produzindo as formas do *discurso-contra* que o fazem assumir posições contraditórias no interior da FD. Em nosso estudo a noção será mobilizada no capítulo IV quando identificarmos a *posição-sujeito 2* (PS2) inscrita na FD1.

A terceira modalidade consiste em um trabalho de transformação-deslocamento da *forma-sujeito*, que decorre de um efeito de desidentificação com a *formação discursiva* com a qual, inicialmente, se identificava e sua inscrição em outra *formação discursiva*. A *desidentificação* do *sujeito* poderá resultar em um processo que Pêcheux denomina de *acontecimento discursivo*, quando a ruptura conduzir ao surgimento de uma nova *forma-sujeito* e, em consequência, de uma nova *formação discursiva* ou, ainda, quando ocorre uma identificação com outra FD e sua *forma-sujeito*. A *ideologia*, nesse sentido, passa a funcionar às avessas, sobre e “[...] contra si mesma, através do desarranjo-rearranjo do complexo das formações ideológicas [...]” (*Idem*, p. 217-8). Em nosso trabalho essa desidentificação

encontra-se evidenciada em análises do capítulo IV, na passagem dos *brasiguayos* da FD1, com a qual anteriormente se identificavam em território paraguaio, para a *posição-sujeito brasiguaios*, inscrita na FD do MST. Também apontaremos esse processo de *desidentificação* quando sujeitos inscritos na FD5 passam a se identificar à FD6 na qual se inscrevem paraguaios desfavoráveis à presença de *brasiguayos* no Paraguai.

Refletindo acerca dos processos de *contra-identificação e desidentificação*, formulados por Pêcheux, Indursky (2008), irá observar que no processo de *desidentificação* ocorre uma ruptura com a *formação discursiva* com a qual o sujeito se identificava que conduz ao surgimento de uma nova *formação discursiva* e uma nova *forma-sujeito*, ou à migração de uma *forma-sujeito* para outra.

Já a *contra-identificação* não retira a *forma-sujeito* da posição dominante que ocupa na *formação discursiva*, mas apenas constitui uma *posição-sujeito*<sup>11</sup> diferente, sempre identificada com a mesma *forma-sujeito* dominante (INDURSKY, 2008, p. 26). O processo de *contra-identificação* irá constituir uma *posição-sujeito* diferente no interior de uma mesma *formação discursiva* e seu funcionamento se caracterizará pela fragmentação da *forma-sujeito*, pelo estranhamento e tensão com a *forma-sujeito* daquela FD (INDURSKY, 2008, p. 28). A essa “[...] fragmentação da *forma-sujeito* e o conseqüente surgimento de uma nova *posição-sujeito* [...] nos processos discursivos de uma *formação discursiva*”, Indursky irá denominar de *acontecimento enunciativo* (*Idem*, p. 29).

Os conceitos de *sujeito* duplamente afetado em sua constituição pela *ideologia* e pelo *inconsciente* e de *formação discursiva*, aprofundados em *Semântica e Discurso*, serão mobilizados ao longo de várias análises empreendidas no capítulo IV. As noções de transformação-deslocamento da *forma-sujeito* teorizadas por Pêcheux ([1975], 2009a, p. 215-8) e ampliadas por Indursky em suas reflexões sobre o *acontecimento enunciativo* (2008, p. 26-8) também serão essenciais ao trabalho de análise no capítulo IV, quando discutiremos se o *brasiguai* é um novo *sujeito histórico* ou uma *posição-sujeito* no interior da FD do MST. Essas análises serão desenvolvidas considerando-se as demandas que identificam e individualizam os *brasiguaios* dos Sem Terra brasileiros, apreendidas a partir de seqüências discursivas recortadas.

---

<sup>11</sup>*Posição-sujeito* é definida por Courtine ([1981], 2009, p. 88) como “[...] uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um *sujeito* enunciativo e o *sujeito* do saber de uma dada FD”.



### 3.1.4 O sujeito retificado: *Só há causa daquilo que falha*

Escrito em fevereiro de 1978, por Pêcheux, em meio à queda do Programa Comum da Esquerda francesa, *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação* é um artigo que trata primordialmente do retorno crítico do seu autor à questão do *sujeito*.

Para que se possa entender o percurso do pensamento de Pêcheux, nesse artigo, é preciso colocá-lo na temporalidade do inverno de 1978 na França, alguns meses após o rompimento do *Programa Comum da Esquerda francesa*.

Maldidier ([1990], 2003, p. 66) recorda que a crise em torno do Marxismo instaurou um imenso debate político entre a militância comunista francesa. O desespero político brotava a partir da consciência de que algo falhava na prática política.

Em meio à crise, Pêcheux constatava que se algo falhava na política, havia também qualquer coisa de errado em torno do *sujeito*. Era preciso uma intervenção teórica forte e corajosa que considerasse as ideologias dominadas. A retificação era um imperativo e ela deveria conjugar o pensamento de Marx e Lacan (*Idem*, p. 66- 9). Em 1964, Althusser já havia sugerido, em seu texto *Freud e Lacan*, a psicanálise como via capaz de renovar a teoria marxista. O próprio Pêcheux, em *Semântica e discurso*, já revelara que as temáticas do *inconsciente* e da *ideologia* ocupavam obstinadamente suas reflexões. Desse modo, estava aberto o caminho para rever algumas noções formuladas na *teoria do discurso*.

É exatamente pelo pensamento althusseriano que Pêcheux inicia seu retorno reflexivo (MALDIDIER, [1990], 2003, p. 67). Essa primeira ação revela um paradoxo, pois se, de um lado ele se apoia no pensamento de Althusser, e em sua defesa à psicanálise, para avançar em seu projeto, de outro ele revê a tese da *interpelação* quando esta faz crer que é impossível escapar das determinações da *ideologia* dominante (*Idem*, p. 68).

Cabe abrir um parêntese para observar que Pêcheux já havia sinalizado, desde *Semântica e Discurso*, a possibilidade de divisões do *sujeito*. Em *Semântica e Discurso* essas divisões podem ser notadas pelo viés das *tomadas de posição* do sujeito. Em *Só há causa daquilo que falha* Pêcheux irá aprofundar a reflexão em torno da divisão do sujeito, agora considerada nos processos de *resistência*. Desse modo, há atos falhos, chistes, deslizamentos, *equivocos* que são marcas do inconsciente e que sinalizam a *resistência* à *interpelação ideológica*. Assim, apreender a *interpelação* significa reconhecer que “[...] não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas [...]” (PÊCHEUX, [1978] 2009b, p. 277), pois o

inconsciente aflora do interior da *interpelação ideológica*, da *forma-sujeito* do discurso, colocando “em xeque a ideologia dominante” (*Idem*, p. 278). A tese da interpelação permanece na base da teoria do discurso, entretanto a reflexão se volta não mais para o seu sucesso, mas para os obstáculos que a ela interpõem o *sujeito*, em movimentos de *resistência*.

Apoiando-se em Lacan, Pêcheux mostra que o *real do inconsciente* não é o *real da história*, tampouco o *sujeito do inconsciente* é o *sujeito da ideologia*, pois “[...] a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia [...] mas isso não significa que a *ideologia* deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente” (PÊCHEUX, [1978], 2009b, p. 278). Assim, embora o *inconsciente* não apresente, em sua essência, uma ligação com a *ideologia*, essa dicotomia não impossibilita que ambos se associem em processos de *resistência*. Desse modo, é no *inconsciente* que irrompem, primeiramente, os pontos de *resistência* quando o sujeito não se assujeita às ideologias dominantes, em processos de luta de classe. Pêcheux observa que embora o ato falho, o lapso, o *witz* não sejam as bases históricas de constituição das ideologias dominadas – a base histórica “[...] se encontra na luta de classes [...]” (*Idem*, p. 279) – o inconsciente irrompe em meio a esse processo como “[...] algo que infecta constantemente a ideologia dominante, do próprio interior das práticas em que ela tende a se realizar” (*Idem*, p.278). Assim, em meio ao *real da história*, onde se inscreve a luta de classes, irrompe o *real do inconsciente*, pois “[...] os traços inconscientes do significante não são jamais apagados ou esquecidos, mas trabalham sem cessar na pulsação [...] do sujeito dividido” (*Idem*, p. 277), deixando marcas do deslizamento de sentidos na *forma-sujeito* ideológica. É exatamente a divisão do sujeito, reconhecida por Pêcheux, que possibilita a *resistência* (*Idem*, p. 279). Assim, embora o *inconsciente* e a *ideologia* não se confundam (*a especificidade dessas duas ‘descobertas’ impede de fundi-las sob qualquer teoria*), ambos tem *algo a ver um com o outro* e se conjugam politicamente quando se trata de *romper o círculo encantado da ideologia dominante* (*Idem*, p. 280).

O *witz*, o lapso, o sonho e o ato falho passam a ser considerados por Pêcheux como traços de *resistência*<sup>12</sup> e revolta que aparecem inscritos nas *interpelações ideológicas*, se interpondo constantemente às *ideologias* dominantes. Esses traços aparecem na linearidade da fala dos sujeitos, como uma quebra, uma descontinuidade que acontece no discurso, ligando a

---

<sup>12</sup> No capítulo IV, deste estudo, analisaremos o *brasiguai/brasiguayo* como uma *identidade social de resistência*, fabricada discursivamente em decorrência da falta de visibilidade desse sujeito e da ausência de laços de pertencimento em ambos os lados da linha de fronteira Brasil-Paraguai.

experiência da causa ao *inconsciente*. Ou seja, o *inconsciente* é a causa “[...] que determina o *sujeito* exatamente onde o efeito de *interpelação* o captura” (PÊCHEUX, [1978], 2009b, p. 277). É um instante em que alguma coisa se apaga e desliza no enunciado, dando lugar a outra, abrindo uma fenda no discurso do *sujeito*, de modo que esse discurso se desestabiliza lógica e momentaneamente. Esse instante de quebra, essa *hiância*, é aquele momento pelo qual apreendemos o *real do inconsciente* e no qual se inscreve o *sujeito*. O *real do inconsciente* apresenta-se na estrutura dessa falha, dessa *hiância*. O *sujeito* pode ser compreendido, assim, como a *causa* do que falha na linguagem e não apenas como um *efeito*. Ele se constitui no lugar da falha e, conseqüentemente, não se confunde com o “[...] *ego* como *forma-sujeito* da ideologia jurídica [...]” (*Idem*, p. 276) atestada em *Semântica do discurso*.

Em *Semântica e discurso* Pêcheux havia pensado o *pré-construído* como algo que pensava antes e independentemente do *sujeito*. Porém, ao final do adendo, retifica também esse pensamento ao reconhecer que ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja. Em outros termos, “[...] é preciso ousar pensar por si mesmo” (*Idem*, p. 281). Dessa forma, a *tomada de consciência* do *sujeito*, em *Semântica e discurso*, também falha e, apesar de todas as identificações imaginárias do *sujeito* em relação às *formações ideológicas* e à *forma-sujeito*, ele pensa por si mesmo. E isso se assinala na materialidade linguística, representada pelos atos falhos, pelo *witz*, pelos equívocos, pelo lapso e por outras tantas diferentes formas de *resistência* que aparecem inscritos na superfície dos discursos. Diante disso, as *formações discursivas* não serão jamais homogêneas. O tema da *heterogeneidade*, deste modo, se anuncia na *teoria do discurso*.

Essas reflexões promovem evidentemente uma fratura ao pensamento marxista. A partir do artigo *Só há causa daquilo que falha* a tese sobre o *sujeito* sofre um deslocamento, fundamentando-se no pensamento de Freud e Lacan e da falha na qual se inscreve o *sujeito*, quando se manifesta por meio do *real do inconsciente*. Pensar o *sujeito* assim constituído, e não como produto do *assujeitamento* e da *interpelação ideológica*, faz oscilar exatamente a tese da *forma-sujeito* do discurso, que agora não se submete à Peste do *assujeitamento* (PÊCHEUX, [1978], 2009b, p. 273) mas é capaz de *ousar se revoltar*. Essa retificação é sem dúvida uma decisão corajosa de Pêcheux, que não hesita diante da falha, optando por “[...] preferir a desconstrução disciplinada à destruição; a honestidade, enfim” (MALDIDIER, [1990], 2003, p. 66) que o leva a um novo tempo em sua *teoria do discurso*.

As reflexões desenvolvidas por Pêcheux nessa fase da AD em torno do *inconsciente do sujeito* dividido que irrompe sob forma de *equívocos* e em traços de *resistência* na *forma-*

*sujeito* ideológica serão mobilizadas no capítulo IV deste estudo quando mostraremos que os discursos articulados, em cada lado da fronteira, em torno da denominação *brasiguaios/brasiguayos* instauram diferentes *efeitos de sentidos* que se marcarão pela *equivocidade*. No mesmo capítulo refletiremos também sobre a emergência dos *brasiguaios* como uma *identidade de resistência* que irrompe a partir dos *movimentos da história* (ORLANDI, 2012b, p. 74), em decorrência do não reconhecimento da cidadania do grupo nos dois países, da luta desses sujeitos para modificarem as formas de dominação social (PÊCHEUX, [1978], 2009b, p. 281) e da necessidade de trazerem à luz sua existência.

### 3.1.5 A AD a partir dos anos 80

A partir dos anos 80, Pêcheux avança na temática do discurso trazendo à discussão o tema das *materialidades discursivas*. Para tanto convoca outras disciplinas que trabalham em torno da problemática do discurso.

O espaço dos enunciados como lugar de *heterogeneidade* se abre à AD, pelo viés do trabalho de Authier-Revuz e o *discurso* é posto na perspectiva da *heterogeneidade*. Pelo tema da *heterogeneidade* “o primado teórico do outro sobre o mesmo se acentua [...]” (PÊCHEUX, [1983], 2010c, p. 311), deslocando algumas indagações referentes ao *sujeito* que eram antes explicadas por meio das falhas na interpelação ideológica.

A noção de *formação discursiva* é também interrogada a partir da ideia do *que pode e deve ser dito*, que pressupunha o fechamento dos discursos em torno de si mesmo. Courtine expõe um trabalho minucioso de reconfiguração do conceito de *formação discursiva*, a partir da concepção de *fronteiras que se deslocam* em virtude dos jogos ideológicos. Sugere, ainda, as noções de *memória discursiva*, ligada ao eixo vertical da *repetição*, e de *domínio de memória*, constituído “por um conjunto de SD que preexistem ao sujeito e que aparecem na sequência intradiscursiva que a SD realiza [...]” (COURTINE [1981], 2009, p. 111).

Essas noções são importantes em nosso trabalho para explicitarmos certas formulações que irrompem nas discursividades dos sujeitos e que são anteriores e exteriores ao seu dizer. Embora preexistam aos sujeitos, emergem de maneira determinante na constituição de seus discursos, instaurando *efeitos de sentidos* diversos. A FD concebida com fronteiras que se deslocam também é crucial para compreendermos a irrupção de *posições-sujeito heterogêneas* no interior de certas FD que analisamos. Uma vez que essas FD não se configuram como uma *massa única e uniforme* de saberes, é possível compreendê-las como

espaços possíveis de *reconfiguração* e de deslocamentos. Logo, essas considerações são significativas para nossas análises.

As reflexões desenvolvidas por Pêcheux no texto *Sobre a (des)construção das teorias linguísticas*, em que analisa a oposição entre *os universos discursivos logicamente estabilizados* e *os universos discursivos não estabilizados logicamente* também merecem ser consideradas.

Na percepção de Pêcheux:

O objeto da linguística (o próprio da língua) surge assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação das significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e aquele das transformações do sentido, que escapa a toda norma atribuível *a priori*, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado na repetição indefinida das interpelações. A fronteira entre os dois espaços é difícil de determinar, ainda mais que existe toda uma zona intermediária de processos discursivos (dependente do jurídico, do administrativo e das convenções da vida cotidiana) que oscilam ao redor dessa fronteira: o que assegura sua eficácia é precisamente a possibilidade que oferecem de especular com as aparências lógicas, para ‘fazer pensar’ melhor os deslizamentos do sentido (PÊCHEUX, [1982], 1998, p. 51).

Essa opção pelos *universos discursivos não estabilizados logicamente* corresponde a uma tentativa de deslocar o objeto construído em torno de *condições de produção* estáveis e homogêneas, agora postas em questão, e colocá-lo sob a perspectiva da escolha do *corpus* no interior do campo discursivo da linguagem ordinária. Pêcheux escreve a esse respeito que:

A grande força dessa revisão crítica é a de colocar impiedosamente em questão os orgulhos teóricos [...] e de obrigar os olhares a se voltarem em direção ao que se passa realmente ‘em baixo’, nos espaços infraestatais que constituem o ordinário das massas, lá onde, de modo particularmente vivo em época de crise econômica, circula a linguagem da urgência (PÊCHEUX, *Idem*, p. 45; PÊCHEUX, [1983], 2002, p. 48).

Em nosso *corpus* procuramos estabelecer a relação das sequências discursivas com sua rede de *memória*, por meio da abertura de um espaço *interdiscursivo*.

A temática da *discursividade* também aparece como um novo horizonte de trabalho. As *materialidades discursivas* emergem ao lado dos três *reais* (da *língua*, do *inconsciente* e da *história*) entrecruzando-se, remetendo umas às outras, apesar da *heterogeneidade* de cada campo e das diferentes maneiras de aludirem ao discurso, segundo concebe Pêcheux. A existência do equívoco que emerge no lapso e que acontecem no fio dos discursos atesta que a língua não se estrutura de acordo com uma ordem lógica, exata.

O último texto produzido por Pêcheux, durante a terceira fase da AD, foi *O discurso: estrutura ou acontecimento*. As *discursividades* trabalham o *acontecimento* em torno da

eleição do candidato socialista François Mitterrand à presidência da França, vislumbrando o novo programa de trabalho iniciado por Pêcheux após a AD1 e AD2.

Optando por partir do enunciado *On a gagné*, o teórico resgata o *acontecimento* histórico da eleição presidencial que dará origem ao *acontecimento discursivo*, mostrando que as relações que se estabelecem a partir desse enunciado, embora pareçam transparentes, quando apresentadas como espetáculo televisivo, na verdade são profundamente opacas.

Pêcheux mostra que na relação entre *estrutura* e *acontecimento*, um mesmo acontecimento histórico pode dar origem a enunciados distintos, significando de acordo com os *acontecimentos*. Desse modo, os enunciados em torno da eleição de Mitterrand remetem a um mesmo fato-histórico, mas não constroem as mesmas significações.

Para o teórico, não se pode analisar discursos (principalmente aqueles originários de *universos não estabilizados logicamente*) sem considerar sua *estrutura* e *acontecimento*, num movimento contínuo (de batimento) entre a descrição e a interpretação, considerando, ainda, os *equivocos* da *língua*.

A questão teórica levantada por Pêcheux remete diretamente ao estatuto das *discursividades* que trabalham o *acontecimento* entrecruzando proposições aparentemente estáveis e formulações repletas de *equivocos* (PÊCHEUX, [1983], 2002, p. 28).

De modo geral, os textos da última época revelam o interesse cada vez maior de Pêcheux pela noção de *real*. Essa preocupação se realça em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, impondo um novo projeto à AD (*Idem*, p. 50-7). Do projeto proposto por Pêcheux, no âmbito de nossa pesquisa, interessa-nos examinar:

- a) o objeto da linguística como uma materialidade atravessada pela *transformação de sentidos* onde gravitam as enunciações capturadas do ordinário das massas, logo “dos múltiplos registros do cotidiano não estabilizado” (PÊCHEUX,[1983], 2012a, p. 292). Em nossa pesquisa esse universo é determinante, pois analisamos um *corpus* de discursos *do/sobre os brasiguaios, não estabilizados logicamente*, capturados do cotidiano das sociedades brasileira e paraguaia;
- b) a descrição (de acontecimentos ou de arranjos discursivos-textuais) exposta ao *equivoco* da língua, considerando-se que seu sentido é passível de tornar-se outro. Nesse aspecto buscaremos mostrar que o *jogo de sentidos* instaurados em torno da denominação *brasiguaios/brasiguayos*

- pode mobilizar uma série de *equivocos* instaurados a partir das imagens projetadas sobre esses *sujeitos* que implicam em *relações de força*;
- c) o *outro* na sociedade, no acontecimento histórico e no linguageiro discursivo, de modo que todas as *coisas a saber* são tomadas em *redes de memória*, considerando-se suas filiações identificadoras. O *outro* na sociedade e no linguageiro será analisado a partir dos recortes de sequências discursivas em que destacaremos o duplo *jogo de forças* que incide sobre a *memória discursiva* e que atravessa as *discursividades* mantendo, por um lado, a regularização pelo viés do *interdiscurso*, mas também se abrindo aos deslizamentos e aos novos sentidos. Nessa perspectiva não nos restringiremos a apontar nas análises apenas as *discursividades* que mobilizam *redes de memórias* afirmando *identidades*, mas também os diferentes *efeitos de sentidos* que são instaurados quando dizeres similares são mobilizados em *condições distintas de produção* por *sujeitos* inscritos em FD diferentes;
- d) o *discurso-outro* durante a descrição de um enunciado, uma vez que marca, no fio da materialidade, a presença do *outro* no espaço social e na *memória histórica*, logo no próprio *real da história*. A existência do *discurso-outro* no fio das materialidades será analisada no capítulo IV, na perspectiva da *modalização autonímica* proposta por Authier-Revuz (1990, p. 32) que revelará a presença do *outro/Outro* nos discursos recortados. Em outra perspectiva, refletiremos também sobre a questão do *outro* ao discutirmos a *construção discursiva* da *identidade* do *brasiguaiio* que marcará sua *alteridade* com base na *imagem* que esse sujeito tem para si e para o *outro* e também no resgate da sua *memória social*. Ao analisarmos, ainda, a denominação *brasiguaios/brasiguayos* abordaremos a existência de um *nós* em oposição ao *outro*, tomado como *eles*. Trataremos, também da contraditória experiência de integração e repulsão vivida pelos *brasiguaios/brasiguayos* estabelecida na relação tensa com o *outro* (brasileiro e paraguaio) em cada lado da fronteira;
- e) a perspectiva do discurso de ser suscetível a uma *desestruturação-reestruturação* em suas redes de trajeto. Por esse viés apontaremos, nas análises, saberes mobilizados nas *discursividades* que migraram de uma FD a outra na perspectiva de mostrar que as FD não são espaços

fechados ou blocos homogêneos de saberes. Demonstraremos que, ao contrário, as fronteiras das FD são fluidas o suficiente para serem transformadas por saberes provenientes de outras FD. Apontaremos ainda que as *posições-sujeito* identificadas a determinada FD também não são estáveis podendo sofrer transformações.

A divisão da Análise do discurso em três fases decorre, conforme afirmamos no início deste capítulo, da sugestão do próprio Pêcheux, autorizada pelo texto escrito em 1983 (PÊCHEUX, [1983], 2010c, p. 307-15). Há que se observar, entretanto, que essa divisão é de natureza puramente metodológica, pois, na prática, não há limites/fronteiras entre uma fase da AD e outra. O objetivo maior dessa divisão é mostrar o processo de reconfiguração teórica desencadeado por Pêcheux, a partir de movimentos de autocrítica e de sucessivas avaliações em sua própria teoria. Isso mostra que Pêcheux propôs uma teoria capaz de suportar críticas e reescrituras que a tornam dinâmica e adaptável às exigências de cada novo objeto de análise.

Não obstante, analisando as três épocas, podemos observar que o *sujeito* nunca esteve distante das reflexões de Pêcheux, que durante toda sua trajetória problematizou as construções teóricas da disciplina, mostrando que a AD é um campo teórico em aberto, que longe de ser um *sempre-lá* estável e pleno de sentidos, se abre a novos sentidos e possibilidades de ressignificação.

À vista disso, após 1983, ano da morte de Pêcheux, o conceito de *sujeito* continuou sendo sistematicamente revisitado por analistas do discurso de diversos campos. Dentre eles, destacam-se os analistas brasileiros que, ao longo das últimas décadas trouxeram para essa área de estudos novas contribuições, a partir dos objetos analisados, respondendo positivamente às inquietações do seu tempo. Como exemplo podemos citar os trabalhos de Eni Orlandi, da Unicamp, e de Freda Indursky, da UFRGS, pesquisadoras que vêm propondo importantes reconfigurações a esse campo teórico, de acordo com a sua historicidade, fazendo com que a AD continue ganhando sentidos na pesquisa científica hoje. É de Indursky (2008), por exemplo, o conceito de *acontecimento enunciativo* por nós mobilizado neste estudo.

O pensamento dinâmico dessa corrente de pesquisadores brasileiros tem servido de ferramenta para a produção de novos conhecimentos, avançando na medida em que mobiliza novas questões. Assim sendo, mostra-se afeito ao pensamento de Michel Pêcheux, que jamais aceitou “A promessa de uma *ciência régia* [ou do] *rigor positivo* [...]” (PÊCHEUX, [1983] 2002, p. 35 - 6) de certas correntes filosóficas, na sua ambição de homogeneizar o *real* e de tratar todas *coisas a saber* dentro de uma perspectiva matemática, sem riscos de



interpretações e falhas. Pelo contrário, ao pensar a AD como um Projeto “[...] prudentemente distanciando de qualquer ciência régia presente ou futura [...]” (*Idem*, p. 49), Pêcheux abriu espaço para que pesquisadores contemporâneos se lançassem à construção de procedimentos e teorizações, práticas que exigem constantes interrogações por parte do analista.

### 3.2 Os contornos da memória: a *memória discursiva*

Em 1981, Pêcheux inicia as reflexões em torno das articulações entre a *leitura* e a *memória*, colocada como condição para o funcionamento discursivo. Tais articulações do projeto o aproximam do pensamento de Foucault e de alguns teóricos da nova história, notadamente Halbwachs e Nora que tratam a *memória* como um conjunto complexo e exterior ao organismo de *tecidos legíveis*. Nesse aspecto, Pêcheux observa que:

[...] a memória se reporta [...] a um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries de *tecidos de índices legíveis*, constituindo um corpus sócio-histórico de traços. A memória considerada como corpo/corpus de traços inscritos nesse espaço, sob formas extremamente variáveis, remete, assim, à noção de *memória coletiva*, tal qual foi desenvolvida em particular pelos historiadores das mentalidades; os corpos coletivos (cidades, regiões, instituições, associações, nações, Estados, etc.) são os corpos de traços (PÊCHEUX, [1981], 2012c, p. 142).

Ancorado em Foucault, Pêcheux trata o enunciado como um *nó em uma rede*:

É, aliás, largamente, em relação a *A arqueologia do saber* (NRF, 1969), propondo uma redefinição de documento como monumento, e de enunciado como nó de uma rede, que as perspectivas de análise de discurso tais como estão aqui assumidas encontraram ocasião de se redefinirem (*Idem*, p. 143).

Esse pensamento é adotado também por Courtine que vai formulá-lo na perspectiva de uma *rede interdiscursiva de formulações* (COURTINE, [1981], 2009, p. 90), organizada nos eixos do *intradiscurso* e do *interdiscurso* e caracterizada como *domínio de memória*, conforme se pode observar nas palavras do autor, a seguir:

[O domínio de memória] é constituído por um conjunto de sequências discursivas que preexistem à sdr [situação discursiva], no sentido em que algumas formulações determináveis na sequencialização intradiscursiva que a sdr realiza [...] entram com formulações que aparecem nas sequências discursivas do domínio de memória, em *redes de formulações* [grifo meu] a partir das quais serão analisados os efeitos que a enunciação de uma sdr determinada produz no interior de um processo discursivo (efeitos de lembranças, de redefinição, de transformação, mas também efeitos de esquecimento, de ruptura, de denegação do já dito). [...] isso equivale a dizer que o domínio de memória representa [...] o interdiscurso como ‘instância de constituição de um discurso transversal’ [...] (COURTINE, [1981], 2009, p. 111-12).

A concepção de *interdiscurso* irá sustentar a proposta de Pêcheux, que rejeita a produção e interpretação de discursos no âmbito do *sujeito psicológico*, asseverando o ponto de vista de que a condição de *produção e interpretação de discursos* só é possível no interior

de um quadro sócio-histórico de discursos constituídos num espaço de *memória*. Nesse espaço o *interdiscurso* caracteriza o corpo de traços que, na concepção do teórico, é *exterior e anterior* à sequência discursiva produzida, na medida em que intervém na constituição desse discurso. Desse modo, Pêcheux articula uma proposta que privilegia o papel do *interdiscurso* no âmbito da análise interfrástica. De acordo com o que escreve o próprio Pêcheux: "[...]: trata-se de estudar as modalidades sob as quais os efeitos interdiscursivos, tais como o pré-construído, o discurso transverso e o discurso relatado, intervêm na estruturação da sequência" (PÊCHEUX, [1981], 2012c, p. 147).

As relações entre o *interdiscurso* e o *intradiscurso* são projetadas nos vestígios da *memória discursiva* cuja trama é perpassada por falhas e lacunas.

A *memória* também é noção discutida em *Papel da memória*, de 1983. Situando-se no âmbito das pesquisas em AD, Pêcheux observa que a *memória discursiva* "[...] seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos ([...] os pré-construídos [...] discursos transversos) de que sua leitura necessita" (PÊCHEUX [1983], 2010d, p. 52). Todavia essa *rede de implícitos*, que à primeira vista, poderia dar a impressão que irrompe de forma estável e sedimentada no *acontecimento*, na perspectiva de uma *repetição* ou *regularização* (conforme o termo usado por Achard) é *sempre suscetível de ruir* ante o peso de um *acontecimento discursivo* novo, que o desloca e desregula, desmanchando a aparente regularização. À vista disso, ocorre sempre um jogo de força na *memória*, que irrompe sob o choque do *acontecimento*. Esse jogo de força ou mantém a *regularização* anterior e os *implícitos* que ela veicula ou, ao contrário, desregula, perturbando toda a *rede de implícitos* (PÊCHEUX [1983], 2010d, p. 53).

Isto posto, Pêcheux conclui que a *memória* não pode jamais ser concebida como uma esfera plena, cujo conteúdo seria homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório. Pelo contrário, a *memória* é um espaço móvel de disjunções, divisões, deslocamentos, retomadas, conflitos de regularização, polêmicas e contra-discursos. É um espaço onde existe sempre um *outro interno* marcando o *real histórico* como remissão ao *outro externo*, que atesta o fato que a *memória* não é um frasco sem exterior (*Idem*, p. 56).

O exame do enunciado *on a gagné* (PÊCHEUX, [1983], 2002, p. 19- 23) revela que todo enunciado é suscetível de tornar-se outro, deslocando discursivamente seu sentido e oferecendo lugar à interpretação dos sujeitos (*Idem*, p. 53).

A movimentação discursiva dos sentidos, apontada a partir desse *acontecimento*, remete a uma nova concepção de *formação discursiva*, agora associada à *dispersão* da *rede de*

*memória*, produzida pelo jogo das retomadas, deslocamentos e inversões das formulações que deslizam entre a transparência e a opacidade.

Pêcheux mostra que a instabilidade e a dispersão das redes de sentidos ocorrem porque todo discurso depende das *redes de memória* e dos *trajetos sociais* nos quais ele irrompe, sendo marcado pela possibilidade de desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos (PÊCHEUX, [1983], 2002, p. 56). Essas noções servirão de suporte a algumas análises desenvolvidas no decorrer do capítulo IV, quando mostraremos que a denominação *brasiguaios/brasiguayos* vai sendo ressignificada em diferentes *condições de produção*.

Para o teórico, a memória só pode ser entendida nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador (PÊCHEUX [1983], 2010d, p. 50). Esse pensamento será significativo às nossas análises onde entrarão em jogo simultaneamente a *memória discursiva e social (coletiva)* dos *brasiguaios* na constituição de suas identidades. A partir deste pensamento, Pêcheux nos autoriza a estabelecer algumas aproximações teóricas, do lugar de analistas do discurso, com pensadores contemporâneos como Halbwachs, Nora e Pollak. O pensamento de Halbwachs na medida em que conceitua a *memória* não adstrita ao mundo pessoal, mas análoga às instituições sociais e ao grupo de pertencimento dos *sujeitos*, dialoga em muitos pontos com as teses de Nora e Pollak que realizam aproximações importantes entre *memória e identidade*, como veremos no próximo capítulo.

Em geral, todas as noções mencionadas nesta seção serão importantes às análises do capítulo IV, quando examinaremos a irrupção da memória social e o sentimento de identidade dos *brasiguaios* nos acampamentos do MST. Analisaremos, ainda, o duplo *jogo de forças* que incide sobre a *memória discursiva*, que atravessa as *discursividades*, mantendo, por um lado, a regularização pelo viés do *interdiscurso*, mas também se abrindo aos deslizamentos e aos novos sentidos. Nessa perspectiva apontaremos, nas análises, tanto as *discursividades* que mobilizam *redes de memórias*, afirmando *identidades*, quanto diferentes *efeitos de sentido* instaurados em *condições distintas de produção* por *sujeitos* inscritos em FD diferentes. Nosso objetivo será mostrar que a repetibilidade produzida nas enunciações não garante o mesmo *efeito de sentido*.

A partir das teorias mobilizadas, passaremos a analisar, no capítulo que se segue, algumas regularidades presentes no *corpus* deste estudo, constituído por sequências discursivas recortadas do discurso da imprensa e de outros *arquivos* que tratam sobre a temática relacionada aos *brasiguaios*.

## CAPÍTULO IV

### A IMPRENSA E O DISCURSO DO/SOBRE O BRASIGUAÍO/BRASIGUAYO

*“As fronteiras da identidade coletiva são construídas no e pelo discurso”  
(Seriot, 2001, p. 19).*

No capítulo anterior tratamos de algumas noções que compõem nosso dispositivo teórico, tais como o *sujeito*, a *memória social* e *discursiva* e suas relações com a construção da *identidade dos sujeitos*.

Neste capítulo passaremos a analisar o *corpus* deste estudo, constituído por sequências discursivas (SD) recortadas de jornais e revistas, semanais e eletrônicas, publicadas no Brasil e no exterior e, excepcionalmente, de depoimentos registrados em estudos acadêmicos que tratam de temáticas relacionadas aos *brasiguaios*. A análise das sequências discursivas conjugará o funcionamento linguístico à espessura histórica dos enunciados, buscando apreender algumas regularidades discursivas e *efeitos de sentido* presentes nos discursos dos *sujeitos*.

Iniciaremos este capítulo refletindo sobre a *posição* da mídia de informação brasileira e sul-mato-grossense em relação aos conflitos agrários desencadeados no Estado de Mato Grosso do Sul, uma vez que grande parte do nosso *corpus discursivo*<sup>13</sup> foi extraída dos arquivos jornalísticos dessa imprensa. Refletir sobre a *tomada de posição* (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 215) da mídia nas questões que envolvem a luta pela terra é de extrema importância, neste estudo, na medida em que a imprensa fala de um lugar social que lhe permite dar maior ou menor visibilidade às demandas e às práticas de Sem Terra e de proprietários rurais nos litígios agrários (INDURSKY, 2011, p. 4-10). Desse modo, as representações construídas pela imprensa acabam sendo responsáveis pela constituição de uma série de *efeitos de sentido* que influenciam a construção dos sentidos sociais em determinada época.

#### 4.1 A imprensa brasileira e sul-mato-grossense e a questão fundiária

A questão fundiária brasileira, apresentada no capítulo I, sempre foi acompanhada de

---

<sup>13</sup> *Corpus discursivo* é definido por Courtine, como “[...] um conjunto de sequências discursivas estruturadas, de acordo com um plano definido em referência a um certo estado de condições de produção de discurso” (COURTINE, 2006a, p. 66). Em Courtine ([1981], 2009, p. 115) *corpus discursivo* é descrito como “[...] um conjunto aberto de articulações cuja construção não é efetuada de uma vez por todas no início do procedimento de análise.”

maneira muito próxima pela imprensa nacional. Historicamente, entretanto, os posicionamentos assumidos pela mídia de informação brasileira, em relação à questão agrária, variaram muito em função das políticas governamentais e ao gosto das classes dominantes do país.

Assim aconteceu na década de 1960, quando o Golpe Militar articulado dentre outras forças pela elite ruralista brasileira, em março de 1964, pôs fim ao sonho das *reformas de base* propostas pelo governo João Goulart que previam a desapropriação das áreas rurais improdutivas a serem distribuídas às populações que viviam no campo. Após o golpe tudo o que “[...] dizia respeito às reformas de base, incluindo a reforma agrária foi banido dos noticiários” (VIEIRA ET AL, 1997, p. 25).

Durante os anos 70 o tema Reforma Agrária foi também pouco abordado pela imprensa brasileira. A forte censura e as práticas repressivas, impostas pelo governo ditatorial, impediam a divulgação das notícias e só se publicava o que interessava ao Regime.

No ano de 1984 o movimento *Diretas Já* reúne milhares de brasileiros. No campo não há avanços e as tensões rurais aumentam. As revistas *Veja* e *Isto é*, apesar de analisarem a situação rural como explosiva e dependente de uma ação governamental urgente, publicam ao longo de toda a década apenas cinco reportagens sobre o assunto. O mesmo posicionamento assume a TV Globo onde, durante os anos 80, era proibido divulgar matérias sobre os conflitos fundiários (VIEIRA ET AL, 1997, p. 26-7).

Nos anos 90 os fenômenos da globalização e a articulação de projetos neoliberais atingem grande parte das economias mundiais, respaldando a articulação, no Brasil, da chamada *reforma de mercado* que conduzia a reboque a exclusão social. Movimentos sociais, como o Movimento dos Sem Terra (MST), encontram-se mais organizados reivindicando a Reforma Agrária.

Com a eleição de Fernando Henrique Cardoso, em 1994, aliado ao PFL (Partido da Frente Liberal) de Antonio Carlos Magalhães, as categorias patronais políticas da nação ganham um novo fôlego, afinando-se aos interesses das oligarquias nacionais e internacionais. Em consequência, o Estado brasileiro vai gradativamente suprimindo os instrumentos legais que permitem o atendimento das reivindicações pela Reforma Agrária, enquanto investe em propaganda a favor do mercado e contra os sindicatos e movimentos sociais autônomos, como o MST. Não obstante, é nesse ambiente político que o MST passa a se afinar mais com as populações urbanas, principalmente após os *Massacres de Corumbiara e Eldorado dos*

*Carajás*, em 1995 e 1996 respectivamente, que aproximam o Movimento da sociedade brasileira fazendo com que a luta em torno da questão fundiária ganhe novos contornos políticos.

Em abril de 1997 uma triunfante *Marcha dos sem terra* ganha as ruas de Brasília, mostrando que a Reforma Agrária havia deixado de ser assunto exclusivo dos trabalhadores rurais para se transformar em questão nacional. As pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) mostram que o MST é apoiado pela opinião pública e que 40% dos brasileiros ouvidos aprova a ocupação de terras improdutivas (VIEIRA ET AL, 1997, p. 28). A imprensa, embora divulgue imagens dos assentamentos e conflitos que permitem ao brasileiro, pela primeira vez, se aproximar mais diretamente dos fatos, ainda permanece reticente quanto a assumir um posicionamento. Os noticiários se eximem de *colocar o dedo na ferida*, deixando de analisar as raízes dos enfrentamentos fundiários e se resumindo a divulgar apenas as notícias recentes. No entanto, diante do apoio popular registrado pelo IBOPE que mostra que 85% dos brasileiros apoiam as ocupações de terras improdutivas, 94% acham justa a luta dos sem terra, 77% consideram o MST um movimento legítimo e 88% defendem o confisco de terras improdutivas pelo governo (VIEIRA ET AL, 1997, p. 28) é impossível à mídia de informação permanecer surda às vozes das ruas.

A falta de um espaço na cena de interlocução faz com que os movimentos sociais busquem visibilidade por meio da imprensa. Nesse aspecto, os posicionamentos assumidos pela mídia, e em particular pela mídia de informação nas discussões sobre a Reforma Agrária e sobre os movimentos sociais como o MST, passam a agenciar âmbitos significativos na construção da opinião pública, legitimando representações construídas por meio de um trabalho discursivo contínuo em que a circulação ininterrupta dos discursos conduz à regulação do imaginário social. O discurso jornalístico assume, assim, uma posição de destaque no espaço público brasileiro mediando a relação entre os movimentos Sem Terra e a população.

É, portanto, por volta dos anos 90 que movimentos sociais, como o MST, começam a perceber a importância da imprensa na divulgação de suas propostas. Buscando a consolidação do campesinato, principalmente após a territorialização do Movimento em diversos estados da federação, o MST passou a buscar nessa década espaço nos meios de comunicação chamando a atenção para as suas propostas por meio de marchas, atos públicos, protestos organizados, acampamentos, vigílias e ocupações que procuravam dar visibilidade às suas ações, trazendo a questão agrária à agenda pública.

Indursky (2000, p. 1- 3) analisa essa busca por visibilidade empreendida pelo MST a partir da oposição que traça entre os *lugares políticos consolidados no espaço público X os não-lugares*. Para a autora, os lugares políticos legitimados são desde sempre ocupados na sociedade brasileira por proprietários rurais, latifundiários, fazendeiros e agricultores inscritos em espaços agrários historicamente demarcados na estrutura social do país. Valendo-se de quinhentos anos de ligação com a elite ruralista e as oligarquias nacionais os sujeitos inscritos nesses lugares são respaldados pelo discurso político e jurídico em torno do direito de propriedade à terra que ganha a adesão da imprensa, alcançando por isso ampla visibilidade nos meios de comunicação.

Quanto aos movimentos sociais como os *Sem Terra*, inscritos entre os excluídos da ordem social brasileira não encontram para si um espaço entre os lugares políticos existentes e acabam privados da cena de interlocução, sendo empurrados para um não-lugar. Por essa razão, travam uma luta contínua para constituir uma *cena de interlocução* pelo viés da mídia, empenhando-se em abrir esse espaço fechado para que possam constituir um lugar discursivo. A mídia, nesse aspecto, representa um lugar social onde a voz dos Sem Terra pode se fazer ouvir e onde suas demandas podem ganhar visibilidade. O lugar discursivo é constituído por meio de práticas empreendidas pelos Sem Terra que os coloca nos espaços reservados aos noticiários e de onde eles podem, enfim, discursivizar o político (INDURSKY, 2013, p. 282-5). Em outros termos, para terem voz e se constituírem como sujeitos do discurso os movimentos sociais precisam virar notícia, ganhando espaço na imprensa através de suas ações.

Embora a imprensa brasileira tenha construído uma identificação histórica com a elite ruralista do país (conforme vimos nos parágrafos iniciais desta seção) ela assume, no entanto, aparentemente o lugar de mediadora entre os Sem Terra (um dos lados da interlocução) e o governo e a sociedade (o outro lado da interlocução) *posição* que lhe permite conceder maior ou menor visibilidade às demandas apresentadas pelos movimentos sociais. Constrói, desse modo, um simulacro de “espaço democrático que se abre ao *discurso-outro*” (INDURSKY, 2003, p. 7).

Para Indursky, embora a função de mediação assumida pela imprensa seja necessária aos movimentos sociais, uma vez que estes encontram-se fora das redes dominantes de discursividade e sem acesso direto à mídia de comunicação, na verdade as representações que a imprensa constrói são caminhos de mão dupla uma vez que se “de um lado dá visibilidade

aos Sem Terra e oitiva a suas demandas”, de outro “impõe sua posição face a esse conflito como se fosse uma informação unívoca” (INDURSKY, 2011, p. 14).

Apesar da imprensa na modernidade se declarar como instância de denúncia do poder e das instituições sociais reclamando para si o papel de representante da sociedade, o silêncio da opinião pública ante as notícias e opiniões divulgadas pelos jornais caracteriza a interlocução organizada no espaço midiático. Neste aspecto, para Indursky (2000, p. 3; 2002, p. 115; 2011, p. 3-4) na ausência de uma *cena legítima de interlocução* o lugar de enunciação assumido pela imprensa em relação à questão agrária e ao MST funciona como uma *cena discursiva de interlocução* (INDURSKY, 1997, p. 137) que faz as vezes de *lugar discursivo* para o sujeito histórico Sem Terra dando-lhes, no entanto, uma visibilidade duvidosa uma vez que os discursos que veicula *do/sobre* esse sujeito são atravessados por constantes distorções (INDURSKY, 2013, p. 286).

Valendo-se da posição de destaque que ocupa no espaço público a imprensa incorpora uma posição de autoridade, reivindicando a função crítica de “guardiã da verdade”, característica daqueles que detêm um *saber* que a grande maioria não possui aliado ao *poder de falar*, pois o público-leitor encontra-se aliado desse direito uma vez que o espaço midiático é caro. Estabelece-se, deste modo, um contrato fiduciário entre o sujeito-jornalístico e o público configurando-se na teatralização da cena de interlocução em que, de um lado, posiciona-se a mídia assumindo o papel de agente politizador e, de outro, o público-leitor que legitima o discurso midiático pelo silêncio, já que não tem acesso a esse espaço para falar por si mesmo. É desse modo, portanto, que a mídia de informação constrói um simulacro de porta-voz da opinião pública nas questões referentes à Reforma Agrária e ao MST, falando a partir de uma pressuposição do que seria essa fala. Nesse aspecto, Indursky (2000, p. 11) observa que o discurso produzido na imprensa jamais será o discurso *do MST* ou de outros movimentos sociais, mas o discurso *sobre o MST* uma vez que a mídia de informação não faz parte dessa categoria de trabalhadores, tampouco foi autorizada a assumir o lugar de porta-voz desses grupos. Os jornais, portanto, não apresentam legitimidade para falar desse lugar.

Na opinião de João Pedro Stédile, uma das figuras contemporâneas mais proeminentes na luta pela Reforma Agrária, a mídia de informação brasileira é controlada pelas classes dominantes rurais, assumindo posições ideológicas que criminalizam toda luta social, atuando como um tribunal inquisidor moderno que julga, condena e estigmatiza quaisquer lutas sociais. Indursky também se alinha a esse pensamento quando afirma que “a mídia se percebe, em seu imaginário, como o grande juiz [...] pronto para julgar e [...]



sentenciar esse movimento social [o MST]” (INDURSKY, 2011, p. 13). Desse modo, na opinião de Stédile, não se pode falar em *opinião pública*, na atualidade, como posição de classe nos meios de comunicação nacionais. O que existe é a *opinião publicada* pelas classes dominantes brasileiras, o que faz com que a imprensa se constitua no principal partido ideológico da direita e da classe dominante contemporaneamente (STÉDILE, 2012, p. 2-3).

Partindo da ideia que o discurso veiculado transmite um saber a sujeitos que não o possuem, a imprensa organiza seus discursos valendo-se de uma rede discursiva articulada a partir de pressupostos que traça a respeito do público, de modo a dominá-los na instância da recepção. Para tanto, procura conhecer as suas reações psicossociais em relação ao que lhe é sugerido, de modo a construir um discurso de informação qualitativamente mais forte ou mais fraco, dependendo do grau de esclarecimento dos sujeitos ou, como é mais usual, optar por um discurso massificado que desperte o interesse e a afetividade dos interlocutores. Deste modo, por meio de efeitos de sentido passionais provocados no público-leitor e agindo como seu legítimo representante, acaba se apropriando da cidadania coletiva instaurando-se como agente político da sociedade.

Acrescenta-se a essa questão a falsa ideia de que a mídia de informação transmite com fidedignidade o que captura do espaço público. Na verdade, a imprensa impõe o que constrói, extraíndo do campo social o que é mais adequado aos seus propósitos, de acordo com a FD na qual se inscreve, projetando imagens fragmentadas e reproduzindo reflexos distorcidos da sociedade. Nesse aspecto, Indursky (2011) adverte que,

[...] o discurso *do/sobre* o MST, produzido a partir desse *lugar discursivo* [da imprensa] é um discurso constituído de fragmentos do discurso do MST, de fragmentos do discurso dos ruralistas, de fragmentos do discurso jurídico, e tudo isso entretecido pelo discurso da mídia. Vale dizer: trata-se de um discurso que não se inscreve em *uma* FD determinada, mas é atravessado por sentidos, saberes e ecos de diferentes FD, caracterizando-se, por conseguinte, por ser um discurso ideologicamente muito heterogêneo e carregado frequentemente de contradições (INDURSKY, 2011, p. 12).

É nesse aspecto que o discurso de informação midiático não pode ser compreendido como forma de representação da opinião pública, mas como uma construção articulada por meio da linguagem e, em muitos casos, de imagens cuja opacidade permite um olhar e uma construção subjetiva da sociedade. Os *efeitos de sentido* construídos no discurso de informação midiático são obtidos por meio de jogos linguísticos em que estão presentes ditos, não-ditos, explícitos, implícitos que revelam ou recobrem sentidos que, na maioria das vezes, escapam à percepção do público-leitor. Essa rede de discursos é responsável pela construção da opinião pública sobre o MST e a questão agrária.

No decorrer dos anos 90, com o aumento das manifestações populares a favor da Reforma Agrária no país, a imprensa sul-mato-grossense também passa a noticiar as mobilizações que acontecem nas principais cidades do país. Manifestações de apoio à Reforma, como a Marcha desencadeada pelo MST em várias cidades, em fevereiro de 1997 e finalizada em Brasília dois meses depois, começam a frequentar as páginas dos jornais como *O Progresso e Correio do Estado*<sup>14</sup>, demonstrando que esses periódicos não podem mais ignorar as vozes que emergem das ruas. Pressionados pela força dos movimentos populares, os jornais sul-mato-grossenses também constroem o simulacro de agentes políticos, aparentando um princípio de abertura à divulgação de propostas relacionadas à Reforma Agrária, tanto do MST quanto do governo e das oposições no Estado. Entretanto, em grande parte dos noticiários divulgados por esses dois periódicos e, principalmente pelo conservador jornal *Correio do Estado*, observam-se sentidos que deslegitimam a luta local pela terra desfigurando as suas lideranças. Etiketagens como baderneiro, comunista, corrupto, criminoso, guerrilheiro, perigoso e violento, atribuídas aos Sem Terra, podem ser observadas nos noticiários da época (SCHEWENGBER, 2008, p. 24) canalizando o imaginário dos leitores.

Para Indursky (2003b, p. 103) a reiteração dessas etiketagens pela imprensa nacional, principalmente quando acionam a designação de *comunista*, são responsáveis pela construção de *efeitos de sentido* de criminalização dos movimentos Sem Terra no Brasil. A designação *comunista*, em especial, recria pela imprensa brasileira os tempos da Ditadura. Essa designação, que marca toda uma rede de formulações presente no discurso da imprensa sobre os Sem Terra, projeta-se de maneira negativa por meio de um *efeito de memória* que reinventa a diabolização e os ressentimentos contra o comunismo, efeito de sentido fortemente mobilizado no período ditatorial, personificado contemporaneamente nas imagens dos que lutam pela terra no Brasil.

A saturação negativa das imagens dos Sem Terra posta em circulação pelo discurso

---

<sup>14</sup> De acordo com Schewengber (2008, p. 23- 38) *O Progresso*, com sede em Dourados, é o mais antigo jornal do Estado de Mato Grosso do Sul. Fundado por Weimar Gonçalves Torres, militante político do Partido Social Democrático (PSD) o jornal surgiu no período do primeiro cargo eletivo de seu fundador, no ano de 1951. Na época dominava, de um lado, o PSD, cuja expressão política era representada pelo jornal *O Progresso* e, de outro, a União Democrática Nacional (UDN), engajada pelo pensamento corrente no jornal *Correio do Estado*. Quanto ao *Correio do Estado*, sediado em Campo Grande, foi criado em 1954 por um grupo ligado à UDN (partido apoiado por setores ruralistas) com a função de defender sua bandeira política. Além do jornal, várias estações de rádios, TVs e uma fundação foram adquiridas, ao longo dos anos, controlando grande parte da informação veiculada em Campo Grande, capital do Estado de MS.

do *Correio do Estado* confirma o pensamento de Indursky quando a autora afirma que “[...] o discurso da mídia [...] via de regra, assume a mesma posição dos proprietários rurais” (INDURSKY, 2011, p. 4). Desse modo, se por um lado os discursos da imprensa dão visibilidade aos Sem Terra e às suas ações, por outro a forte identificação com as FD dominantes instaura um jogo discursivo caracterizado por “interpretações, distorções e apagamentos” (INDURSKY, 2000, p. 3) conforme discutimos em pontos anteriores do texto, que constroem representações negativas *sobre o MST* agenciando, simultaneamente, os modos de pensar da opinião pública sobre os Sem Terra.

Quanto ao jornal *O Progresso*, a despeito de aparentar posições ideológicas menos conservadoras no que diz respeito à Reforma Agrária, também não deixou de registrar em seus noticiários uma multiplicidade de representações ambíguas sobre o MST, ora criticando duramente a apropriação de alimentos de caminhões que circulavam nas rodovias e o abate de gado das fazendas, ora mostrando-se sensibilizado com a situação de miséria das famílias acampadas. O entrecruzamento desses discursos heterogêneos registrados nesse Jornal produz, assim, “um espaço discursivo marcado pelo antagonismo de FD em confronto” (INDURSKY, 2011, p. 4) atravessado por constantes distorções ideológicas.

Por fim, não é demais reiterar que os dois jornais mencionados exercem influência na opinião pública, falando de um lugar privilegiado de onde se relacionam com a sociedade. Se as representações construídas pela imprensa são de natureza duvidosa elas, entretanto, resultam da própria sociedade de onde emergem. Nesse aspecto, não se pode ignorar que as práticas discursivas instauradas pela imprensa se assentam em processos históricos que irrompem da classe dominante em torno daquilo que a constitui. O discurso jornalístico torna-se, por isso mesmo, um observatório privilegiado ao estudo dos sentidos sociais que circulam em determinada época.

#### **4.2 A delimitação do *corpus* e o dispositivo de análise**

No capítulo II, afirmamos que os *brasiguaios* que hoje retornam ao Brasil vislumbram, quando não encontram um trabalho digno no meio urbano, uma possível saída para sua situação em um acampamento do MST. Os recortes discursivos que analisaremos nesta seção mostram esses brasileiros tanto ainda vivendo em território paraguaio, como na condição de repatriados, habitando acampamentos urbanos do MST em MS e Paraná<sup>15</sup>. Será o

---

<sup>15</sup> Em nossos estudos nos ocuparemos somente dos acampamentos em Mato Grosso do Sul.

*brasiguai* um novo sujeito histórico ou uma *posição-sujeito* que se organiza sob a bandeira de um Movimento já consolidado? Quais *efeitos de sentido* são instaurados em torno da denominação/designação *brasiguai/brasiguayo* em ambos os lados da fronteira? De que modo traços da memória social e discursiva se projetam em seus discursos? Como a denominação/designação *brasiguai/brasiguayo* marca discursivamente a identidade desse sujeito? Pode-se pensar no *brasiguai/brasiguayo* como uma identidade de *resistência*? Estas são algumas das indagações que pretendemos responder ao longo desta seção.

Buscando, ainda, enriquecer as análises e facilitar a compreensão do *acontecimento*, utilizaremos também sequências discursivas recortadas de revistas e jornais brasileiros e internacionais, dentre os quais destacamos as revistas *Época*, Ed. 69, *on line*, de 13/09/99, *Carta Capital Wikileaks*, *Interamer*, nº 45, vol. II; o Blog de Fernando Massoti (entrevista com Martín Almada); o jornal paraguaio *ABC Color*, o periódico americano *Brazilian Press*, de Newark, New Jersey e os jornais brasileiros, *on line*, *Gazeta do Povo*, *Brasil de Fato*, *Diário do Grande ABC*, *Sopa Brasiguai* e *Agência Brasil de Comunicação*. Utilizaremos, ainda, nesta pesquisa, sequências discursivas recortadas do *site* da *rádio Grande Lago* e de entrevistas concedidas por *brasiguaios* e paraguaios ao pesquisador José Lindomar Coelho Albuquerque (ALBUQUERQUE, 2010).

O *corpus* analisado recobre um espaço temporal delimitado aos anos de 1999 a 2013. A opção por esse recorte cronológico decorreu da irrupção de uma série de *acontecimentos históricos* desencadeados entre os anos mencionados que originaram múltiplas discursividades provenientes de vários lugares sociais, no Brasil e no Paraguai, e que foram registrados pela imprensa nacional e internacional. No centro de todas as discussões encontrava-se o *brasiguai*, sujeito que até então figurava no nosso imaginário apenas por meio da leitura de poucos comentários registrados nos noticiários da imprensa brasileira.

A partir do *impeachment* do Presidente paraguaio Fernando Lugo, em junho de 2012, que desencadeou a exclusão do Paraguai do *Mercosul* e mobilizou uma extensa cobertura da imprensa, as questões relacionadas aos *brasiguaios* começaram a figurar como possibilidade de pesquisa em nossas aspirações. O discurso *do/sobre* o *brasiguai* se tornou nosso objeto teórico definitivo após conhecermos o estreitamento de sua ligação com o MST, iniciada em 1985 e restabelecida no limiar dos anos 90, assim como a constante presença desses sujeitos em ações dos Sem Terra brasileiros, após esse período. Até então apenas o discurso *do/sobre* o MST na imprensa sul-mato-grossense figurava como objeto de análise em nosso Projeto de Tese. O registro dos discursos de *brasiguaios* e de sujeitos ligados ao MST em arquivos

jornalísticos do Brasil e do Paraguai acenou em definitivo para a possibilidade de estudarmos, pelo viés discursivo, as problemáticas relacionadas à *questão agrária*, à *memória* e à *fabricação discursiva da identidade* (SERIOT, 2001, p. 11-20) nas discursividades registradas sobre esses sujeitos, tomando-os como *objeto de análise* (ORLANDI, 2012a, p. 42) em ambos os lados da fronteira.

É oportuno explicitar que o conceito de *arquivo* que mobilizamos neste estudo encontra-se firmemente vinculado à noção de *corpus discursivo*. Esta última noção adotamos de Courtine ([1981], 2009) teórico que rompe definitivamente com a ideia de fixidez de um *corpus* preexistente, estabelecendo uma nova definição sobre o *corpus discursivo*, caracterizado como “[...] um conjunto aberto de articulações cuja construção não é efetuada de uma vez por todas no início do procedimento de análise” (COURTINE, [1981], 2009, p. 115). Mobilizando esse pensamento Courtine abre espaço na AD a um trabalho por etapas sobre os dados discursivos, a ser realizado ao longo de todo o procedimento de análise. A construção de um *corpus discursivo* só é concluída, assim, ao final de todos os procedimentos de análise que são regulados por etapas sucessivas de trabalho.

Quanto ao nosso *arquivo*, é constituído por um conjunto de enunciados recortados e tomados como objeto de análise das práticas discursivas presentes no discurso *do/sobre* os brasiguaios. A construção do nosso *corpus discursivo* foi acontecendo ao longo da pesquisa, pois os sucessivos movimentos de análise e necessidade de responder às perguntas de pesquisa exigiram idas e vindas ao arquivo, com vistas à ampliação do material.

O *acontecimento histórico* do retorno das famílias *brasiguaias* ao Brasil incentivadas pelo MST, ao final de 1990 (PRIORI E KLAUCK, 2010, p. 101) interessou-nos de maneira especial pelo fato de que boa parte delas atravessou a fronteira em direção a Mato Grosso do Sul. Desse modo, esse *acontecimento* foi estabelecido como marco inicial. A ação de incentivo a esse regresso encontra-se registrada no *Boletim do Movimento pelo Repatriamento dos Brasiguaios* publicado pelo MST/MS em julho de 1992, do qual recortamos várias SD que analisaremos ao longo deste capítulo. A presença de *brasiguaios* em ações empreendidas pelo MST/MS e em seus acampamentos pode ser constatada em recortes de periódicos das cidades de ambos os lados que fazem fronteira com o Paraguai, bem como de outros periódicos já enumerados.

O aumento dos conflitos por terras no Paraguai nos anos que se seguiram (2000 a 2013) fez com que as questões relacionadas ao *brasiguai* migrassem do eixo de interesse Brasil-Paraguai, países diretamente envolvidos nas tensões, ganhando espaço na mídia

internacional. O *impeachment* de Lugo (já mencionado), acusações de envolvimento do Itamarati na exclusão do Paraguai do Mercosul, assim como o aumento da violência nas tensões agrárias ocorridas no país vizinho foram outros acontecimentos históricos que funcionaram como estopim para que a mídia internacional levasse ao conhecimento da opinião pública o conflito entre os dois países que, até então, figurava esporadicamente em notas da imprensa e em estudos acadêmicos<sup>16</sup> desenvolvidos em várias nações.

Em resumo, a contemporaneidade dos *acontecimentos históricos* citados (1999 a 2013) aliados à possibilidade de contribuir, pelo viés discursivo, com o avanço do debate em torno de questões relacionadas à *luta pela terra*, à *memória* e à *fabricação discursiva da identidade*, mobilizadas em torno da denominação/designação *brasiguai/brasiguayo*, foram determinantes para optarmos por esse tema e recorte temporal.

Os procedimentos metodológicos utilizados para a análise do *corpus discursivo* circunscrevem-se ao proposto por Pêcheux (2002, p. 50-6), Courtine (2006a, p. 63 - 5) e Orlandi (2001, p. 59) que sugerem uma sequência de operações para a compreensão dos processos discursivos em AD. Observamos, entretanto, que cada sequência discursiva recortada demandou modos diversos de análise baseados em *tomadas de posição*, assim como um dispositivo de interpretação que evidenciou questões mais preponderantes, num determinado momento da análise, em relação a outras. De modo geral, todavia, os procedimentos basearam-se nas seguintes operações:

1. delimitado o tema construímos nosso arquivo;
2. na sequência foram feitos *recortes* aos arquivos selecionados, mediante a posição teórica adotada e as perguntas de pesquisa a serem respondidas. Nessa perspectiva, elegemos o conceito de *recorte* concebido por Orlandi (1984, p. 14) aqui compreendido como um “fragmento da situação discursiva”;
3. buscamos em seguida determinar as relações linguísticas inerentes às SD para

---

<sup>16</sup>Dentre esses estudos destacamos *La formation d'un espace brésiguayen dans l'Est du Paraguay. Migrations pionnières brésiliennes et organisations socio-spatiales dans l'Orient du Paraguay*, de Sylvain Souchard (2001) que trata da fronteira paraguaia-brasileira como um novo espaço na América do Sul que favorece a integração econômica e política do Paraguai ao mesmo tempo em que aprofunda sua dependência externa; *Os brasiguaios no Brasil: aspectos fonéticos e gramaticais*, de Wolf Dietrich (2004) e *Os brasiguaios no Paraguai: o comportamento linguístico dos brasileiros que vivem no Paraguai, segundo os materiais do Atlas Linguístico Guarani-Românico*, de Harald Thun (2004). Os dois últimos trabalhos encontram-se publicados no livro *O português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual* (2004) e tratam do tema brasileiros no Paraguai do ponto de vista dos contatos linguísticos.

caracterizar os enunciados, estabelecendo uma relação entre as marcas linguísticas do discurso e seus elementos exteriores. Em outros termos, os discursos foram observados analisando-se *quem* enunciava, qual o lugar social desse sujeito, as *condições de produção* e os *efeitos de sentidos* instaurados;

4. a partir das *condições de produção* dos discursos recortadas observamos os âmbitos institucionais de onde provinham, assim como a conjuntura social, política e ideológica de produção;

5. consideramos as redes de memória com as quais os enunciados se relacionavam;

6. foram examinados os *jogos oblíquos* das denominações/designações construídas em cada lado das fronteiras física Brasil/Paraguai e discursiva, observando os vaivens dos sentidos que promoviam (ou não) equívocos;

7. buscamos apontar também as marcas linguísticas que davam visibilidade e materializavam ideologicamente as diferentes práticas discursivas;

8. o trabalho de descrição das materialidades discursivas foi feito em conjunto com a *interpretação*, buscando-se o *discurso-outro* e a alteridade dos sentidos constituídos. Os processos foram trabalhados circularmente, não representando fases distintas;

9. foram observados diferentes *efeitos de sentido* construídos por meio de projeções de *imagens* sobre os *brasiguaios/brasiguayos*, em ambos os lados desse conflito discursivo, analisando as *relações de força* e os *efeitos de sentidos* por meio dos vestígios que deixavam no fio dos discursos;

10. examinamos, ainda, emergindo dos discursos, um conjunto de demandas que identificavam os *brasiguaios* aos sem terra brasileiros e ao mesmo tempo os distinguiam dos militantes do MST;

11. as análises empreendidas não encontram-se registradas dentro de uma lógica que privilegia a continuidade histórica. Por opção metodológica preferimos realizar as análises das sequências discursivas seguindo os seguintes critérios:

11a. as seções 4.3 e 4.4 consideram a denominação/designação *brasiguai/brasiguayo* em seu aspecto formal;

11b. das seções 4.5 a 4.7 as análises consideram: a) *brasiguaios* no Paraguai e b) *brasiguaios* no Brasil após o repatriamento;

11c. a seção 4.8 agrupa o conjunto de análises que consideram o *jogo oblíquo* dos *efeitos de sentido* instaurados em torno da *denominação/designação* dos dois lados da fronteira, examinados na seguinte ordem: a) do lado brasileiro e; b) do lado paraguaio;

11d. a seção 4.9 trata de análises referentes à *memória discursiva* e ao *interdiscurso* apontando questões como a *regularização* e a *desregulação* de sentidos nas SD recortadas;

11e. a seção 4.10 analisa se o *brasiguai* é um novo sujeito histórico ou uma *posição-sujeito* no interior da FD que afeta o MST, com base nas demandas apresentadas por esses sujeitos.

12. Todas as discursividades analisadas nas seções que se seguem, estão enquadradas na modalidade do discurso *do/sobre os brasiguayos/brasiguaios*.

13. Na escritura deste capítulo utilizamos alguns pares de vocábulos que devem ser interpretados conforme apontamos no quadro a seguir:

PARES DE TERMOS UTILIZADOS NAS ANÁLISES	
VOCÁBULOS	SIGNIFICADO
1. <i>brasiguai/brasiguayo</i> (no singular)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>brasiguai</i> – termo usado do lado brasileiro da fronteira Brasil-Paraguai para designar ou denominar esse sujeito;</li> <li>• <i>brasiguayo</i> – termo usado do lado paraguaio da fronteira Brasil-Paraguai para designar ou denominar esse sujeito;</li> <li>• quando usado no singular, refere-se à <i>denominação</i>;</li> </ul>
2. <i>brasiguaios/brasiguayos</i> (no plural)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Termo usado para fazer referência a um grupo de <i>brasiguaios/brasiguayos</i>;</li> </ul>
3. discurso <i>do/sobre</i> o <i>brasiguai/brasiguayo</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O discurso <i>do/sobre</i> neste estudo deve ser compreendido à luz do que considera Indursky (2013, p. 287) quando observa que “o discurso <i>do/sobre</i> [...] é indissociável porque é entretecido com fragmentos [...] oriundos do discurso do [<i>brasiguai/brasiguayo</i>], do discurso dos ruralistas, do discurso jurídico, do discurso governamental e esses fragmentos entrelaçados produzem o discurso da mídia <i>do/sobre</i> [...]”.</li> </ul>
4. <i>designação/denominação, nomeação</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>designação</i> - termo usado para ocorrências em que o sujeito <i>brasiguai/brasiguayo</i> aparece no discurso do <i>outro</i>. Usado como <i>referente</i> (R) implica em uma <i>fabricação discursiva da identidade</i>;</li> <li>• <i>denominação (nomeação)</i>– termo usado quando o discurso é do próprio <i>brasiguai/brasiguayo</i>. Usado no sentido de <i>auto-nomeação</i> resulta em construção da própria identidade.</li> </ul>
5. <i>fabricação/construção</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>fabricação</i> – identidade fabricada pelo discurso do <i>outro</i>;</li> <li>• <i>construção</i> – identidade construída pelo próprio <i>brasiguai/brasiguayo</i>.</li> </ul>
6. <i>nacionalidade/identidade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>nacionalidade</i> - naturalidade, origem nacional de um sujeito;</li> <li>• <i>identidade</i> – identificação, sentimento de pertença, de ser parte de, independente do país de nascimento.</li> </ul>

Quadro1: Termos utilizados aos pares nas análises



14. Os recortes analisados neste capítulo estão identificados com três tipos de numerações: a) as SD encontram-se numeradas por meio da simbolização (SD1), (SD2), (SD3), etc.; b) os recortes de SD já citadas e numeradas anteriormente no corpo do texto são simbolizados por (1), (2), (3), etc.; c) as sequências numeradas com algarismos romanos (I), (II), (III), etc., são segmentos mínimos de recortes de SD.

Feitas essas considerações, passemos às análises que inicialmente privilegiam a denominação/designação *brasiguaios/brasiguayos* em seu aspecto formal.

### 4.3 Análise formal da denominação/designação *brasiguaios/brasiguayos*

*“Uma forma complementar de fabricar uma identidade é trazer um adversário, um ‘outro’ à existência dando-lhe um nome”*  
(SERIOT, 2001, p.17)

A Gramática Normativa (GN) enquadra a denominação/designação *brasiguaios/brasiguayos* no processo de formação de palavras da Língua Portuguesa, recurso normal de enriquecimento do léxico, na categoria de *composição por aglutinação*, ou seja, da união de duas bases independentes na língua ( *brasileiros + paraguaios = brasiguaios*; *brasileiros + paraguayos = brasiguayos*). Basílio (2004, p. 29) observa que na *composição* não há elementos fixos, nem funções pré-determinadas para os elementos componentes, definindo-se pela sua estrutura. A palavra surge, então, como resultado da união de pelo menos dois elementos de forma que funcionam como uma única palavra. Em se tratando da palavra *brasiguaios/brasiguayos* há a redução dos dois vocábulos existentes na língua, formando a nova palavra.

A *acronímia* também é um procedimento de redução, reconhecido pela Gramática Normativa, no qual a união dos extremos de vários vocábulos origina um novo lexema. É o que se pode facilmente observar em várias regiões do Brasil, em que os nomes de pessoas são constituídos por meio desse processo, juntando-se os nomes dos pais para formar os dos filhos. Por exemplo, Linda+ Adolfo → Lindolfo; José + Maria → Josimar; Ademir+ Hilda→ Ademilda. A *acronímia* é um recurso que não se restringe apenas ao campo da *antroponímia*, mas que pode ser utilizado também para a formação de outras palavras da língua, tais como português + espanhol → portunhol (GARCÍA, 2011, p. 23).

A GN trata como *onomástica* o estudo dos nomes próprios de todos os gêneros, o que envolve a pesquisa em torno de sua origem e dos processos de denominação sofridos com o passar do tempo, em relação às línguas ou dialetos.

Assumindo um ponto de vista linguístico-enunciativo, Guimarães (2002) amplia a dimensão da análise da GN, considerando as denominações através de um triplo aspecto: de seu funcionamento a partir da unidade de sua *estrutura morfossintática*, do funcionamento *semântico-enunciativo* e da configuração da *temporalidade do acontecimento* (GUIMARÃES, 2002, p. 45).

Do ponto de vista da *estrutura morfossintática* tem-se na formulação *brasiguaios/brasiguayos* a junção de dois segmentos S1 + S2 (S1 = brasileiros + S2 = paraguaios/paraguayos → S3 = *brasiguaios/brasiguayos*). Há dois elementos individualizados que se juntam, resultando numa combinação sintática onde estão presentes dois sintagmas adjetivais de nacionalidade, que dão origem a um terceiro.

Considerando seu funcionamento *semântico-enunciativo* o nome *brasiguaios/brasiguayos* pode ser enquadrado na categoria de uma enunciação que se forma a partir de duas outras enunciações, em que estão presentes cenas enunciativas relacionadas às situações de crise e conflitos interno e externo. Os dois sintagmas adjetivais que se juntam para a formação do nome expressam a nacionalidade ou relação de pertencimento dos sujeitos, com a qual anteriormente se identificavam. É analisável, portanto, a partir de dois segmentos que têm um sentido traduzível de nacionalidade. Ao originar um terceiro sintagma adjetival que aponta para a auto-identificação e para a reconstituição da identidade dos sujeitos, observa-se que a subjetivação dos sujeitos se origina a partir de um processo de ruptura com as duas identidades anteriormente assumidas, a partir das trajetórias vividas. Assim, os sujeitos acabam por criar uma terceira identidade para categorizar a si mesmos, que adquire um valor diferencial se confrontada aos paradigmas dos quais resulta.

O nome *brasiguaios/brasiguayos* implica na existência de um *nós* em relação ao *outro* (do interlocutor ou do outro sujeito), aqui tomado na posição de *eles*. Os sintagmas pronominais *nós* e *eles*, em seu funcionamento normal, servem para construir identidades coletivas e estabelecer vínculos entre os sujeitos e os grupos sociais. Entretanto, razões históricas levaram o grupo de *brasiguaios/brasiguayos* a viver um processo de repatriação gerando nesses sujeitos a atualização negativa das representações sobre *eles*. Desse modo, a construção de imagens e representações sobre o *outro* não são jamais invenções arbitrárias dos sujeitos. Pelo contrário, elas são forjadas de acordo com as ações cotidianas dos grupos. Isso leva a concluir que os *brasiguaios/brasiguayos* ao adotarem essa denominação buscaram estabelecer uma identidade celebrada a partir da diferença e do distanciamento com os antigos modelos. A designação passa a referenciá-los como uma terceira identidade que, após

transformar-se em denominação/designação oficial, inaugura novas relações de pertencimento adotadas pelos sujeitos nomeados.

O nome *brasiguaios/brasiguayos* carrega, desse modo, um sentimento de pertença baseado nas diferenças que o grupo estabelece com *brasileiros* e *paraguaios*. É como se enunciassem: *Não somos brasileiros, tampouco paraguaios. Somos brasiguaios!* Nesse aspecto o nome *brasiguaios/brasiguayos* denomina uma terceira identidade, construída discursivamente, que sintetiza valores e símbolos adotados pelo grupo.

Com relação à temporalidade do acontecimento, de que fala Guimarães, temos que analisar que a denominação/designação *brasiguaios/brasiguayos* é criada a partir de dois acontecimentos memoráveis, ligados aos sentimentos de nacionalidade e pertencimento. O memorável do acontecimento reside no fato de que os sujeitos oscilaram, durante um bom tempo, entre as identidades de *brasileiros* e *paraguaios*. Em outras palavras, a enunciação da denominação/designação é tomada na temporalidade de duas nacionalidades, assumida em virtude da natureza dos acontecimentos histórico-sociais.

A força temporal da nacionalidade e do acontecimento determina o nome assumido, de modo que a denominação/designação *brasiguaios/brasiguayos* recorta uma história que irá se projetar nessa escolha.

Desse modo, a irrupção do nome nas duas línguas implicadas marca o surgimento de uma nova *posição-sujeito* no interior de uma FD, configurando-se como um *acontecimento-enunciativo* na medida em que instaura o novo pelo deslizamento dos sentidos assinalados no interior dessa FD.

Por fim, o nome faz parte da dimensão simbólica da língua e, por extensão, da construção simbólica da identidade. Nesse aspecto a denominação/designação *brasiguaios/brasiguayos* atesta a existência de uma memória social, de uma exterioridade, que alcança relevância quando se projeta na materialidade linguística, constituindo simbolicamente a identidade dos sujeitos em questão.

A seção que se segue traz uma reflexão discursiva sobre o objeto a ser analisado.

#### **4.4 O papel da denominação/designação: a questão do nome *brasiguaios/brasiguayos***

*“É o nome que faz a fronteira”  
(Seriot, 2001, p. 16).*

Do ponto de vista discursivo, pode-se dizer que existem marcas visíveis e analisáveis para onde convergem as *memórias* e as *identidades* dos sujeitos.

Achard (2010, p. 11) considera que “[...] a estruturação do discurso vai constituir a materialidade [da] memória [...]”. Reconhece, ainda, “[...] que o passado [...] só pode trabalhar mediando as reformulações que permitem reenquadrá-lo no discurso concreto face ao qual nos encontramos” (*Idem*, p. 14). Pode-se dizer, dessa maneira, que é na materialidade discursiva que a *memória* – e também a *identidade* – irrompem, sob forma de operadores linguageiros que só podem ser compreendidos quando analisados sob determinadas *condições de produção*. A materialidade linguística se constitui de palavras, frases e enunciados que são retomados pelos sujeitos a partir de remissões e paráfrases, nomeadas por Achard como *repetição e regularização*, e que estabelecem os implícitos ou elementos pré-construídos de que sua interpretação necessita. O termo *pré-construído*, proposto por Paul Henry, remete, segundo Pêcheux, “[...] a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (Pêcheux, [1975], 2009a, p. 89).

Uma vez que os episódios se sucedem e são sempre novos, essa regularização discursiva, de que fala Achard, torna-se suscetível de desmoronar ante a aparição de cada novo acontecimento, deslizando os sentidos do *pré-construído*, perturbando a *memória*<sup>17</sup> dos sujeitos e produzindo novos sentidos discursivos. No dizer de Pêcheux ([1983], 2010d, p. 53) “Haveria assim sempre um jogo de força na memória sob o choque do acontecimento [...] uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede de implícitos”.

Isto posto, há que se observar com cuidado as materialidades expressas pelos sujeitos durante seus processos discursivos, considerando que cada novo acontecimento pode produzir diferentes sentidos, perturbando a aparente regularidade das memórias coletivas dos grupos. O funcionamento dos discursos, conseqüentemente, deve ser estudado com cautela, a começar pela *denominação*, já que o ato de nomear tem implicações profundas nas interações sociais, determinando *relações de força* que são mecanismos de sujeição presentes nas sociedades.

Considero como *denominação*, neste estudo, a operação discursiva que toma dois sintagmas adjetivais (de nomes referentes às nacionalidades) originando um terceiro, de modo a estabelecer uma relação de diferença entre eles. Essa diferença irá marcar a identidade

---

<sup>17</sup> A questão da *memória discursiva* abrindo-se à dialética da *repetição/regularização* e à *desestabilização* dos sentidos (PÊCHEUX ([1983], 2010d, p. 52-3) será mobilizada apenas na seção 4.9 deste estudo. Essa opção metodológica decorre do fato que algumas FD mencionadas nas análises da seção 4.9 (notadamente as FD3 e FD4) só serão individuadas na seção 4.8, por força do movimento de análise.

*brasiguaios/brasiguayos* quando considerada em cada lado da fronteira e em sua dimensão simbólica.

Seriot (2001, p. 16) escreve que “O nome é um objeto simbólico que dá existência a um grupo”. Afirma, ainda, que “Dar nomes é um modo de cristalizar novas oposições de grupos” (*Idem*, p. 17), de fabricar discursivamente uma identidade, trazendo um *Outro* à existência.

Pêcheux também reflete na questão do *nome* lembrando que “o significante toma parte na interpelação-identificação do indivíduo em sujeito” (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 241). Desse modo, segundo o teórico, o nome é uma *modalidade discursiva* que designa o sujeito e o inscreve no discurso desde o seu nascimento, embora opere sobre ele de forma incompreensível, uma vez que interpela o indivíduo em sujeito de seu discurso produzindo-o como *causa de si sob a forma da evidência primeira* (*Idem*, p. 243) como se *sempre já* fosse sujeito.

A partir das reflexões de Seriot e Pêcheux, passo a refletir sobre a questão do nome simultaneamente como *uma modalidade discursiva da discrepância pelo qual o indivíduo é interpelado em sujeito de seu discurso* (*Idem*, p. 241) e como uma *fabricação discursiva da identidade* (SERIOT, 2001). Assim sendo, remeto-me ao nome *brasiguaios/brasiguayos*, reconhecendo-o como uma denominação que em determinado momento da história foi aceita e utilizada pela comunidade mundial para nominar um conjunto de sujeitos.

Guimarães, ao refletir sobre o nome próprio de pessoa, afirma que os nomes próprios “[...] têm a função de identificar um indivíduo biológico para o Estado e para a sociedade, e tomá-lo como sujeito” (GUIMARÃES, 2002, p. 36). Nomear, para o autor, é uma enunciação que funciona mediante um processo de determinação semântico-enunciativa que se dá durante o processo social de identificação (*Idem*).

Denominar, conseqüentemente, é um processo que instaura sempre *relações de poder*, pois estabelece diferenças entre os grupos. É também um ato jurídico, pois o nome que se dá a um grupo tem que ser reconhecido pelos órgãos estatais e pelos organismos internacionais. Ou seja, a denominação é uma forma de dizer que os grupos não são iguais.

Essa desigualdade entre os grupos pode ser constatada ao se observar que a designação *brasiguaios/brasiguayos* em sua opacidade instaura efeitos de sentidos diversos quando analisados em cada lado da fronteira e no interior das FD em que é acionado. Os sentidos mobilizados pelos grupos deslizam, assim, de acordo com os interesses claramente

manifestados ou dissimulados pelos grupos em cada nação. Trataremos dessas questões de maneira mais pormenorizada na seção 4.8 deste capítulo. No momento, queremos apenas adiantar que em cada lado da fronteira essa denominação aciona sentimentos de disputa, ondas de nacionalismos, confrontos identitários e múltiplas oposições construídas no interior dos discursos durante os processos de interação social.

Os diferentes *efeitos de sentido* instaurados em torno da denominação/designação serão apontados no decorrer das análises discursivas que serão iniciadas na seção 4.5. A partir dessa seção e nas próximas que se seguem, apontaremos o *percurso ideológico da denominação/designação* à luz das diversas FD examinadas.

Outra questão a ser analisada é que a denominação assumida, seja como *brasiguai* ou *brasiguayo*, dependendo do lado da fronteira em que o indivíduo se encontra, sempre aponta para a dimensão da perda. Em outros termos, quando o indivíduo toma para si a denominação *brasiguai* ou *brasiguayo*, buscando construir um lugar de pertença e discursivo e, por conseguinte, marcando a sua existência como *sujeito*, há algo que se perde e que é deixado para trás a partir da adoção do nome.

Do lado paraguaio, por exemplo, a adoção da denominação *brasiguayo* sinaliza um processo paradoxal de renúncia que aponta em duas direções:

1. primeiramente aponta para o reconhecimento da perda parcial da identidade brasileira naquele país, onde ele passa a se posicionar como parcialmente paraguaio. Ou seja, ele se posiciona no *meio termo* das duas identidades.
2. em outra dimensão pode-se igualmente inferir que esse indivíduo ao assumir a identidade *brasiguai* no Paraguai, passa também a marcar a sua identidade parcialmente brasileira (sua *alteridade*) diante do *outro* paraguaio.

Ironicamente quando retorna ao Brasil o processo duplamente contraditório se inverte, pois:

1. ao adotar a denominação *brasiguai*, em território brasileiro, deixa para trás a metade da identidade paraguaia que também o constitui, instaurada durante os mais de cinquenta anos de permanência naquele país;
2. em outra perspectiva, ao assumir a identidade de *brasiguai*, do lado brasileiro da fronteira, acaba por marcar sua identidade parcialmente paraguaia inscrita nos saberes que o atravessam.

Guimarães (*Idem*, p. 42) observa que “Não é um sujeito que nomeia, ou refere, [...] mas o *acontecimento*, exatamente porque ele constitui seu próprio passado”. O nome *brasiguaios/brasiguayos* dessa forma passa a significar e dar referência aos sujeitos a partir do momento em que é assumido pelo grupo de brasileiros (e reconhecido pela imprensa latino-americana e comunidades internacionais, porque o reconhecimento é condição *sine qua non* para o sucesso da denominação) em resposta a uma série de acontecimentos históricos e no interior de uma temporalidade, que se inicia com a emigração ao Paraguai e se perpetua com o retorno ao Brasil.

A temporalidade do acontecimento, por conseguinte, atesta no nome *brasiguaios/brasiguayos* um progressivo processo de renúncia à identidade de brasileiros ou paraguaios, conforme observado anteriormente. Em quaisquer dos dois casos prenuncia um rompimento com o processo histórico-social de identificação que anteriormente portavam. Nesse aspecto, é constituído a partir de uma memória social, presente no entrecruzamento de discursos historicamente produzidos, cujo efeito se projeta na língua, por meio da nova materialidade simbólica criada para denominar o grupo.

É importante ressaltar que nos dois movimentos, de ida e de retorno que irrompe na denominação, há perdas e ganhos que se marcarão na constituição desse indivíduo como sujeito, que irão se revelar na maneira como ele se localiza no mundo e nas relações sociais que virá a construir com outros sujeitos. E tudo será devidamente registrado não só em sua *memória social*, como também na *memória discursiva* em ambos os lados da fronteira.

O nome *brasiguaios/brasiguayos* é constituído por uma dupla materialidade linguística associada a uma dimensão simbólica que funde não apenas as duas nacionalidades, mas também as duas línguas, o português e o espanhol (*portunhol*). O *portunhol* no decorrer dos anos passou a ser a língua de muitos imigrantes brasileiros no país, conforme podemos verificar na SD a seguir em que o imigrante brasileiro alterna as duas línguas em seu discurso (*discurso do*):

(SD1) Cultivamos soja, trigo, girasol, maíz, por sistema de plantio directo. Usamos una tecnologia de cultivo avanzada como la de Brasil o Estados Unidos. Queremos que el Paraguay se desarrolle y salga adelante, que se acabe la corrupción. [...]. (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a GUTIÉRREZ em 17/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 117).

Por materialidade linguística estamos nos referindo aos sintagmas adjetivais que se unem para a composição da denominação; por dimensão simbólica queremos nos remeter às

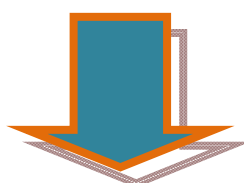
diferentes camadas da memória social que se projetam na língua pelo viés dessa denominação.

A materialidade simbólica (histórico-social) presente em *brasiguaios* relaciona-se ao *interdiscurso*, ao *já-dito*, à *memória discursiva* que se manifesta no discurso dos *sujeitos* por ser constitutiva da língua. Assim, materialidade linguística e simbólica se unem na denominação *brasiguaios/brasiguayos*, desenhando-se na temporalidade e no espaço de dois modos. O primeiro delinea o passado, pois ao adotar a denominação de *brasiguaiio/brasiguayos* os *sujeitos* mobilizam todo um conjunto de discursos anteriormente produzidos que se projetam no nome. A outra remete ao futuro, pois a denominação produzida discursivamente será constantemente atualizada em novos discursos (GUIMARÃES, 2002, p. 12). Assim, o simbólico e o linguístico estão presentes na denominação *brasiguaios/brasiguayos*.

Refletindo sobre os processos de identificação de que fala Pêcheux ([1975], 2009a, p. 215-8), Indursky ressalva que em processos de *contra-identificação* não há o rompimento total do sujeito com a FD dominante. O que ocorre é a fragmentação da *forma-sujeito* em decorrência do surgimento de uma nova *posição-sujeito* que irrompe impulsionada pelo estranhamento do sujeito com o sujeito histórico da FD dominante. Isso marca o aparecimento de um *acontecimento enunciativo*, na perspectiva da teórica (INDURSKY, 2008, p. 29).

O surgimento do nome *brasiguaios/brasiguayos*, partindo desse ponto de vista, marca o aparecimento de um *acontecimento enunciativo-discursivo* (INDURSKY, 2008, p. 29) discursivizado, posteriormente, a partir das ações empreendidas pelo grupo. Em outras palavras, o *acontecimento enunciativo-discursivo* irrompe a partir da nomeação, de modo que o grupo passa a se inscrever na língua por meio da dupla denominação. O que caracteriza o *acontecimento enunciativo-discursivo* é que ele instaura o novo, de modo que a cada vez que os sentidos deslizam (pelo encontro de uma memória – *interdiscurso* – com uma atualidade – discurso) estamos diante de uma nova *posição-sujeito* e, possivelmente, de um novo *acontecimento enunciativo-discursivo* que *pode* se marcar no interior da mesma FD.

As seções que se seguem são dedicadas à análise discursiva do nosso objeto.





#### 4.5 *Brasiguayos* no Paraguai: o acontecimento, as formações discursivas e as posições-sujeito em que se inscrevem os imigrantes brasileiros no Paraguai

*A posição de trabalho que aqui evoco em referência à Análise de Discurso [...] supõe somente que, através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretação enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados (PÊCHEUX, [1983], 2002, p. 57).*

É a partir das condições de produção históricas do surgimento da denominação *brasiguayo/brasiguai*, no cenário da fronteira Brasil-Paraguai, que gostaria de iniciar a discussão acerca das *formações discursivas*, das *posições-sujeito* e do *acontecimento*, compreendido como “um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX [1983], 2002, p. 17).

No capítulo II mostrei que o processo de emigração de brasileiros para o Paraguai ocorreu em momentos distintos do século XX, envolvendo grupos sociais de origens diferentes. Desse modo, cruzaram a fronteira tanto descendentes de europeus, expropriados do Rio Grande do Sul em busca de acesso às terras baratas e agriculturáveis, quanto descendentes de imigrantes nordestinos, cuja emigração foi facilitada por empresas colonizadoras que levavam mão de obra barata ao país vizinho, para atuar em frentes de trabalho.

Esse *acontecimento histórico* pode ser apreendido em vestígios da *memória discursiva* que irrompem nas discursividades a seguir, categorizados como discurso *do/sobre* (INDURSKY, 2013, p. 287).

Nas falas recortadas a *memória discursiva* emerge como se tivesse origem nos próprios sujeitos - repórter Bruno Grubert, na SD (2), e Deputado Federal Geraldo Resende do PMDB/MS, na SD (3) - no entanto por ser de natureza social ela provém dos discursos em circulação. Em outros termos a *memória discursiva* aflora do *interdiscurso* sob a forma de *pré-construídos* mobilizados pelos sujeitos (*discurso sobre*) mencionados:

(SD2) Eles são brasileiros, mas moram no Paraguai desde crianças, quando foram levados pelos pais em busca de terras mais baratas para plantar e viver melhor. Os pais se foram e deixaram os filhos. Alguns, há mais de 30 anos, ficaram no povoado chamado de La Terza, situado no povoado de Mariscal Francisco Solano López, próximo à fronteira com Foz do Iguaçu (PR) (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11 – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD3) É preciso lembrar que eles foram atraídos pela promessa de oportunidades e, em pouco mais de 30 anos, transformaram o Paraguai num dos maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul, gerando milhares de empregos diretos e

indiretos (*O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*)

O funcionamento dos recortes “*moram no Paraguai desde crianças, levados pelos pais*” e “*há mais de 30 anos ficaram no povoado de La Terza*”, na SD (2) e “*eles foram atraídos pela promessa de oportunidades*”, na SD (3), atestam os vestígios da *memória discursiva* irrompendo no discurso do articulista do Jornal Correio do Estado e do Deputado Federal Geraldo Resende. Embora emergindo em situações distintas de produção, recuperam mesmo *acontecimento histórico* da emigração dos brasileiros para o Paraguai que irrompe pelo viés do *interdiscurso* nas sequências mencionadas.

Até o ano de 1985, segundo Sprandel ([sd]), a *designação brasiguaios* se referia somente “[...] à condição primordial de ‘brasileiros’ e de ‘agricultores’ que partilhavam uma história de vida [...] como arrendatários, posseiros ou pequenos-proprietários”. Após 1989, com o acirramento dos conflitos, também passaram a ser assim designados os membros de uma comunidade de pequenos-proprietários de terras no Paraguai, possuidores de áreas entre 13 a 85 hectares, além de médios proprietários que progrediram naquele país plantando soja, trigo e algodão.

Neste início do século XXI, mais de cinquenta anos após terem atravessado a fronteira, esses grupos, de acordo com o maior ou menor sucesso em suas atividades econômicas, encontram-se divididos em várias categorias de sujeitos, pertencentes às mais distintas classes sociais e participando de diferentes atividades nos setores agrícola e comercial paraguaios.

Na tentativa de racionalizar as ações de mediação empreendidas no Paraguai, nos conflitos por terras entre *brasiguayos* e paraguaios, o MST também vem tentando fazer um mapeamento dessa população. Reconhece nesse aspecto que além de *brasiguayos* na condição de Sem Terra, sob essa designação existem, hoje, outros grupos que se caracterizam por uma multiplicidade de situações sociais. Assim, além dos pequenos e médios proprietários que se incluem entre o segmento camponês, existe um grupo considerável de simpatizantes do Partido Colorado, que esteve no poder até 1989. Esse grupo, de características conservadoras, se recusa a deixar o país, pois possui condição econômica superior aos camponeses paraguaios e maioria absoluta em algumas regiões.

Essa distribuição torna difícil uma classificação exata, dividindo o pensamento de muitos teóricos quando tentam definir uma estratificação social para os brasileiros e seus descendentes que hoje vivem naquele país.

Para efeito deste estudo, entretanto, consideraremos a sua divisão em três grandes grupos identificados a duas *formações discursivas* a partir dos discursos que circulam na sociedade paraguaia e nas comunidades internacionais.

O *primeiro grupo* aqui considerado é o de emigrantes pobres, trabalhadores rurais, pequenos camponeses, de produção familiar de subsistência, que a partir da modernização da agricultura paraguaia, em 1980, e da expansão do agronegócio, começou a ser expulso do Paraguai. Esse grupo, em maioria numérica, é normalmente controlado em sua mobilidade espacial pela polícia paraguaia. Alguns são legalizados, mas a maioria vive no país com vistos temporários vencidos e, por isso, são vítimas de constantes extorsões por parte de agentes da imigração daquele país.

O *segundo grupo* que consideraremos é o que se identifica como *brasileiros no Paraguai* e são os grandes latifundiários, produtores de soja, que contribuem economicamente com a elevação do PIB do país e, por isso, são protegidos pelo governo paraguaio. Esses grandes produtores não se encontram ameaçados de expulsão ou invasão de terras, mas estão se aproveitando dos atuais conflitos para aumentarem a extensão de suas propriedades. Nesse grupo interpomos, ainda, alguns imigrantes brasileiros identificados à classe dominante que se lançam à política partidária no Paraguai, aproveitando-se também das tensões locais para angariar votos da população de *brasiguayos* em disputas eleitorais com paraguaios.

O *terceiro* é o que irrompe a partir do *acontecimento histórico* dos conflitos desencadeados entre imigrantes brasileiros e camponeses paraguaios que passaram a se organizar na luta pela terra em território paraguaio, após o fim da Ditadura Stroessner. Hoje, esse grupo vive sob constante tensão, desencadeada pela ameaça de ter suas terras invadidas pelos camponeses paraguaios que reivindicam propriedades de brasileiros. Com esse terceiro grupo se identificam os pequenos e médios produtores rurais, donos de propriedades no Paraguai e com documentação regular no país. Esse grupo (que não é o de grandes proprietários rurais e tampouco o de despossuídos) assume a denominação de *brasiguayo* nessa época conflituosa, entrincheirando-se para se proteger das invasões. O que o caracteriza é que *pode* ter suas terras confiscadas e está na iminência de se tornar um despossuído. Em caso de retorno ao Brasil esses pequenos e médios proprietários se converterão em Sem Terra, pois tudo o que construíram concentra-se no país vizinho.

Muitos imigrantes identificados ao segundo grupo estão sendo acusados de aliciar os camponeses paraguaios – com a ajuda de políticos, de autoridades e da polícia paraguaia – levando-os a coagir, por meio da violência, os camponeses brasileiros que insistem em permanecer em terras paraguaias. É o que mostram as sequências discursivas (*discurso sobre*) recortadas a seguir:

(SD4) Há cerca de cinco anos, conforme contam os trabalhadores que vieram do Paraguai, começaram as invasões violentas nas pequenas áreas rurais, que antes eram suas propriedades. “Não é coisa de camponês, isso é mandado por gente grande”, defende Antônio Chella, de 65 anos, dos quais 30 passou no Paraguai. Segundo ele, há juízes e delegados de polícia por trás das invasões.” É a pior polícia do mundo. Eles não gostam de brasileiros. Então os camponeses invadem e pagam a renda da terra para os poderosos”, aposta. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11<sup>a</sup> – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD5) “[...] e, em nome de uma onda nacionalista, alguns políticos paraguaios chegaram ao ponto de incentivar a invasão de propriedades de brasileiros.” (Pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende, publicado em *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

(SD6) “[...] Geraldo fez uma denúncia que considera grave: transmissões de rádio em guarani exortam os camponeses sem-terra a atacarem os brasileiros, incendiando suas casas ou invadindo suas lojas.” (*O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

(SD7) Há cerca de cinco anos, porém, os camponeses paraguaios (que invadem e ocupam propriedades não tituladas) utilizam táticas de guerrilha com o objetivo de expulsar os cidadãos com dupla nacionalidade das terras do país vizinho (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11<sup>a</sup> – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

Os recortes “*invasões violentas*”, “*camponeses invadem*”, “*invasão de propriedades de brasileiros*”, “*exortam os camponeses sem-terra a atacarem [...] incendiando suas casas e invadindo suas lojas*”, “*utilizam táticas de guerrilha*” e “*expulsar*” extraídos das SD (4) a (7) instauram nos discursos efeitos de sentidos de coerção e intimidação pela força, projetando simultaneamente imagens de terror em torno do cotidiano do *brasiguayo* no Paraguai.

Embora o segundo grupo de imigrantes brasileiros não goste de ser confundido com o *brasiguayo*, atualmente há uma forte tendência de se atribuir essa designação a todos os brasileiros que vivem no Paraguai indistintamente. Essa propensão pode ser verificada nos discursos proferidos por setores do governo e da imprensa, nos quais por *brasiguayos/brasiguaios* entende-se tanto o brasileiro que retorna sem terra do Paraguai como aquele que continua naquele país, como dono de terras ou não. Ou seja, é uma classificação que vem sendo estabelecida segundo critérios definidos pelo *discurso-outro* - imprensa nacional e internacional, membros do governo brasileiro e paraguaio, corpo diplomático de

outros países, residentes e camponeses paraguaios, intelectuais de várias nações, dentre diversos setores.

Assim, tomando por base o trajeto temático (GUILHAMOU E MALDIDIER, 1994, p. 166) da denominação/designação *brasiguayo/brasiguai* passaremos a individualizar, para efeito deste estudo, duas *formações discursivas* dos diferentes imigrantes brasileiros que, neste início do século XXI, vivem no Paraguai. A primeira, aqui tomada como **FD1**, é aquela com a qual se identificam os imigrantes brasileiros que lutam pela terra para sua subsistência e sobrevivência no Paraguai (imigrantes despossuídos e, atualmente, pequenos e médios proprietários que vivem sob ameaça de invasão). À segunda, **FD2**, se identificam os grandes latifundiários brasileiros que recentemente estão se aproveitando dos conflitos para agregarem mais terras às suas propriedades, além daqueles imigrantes que integram a elite política paraguaia. Essa *tomada de posição* se apoia na concepção de que “[...] uma FD não é algo delimitado *a priori* porque se constrói e se configura como gesto de interpretação, ou seja, como resultado do olhar do analista [...]” (CAZARIN, [sd], p. 13).

O que separa ideologicamente esses sujeitos é o fato de que apresentam distintas situações econômicas e políticas, assim como estratégias e objetivos variados. Há aqueles que, pelo acirramento das disputas em torno da terra e pela situação de pobreza e marginalização no Paraguai, desejam voltar ao Brasil. Há outros que, embora ameaçados e na iminência de perderem suas propriedades, desejam permanecer no Paraguai, pois lá está reunido tudo o que construíram nos últimos cinquenta anos. E, por fim, há um grupo restrito que, conforme já observamos, não está ameaçado, mas se aproveita dos conflitos para ampliar o número de suas propriedades agrícolas ou obter vantagens nas disputas eleitorais paraguaias.

Do ponto de vista dos discursos, das ações empreendidas e dos interesses mobilizados há grupos que manifestam um discurso mais progressista e outros com tendência mais conservadora. Isso faz com que cotidianamente, em tempos de paz em território paraguaio, se posicionem em lados opostos quando se trata de defender interesses políticos e econômicos colocados em jogo.

#### **4.5.1 Posições-sujeito inscritas na FD1**

Para estabelecermos a configuração da FD1, no Paraguai, cabe ressaltar que após o surgimento da denominação, em 1985, *brasiguayo/brasiguai* passou a ser associado às camadas de camponeses marginalizados pelos outros imigrantes. Para as categorias de

imigrantes mais abastados o *brasiguayo* era sinônimo de brasileiro fracassado, incapaz de vencer num país de cultura inferior. Criava-se, assim, uma série de critérios de distinção dos lugares sociais que apontavam para diferenças de classe entre aqueles que conseguiram se estabilizar e a grande maioria que não conseguira ascender socialmente. Imigrantes que tinham recursos econômicos preferiam ser reconhecidos como brasileiros ou paraguaios, pois *brasiguayos* designava unicamente os Sem Terra, sem recursos e que estavam retornando derrotados ao Brasil. Do lado brasileiro da fronteira a designação passou a referenciá-los como vítimas de um duplo processo de expulsão, principalmente por conta de imagens projetadas pela Pastoral de Terra. Neste primeiro momento, portanto, *brasiguayo/brasiguaio* designava unicamente o imigrante fracassado, marginalizado e Sem Terra que estava sendo expulso do Paraguai.

Observando a *denominação brasiguayo/brasiguaio* e os diferentes *efeitos de sentido* que agrega em determinadas condições de produção, compreendemos ser possível traçar o seu *percurso ideológico* a partir do que propõem Guilhaumou e Maldidier (1994).

Ancorados nos conceitos de *trajeto temático* e *momentos distintos do corpus*, Guilhaumou e Maldidier (1994, p. 164) observam que a materialidade dos textos é condicionada a um *trajeto de leitura* que, dentro de sua materialidade e diversidade, é ordenada por sua abrangência social. De acordo com esses teóricos é possível buscar na materialidade do *acontecimento* um trajeto de leitura possível e, assim, traçar o *percurso temático* de um enunciado no interior de vários *arquivos*.

Deslocando o pensamento de Guilhaumou e Maldidier (1994) para o âmbito dos nossos estudos, ratificamos que é possível traçar o percurso temático da *denominação/designação brasiguayo/brasiguaio* que se inicia antes mesmo da sua emergência oficial no cenário político (após a emigração dos brasileiros ao Paraguai, na década de 60) e que irrompe, definitivamente, como *acontecimento enunciativo* (INDURSKY, 2008, p. 29) ao final do século XX. A partir do seu surgimento, datado de 1985, a *denominação/designação* vai sofrendo múltiplos deslizamentos de sentidos que surgem como *acontecimentos* a serem lidos, na perspectiva de nossos estudos, e que apontaremos ao longo das análises nas seções que compõem este capítulo.

Desse modo, o primeiro momento em que a *denominação brasiguayo/brasiguaio* emerge no cenário político mundial, aponta para a instauração do que Achard (2010) denomina como *jogo de força fundador*, caracterizado pelo *efeito de repetição* do mesmo significante no cenário político mundial. Esse *efeito de repetição* será chamado de

*regularização* pelo teórico, uma vez que se apoia “sobre o reconhecimento do mesmo e de sua repetição” (ACHARD, 2010, p. 16). Do nosso ponto de vista, a auto-nomeação (assumida pelo imigrante brasileiro como *brasiguayo/brasiguaio*) irá desencadear um efeito de sentido de *construção discursiva da identidade*. Já a designação de *brasiguayo/brasiguaio* por outros sujeito-enunciadores conduz ao efeito de *fabricação discursiva da identidade*.

À vista dessas questões, o *percurso ideológico* da *denominação brasiguayo/brasiguaio* pode ser desenhado, inicialmente, de acordo com o quadro que se segue:

PERCURSO IDEOLÓGICO DA <i>DENOMINAÇÃO/DESIGNAÇÃO BRASIGUAYO/BRASIGUAIO IDENTIFICADO À FDI</i>	
ANO	EFEITO DE SENTIDO FUNDADOR INSTAURADO EM TORNO DA <i>DENOMINAÇÃO</i>
1960 - Antes da <i>denominação/designação</i> ser forjada. Quem era o imigrante brasileiro (futuro brasiguayo) nessa época?	<ul style="list-style-type: none"> <li>Emigrantes brasileiros (nordestinos, mineiros, descendentes de europeus, etc.) que cruzaram a fronteira física Brasil-Paraguai em busca de terras baratas e agriculturáveis, ou para atuar em frentes de trabalho no Paraguai .</li> </ul>
1985 - irrupção do <i>acontecimento enunciativo brasiguayo/brasiguaio no cenário político mundial</i>	<p><i>Brasiguayo</i> era</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>o camponês marginalizado no Paraguai;</li> <li>o imigrante brasileiro fracassado no Paraguai;</li> <li>o Sem Terra; sem recursos no Paraguai;</li> <li>o imigrante expulso do Paraguai e que retornava derrotado ao Brasil.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>A auto-nomeação <i>brasiguayo/brasiguaio</i> instaura um processo de <i>construção discursiva da identidade</i></li> </ul>

Quadro 2: Trajeto temático inicial da *denominação brasiguayo/brasiguaio*: camponeses pobres, fracassados, Sem Terra, expulsos do Paraguai

Conforme mencionamos anteriormente, o acirramento dos conflitos e as ameaças de invasões às terras de agricultores brasileiros inauguraram novas *condições de produção* que fizeram com que pequenos e médios proprietários, em situação regular no Paraguai, acabassem assumindo também a denominação de *brasiguayos*. A denominação tornou-se, com o tempo, usual e politicamente reforçada por vários setores sociais dos dois países.

Desse modo a *regularização* inicial dos sentidos que se instaurava em torno da *denominação*, no ano de 1985 (apontada no quadro anterior), sofre deslizamento desencadeando a emergência de um novo *efeito de sentido* a partir da inscrição de outra *posição-sujeito* no interior da mesma FD (conforme veremos em análises mais adiante). As

categorias de pequenos e médios produtores rurais paraguaios apropriam-se da *designação brasiguayo/brasiguaio* instaurando uma identidade discursiva de ocasião, determinada pelas condições de produção. Nesse aspecto, não se trata de uma construção identitária, mas de um processo de *fabricação discursiva da identidade* assumida devido às circunstâncias. Esse funcionamento discursivo, denominado por Indursky (2011, p. 77) de *efeito metafórico*, se caracteriza pelo deslizamento entre saberes e sentidos produzidos a partir de diferentes *posições-sujeito*, inscritas na mesma FD.

O deslizamento de sentidos em torno da *denominação/designação brasiguayo/brasiguaio* passa, assim, a tangenciar uma nova série temática, conforme demonstrada no quadro a seguir:

<b>PERCURSO IDEOLÓGICO DA DENOMINAÇÃO/DESIGNAÇÃO BRASIGUAYO/BRASIGUAIO IDENTIFICADO À FD1</b>	
<b>CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO</b>	<b>DESLIZAMENTO DOS SENTIDOS INSTAURADOS EM TORNO DA DENOMINAÇÃO/DESIGNAÇÃO</b>
1. Aumento dos conflitos por terra no Paraguai entre imigrantes brasileiros e camponeses paraguaios;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Brasiguayo</i> passa a ser também o pequeno e médio proprietário de terra no Paraguai, em situação regular no país.</li> </ul>
2. Início das invasões de terras de imigrantes brasileiros no Paraguai.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A apropriação da designação <i>brasiguayo/brasiguaio</i> por pequenos e médios produtores rurais constitui um processo de <i>fabricação discursiva</i> de uma <i>identidade de ocasião</i>.</li> </ul>

Quadro 3: Trajeto temático da designação/denominação *brasiguayo/brasiguaio* - pequenos e médios produtores rurais no Paraguai

À vista das questões mencionadas, podemos afirmar que a FD1 se caracteriza pela *heterogeneidade*, confirmada quando se observa distinções importantes que singularizam as duas *posições-sujeito* que nela se inscrevem. Enquanto a *posição-sujeito* 1 (PS1) afeta os *brasiguayos* descapitalizados, a *posição-sujeito* 2 (PS2) remete à classe social de pequenos e médios produtores rurais. Desse modo, os sujeitos inscritos na PS2 não são despossuídos, mas também não são capitalistas. Essas particularidades são importantes, pois apontam para diferenças fundamentais no modo como esses sujeitos, inscritos na FD1, se relacionam com a *ideologia*.

Outro aspecto significativo que ratifica também a *heterogeneidade* dessa FD é que esses grupos sociais diversos portam diferentes saberes. Assim, se originalmente na FD1 se



inscreviam trabalhadores vindos da região Nordeste do Brasil e do estado de Minas Gerais (conforme mostramos no capítulo II), ao longo dos mais de cinquenta anos de permanência desses imigrantes no Paraguai, a FD1 foi sofrendo reconfigurações e, hoje, encontra-se atravessada por saberes e demandas originárias de vários grupos que partilham o empobrecimento, a marginalização ou a possibilidade do despojo. Esses diferentes sujeitos, entretanto, podem ser reunidos na mesma FD, a partir do ideário semelhante que manifestam na luta pela terra e pela sua preservação.

Quanto às ameaças de expropriação, em caso de retorno ao Brasil, os imigrantes que possuem propriedades no Paraguai dividirão o espaço nos acampamentos com os integrantes do MST, como já ocorre com alguns deles, conforme podemos depreender na sequência discursiva “Schuh calcula que a Pastoral do Imigrante foi responsável pelo repatriamento de 5 mil famílias de brasileiros para acampamentos do MST no oeste e noroeste do Paraná”, recortada da SD (46) e registrada à página 175 deste estudo. Nesta sequência os recortes *5 mil famílias, repatriamento e para acampamentos do MST* não deixam dúvidas de que os espaços antes ocupados apenas pelos Sem Terra brasileiros, passaram a ser divididos com os imigrantes repatriados do Paraguai.

As SD (8), (9) e (10) que se seguem registram o discurso de três imigrantes brasileiros (*discurso de*) que evidenciam terem adotado a denominação de *brasiguaios*.

(SD8) “O Brasil nos rejeitou há mais de três décadas, quando nos arrancou da terra e nos obrigou a buscar refúgio no Paraguai. Hoje o Paraguai, da mesma forma, não nos dá condições de sobrevivência e uma cidadania digna. [...] Somos os *brasiguaios* e lutamos pelo direito de voltar ao Brasil e dar aos nossos filhos uma pátria que os receba” (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD9) Brasiguai quer dizer brasileiro que veio do Brasil para o Paraguai, então juntou *Brasiguai*, quer dizer até o linguajar como nós falamos, misturado, tanto o paraguaio como o brasileiro que vivemos assim juntos, criou-se um linguajar do brasiguai. Nós não sabemos mais, nós perdemos nossa identidade no Brasil e também não temos nossa identidade aqui porque não falamos o guarani. Nesse meio termo criou-se o brasiguai (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, no Paraguai, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 232).

(SD10) Porque o Paraguai realmente se minha família não tivesse aqui eu não sei se no Brasil se nós teria. Talvez estava lá com os 5 alqueires lá de terra, trabalhando de peão, eu tinha nascido no Brasil, eu ia trabalhar de funcionário ou não sei que lá. [...]. Talvez é isso brasiguai porque trouxe uma herança do Brasil, que é a tendência de trabalhar, não é descansar. E paraguaio porque entrou num país que deu oportunidade, abrir espaço, não adianta abrir um livro e não saber ler, tem que abrir o livro, ler e se aproveitar da leitura (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 18/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 233).

Observando-se o funcionamento discursivo desses recortes é possível apreender um conjunto de sequências que nos permitem inscrever esses sujeitos-enunciadores na FD1, conforme se verifica a seguir:

SD	SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS RECORTADAS	FD
SD8	<i>“O Brasil nos rejeitou [...] quando nos arrancou da terra e nos obrigou a buscar refúgio no Paraguai.[...]”</i>	FD1
SD8	<i>“[...] o Paraguai, da mesma forma, não nos dá condições de sobrevivência [...]”.</i>	FD1
SD8	<i>“[...] Somos os brasiguaios e lutamos pelo direito de voltar ao Brasil [...] uma pátria que os receba.”</i>	FD1
SD9	<i>“[...] até o linguajar como nós falamos, misturado, tanto o paraguaio como o brasileiro que vivemos assim juntos, criou-se um linguajar do brasiguai.”</i>	FD1
SD9	<i>“Nós não sabemos mais, nós perdemos nossa identidade no Brasil e também não temos nossa identidade aqui porque não falamos o guarani.”</i>	FD1
SD10	<i>“Porque o Paraguai realmente se minha família não tivesse aqui eu não sei se no Brasil se nós teria.”</i>	FD1
SD10	<i>“Talvez estava lá com os 5 alqueires lá de terra, trabalhando de peão, eu tinha nascido no Brasil, eu ia trabalhar de funcionário ou não sei que lá.”</i>	FD1
SD10	<i>“Talvez é isso brasiguai porque trouxe uma herança do Brasil, que é a tendência de trabalhar, não é descansar.”</i>	FD1

Quadro 4: Indivuação da FD1

Nas sequências discursivas recortadas as formulações *“O Brasil [...] rejeitou [...] arrancou da terra [...] obrigou a buscar refúgio no Paraguai.[...]”*, *“[...] o Paraguai [...] não nos dá condições de sobrevivência”* e *“brasiguaios e lutamos pelo direito de voltar ao Brasil [...] pátria que os receba”* na (SD8); *“perdemos nossa identidade no Brasil”*, *“não temos nossa identidade aqui”* na (SD9); *“estava lá com os 5 alqueires lá de terra, trabalhando de peão”*, *“ trouxe uma herança [...] a tendência de trabalhar, não é descansar”* na (SD10), marcam duas *posições-sujeito* que se inscrevem na *formação discursiva* de brasileiros que lutam pela terra em território paraguaio, aqui tomada como FD1.

A *primeira posição-sujeito* pode ser identificada aos camponeses pobres, Sem Terra, que estão sendo sumariamente expulsos do Paraguai e desejam voltar ao Brasil em busca da cidadania perdida. Os recortes *rejeitou/arrancou da terra/obrigou a buscar refúgio no Paraguai* e *Paraguai/ não nos dá condições de sobrevivência* marcam discursivamente esses sujeitos e os definem como os imigrantes despossuídos que vivem o drama do *meio termo* entre uma identidade brasileira que se perdeu com o *acontecimento histórico* da emigração e,

outra, que não se consolidou em território paraguaio o suficiente para que obtivessem cidadania e ascensão social. Essas sequências constroem um *efeito de sentido* trágico que realça o drama desses sujeitos duplamente vitimizados: primeiro em decorrência de processos de perseguição e expulsão sofridos nos dois lados da fronteira e, depois, pela rejeição ao seu retorno já que para regressarem ao Brasil precisam lutar contra a negação e pelo direito a ter uma *pátria que os receba*.

O funcionamento das SD (9) e (10) recortadas de entrevistas com dois imigrantes brasileiros, produtores agrícolas das cidades de *Naranjal* e *Santa Rosa de Monday*, no Paraguai, nos permite verificar marcas que os instauram como uma *segunda posição-sujeito*, também inscrita na FD1. As formulações *perdemos nossa identidade no Brasil/ não temos nossa identidade aqui/ não falamos o guarani* instaura um *efeito de sentido* que remete à denominação do *brasiguayo/brasiguai* como o sujeito que não tem a cidadania reconhecida em nenhum dos dois países. Nesse aspecto, observa-se que, embora esse sujeito tenha ascendido à condição de produtor agrícola, ainda guarda marcas que sinalizam em seu discurso um *não-lugar*.

Na sequência discursiva *não falamos o guarani* o efeito de sentido que se instaura é o de segregação nas *relações de força* que se estabelecem entre a população paraguaia e os imigrantes brasileiros. Esse *não-lugar* e esse *não-pertencimento* são marcados por questões linguísticas no momento em que irrompem as disputas por terras no Paraguai. Esclarecemos: falar ou não falar o guarani é um critério de distinção inequívoco estabelecido por sujeitos inscritos em diversas FD da sociedade paraguaia, uma vez que as tradições do país são constantemente atravessadas por trocas culturais com outras nações. Essas questões foram tratadas no capítulo II deste estudo.

À vista disso, não basta nascer no Paraguai ou ter se naturalizado para que o imigrante possa ser considerado como *paraguaio legítimo*. Ele e seus descendentes têm que falar fluentemente o guarani, a língua nacional de raiz indígena. Muitos imigrantes reclamam de discriminação nas relações sociais e na resolução dos conflitos por terra exatamente porque não falam o guarani.

Esse é um caso bastante interessante, pois demonstra que mesmo que esse sujeito esteja legalizado e que possa comprovar seu direito à terra, falta-lhe ainda a identificação com a língua guarani. Em outras palavras, falta-lhe se subjetivar pela língua. Desse modo, tanto os paraguaios não o reconhecem como sujeito de direito quanto o próprio *brasiguayo* se resigna a essa negação ao admitir que não fala a língua, conforme se observa na SD (9): “[...] *não*

*temos nossa identidade aqui porque não falamos o guarani*”. Essa exigência evidencia que a interpelação do sujeito se dá, em território paraguaio, pela ideologia e pela identificação-subjetivação à língua guarani, fato que nos permite apontar que ao não se subjetivarem pela língua os *brasiguayos* perdem o traço de pertencimento e de cidadania paraguaia, sendo posicionados e posicionando-se em um *não-lugar*.

As formulações *se minha família não tivesse aqui não sei se no Brasil se nós teria/ Talvez estava lá com 5 alqueires de terra [...] de peão/ tendência de trabalhar, não é descansar* marcam discursivamente um sujeito inscrito também na FD1. Trata-se de uma *posição-sujeito* que pode ser identificada como o médio produtor rural brasileiro, cuja família se desfez da pequena propriedade que possuía no Brasil (de 5 *alqueires*), atravessando a fronteira na década de 60. Uma vez no Paraguai, conseguiu ascender socialmente, porém não o suficiente para se tornar um grande latifundiário protegido pelo governo; daí assumir a identificação de *brasiguayo*, conforme comprova o segmento “*brasiguayo porque trouxe uma herança do Brasil*”. Cabe observar que essa herança foi considerada como algo superior, fato que impediu o *brasiguayo* de se identificar à cultura local e à língua guarani. Isso o colocou fora de lugar e sem a qualificação necessária para disputar um pedaço de terra com os paraguaios que também lutam por esse mesmo objetivo. Esses traços o distinguem do sujeito inscrito na FD2 que, por ser capitalista, dono de grandes extensões de terra e grande produtor não necessita submeter-se ao ritual de identificação com a língua guarani. Essa identificação também não lhe é cobrada, pelo menos ao nível de sua posição de grande proprietário rural e de sua atividade no agronegócio.

A assimetria nas exigências impostas aos sujeitos afetados pela FD1 (aos quais é cobrada a identificação com a língua), em oposição à FD2 (aos quais essa identificação não é estabelecida para ser reconhecido como proprietário de terras) revela um processo de luta de classes dissimulado que perpassa o cotidiano dos imigrantes brasileiros no Paraguai.

A formulação *a tendência de trabalhar, não é descansar* comprova mais uma vez que esse sujeito não é um grande produtor rural, pois o sintagma verbal *trabalhar* em oposição a *descansar* cria um *efeito de sentido* que é o da afirmação que esse produtor labuta no cultivo da própria terra. Por outro lado, ele é um imigrante regularizado no país (tem propriedade), mas por ser um médio produtor e não ter a proteção do governo paraguaio pode ter suas terras invadidas e tornar-se um Sem Terra. É importante reiterar que na perspectiva de um retorno, esse imigrante passaria de proprietário rural, no Paraguai, a Sem Terra no Brasil dividindo com outros despossuídos um dos acampamentos do MST em alguma cidade

fronteira. Nesse aspecto, da mesma forma como levou ao Paraguai *uma herança do Brasil*, iria trazer à FD dos Sem Terra brasileiros um conjunto de saberes acumulados nos mais de cinquenta anos vividos naquele país.

O funcionamento discursivo das sequências recortadas nos permite compreender que as duas *posições-sujeito* mencionadas se inscrevem na FD1 na medida em que, em ambas, pode-se constatar a questão da luta dos imigrantes pobres brasileiros pela terra em território paraguaio. A terra é a garantia da subsistência desses sujeitos. Outra aproximação entre esses sujeitos é que ambos são remanescentes do campesinato brasileiro que, na década de 60, atravessou a fronteira expulso pelo intenso processo de mecanização e concentração de propriedades na agricultura brasileira. *Terra* para esses sujeitos mobiliza um efeito de sentido de sobrevivência em território paraguaio. Eles lutam para garantir o próprio sustento que é alcançado mediante o trabalho na terra. Isso os distingue do sujeito inscrito na FD2 para quem *terra* tem o *efeito de sentido* de acumulação de capital. Esse deslizamento de sentidos *terra = sobrevivência X terra = acumulação de capital* indica a inscrição desses sujeitos em FD diferentes.

A configuração das *posições-sujeito* inscritas em FD1 pode ser sintetizada no quadro 5, a seguir:

<b>POSIÇÕES-SUJEITO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS NO PARAGUAI INSCRITAS NA FD1</b>		
<b>PS1</b>	<b>PS2</b>	<b>CARACTERÍSTICAS QUE INSCREVEM A PS1 E PS2 NA FD1</b>
Camponeses pobres, Sem Terra (despossuídos).	Pequenos e médios produtores rurais ameaçados de perderem suas propriedades.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• são remanescentes do campesinato brasileiro que emigrou ao Paraguai na década de 1960;</li> <li>• ambos lutam pela terra em território paraguaio;</li> <li>• o sustento é alcançado pelo próprio trabalho na terra;</li> <li>• terra para esses sujeitos tem o sentido de sobrevivência.</li> </ul>

Quadro 5: Desenho das posições-sujeito inscritas na FD1

Nas SD (11) e (12) que se seguem identificamos ainda produtores rurais brasileiros no Paraguai que se apresentam sob a designação de *brasiguaios* para representarem a categoria junto à Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE), no Senado brasileiro. Trata-se também de pequenos e médios produtores rurais brasileiros, inscritos na FD1, que tiveram seus documentos de propriedade contestados e estão na iminência de terem suas terras invadidas. A denominação comum acaba por agregar novos sentidos aos saberes

próprios da FDI instaurando um simulacro de unidade, de semelhança identitária e de integração, como se não houvesse diferenças, classificações, distinções de classe e marginalização dos imigrantes brasileiros mais pobres entre aqueles que ascenderam socialmente. A imagem que se projeta a partir da apropriação da denominação por esses imigrantes é a de uma pseudo-homogeneidade social constantemente afirmada e reinterpretada de acordo com a urgência política dos sujeitos.

A apropriação da denominação por outras categorias de imigrantes sobreveio depois de uma série de ações iniciadas pelo Legislativo paraguaio na década de 70, quando projetos de leis começaram a ser apresentados com a intenção de impedir o avanço da expansão brasileira no país. Uma dessas propostas foi o projeto de lei do líder do Partido Liberal paraguaio, Rodolfo Garabelli, que definia uma faixa de 50 Km de fronteira como zona exclusiva aos paraguaios. Aprovado pelas câmaras legislativas paraguaias, o Projeto foi posteriormente arquivado pelo presidente colorado Andrés Rodríguez, após fortes protestos da diplomacia brasileira.

Nas SD que se seguem (discursos *sobre*) podemos observar que a denominação/designação única confere contemporaneamente maior poder de mobilização e negociação junto às autoridades paraguaias e brasileiras e vem ganhando força no cenário político internacional, conforme se pode constatar a seguir:

(SD11) Dez representantes de produtores rurais brasileiros radicados no Paraguai – conhecidos como brasiguaios – estão na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE), onde vão acompanhar audiência pública a respeito das relações do Brasil com os demais países da América do Sul. Entre os convidados está a advogada Marilene Sguarizi Dias, que falará em nome dos brasiguaios. (Jornal *Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

(SD12) Pouco antes da audiência, o produtor rural brasileiro Altevir Dotto, 59 anos, que há 35 anos vive no Paraguai, disse que os brasileiros vivem uma “situação muito delicada” no país vizinho. – Não sei se o problema é político ou racial, mas existem ameaças de invasão de nossas terras. Temos certeza de que nossos títulos são legais e que estamos cumprindo as leis do Paraguai – disse Dotto. (Jornal *Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

Os recortes “*Dez representantes de produtores rurais brasileiros radicados no Paraguai – conhecidos como brasiguaios*”, na SD (11) e “*o produtor rural brasileiro Altevir Dotto [...] disse que [...] ‘existem ameaças de invasão de nossas terras [...] nossos títulos são legais’*” na SD (12) mostram que a designação vem sendo mobilizada por sujeitos de diversas classes sociais no Paraguai.

A adoção da denominação *brasiguayo/brasiguai* por essa *posição-sujeito* nos leva a refletir, mais uma vez, como já fizemos na página 114 deste capítulo, sobre o processo de *identificação* pelo viés do *nome*. De acordo com Pêcheux “o significante toma parte na *interpelação-identificação* do sujeito (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 241). Assim, o nome designa e inscreve o sujeito no discurso. No entanto, para compreendermos o nome como parte de um processo de *interpelação-identificação*, devemos pensar em seu funcionamento como semelhante a um *pré-construído* que designa o sujeito desde o seu nascimento, sem representá-lo. Desse modo, o nome tem que acumular um efeito de exterioridade, *encravando* o sujeito na FD que o domina, operando sobre ele de maneira incompreensível, como se o indivíduo fosse um *sempre-já* sujeito, produzido no *non-sens* como *causa de si*. Em outros termos, o nome deve estar associado à *modalidade discursiva da discrepância*, que interpela o sujeito de tal modo que ele pode dizer: *eu sou fulano de tal!*

Deslocando a reflexão de Pêcheux da nomeação para o âmbito da denominação de um grupo específico, observamos que a adoção do nome *brasiguai/brasiguayo* pela *posição-sujeito* mencionada, neste caso específico não pode ser entendida como uma identificação plena ou, ainda, como um caso de coexistência de processos simultâneos de *identificação-interpelação-produção de sentido*. Trata-se, antes, de um *simulacro de identificação*, caracterizado como uma identidade de ocasião *fabricada discursivamente* em decorrência das *condições de produção desse discurso*.

Cabe observar, no entanto, que a designação genérica *brasiguayo/brasiguai* não deve ser confundida com as *posições-sujeito* anteriormente analisadas, pois não é determinada pelo modo como esses sujeitos se relacionam com a ideologia. Trata-se antes de uma designação adotada por políticos, pela imprensa nacional e internacional (*discurso sobre*) conforme se registra nas SD (13) a (14) a seguir e que passa a ser repetida em condições específicas de produção por diversos segmentos sociais:

(SD13) Quais as providências que estão sendo tomadas pelo Itamaraty em apoio aos brasiguaios – produtores brasileiros que vivem no Paraguai – serão os pontos principais da audiência, em data a ser definida, que a Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA) terá com o ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota. A posição foi manifestada, em pronunciamento ontem (23), pelo senador Waldemir Moka (PMDB), vice-presidente da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA). (Jornal *Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*).

(SD14) Alvo permanente de invasões de sem-terra, a comunidade dos agricultores brasileiros que migrou para o Paraguai, conhecida como brasiguaios, teme ser o próximo alvo do aumento da violência nos conflitos agrários naquele país. O temor se acentuou na semana passada, depois de um confronto armado entre

agentes da Polícia Nacional e sem-terra resultar em 18 mortes. – Pode chegar até nós, porque os políticos de Assunção adoram usar os brasileiros como bode expiatório para tudo que acontece – comentou o brasiguaiio Marcelo Kaefer (Jornal *on line Brazilian Press*, de Newark, NJ – 21/06/2012. Título: *Brasiguaiios temem ser alvo de violência em conflitos agrários no Paraguai*).

(SD15) Segundo o senador, mais de 350 mil pessoas formam a comunidade de brasiguaiios que há mais de 40 anos foram trabalhar no Paraguai e hoje sofrem constrangimentos e ameaças, sendo inclusive acusadas de falsificação de documentos. (Jornal *Correio do Estado*, *on line*, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaiios será discutida com o Itamaraty*).

Na SD (13) o recorte “*brasiguaiios – produtores brasileiros que vivem no Paraguai*” foi extraído do jornal *Correio do Estado*, de MS. Na SD (14) o segmento “*a comunidade dos agricultores brasileiros que migrou para o Paraguai, conhecida como brasiguaiios*” originou-se no *Brazilian Express de Newark*, Nova Jersey (EUA). Na SD (15) a sequência “*mais de 350 mil pessoas formam a comunidade de brasiguaiios*” foi retirada do pronunciamento do senador Waldemir Moka (PMDB). Os recortes destacados mostram que a designação única é mobilizada pela imprensa nacional e internacional e também por políticos que identificam o *brasiguayo/brasiguaiio* sob uma designação única, eliminando as distinções sociais entre produtores rurais e camponeses mais pobres.

#### 4.5.2 Posições-sujeito inscritas na FD2

Nas sequências discursivas que se seguem podemos depreender marcas que relacionam os sujeitos do discurso identificados à FD2. Nos recortes selecionados Martín Almada, o mais importante representante do movimento dos direitos humanos paraguaio e prêmio Nobel da Paz alternativo, fala sobre a crise desencadeada no Paraguai ao *Carta Maior*, publicação eletrônica de esquerda criada em 2001 durante o 1º Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre, RS. Nessa reportagem (*discurso sobre*) publicada no *Blog* de Fernando Massoti, Almada menciona a morte de camponeses ocorrida em situação de enfrentamento com a polícia paraguaia, cujo desdobramento político foi o *impeachment* do presidente paraguaio Fernando Lugo:

(SD16) Onze camponeses Sem Terra foram assassinados na sexta-feira passada em uma fazenda próxima à fronteira com o Brasil, onde está aumentando a tensão em paralelo às reivindicações e ações diretas pela reforma agrária. O enfrentamento entre policiais e lavradores deixou sete agentes mortos, entre eles os chefes do Grupo de Operações Especiais, uma espécie de BOPE paraguaio, só que sua tarefa não é reprimir favelados como no Rio de Janeiro, mas os peões rurais que, depois que Lugo chegou ao governo, em 2008, aumentaram seu nível de organização e decisão de luta, depois de décadas de submissão diante do jugo da ditadura de Alfredo Stroessner. (Reportagem publicada no blog do Professor Fernando Massote. Título: *Os latifundiários brasiguaiios derrubam Lugo*. Política Internacional: 27/06/2012).



(SD17) “Esta matança de campesinos aconteceu como resultado de um processo de violência policial instigado pelos latifundiários descontentes com o presidente Lugo, ele não é querido pela direita e pelos grandes produtores. Latifundiários brasileiros como Tranquilo Favero, o produtor de soja mais rico do Paraguai, estão interessados em desestabilizar o governo, eles querem que Lugo caia” declarou Martín Almada, o mais importante representante do movimento dos direitos humanos paraguaio. (Reportagem publicada no blog do Professor Fernando Massote. Título: *Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo*. Política Internacional: 27/06/2012).

(SD18) “Nós sabemos por nossa longa experiência sobre como se descarrega a violência do Estado contra a população, que estes fatos nunca estão isolados de uma intencionalidade política maior. [...] O latifúndio e os grandes produtores de soja brasileiros estão muito interessados em que Lugo não possa chegar a 2013, quando deve acabar seu mandato”, disse Almada por telefone à Carta Maior, desde Assunção. (Reportagem publicada no blog do Professor Fernando Massote. Título: *Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo*. Política Internacional: 27/06/2012).

(SD19) Um dos acusados de ter se apropriado de milhares de hectares que eram públicos é precisamente o brasileiro nacionalizado paraguaio Tranquilo Favero, que não oculta sua simpatia pela repressão de campesinos “ignorantes”, como ficou comprovado em declarações formuladas neste ano e que provocaram um escândalo. “Diplomacia você pode usar com pessoas cultas... só que... você sabe o dito popular que diz: a mulher do malandro obedece só com pau... tamos lidando com pessoas de tamanha ignorância que com diplomacia você não soluciona” disse o maior produtor de soja do Paraguai, nascido em Santa Catarina. (Reportagem publicada no blog do Professor Fernando Massote. Título: *Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo*. Política Internacional: 27/06/2012)

(SD20) O assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência da República, Marco Aurélio Garcia, descartou, a possibilidade de o Brasil e os demais países do Mercosul (Argentina e Uruguai) intervirem em questões internas do Paraguai. Mas Garcia reiterou as críticas do governo brasileiro à forma como foi conduzido o processo de impeachment do presidente Fernando Lugo, que na última sexta-feira (22) foi substituído pelo seu vice, Federico Franco. (Reportagem publicada na Agência Brasil de Comunicação, em 24/06/2012. Título: *Marco Aurélio Garcia diz que o Brasil não vai intervir em questões internas do Paraguai.*)

Os recortes discursivos do quadro 6, a seguir, apontam sujeitos inscritos na FD2:

SD	SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS RECORTADAS	FD
SD16	“ <i>Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo</i> ” (Título da reportagem)	FD2
SD17	“ <i>[...] um processo de violência policial instigado pelos latifundiários descontentes com o presidente Lugo, ele não é querido pela direita e pelos grandes produtores. Latifundiários brasileiros como Tranquilo Favero, o produtor de soja mais rico do Paraguai, estão interessados em desestabilizar o governo [...]</i> ”	FD2
SD18	“ <i>[...] O latifúndio e os grandes produtores de soja brasileiros estão muito interessados em que Lugo não possa chegar a 2013[...]</i> ”	FD2
SD19	“ <i>Um dos acusados [...]é precisamente o brasileiro nacionalizado paraguaio Tranquilo Favero, [...]o maior produtor de soja do Paraguai, nascido em Santa Catarina</i>	FD2

Quadro 6: Individuação da FD2

Os recortes das SD (16) a (19) evidenciam o discurso da imprensa *sobre* esses sujeitos demonstrando que eles têm grande influência nos destinos político e econômico da nação. Não se trata, portanto, dos mesmos sujeitos que se inscrevem na FD1. As formulações *latifundiários [...] derrubam* (SD16); *instigado pelos latifundiários descontentes; não é querido [...] pelos grandes produtores; interessados em desestabilizar o governo* (SD17); *os grandes produtores de soja brasileiros [...] interessados* (SD18) e *o brasileiro nacionalizado[...]maior produtor de soja do Paraguai* (SD19), não deixam dúvidas sobre qual seja o lugar social ocupado por esses sujeitos, ao enunciar a respeito deles, tendo por base o poder que eles exercem nas relações sociais em território paraguaio. A relação estabelecida por esses imigrantes com a ideologia é singular já que interfere nas questões políticas do governo paraguaio. Esta é uma característica bastante importante que os diferencia dos sujeitos identificados à FD1.

Na (SD16), entretanto, o recorte *latifundiários brasiguaios*, presente no título da reportagem, ratifica o fato de que a designação *brasiguaios* vulgarizou-se de tal maneira nos últimos anos que hoje é usada por diversos setores sociais para nomear, indistintamente, todos os imigrantes brasileiros naquele país. Reiteramos, contudo, que discursivamente não se trata dos mesmos sujeitos com base na relação que estabelecem com a ideologia. Daí os inscrevermos em FD distintas.

Isto posto, podemos estabelecer inicialmente a configuração da *posição-sujeito* inscrita na FD2 de acordo com o seguinte quadro:

<b>POSIÇÃO-SUJEITO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS NO PARAGUAI INSCRITOS INICIALMENTE NA FD2</b>	
<b>PS</b>	<b>CARACTERÍSTICAS QUE INSCREVEM ESSES SUJEITOS NA FD2</b>
Grandes produtores rurais brasileiros no Paraguai; latifundiários.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A grande maioria não reside no Paraguai;</li> <li>• são responsáveis por grande parte do PIB paraguaio;</li> <li>• especulam com as questões sociais no país.</li> <li>• têm uma relação capitalista com a terra;</li> <li>• terra para esses sujeitos tem o sentido de acumulação do capital.</li> </ul>

Quadro 7: Posição-sujeito inicialmente inscrita na FD2

Haesbaert e Santa Bárbara (2009, p. 10) observam que a “[...] vulgarização da designação *brasiguai* [...] permite que integrantes das elites e das classes dominantes locais, como vereadores [...] também mobilizem politicamente a identidade *brasiguaios*”. Para os

autores essa seria uma forma de recobrir discursivamente a grande desigualdade social existente entre os imigrantes brasileiros naquele país, pois aqueles que retornam sem terra recebem o estigma de incapazes e fracassados por aqueles que ficam.

A apropriação da denominação *brasiguayo* por um imigrante inscrito na elite política paraguaia pode ser comprovada pela SD (21) a seguir (*discurso do*):

(SD21) “*Talvez brasiguayo porque você tem a origem, você tem o sonho que veio do Brasil, tem o orgulho [...], talvez brasiguayo que é o brasileiro que entrou, se considera uma parte brasileiro pela origem, pelo que aprendeu, pelo que trouxe, e paraguaio pelo que o país está dando*” (Prefeito e produtor rural de Santa Rosa de Monday, Paraguai, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 18/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 76).

O recorte foi extraído do discurso do prefeito e produtor rural de Santa Rosa de Monday, Clairton Feix, entrevistado por Albuquerque na prefeitura de Santa Rosa, em 18/11/2004. É importante observar que esse imigrante ao mobilizar a nomeação em castelhano deixa transparecer uma posição de identificação à cultura paraguaia. Essa identificação pode ser explicitada observando-se a posição social de prefeito e produtor rural do qual esse imigrante fala que o faz enunciar na perspectiva do que *deve ser dito* de modo a identificar-se e submeter-se à língua.

O funcionamento do discurso recortado da SD (21) nos permite observar a reiteração da formulação *talvez brasiguayo* (duplamente enunciada) que marca uma denominação que particulariza o sujeito caracterizando, ao mesmo tempo, o grupo de indivíduos. Acompanhado de *a origem, o sonho, o orgulho, o brasileiro* o advérbio de dúvida *talvez* ressignifica-se ganhando o efeito de sentido de afirmação dos atributos de ser *brasiguayo*.

No recorte analisado o exame da denominação *brasiguayo* aponta para a existência de um processo de *determinação discursiva* que de acordo com Indursky (1997, p. 177-80) “[...] consiste em um efeito de sentido onde intervêm conjuntamente fatores sintáticos, semânticos e ideológicos” e que “qualifica a expressão a ocupar um lugar em um discurso específico”. A autora observa que o processo de determinação discursiva mobiliza o funcionamento de uma *expressão nominal* (grifo nosso) podendo projetar-se nas formulações em três níveis. No *nível intradiscursivo* o *dito* é plenamente determinado, de modo que o item lexical integra coerentemente a SD. No nível *intersequencial* as diferentes *determinações intradiscursivas* dispersas no *corpus* constroem a *extensão da referência* do item lexical para que ele participe com coerência de um domínio de saber. No nível *interdiscursivo* o *intradiscursivo* se relaciona com o *interdiscursivo* e o *dito* passa a estabelecer relações com seu exterior. (*Idem*, p. 180-5).

Com base nas definições de Indursky podemos observar que a denominação *brasiguayo* na SD analisada é determinada por três determinantes discursivos: *tem a origem*, *tem o sonho* e *tem o orgulho* que saturam o sentido da denominação *brasiguayo*.

Desse modo, os determinantes *tem a origem*, *tem o sonho* e *tem o orgulho* que saturam a denominação *brasiguayo* em sua dimensão discursiva demarcam, em primeiro lugar, uma *posição-sujeito* que se antagoniza à interpretação da denominação *brasiguayo* como referente a um brasileiro qualquer que emigrou para o Paraguai. Nesse sentido, a saturação da denominação por essas expressões deve ser considerada do ponto de vista da FD na qual se inscreve o sujeito enunciador que instaura a determinação discursiva de modo a produzir um sentido coerente com o quadro ideológico da FD na qual se inscreve, assegurando assim sua consistência.

Em segundo lugar, os mesmos determinantes (*tem a origem*, *tem o sonho* e *tem o orgulho*) demarcam a extensão da denominação instaurando uma série de efeitos de sentidos que acionam *interpretações positivas* em torno da denominação *brasiguayo* interditando, ao mesmo tempo, sentidos negativos que poderiam irromper em decorrência de elementos *preconstruídos* que instaurariam o *brasiguayo* como um imigrante qualquer. Desse modo a denominação passa a integrar com coerência esse campo do saber.

Em terceiro lugar é possível observar que os determinantes discursivos *tem a origem*, *tem o sonho* e *tem o orgulho* desencadeiam efeitos de sentidos *permitidos* em torno da denominação *brasiguayos*, acionados mediante *condições de produção* específicas, *recalcando* outros sentidos possíveis na perspectiva do que *deve ser dito* por esse sujeito. Cabe observar que o recorte analisado deve ser interpretado na perspectiva do discurso de um sujeito que ocupa o lugar social de prefeito de uma cidade de colonização brasileira no Paraguai e que contou com os votos de *brasiguayos* para se eleger. Nesse aspecto, esse sujeito articula seu discurso a partir de uma *posição-sujeito* inscrita na FD da elite política paraguaia, fato que comprova a afirmação de Indursky de que a determinação discursiva é de natureza ideológica e não meramente estilística (*Idem*, p. 178).

O encadeamento das determinações na SD recortada instaura, por sua vez, um processo de *sobredeterminação discursiva* compreendido como “[...] um conjunto de saturações diversas de que o nome participa [...]” (*Idem*, p. 190-1). Assim, os três determinantes discursivos acionados em torno da denominação *brasiguayo* desencadeia um processo de *sobredeterminação* da designação cujo efeito de sentido instaurado é de que o

*brasiguayo* é muito mais do que um sujeito paraguaio que tem origem brasileira. Esse efeito projeta a imagem de superioridade cultural do *brasiguayo*.

Os recortes “*brasileiro que entrou [...] que aprendeu, que trouxe*” marcam a existência de mais um processo de determinação discursiva mobilizado em torno do item lexical *brasileiro*. Nesta sequência o nome *brasileiro* é *sobredeterminado* pelos segmentos *que entrou, que aprendeu, que trouxe* que saturam o item lexical acionando a *memória discursiva* e *social* dos sujeitos remetendo ao *acontecimento histórico* da emigração brasileira para o Paraguai. O funcionamento discursivo dos determinantes *que aprendeu* (no Brasil) e *que trouxe* (ao Paraguai) marca nesse discurso a ideologia da supremacia cultural, pensamento corrente entre os imigrantes ricos que cultivam a autoimagem de civilizados e responsáveis pela modernização do país. O efeito de sentido instaurado por essa *sobredeterminação* é de projetar o Paraguai como um país de imenso vácuo cultural e econômico (antes da emigração) que os brasileiros vieram preencher. Desse modo, o efeito de sentido da hegemonia e superioridade cultural do *brasiguayo* volta a ressoar neste segmento. Por outro lado é essa mesma autoimagem de superioridade que impede esses sujeitos identificados à FD2 de se identificarem à língua guarani.

O efeito de sentido da *sobredeterminação* que incide em *que trouxe* e *dando* (este último referindo-se ao Paraguai) nos permite inferir que o processo de emigração desencadeou um deslocamento de saberes que migraram da FD de brasileiros para a FD de *brasiguayos*. Essas FD sofreram reconfigurações com o decorrer do tempo (evidenciadas pela materialidade dos determinantes discursivos *que trouxe* e *dando*) que demonstram que as FD não são espaços fechados abrindo-se ao deslocamento e à transformação de sujeitos e de saberes.

Observando os recortes do ponto de vista sintático, não podemos deixar de refletir sobre as afirmações de Pêcheux ([1982], 1998, p. 54) quando considera que toda construção sintática é capaz de deixar aparecer outra, estando sujeita à ambiguidade e aos deslizamentos de sentidos. Para o teórico “A materialidade da sintaxe é realmente o objeto possível de um cálculo [...] mas simultaneamente ela escapa daí [...] é aí que a questão do sentido surge do interior da sintaxe” (PÊCHEUX ([1982], 2010e, p. 57).

Canguilhem corrobora o pensamento de Pêcheux ao atestar que “O sentido [...] escapa a toda redução que tenta alojá-lo numa configuração orgânica ou mecânica. [...] Porque o sentido é *relação à*, o homem pode jogar com o sentido [...] (CANGUILHEM, 1990, p. 16-7 *apud* PÊCHEUX, [1982], 2010e, p. 57-8).

Nessa mesma linha de pensamento Cazarin (2005, p. 273) também afirma que, embora a sintaxe seja o lugar de organização da língua, na *ordem do discurso*, ela abre espaço à flutuação, ao jogo e à falta mostrando-se sensível ao *real da história*, espaço de contradição que interfere na constituição dos sentidos.

A partir das afirmações dos autores cabe observar que, do ponto de vista sintático, os sujeitos de *trouxe* e *dando* não são os mesmos. Enquanto o sujeito de *trouxe* é o *brasiguai*, o sujeito de *dando* é o Paraguai. A observação desses dois diferentes sujeitos nos permitem localizar (para além de observar apenas o *jogo nas regras*) o ponto de deslocamento de saberes que ocorre da FD de brasileiros à FD de *brasiguayos*. Desse modo constatamos que, se por um lado o *brasiguayo trouxe* saberes do Brasil ao Paraguai, a troca de benefícios foi mútua, pois o Paraguai lhe ofereceu, em contrapartida, a possibilidade de ascensão social. A inferência desses pontos de deslocamento irrompem no entremeio dos itens lexicais *trouxe* e *dando* pelo viés da *memória*, construídos no *acontecimento* que apontam (PÊCHEUX [1983], 2002, p. 26). Este fato pode ser constatado quando verificamos que o sujeito enuncia não apenas como produtor rural (que contribui com o PIB paraguaio), mas também como prefeito de Santa Rosa de Monday, demonstrando que sua condição social se modificou após a emigração.

O funcionamento do discurso e o lugar social de onde enuncia esse sujeito (produtor rural e prefeito) nos permite afirmar, assim, que esse imigrante se inscreve na FD2 identificando-se, entretanto, a uma posição-sujeito distinta que passaremos a denominar de PS2. A relação estabelecida pela PS2 com a ideologia é semelhante a dos latifundiários que se utilizam dos conflitos agrários para a exploração dos trabalhadores e para o acúmulo do capital na forma de concentração de terras. Ambos especulam com terras e questões sociais em território paraguaio. Ao se apropriarem da dupla denominação *brasiguaios/brasiguayos*, os imigrantes ligados à elite política instauram efeitos de sentido de representatividade e liderança à frente das demandas apresentadas pelos *brasiguayos*, aproveitando-se das tensões sociais no Paraguai para defenderem os interesses dos imigrantes brasileiros naquele país e para angariarem vantagens eleitorais em disputas políticas com concorrentes paraguaios. Ao assumirem a denominação instauram, portanto, um *simulacro de identificação* fabricando discursivamente uma identidade eventual.

Desse modo, mediante a inscrição desses sujeitos na FD2, a configuração dessa *formação discursiva* passa a ser desenhada conforme o quadro a seguir:

PS1 E PS2	CARACTERÍSTICA QUE APROXIMA OS SUJEITOS INSCRITOS NA FD2
<p><b>PS1:</b> Grandes produtores rurais brasileiros no Paraguai.</p> <p><b>PS2:</b> Imigrantes brasileiros e seus descendentes que se lançam à vida política para defenderem os interesses dos latifundiários brasileiros naquele país.</p>	<p>Especulam com as questões sociais e de terra no Paraguai.</p>

Quadro 8: Posições-sujeito inscritas na FD2

A adoção da denominação *brasiguayo* por sujeitos inscritos na FD2, conforme observamos nas análises anteriores, caracteriza uma nova série temática no interior do que convencionamos chamar de *percurso ideológico da denominação/designação brasiguayo/brasiguai*. Os efeitos de sentido até então construídos em torno da *denominação/designação (brasiguayos → Sem Terra → pequenos e médios produtores rurais no Paraguai)* sofrem novo deslizamento, passando a inscrever não apenas as duas *posições-sujeito* identificadas à FD1, mas também os sujeitos inscritos na FD2 (PS2). Assim, sob a aparência da mesma denominação/designação produz-se um novo *efeito de sentido*, agora à luz da FD2, constituindo também um processo de *fabricação discursiva da identidade brasiguayo/brasiguai*, assumida de forma oportunista.

Mediante esse novo deslizamento de sentidos, a configuração do quadro temático da *denominação/designação brasiguayo/brasiguai* passa a ser a que se segue:

<b>PERCURSO IDEOLÓGICO DA DENOMINAÇÃO/DESIGNAÇÃO BRASIGUAYO/BRASIGUAIO IDENTIFICADO À FD2</b>	
<b>CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO</b>	<b>DESLIZAMENTO DE SENTIDOS INSTAURADOS EM TORNO DA DENOMINAÇÃO/DESIGNAÇÃO</b>
<p>Imigrantes brasileiros ligados à classe política e inscritos na FD2 (PS2) passam a adotar a designação de <i>brasiguayos</i> para defenderem os interesses dos latifundiários brasileiros no Paraguai.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Brasiguayo</i> passa a ser, também, o imigrante brasileiro inscrito na FD2 (PS2).</li> <li>• A apropriação da designação <i>brasiguayo/brasiguai</i> por imigrantes brasileiros inscritos PS2 da FD2 constitui um processo de <i>fabricação discursiva</i> de uma <i>identidade</i> assumida circunstancialmente.</li> </ul>

Quadro 9: Trajeto temático da designação/denominação *brasiguayo/brasiguai* - imigrantes brasileiros inscritos na FD2

### 4.5.3 Oposições construídas entre a FD1 e a FD2

A FD2 inscreve os discursos dos imigrantes brasileiros que especulam com as questões sociais no Paraguai. Enquanto na FD1 a terra é um modo de vida, na FD2 a relação com a terra é mercantil. O objetivo dos sujeitos inscritos na FD2 é o aumento das propriedades, forma rentável de acumulação de riquezas. Essa característica revela a relação capitalista desses sujeitos com a terra.

A presença das duas FD que fazem circular os saberes de imigrantes brasileiros na sociedade paraguaia pode ser comprovada pelas sequências discursivas (*discurso do/sobre*) que se seguem<sup>18</sup>, recortadas do discurso de um imigrante brasileiro nordestino que se identifica ao grupo dos que *pouco constroem* (FD1) e de um jornalista paraguaio que se mostra preocupado em estabelecer uma distinção entre *empresários brasileiros* (FD2) e *agricultores brasileiros* (FD1), a partir das imagens que ele (o jornalista) projeta *sobre* esses sujeitos:

(SD22) [...] eu vejo que os nordestinos são um pouco desprivilegiados. Eles vêm e pouco constroem porque eles sofrem um pouco [...] nós sofremos um pouco de um preconceito (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 172-3).

(SD23) Hay empresarios brasileños y hay agricultores brasileños. Los empresarios son aquellos que después se han venido a Alto Paraná, al departamento de Canindeyú con las tierras rojas, tierras fértiles, tienen dinero para comprar esas tierras. Son grandes empresarios que no viven acá, son gente que vienen a comprar extensiones de tierra, que muchas veces lo tienen aquí como un capital para sacar créditos, esos son los empresarios. Los agricultores son aquellos que tienen sus tierras, adquieren su plata, pero no se van, están montados en sus tractores, trabajando, sembrando, montados en sus cosechadoras y en sus camiones. Entonces esa es la diferencia (Jornalista paraguaio na cidade de Salto de Guairá, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 15/03/2005. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 77).

Na (SD22) os recortes *desprivilegiados*, *pouco constroem* e *sofremos um pouco* caracterizam o imigrante inscrito na FD1, sujeito que vislumbra a terra como modo de sobrevivência.

Já o jornalista paraguaio mobiliza na (SD23) alguns recortes que projetam imagens distintas a partir da oposição que constrói entre *empresarios brasileños* X *agricultores brasileños* (sintetizadas no quadro a seguir). Cabe observar que esse jornalista é articulista do Jornal *ABC Color*, *posição-sujeito* que inscreve seu discurso pelo viés ideológico desse

---

<sup>18</sup> As SD em espanhol e português encontram-se transcritas como constam no livro de Albuquerque (2010).



periódico. O Jornal *ABC Color* se caracteriza por privilegiar o *discurso nacionalista* em sua linha editorial, ideário compartilhado por diversos setores sociais paraguaios e de modo especial pela classe dominante. Essas questões serão discutidas a partir da seção 4.8 deste capítulo.

EMPRESARIOS BRASILEÑOS	AGRICULTORES BRASILEÑOS
<i>[...] tienen dinero para comprar [...] tierras (tierras rojas, tierras fértiles al departamento de Canindeyú).</i>	<i>[...] son aquellos que tienen sus tierras [...]</i>
<i>Son grandes empresarios que no viven acá [...]</i>	<i>[...] adquieren su plata, pero no se van [...]</i>
<i>[...] son gente que vienen a comprar extensiones de tierra</i>	<i>[...] están montados en tractores, trabajando, sembrando [...]</i>
<i>[tierras] que muchas veces lo tienen a como un capital para sacar créditos</i>	<i>[están] montados en cosechadoras y en sus camiones.</i>

Quadro 10: *Imagens projetadas sobre os imigrantes inscritos nas FD1 e FD2, de acordo com o discurso de um jornalista paraguaio*

As sequências recortadas constroem as seguintes oposições:

OPOSIÇÕES CONSTRUÍDAS NA SD (23)		
1. <i>tienen dinero para comprar tierras rojas, tierras fértiles / al departamento de Canindeyú)</i>		
2. <i>vienen a comprar extensiones de tierra</i>	X	<i>que tienen sus tierras</i>
3. <i>no viven acá</i>	X	<i>no se van</i>
4. <i>lo tienen aquí como un capital (tierras)</i>	X	<i>están trabajando, sembrando / montados en tractores / en cosechadoras y en sus camiones.</i>

Quadro 11: *Oposições construídas no discurso do jornalista paraguaio*

O funcionamento dos recortes no quadro anterior desenha duas formações ideológicas distintas baseadas no modo como os sujeitos (*empresarios* e *agricultores*) se relacionam com a terra. Se o grande empresário é aquele que, na concepção do jornalista, não vive no Paraguai e acumula capital sob forma de grandes propriedades compradas nas regiões paraguaias mais férteis e valorizadas (infere-se, por extensão, que para cultivá-las ele se apropria do trabalho do outro), o agricultor por sua vez é o sujeito que reside no país, em terras que não são necessariamente as melhores ou as maiores, mas que trabalha em seu

cultivo. As formulações, portanto, nos permitem compreender a incidência de duas ideologias distintas em que de um lado (*empresários*) a relação com a terra é baseada no acúmulo de capital e na apropriação da força de trabalho alheio e, de outro (*agricultores*), é baseada no próprio trabalho e na necessidade de subsistência. Essas características marcam a existência de duas *formações discursivas* opostas.

É oportuno observar, entretanto, que a classificação estabelecida pelo jornalista paraguaio (*Hay empresarios brasileños y hay agricultores brasileños*) só pode ser entendida a partir da FD2 da classe dominante com a qual está identificada a linha editorial desse jornal. Logo, não se trata de uma estratificação social que expresse com exatidão a dinâmica das diversas situações de brasileiros que se espalham pelo Paraguai. A existência de várias FD com as quais se identificam os paraguaios e suas diferentes relações com a ideologia desencadeiam, em consequência, diferentes *representações e efeitos de sentidos* instaurados em torno da denominação/designação *brasiguaios/brasiguayos*. Por opção metodológica essas FD e seus *efeitos de sentidos* serão analisados mais adiante.

Por fim, as FD e *posições-sujeito* nas quais se inscrevem os imigrantes brasileiros no Paraguai podem ser representadas de acordo com o diagrama que se segue:



Diagrama 1: FD e posições-sujeito nas quais se inscrevem os imigrantes brasileiros no Paraguai.

O diagrama 1 precedente nos permite compreender que há duas *posições-sujeito* inscritas na FD2 identificadas à *forma-sujeito* que organiza a FD2. Nos termos de Pêcheux há, neste caso, uma “[...] superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal [...]” (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 199) da FD, que assinala a volta do sujeito *sobre si mesmo* (*Idem*, p. 202). Esse fato não ocorre no interior da FD1 com a qual identificam-se duas posições-sujeito (PS1 e PS2) indicando, entretanto, que a *forma-sujeito*

que organiza essa FD fragmentou-se, abrindo espaço para a diferença no interior da *forma-sujeito*.

#### **4.5.4 Os posicionamentos do campesinato paraguaio e as imagens projetadas sobre os imigrantes brasileiros na região de fronteira**

Grande parte dos discursos analisados até o momento mostram os conflitos agrários desencadeados entre os imigrantes brasileiros e camponeses paraguaios que reagem à expansão capitalista brasileira naquele país, especialmente nas áreas de plantio de soja. As ações dos setores marginalizados camponeses se apoiam nos movimentos sociais paraguaios que reivindicam o direito à terra ocupada pelos estrangeiros baseados em questões de nacionalidade.

Contraditoriamente à medida que o campesinato paraguaio atua na luta pela terra, devidamente subsidiado pela denominação de *paraguaios legítimos* e pelo discurso fundamentado no princípio de que o direito de sangue garante o direito de solo, acaba indiretamente por reforçar ainda mais a supremacia do pequeno grupo de grandes produtores rurais brasileiros instalados no país inscritos na FD2. Isso acontece porque depois de receberem as terras, objeto da demanda, os campesinos paraguaios são relegados ao abandono pelo governo do seu país, sem assistência técnica, jurídica ou financeira. Diante desse quadro de desamparo acabam por abandonar as propriedades ou vendê-las aos grandes proprietários brasileiros, os mesmos que se manifestam como vítimas do movimento camponês nas lutas de classe.

Cabe observar que os paraguaios que comercializam as terras objetos de demanda não são os mesmos que alugam seus serviços aos latifundiários, atuando como invasores de propriedades na condição de mercenários. O campesinato paraguaio aqui considerado se inscreve na FD dos camponeses pobres e despossuídos, semelhantes aos Sem Terra brasileiros, para os quais a terra é sinônimo de sobrevivência.

Dessa forma, o discurso mobilizado e individuado pelo campesinato paraguaio, que legitima o movimento de *resistência* contra a presença brasileira no país e que motiva a expulsão dos pequenos e médios produtores brasileiros que têm suas terras invadidas, acaba servindo aos interesses de acumulação dos grandes proprietários de terras que dele se beneficiam. A situação social das diferentes classes de brasileiros no país é, como se pode observar, extremamente complexa demandando um estudo discursivo para elucidar os sentidos sociais que se escondem por sob a denominação/designação *brasiguaios/brasiguayos* e que dialogam contemporaneamente nos dois lados da fronteira.

A presença brasileira no Paraguai é interpretada de forma distinta quando se consideram sujeitos que vivem nos dois países. Do lado paraguaio, tanto a imprensa quanto pesquisadores interpretam os *brasiguayos* (FD1) e os *outros brasileiros* (FD2) como invasores de suas terras. A imagem que deles têm o povo paraguaio é a de imigrantes que enriquecem em terras nativas impactando negativamente o meio ambiente, a economia e a cultura do país. A presença dos brasileiros no país é assunto corrente, discutido pelos mais diversos segmentos sociais, como comprova a sequência discursiva (*discurso sobre*) a seguir:

(SD24) Disse uma vez para um taxista paraguaio que eu estava estudando a imigração brasileira no Paraguai o que o deixou bastante alterado. Ele achava que eu era um funcionário do governo brasileiro e que estaria incentivando a entrada de mais brasileiros no Paraguai. Disse-me que seu país não precisava mais de imigrantes, pois “quien manda acá es brasilero, todo es de brasilero, solo falta poner a bandera del Brasil aqui. Todo brasilero, intendente [prefeito], a mayoria de los concejales [vereadores]. Nosotros somos ‘cachorros’ para ellos”. Falou-me que os brasileiros tinham tomado muita terra paraguaia na *Guerra da Tríplice Aliança* (1864-1870) e era necessário defender a terra que conseguiram com os bolivianos na *Guerra do Chaco* (1932-35). [...]. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 29. Notas do caderno de campo do autor, de conversa realizada com um taxista paraguaio em 20/11/2004, na cidade de Naranjal-Paraguai).

Na SD (24) os recortes “*que estaria incentivando a entrada de mais brasileiros no Paraguai/ que seu país não precisava mais de imigrantes/ solo falta poner a bandera del Brasil aqui/ Nosotros somos ‘cachorros’ para ellos*” e “*os brasileiros tinham tomado muita terra paraguaia*” instauram efeitos de sentido indesejáveis, apontando o imigrante brasileiro como *persona non grata* na sociedade paraguaia.

Essa imagem negativa se faz presente, em muitos momentos, na imprensa paraguaia conforme podemos verificar na sequência discursiva a seguir, recortada do Jornal *on line Sopa Brasiguaia*, que divulgou em 23/11/2006 um editorial publicado pelo Jornal *ABC Color*, de Assunção, um dos mais importantes representantes da imprensa daquele país. Nessa reportagem, embora reconheça que a presença brasileira trouxe benefícios econômicos e desenvolvimento ao país, o articulista faz duras críticas às posições do Brasil em relação ao Paraguai, expressando argumentos imperialistas e alertando sobre a possibilidade de anexação futura daquele país ao território brasileiro. Na sequência discursiva que se segue recortamos partes dos argumentos utilizados pelo articulista do *ABC Color* (*discurso sobre*) e publicado pelo periódico *Sopa Brasiguaia*:

(SD25) Segundo se informa, o chanceler Amorim vem a Asunción preocupado pela situação dos brasiguaios. Desde a época da colonização sulamericana, o Brasil não parou de expandir-se para o oeste. Mais além das fronteiras oficiais, os brasiguaios hoje já estão instalados na metade da região oriental e no interior do departamento (estado) de Alto Paraguay.[...] O ânimo e a determinação expansionista lusitana datam desde os primórdios da colonização sulamericana. Seus expoentes mais

célebres foram os famosos bandeirantes, considerados heróis no Brasil, mas aqui, aventureiros bárbaros e belicosos. Vinham capturar indígenas para vendê-los como mão-de-obra escrava nas plantações paulistas, mas acabaram por expandir o domínio lusitano às bordas do território hispânico e arrinconar a província do Paraguai. Desde então, o Brasil não parou de se expandir para o oeste. [...] é muito grande o interesse que o Brasil tem nesses territórios, como para justificar uma vigilância mais estreita de sua diplomacia sobre as autoridades paraguaias. [...] Para nós, o grave risco que corremos com o interesse que o Brasil demonstra em relação ao Paraguai consiste em que dito interesse culmine com a meta que – isso se pode assegurar – sua chancelaria alenta secretamente: apropriar-se para sempre, legal e pacificamente ante os olhos do mundo, de 90% da produção de Itaipu, deixando-nos o restante para nosso consumo [...] não é difícil temer que em poucos anos mais, o Paraguai estará submetido a uma grave pressão por parte do Brasil, até para pretender anexá-lo ou mantê-lo como um estado livre associado, como os Estados Unidos fazem com Porto Rico. [...]. /(*Sopa Brasiguaiá – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai, on line*. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*).

As formulações “*arrinconar a província do Paraguai /o Brasil não parou de se expandir para o oeste/ vigilância mais estreita de sua diplomacia sobre as autoridades paraguaias/ o interesse que o Brasil demonstra em relação ao Paraguai / apropriar-se [...]de 90% da produção de Itaipu/ o Paraguai estará submetido [...]por parte do Brasil [...]para [...] anexá-lo*” recortadas da SD (25) são responsáveis pela projeção de imagens negativas do Brasil para a sociedade paraguaiá. Essas questões serão aprofundadas na seção 4.8 deste estudo.

Quanto ao lado brasileiro da fronteira, os *brasiguaios* e demais brasileiros são vistos como vítimas, tanto da violência policial quanto de campesinos paraguaios que invadem suas terras. Apesar de ganhar espaço nos últimos anos na imprensa mundial o *acontecimento histórico* do surgimento do *brasiguai* é pouco comentado no Brasil. A exceção fica por conta dos estados brasileiros próximos à região de fronteira, ou quando manchetes que envolvem essa população (*discurso sobre*) ganham as páginas dos noticiários nacionais e internacionais, como ocorreu no 1º semestre de 2012, quando o conflito entre campesinos paraguaios e *brasiguayos* desencadeou o *impeachment* (já mencionado) do presidente paraguaio Fernando Lugo:

(SD26) Cerca de 90 famílias Sem Terra ocuparam a fazenda de dois brasileiros produtores de milho e soja no Paraguai. Esta é a primeira ocupação desde o *impeachment* do presidente Fernando Lugo e a posse do vice-presidente Federico Franco na sexta-feira (22). [...] Um conflito entre trabalhadores Sem Terra e policiais durante a desocupação de uma fazenda em Curuguaty, que terminou em 17 mortos, foi usado como justificativa para o processo movido pela oposição contra o presidente Fernando Lugo, que terminou em seu *impeachment* na última sexta-feira. (*Jornal Brasil de Fato, on line*, de 31/07/2012. Título: *Sem Terra ocupam fazenda de brasiguaios*).

As formulações “*Esta é a primeira ocupação desde o impeachment do presidente Fernando Lugo*” e “*o processo movido pela oposição contra o presidente Fernando Lugo, que terminou em seu impeachment*” recortados da (SD26) registram o *acontecimento histórico* da deposição do presidente paraguaio, fato que desencadeou, conforme já dissemos, a discussão sobre os conflitos fundiários no Paraguai mobilizada pela imprensa de vários países.

O fato é que apesar dos conflitos numerosos sujeitos permanecem do outro lado da fronteira, inscritos tanto na FD1 quanto na FD2. A permanência dos imigrantes brasileiros no Paraguai pode ser constatada na SD que se segue recortada de uma reportagem publicada em fevereiro de 2013 pelo Jornal *ABC Color (discurso sobre)* que menciona um grupo de indígenas de uma comunidade paraguaia que colheu uma safra recorde de soja e milho, graças ao trabalho integrado entre *brasiguayos* e indígenas:

(SD27) Cosecha récord de soja y maíz lograron en la presente zafra unas 40 familias de nativos aché, de la comunidad de Puerto Barra, Alto Paraná. La ganancia, libre de costos, se estima en unos US\$ 277.000 mediante la producción mecanizada de 209 hectáreas de soja (4,1 Ton/Ha.) y 18 hectáreas de maíz (10,2 Ton/Ha.), según informó Miro Shuster, de la firma Semillas Progreso, que hace la asesoría técnica y la asistencia financiera de los indígenas. [...]. La comunidad aché es un ejemplo de integración de indígenas con productores brasiguayos que le rodean. Los indígenas demuestran una sorprendente capacidad de adaptación al uso de la tecnología agrícola. [...] La comunidad indígena de los aché, compuesta por cerca de 170 personas, está establecida en un predio de 850 hectáreas donde desarrollan la agricultura en unas 300 hectáreas, 270 con agricultura mecanizada (soja, maíz, trigo) y 70 hectáreas con agricultura de autosustento. Igualmente, impulsan la cría de cerdos, lechería, avicultura, piscicultura, apicultura, horticultura. [...] (*Jornal ABC Color*, on line, Assuncão, Paraguai, de 09/02/2013. Fonte: Víctor Pizzurno. Título: *Indígenas ganan con producción récord de soja y maíz*).

As formulações “*según informó Miro Shuster, de la firma Semillas Progreso, que hace la asesoría técnica y la asistencia financiera de los indígenas*” e “*La comunidad aché es un ejemplo de integración de indígenas con productores brasiguayos que le rodean*” recortadas do periódico paraguaio (SD27) comprovam a permanência dos imigrantes brasileiros no Paraguai, em 2013, apesar da onda de conflitos. A sequência “*Los indígenas demuestran una sorprendente capacidad de adaptación al uso de la tecnología agrícola*” atesta a assimilação de saberes que se movimentam da FD na qual se inscreve o grupo de imigrantes brasileiros, atravessando a FD que afeta os indígenas permitindo, desse modo, a sua transformação. A movimentação de saberes entre FD mostra que as fronteiras estabelecidas entre uma e outra não são espaços fechados (PÊCHEUX [1983], 2010c, p. 310) configurando-se em espaços móveis, provisórios e sempre abertos a novos sentidos.

#### 4.6 *Brasiguaios* no Brasil: a irrupção da denominação *brasiguaios* em território brasileiro

A emergência dos imigrantes *brasiguaios* em território brasileiro deu-se em decorrência da abertura política pós-Ditadura Militar, que possibilitou a retomada da discussão sobre a reforma agrária no Brasil, assim como a fundação e o reaparecimento de alguns movimentos sociais articulados em torno da luta pela terra. A possibilidade da reforma agrária motivou muitas famílias a fazerem o caminho de volta.

Fernandes (1999, p. 140-3) lembra que após a fundação do MST, em janeiro de 1984 (durante o Primeiro Encontro Nacional do Movimento realizado em Cascavel, no Paraná) e do sucesso das primeiras ocupações promovidas, muitas famílias *brasiguaias* iniciaram o processo de retorno ao Brasil, a partir de 1985.

Expulsas do Paraguai as famílias despossuídas buscaram, inicialmente, o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) para fazerem o caminho de volta. Nesse primeiro momento, portanto, foram as lideranças *brasiguayas* que buscaram o auxílio das duas organizações brasileiras para regressarem. Muitas reuniões aconteceram nos municípios de Paranhos, Sete Quedas e Mundo Novo, em Mato Grosso do Sul, entre as lideranças *brasiguayas* e as representações do MST antes que o primeiro grupo de mil famílias de *brasiguayos* acampasse em Mundo Novo, MS, em junho de 1985. Em julho do mesmo ano mais cento e quarenta e quatro famílias retornaram, estabelecendo-se em um novo acampamento no município de Sete Quedas, MS.

Em estudo publicado em 2009, Haesbaert e Santa Bárbara apontam a existência de *redes de movimentos sociais transfronteiriços*, tais como o MST e a Pastoral do Migrante (CPT), com representações no Paraguai e em Foz do Iguaçu (PR), como responsáveis pelo encaminhamento de *brasiguayos* aos acampamentos brasileiros e apoio jurídico aos ilegais (HAESBAERT; SANTA BÁRBARA, 2009, p. 12).

A identidade *brasiguaios*, assumida inicialmente pelos imigrantes que retornavam, emergiu durante o acampamento em Mundo Novo, MS, a partir da necessidade de homogeneização interna da categoria e para distinguir-se dos integrantes do próprio MST. Nesse aspecto é preciso observar que o retorno dos *brasiguaios* não recebeu a adesão irrestrita de todos os movimentos ligados à luta pela terra em Mato Grosso do Sul, tampouco agradou a muitos integrantes do próprio MST também acampados. Fernandes (1999, p. 141) ressalta que muitos sindicatos de trabalhadores rurais, na época, discordavam do encaminhamento das

lutas que também beneficiava as famílias *brasiguaias*, passando a reivindicar terras para os locais a ponto de criar outro movimento denominado de *brasunidos*.

Albuquerque (2010, p. 230) também escreve que tudo indica que mesmo dentro dos acampamentos do MST houve discriminação entre brasileiros e *brasiguaios*. O autor ressalta que para poderem integrar um acampamento do MST era necessário, aos *brasiguaios*, a apresentação de documentos de reivindicação e o *permiso* concedido pelas autoridades fronteiriças paraguaias. Convém esclarecer que o *permiso* é um documento expedido pela alfândega paraguaia a turistas e que, após a criação do Mercosul, passou a ter validade por três meses. Conforme dissemos anteriormente, muitos imigrantes brasileiros vivem no Paraguai apenas com o visto provisório e, como atravessam constantemente a fronteira para as mais diversas finalidades, estão constantemente renovando esse documento.

Foi somente a partir da década de 90 que o MST passou a incentivar o retorno das famílias *brasiguayas*. De acordo com Priori e Klauck (2010, p. 101) as famílias *brasiguayas* acampavam inicialmente às margens da BR 277, próximo ao Município de Ibema, no Paraná, e dali seguiam para os acampamentos do Movimento. Esse *acontecimento histórico* coincidiu com o avanço dos conflitos por terras no Paraguai que impulsionou o êxodo das famílias *brasiguaias* daquele país.

Nessa década e na subseqüente o MST começou a registrar um crescente enfraquecimento, realçado de modo negativo pela imprensa de MS, conforme se pode observar na SD (27) a seguir, em decorrência de uma série de fatores políticos e econômicos no Brasil, tais como o aumento de programas sociais compensatórios do governo, como o *Bolsa Família*, que tornou-se uma opção de sobrevivência para as pessoas carentes, mantendo-as na cidade.

A ampliação do número de postos de trabalho, principalmente na construção civil, também absorveu trabalhadores do campo com pouca ou nenhuma especialidade técnica. Somou-se a isso a falta de empenho do governo na resolução da questão agrária que desmotivava as famílias a passarem anos acampadas, em condições precárias, aguardando a solução para suas demandas. Todas essas razões acabaram diminuindo o número de pessoas interessadas em se deslocarem para o campo em busca de sobrevivência, causando um crescente hiato nos acampamentos do MST.

As sequências discursivas a seguir (*discurso sobre*) mostram que no ano de 2010 o MST, através de palestras e reuniões, vinha atraindo um número cada vez maior de



*brasiguaios* para seus acampamentos. Sob essa identificação reuniam-se grupos familiares de naturalidades e condições econômicas diferentes que retornavam reivindicando, todavia, a designação comum de *brasiguaios* em suas mobilizações políticas, buscando maior poder de negociação junto aos órgãos governamentais.

(SD28) Esvaziado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) está aproveitando os conflitos fundiários no Paraguai para reforçar as mobilizações no Brasil, atraindo centenas de famílias de brasiguaios para Itaquiraí, que já enfrenta problemas nos serviços de saúde pública. Os coordenadores da entidade esperam que, até o fim do ano, o número de brasiguaios chegue a 15 mil famílias no Estado. “O MST buscou as famílias através de palestras e está apoiando seu retorno ao Brasil, fornecendo alimentação aos que não têm. É uma forma de fortalecer o movimento”, justificou um dos coordenadores do acampamento às margens da BR – 163, Evalderson Orlando dos Santos. Até agora, o aglomerado tem cerca de 650 famílias, sendo 500 procedentes do país vizinho. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande - MS – 05/05/2010, Capa – *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD29) A vida deles ficava a cada dia mais difícil no Paraguai, onde estavam havia, pelo menos 30 anos, plantando e sobrevivendo do que a terra lhes oferecia. De cinco anos para cá a “nacionalização” pregada pelo povo paraguaio fez com que grupos armados invadissem terras de brasiguaios e os encurralassem de tal forma que fossem obrigados a deixar o país. A solução encontrada por muitos foi seguir as indicações de um grupo de brasileiros que os apresentou a uma forma de conseguir novas terras, agora no Brasil – o Movimento dos trabalhadores Sem-Terra (MST). (Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10ª – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*).

(SD30) Ele e todos os outros brasiguaios vivem, atualmente, ao lado de outros acampados brasileiros, que se instalaram na região em setembro do ano passado. (Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10ª – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*).

As formulações “*Esvaziado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) está aproveitando os conflitos fundiários no Paraguai para reforçar as mobilizações no Brasil, atraindo centenas de famílias de brasiguaios*”, “*O MST buscou as famílias através de palestras e está apoiando seu retorno ao Brasil [...]*”, “*É uma forma de fortalecer o movimento[...]*” recortados da SD (28); “*A solução encontrada por muitos foi seguir as indicações de um grupo de brasileiros que os apresentou a uma forma de conseguir novas terras, agora no Brasil – o Movimento dos trabalhadores Sem-Terra (MST)*” extraído da SD (29) e “*Ele e todos os outros brasiguaios vivem, atualmente, ao lado de outros acampados brasileiros*”, da (SD30), evidenciam o apoio dado pelo MST ao retorno das famílias brasiguaias. Nesses discursos as formulações *aproveitando, atraindo, buscou, brasiguaios, reforçar e movimento* instauram efeitos de sentidos de aliciamento e engodo, projetando uma imagem do MST de explorador das vicissitudes *brasiguaias*.

Embora os acontecimentos históricos que motivaram o aparecimento da denominação/designação *brasiguaios* sejam datados do século XX, observa-se nos títulos das

reportagens recortadas nas SD anteriores (*Esvaziado, MST recruta brasiguaios e Iludidas* [pelo MST], *famílias sonham com pedaço de chão*) a existência de uma forte tendência da imprensa do estado de Mato Grosso do Sul em vincular as questões referentes ao retorno dos *brasiguaios* ao esvaziamento do MST, temática que irrompeu apenas ao final do século XX e início do século XXI. Essa propensão se explica quando observamos que as reportagens partem do Jornal *Correio do Estado*, periódico cuja linha editorial é fortemente marcada pela identificação ideológica com a FD da classe ruralista de Mato Grosso do Sul, categoria que jamais aceitou pacificamente o retorno dos *brasiguaios* marginalizando-os nas *relações de poder*. O jornal inscreve seu discurso, portanto, pelo viés ideológico que o identifica à FD dessa elite dominante, mantendo uma relação de *assujeitamento* aos interesses dessa classe.

#### **4.6.1 De *brasiguayos* a *brasiguaios*: a FD que afeta os *brasiguaios* em território brasileiro. Sujeito ou *posição-sujeito* no interior da formação discursiva do MST?**

O reconhecimento da movimentação das FD nos permite pensar, ainda, que ao longo do processo de permanência no Paraguai as FD1 e FD2 nas quais estão inscritos os discursos dos imigrantes brasileiros sofreram reconfigurações. No Paraguai foram atravessados por saberes originários de vários lugares sociais, tais como das FD de imigrantes europeus, de nordestinos e de paraguaios. No Brasil, em acampamentos do MST, buscam inscrever-se na FD dos Sem Terra brasileiros, conforme se pode depreender na sequência discursiva (*discurso do*) recortada a seguir:

(SD31) “Aqui está melhor. Apesar de não termos mais nada, pelo menos tem tranquilidade”, conclui Gervasio da Silva, 31 anos, que chegou ao acampamento em abril, junto com a esposa, a paraguaia Yanice, de 26 anos, e com os três filhos pequenos. (Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande - MS – 05/05/2010, p. 11<sup>a</sup> – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

A (SD31) registra o discurso de um *brasiguai* repatriado, identificado anteriormente com a FD1, vivendo agora num acampamento do MST com a esposa paraguaia e os três filhos. A observação da formulação “*Aqui está melhor. Apesar de não termos mais nada, pelo menos tem tranquilidade*” nos permite inferir que a antiga FD1 foi deixada para trás e agora o *brasiguai* procura se ajustar aos saberes do MST, embora alguns saberes da antiga FD1 possam se atravessar na FD dos Sem Terra brasileiros. Já não se trata mais de uma FD de *brasiguayos* no Paraguai, mas da FD do MST com a qual possivelmente os *brasiguaios* repatriados irão se identificar, uma vez que passam a conviver com os saberes dos Sem Terra.

A partir daí a nossa hipótese é que nos acampamentos do MST esse grupo passa a identificar-se a alguns saberes do MST e a se *contra-identificar* com outros desencadeando

um estado de tensão e estranhamento com o sujeito histórico daquela FD. Esse estranhamento não desencadeou a ruptura total dos *brasiguaios* com a FD do MST, pois ambos continuaram identificados à luta pela terra, agora empreendida também pelo *brasiguai* em território brasileiro. Não obstante, o *brasiguai* passou a se caracterizar como uma diferente *posição-sujeito* inscrita na mesma FD do MST, singularizada pelo histórico das lutas que os distingue dos Sem Terra brasileiros, pelas suas demandas e reivindicações às autoridades brasileiras, conforme veremos mais adiante.

O fato de serem pressionados por parte do poder público do estado de MS para retornarem ao Paraguai, o que já não é mais uma possibilidade, assim como a demora no reconhecimento dos direitos de cidadania do grupo, decorrentes da morosidade nas *tomadas de posição* por parte do governo federal, os faz sentirem-se cada vez mais como cidadãos sem pátria. Disso decorre uma situação psicológica de conflito, atestada nas SD a seguir (*discurso do*) recortadas da *Carta dos brasiguaios acampados em Amambai*, MS, datada de 26/05/1992, da *Carta à população de Mundo Novo*, de 21/06/85 e do depoimento de um *brasiguai* publicado na *Revista Interamer, on line*. Os segmentos (1) e (38) já foram analisados em outras seções deste capítulo.

(1)<sup>19</sup>O Brasil nos rejeitou há mais de três décadas, quando nos arrancou da terra e nos obrigou a buscar refúgio no Paraguai. Hoje o Paraguai, da mesma forma, não nos dá condições de sobrevivência e uma cidadania digna. Estamos sem terra e sem pátria. Nem brasileiros (pois não temos nossa cidadania reconhecida) e nem paraguaios, pois lá somos estrangeiros. Somos os *brasiguaios* e lutamos pelo direito de voltar ao Brasil e dar aos nossos filhos uma pátria que os receba (Extraída da SD8. Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD32) “Por que as autoridades brasileiras não nos dão o direito de retornar para o nosso país?” (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD33) “Por que as autoridades nos tomam instrumentos de trabalho para ‘evitar’ conflitos e não desarmam os jagunços das fazendas que estão com metralhadoras e escopetas e agem com a proteção da PM?” (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD34) “Será que somos menos cidadãos brasileiros que os jagunços e fazendeiros

---

<sup>19</sup> Os recortes que trazem a numeração (1), (2), (3), etc., neste capítulo, foram extraídos de SD já mencionadas no corpo deste estudo. As SD de onde foram retirados encontram-se identificadas entre parênteses.

que nos ameaçam? A quem devemos reclamar nossos direitos de voltar para o nosso país e continuar produzindo na terra de onde tiramos nosso sustento?” (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD35) “Por que o governo ao invés de nos repatriar quer nos mandar de volta para o Paraguai onde não tem mais condições de sobreviver? Se não tivermos nossos direitos garantidos, romperemos a primeira cerca, não só a da fronteira, para fugir da marginalidade e da miséria que querem nos atirar” (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD36) ”Estamos acampados porque queremos terra para plantar e criar nossas famílias. Não é do nosso gosto estar aqui, mas no Paraguai não dava para ficar mais. [...] Se o governo cumprir sua promessa, não vamos ocupar terra de ninguém.” (*Carta à população*, Mundo Novo, 21/06/85, apud SPRANDEL, *Interamer*, on line, [sd]).

(SD37) “Vamos ser uma nova geração de palestinos” (A.M.S., depoimento em 24/11/92, apud SRANDEL, *Interamer*, on line, [sd]).

Nas sequências discursivas anteriores é possível apreender um conjunto de formulações que, reunidas, nos permitem delinear as principais reivindicações dos *brasiguaios* às autoridades brasileiras:

(I) “[...] condições de **sobrevivência** e uma **cidadania digna**” (Recortada da SD8. *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(II) “[...] lutamos pelo direito de **voltar ao Brasil** e **dar aos nossos filhos** uma **pátria** [...]” (Recortada da SD8. *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(III) “[...]o direito de **retornar para o nosso país**”( Recortada da SD32. *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(IV) “Por que as autoridades [...] não **desarmam os jagunços das fazendas**[...]” (Recortada da SD33. *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(V) “[...]**voltar** para o nosso **país** [...]” (Recortada da SD34. *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para*

*os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(VI) “[...] **continuar produzindo na terra** de onde tiramos nosso sustento” (Recortada da SD34. *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(VII) “[...] **somos menos cidadãos** brasileiros **que os jagunços e fazendeiros** que nos ameaçam? A quem devemos reclamar nossos **direitos**[...]” (Recortada da SD34. *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(VIII) “[...] **condições de sobreviver** [...]” (Recortada da SD35. *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(IX) “[...] **fugir da marginalidade e da miséria** [...]” (Recortada da SD35. *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(X) “[...] **terra para plantar** e criar nossas famílias. [...]” (recortada da SD36). *Carta dos brasiguaios* acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992

A partir das sequências discursivas recortadas, podemos elencar as principais demandas dos *brasiguaios* no seguinte quadro-síntese:



<b>PRINCIPAIS DEMANDAS APRESENTADAS PELOS <i>BRASIGUAIOS</i></b>
1. Garantia de sobrevivência no Brasil;
2. Direito à cidadania brasileira;
3. Direito ao repatriamento;
4. Direito à terra para produzir;
5. Direito à segurança;
6. Igualdade de direitos entre <i>brasiguaios</i> e brasileiros;
7. Condições dignas de vida.

*Quadro 12: Quadro-síntese das principais demandas apresentadas pelos brasiguaios*

Esse conjunto de *demandas* pode ser agrupado em duas categorias, a saber:

1) demandas que identificam os *brasiguaios* aos Sem Terra brasileiros:

<b>DEMANDAS QUE IDENTIFICAM <i>BRASIGUAIOS</i> E INTEGRANTES DO MST</b>
1. Os dois grupos querem terra para produzir;
2. Ambos querem segurança e;
3. Condições dignas de vida.

*Quadro 13: Demandas que identificam brasiguaios e Sem Terra brasileiros*

2) demandas que individualizam os *brasiguaios* dos Sem Terra nacionais:

<b>DEMANDAS QUE DISTINGUEM OS <i>BRASIGUAIOS</i> DOS INTEGRANTES DO MST</b>
1. Garantia de sobrevivência no Brasil;
2. Direito à cidadania brasileira;
3. Direito ao repatriamento;
4. Igualdade de direitos entre <i>brasiguaios</i> e brasileiros (no âmbito das reivindicações dos <i>brasiguaios</i> ).

*Quadro 14: Demandas que distinguem os brasiguaios dos Sem Terra brasileiros*

A partir dos quadros-síntese 13 e 14 podemos observar que as demandas não são as mesmas para os dois grupos. Entretanto, não há um rompimento total do grupo de *brasiguaios* com a FD do MST, pois ambos estão inscritos na luta pela terra e apresentam necessidades parcialmente comuns, como identificamos no quadro-síntese 13. O que há é a emergência de uma nova *posição-sujeito* no interior da FD do MST, trazendo demandas específicas dos *brasiguaios* (explicitadas no quadro-síntese 14) as quais agregam saberes e sentidos diversos à essa FD dominante. Esse conjunto de saberes pode produzir um forte estranhamento no interior da FD que afeta o discurso do MST, conforme podemos constatar na SD (37) em que a formulação *nova geração de palestinos* ratifica o *brasiguai* como um *apátrida* (ARENDR, 2004, p. 301), sujeito desterritorializado e desnacionalizado pela falta de pertencimento político a um estado nacional.

Partindo do princípio de que uma FD não é um espaço fechado e que pode inscrever diferentes *posições-sujeito* e saberes essa *heterogeneidade constitutiva*, compreendida pelo viés do jogo que se estabelece entre o *interdiscurso* e o *intradiscurso*, é indicativa de que a FD do MST está uma vez mais em processo de reconfiguração. Não se trata de uma reconfiguração universal da FD, mas de uma reconfiguração regional que consiste na incorporação de saberes provenientes da experiência desses Sem Terra trazida de sua vivência no Paraguai.

Em resumo, a inscrição dos *brasiguaios* no interior da FD que afeta o MST desencadeia um processo de identificação complexo, onde os saberes dos *brasiguaios* se mesclam com os dos Sem Terra, de modo que a FD em que o discurso do MST se inscreve passa a apresentar pelo menos duas *posições-sujeito*: a dos Sem Terra brasileiros e a dos *brasiguaios*<sup>20</sup>. A denominação/designação *brasiguai* passa a identificar a *posição-sujeito* desses repatriados no interior da FD do MST. Ou seja, tanto em território paraguaio quanto em terras brasileiras trata-se de uma denominação que distingue o *brasiguai* dos demais.

Pêcheux nos auxilia mais uma vez (tal como ocorreu na p. 114 deste capítulo) a pensar nesse complexo *processo de identificação* e de *autonomeação* que acontece ao *brasiguai* no interior da FD do MST, ao discorrer que a *identificação* é *contemporânea* à

---

<sup>20</sup> Ressalvo que meu interesse neste estudo não são as *posições-sujeito* em que a *forma-sujeito* se desdobra no interior da FD dos Sem Terra brasileiros. Por esta razão menciono a possibilidade de existência de uma ou mais *posições-sujeito* na FD Sem Terra. Interesse-me pela *posição-sujeito brasiguai*, compreendida como a nova *posição-sujeito* que se inscreve na FD dos Sem Terra em função do retorno dos *brasiguaios* ao Brasil e do seu encaminhamento para as fileiras do MST.

*interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso*. Desse modo, se antes o sujeito estava *encravado* na FD1 com a qual se identificava no Paraguai, no acampamento do MST esse *encravamento se desloca*, resultando, no que o teórico denomina de *identificação imaginária*, cujo efeito é de um “[...] ajustamento sempre inacabado do sujeito consigo mesmo (baseado na relação com outros sujeitos, cada um dos quais é para ele um alterego) [...]” (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 242-3).

Ainda, segundo Pêcheux, a *identificação imaginária* é “dependente da questão da identidade” (*Idem*, p. 243). Nesse aspecto, *identificação imaginária*, que emerge a partir da necessidade do *brasiguai* se ajustar ao *outro*, soma-se à questão simbólica do *nome* que irá distingui-lo dos Sem Terra brasileiros. O imbricamento desses processos simultâneos (interpelação-identificação-produção de sentidos) mostra que processo de interpelação é de natureza ideológica e jurídica, ao mesmo tempo, remetendo sempre à questão do *nome* e da *lei*.

Caso o *brasiguai* permaneça excluído pelo estado brasileiro, tal como ocorreu no Paraguai, a falta de laços de pertencimento abre a possibilidade de se ter, num futuro próximo, a irrupção de um novo *sujeito-histórico*, decorrente da organização autônoma do grupo que já se reconhece sem nacionalidade definida e sem território, distante, portanto, de organizações brasileiras ou paraguaias e igualmente distanciado dos saberes que mobilizam os membros do MST. Mas isso é apenas uma espécie de antecipação que fazemos com base no *acontecimento enunciativo* representado pela emergência da *posição-sujeito brasiguai* no âmbito do discurso do MST e que somente os próximos acontecimentos históricos poderão determinar.

Hoje, o que podemos dizer é que sob a bandeira do MST, na FD dos Sem Terra, incorpora-se uma nova *posição-sujeito*, representada pelo *brasiguai*. A coexistência dessa *posição-sujeito* com as demais, já inscritas no âmbito dessa FD, não determina o surgimento de uma nova *forma-sujeito*. Por conseguinte, não temos aí um *acontecimento discursivo*, nos moldes do que postula Pêcheux ([1975], 2010b), mas um *acontecimento enunciativo*, nos termos que formula Indursky (2008, p. 29), o qual produzirá novos *efeitos de sentido* na FD dos trabalhadores rurais brasileiros que lutam pela terra..

A tragédia experimentada por populações segregadas social e politicamente, tem chamado a atenção de organismos internacionais de Direitos Humanos, como a ONU, que desde a Conferência realizada no Cairo, em 1994, orienta os países a dar tratamento idêntico às populações nacionais e refugiadas (sejam documentadas ou indocumentadas) evitando



racismo, xenofobia ou exploração de trabalhadores (SPRANDEL; PÓVOA NETO, 2009, p. 303). Em âmbito nacional, a interlocução mantida pelos Sem Terra brasileiros desde os anos 90 com a sociedade, pelo viés da imprensa, também tem ajudando os *brasiguaios* a socializarem suas demandas à população brasileira. Todas essas questões vêm obrigando o governo brasileiro a inserir os *brasiguaios* na agenda nacional, conforme se pode depreender nas sequências discursivas a seguir, em que órgãos públicos, por convocação da Justiça Federal, mobilizam-se em audiência de conciliação na tentativa de solucionar as demandas dos *brasiguaios*:

(SD38) O cadastramento das famílias foi uma das ações propostas na audiência de conciliação realizada em 18 de outubro. Participaram o Ministério Público federal, além de representantes do Movimento dos Sem Terra (MST), Incra, Ouvidoria Agrária Regional, Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), Presidência da República e Prefeitura de Itaquiraí. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 09/07/2012 – Título: *Drama de brasiguaios começa a ser solucionado*).

(SD39) Os brasiguaios terão acesso a atendimento médico em posto de saúde, que fica próximo ao assentamento, serão oferecidas vagas em escola de educação fundamental, para as crianças em idade escolar. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 09/07/2012 – Título: *Drama de brasiguaios começa a ser solucionado*).

(SD40) Com base no cadastro das famílias, será encaminhado ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome a relação para que sejam **fornecidas** cestas de alimentos. O cadastro também servirá para determinar a logística da remoção e oferecer emissão de documento civil. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 09/07/2012 – Título: *Drama de brasiguaios começa a ser solucionado*).

(SD41) Cerca de 600 famílias de brasiguaios acampadas na rodovia BR 163, em Itaquiraí devem começar a se cadastrar para receberem um assentamento no município. O cadastro, que é uma etapa prévia da remoção das famílias é realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 09/07/2012 – Título: *Drama de brasiguaios começa a ser solucionado*).

As formulações *cadastramento das famílias*, na SD (38); *atendimento médico em posto de saúde* e *vagas em escola de educação fundamental*, na SD (39); *cestas de alimentos* e *emissão de documento civil*, na SD (40) e *cadastrar para receberem um assentamento no município*, na SD (41) mostram que o conjunto das ações (vigilância dos organismos internacionais e da opinião pública) tem agenciado respostas positivas do governo brasileiro na forma de políticas públicas voltadas a essa população.

Cabe, ainda, observar que mediante o retorno desses imigrantes, abrigados em acampamentos do MST em território brasileiro, ocorre novo deslizamento dos sentidos em torno da denominação *brasiguai*. A denominação passa a instaurar o *efeito de sentido* de Sem Terra, expulso do Paraguai que retorna ao país e se integra à luta pela terra, com o MST.

Uma vez no acampamento do MST, será necessário que o *brasiguai* estabeleça vínculos políticos e sociais, reconstituindo a própria identidade desestabilizada em função do que ficou para trás, no Paraguai (essas questões serão discutidas na seção 4.7). Nesse aspecto a auto-nomeação *brasiguai*, quando considerada no interior da FD do MST, passa a agregar dois *efeitos de sentido* simultâneos: o da *construção* da própria identidade, para que o *brasiguai* consiga estabelecer laços com o *outro* (o Sem Terra do MST, a outra *posição-sujeito* inscrita na FD do MST) e o de demarcá-lo como uma *posição-sujeito* distinta do Sem Terra brasileiro. Os *efeitos de sentido* instaurados em torno da denominação no interior da FD do MST revelam, desse modo, um embate ideológico que se configura pelo viés de um jogo de *relações de força* acionado em torno da construção da própria identidade e da demarcação de um espaço político entre o *brasiguai* e o *outro*.

Em vista dessas questões, o trajeto temático da *denominação/designação brasiguai/brasiguai* passa a ser o que se segue:

PERCURSO IDEOLÓGICO DA <i>DENOMINAÇÃO BRASIGUAIO</i> NO INTERIOR DA FD DO MST	
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	DESLIZAMENTO DE SENTIDOS INSTAURADOS EM TORNO DA <i>DENOMINAÇÃO</i>
Retorno dos <i>brasiguaio</i> s ao Brasil e sua alocação em acampamentos do MST	<ul style="list-style-type: none"> <li>A denominação <i>brasiguai</i> passa a identificar o Sem Terra, expulso do Paraguai que retorna ao Brasil e luta por um pedaço de terra, com o MST.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>A auto-nomeação <i>brasiguai</i> instaura um duplo <i>efeito de embate ideológico</i> no interior da FD do MST: <ol style="list-style-type: none"> <li>pela <i>construção da identidade brasiguai</i>, para que esse sujeito estabeleça vínculos sociais e políticos com o <i>outro</i>;</li> <li>pela demarcação da <i>posição-sujeito</i> do <i>brasiguai</i> para distingui-lo da <i>posição-sujeito</i> do Sem Terra brasileiro, na FD do MST. Instaura-se, assim, um <i>jogo de relações de força</i>, na FD do MST, com a finalidade de delimitar o espaço político a ser ocupado por essas duas <i>posições-sujeito</i>.</li> </ol> </li> </ul>

Quadro 15: Trajeto temático da denominação *brasiguai* - Sem terra, expulso do Paraguai que retorna ao Brasil e se aloca em acampamentos do MST

#### 4.7 A irrupção da memória social e do sentimento de identidade dos *brasiguaios* nos acampamentos do MST

*A memória é vida, [...] carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA [1984], 1993, p. 9).*

Seria ingênuo pensar que ao chegarem aos acampamentos do MST, no Brasil, os *brasiguaios* deixariam de se identificar imediatamente com a FD que os afetou por tanto tempo para se identificarem com outra FD. Em outras palavras, que ocorreria um processo imediato de *desidentificação* com a FD1 com a qual se identificavam em território paraguaio. Entretanto, a *desidentificação* tanto quanto outros processos de *identificação* são possibilidades no horizonte do *brasiguai*.

Ao refletir sobre os processos de *identificação-interpelação* do *sujeito* com determinada FD, Pêcheux ([1975], 2009a, p. 215-8) nos aponta os caminhos para pensar sobre essa questão que, de acordo com o pensamento do filósofo, deve ser tomada pelo viés do *assujeitamento* ideológico do indivíduo ao Sujeito universal (*forma-sujeito*) da FD.

Segundo Pêcheux, o indivíduo se constitui em *sujeito* a partir de sua *identificação* com a *ideologia* que atravessa uma determinada FD. Nesse aspecto, ele *toma posições* a partir do lugar em que se reconhece como *sujeito*, assumindo, assim, uma identidade. Vale dizer que esse processo de *identificação* é sempre inacabado, de modo que o *sujeito* pode se *desidentificar* dessa FD, se *identificar* ou se *contra-identificar*, num processo ininterrupto.

Pensando na questão dos *brasiguaios* conduzidos aos acampamentos do MST, observamos que mediante o processo de *interpelação ideológica* instaurado no interior da FD que afeta o discurso do MST o *brasiguai* irá *tomar posições* que poderão conduzi-lo a três diferentes caminhos. O primeiro é a sua identificação total com os saberes inscritos na FD do MST; o segundo é o questionamento dos saberes que lhes são apresentados na FD do MST, gerando posições divergentes e discursos-*contra* no interior da FD; o terceiro é a *desidentificação* plena do *brasiguai* com a FD do MST e, em consequência, sua inscrição em outra FD, afastando-se, por conseguinte, do MST e do seu discurso. É plausível pensar, entretanto, que o processo de expulsão e o repatriamento forçado ao Brasil puderam fazer com que esse sujeito se desidentificasse total ou parcialmente da FD1 com a qual se identificava em território paraguaio.

De acordo com Indursky (2008, p. 26) no processo de *contra-identificação* não sucede o rompimento total do sujeito com a FD que o determina. O que sucede é a constituição de uma *posição-sujeito* diferente identificada ainda à *forma-sujeito* da FD. Nessa perspectiva, caso o brasiguaiio se *contra-identifique* aos saberes da FD do MST, poderá se constituir em uma nova *posição-sujeito* sem que, necessariamente, rompa com a *forma-sujeito* dominante. Há que se pensar, ainda, que instaurando-se como *posição-sujeito* na FD do MST o *brasiguaiio* trará saberes originários da FD com a qual inicialmente se identificava, conservados pelo viés da *memória*. Neste caso, ocorre o *acontecimento enunciativo* do aparecimento da *posição-sujeito brasiguaiia* no interior da FD do MST.

Nora (1993) nos lembra que “Todos os corpos constituídos [marginalizados ou não] intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias, sentem necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens” (NORA, [1984 ], 1993, p. 17). E essa busca das origens se torna mais urgente exatamente nos momentos de crise, de colapso (uma guerra, uma repatriação forçada, como no caso dos *brasiguaios* em que os *sujeitos* estão empenhados em assimilar os desencantos da situação presente, ao mesmo tempo em que convivem com as incertezas do futuro). Exatamente nesses momentos é que traços da memória discursiva irrompem com mais força, pois os sujeitos sentem a necessidade de resgatar sentimentos de pertencimento ao grupo e em relação a si mesmos.

No nosso ponto de vista, a *heterogeneidade* dessa *posição-sujeito* irá se fazer perceber nas manifestações discursivas dos *brasiguaios* enquanto permanecerem nos acampamentos do MST, pois não se arranca de uma hora para outra dos sujeitos o que “[...] ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição ancestral [...]” (NORA, *Idem*, p. 07). Em outras palavras, os *brasiguaios* não são apenas corpos físicos que ocupam espaço nos acampamentos do MST, à beira das estradas de Mato Grosso do Sul; são *sujeitos* que carregam *memórias* e que apresentam demandas, acumuladas em decorrência de um contexto de exclusão social e violência a que foram submetidos em território paraguaio. É nisto que consiste o *acontecimento enunciativo* que dá origem à *posição-sujeito brasiguaiia* no interior da FD do MST.

Lembrar, assim, para esses *sujeitos* é uma forma de resgatar o passado, reconstituindo-o em suas minúcias. Uma forma de “[...] acumular religiosamente vestígios, testemunhos, [...], imagens, discursos, sinais visíveis [...]” (NORA, *Idem*, p. 15) para não perderem a própria identidade.

Lembremos que os *brasiguaios* são sujeitos que passam por uma situação de deslocamento forçado, que deixam para trás uma situação de extrema violência social e que, ao chegar ao país em que sempre reconheceram como pátria e do qual sempre se orgulharam, se defrontam com o desamparo social. O país não lhes fecha a porta, todavia não lhes oferece meios para sobreviver. Enfrentam, portanto, uma situação de duplo exílio, de duplo desenraizamento. Primeiramente, repatriados do território em que apostaram progredir e, depois, expostos a um futuro incerto, na condição de acampados, vivendo todas as vicissitudes do regresso, na solidão em meio à multidão de sujeitos estranhos ao seu grupo e pressionados pela necessidade de se adaptar e se identificar com esse Outro para poder sobreviver.

A luta comum pela terra os aproxima do MST. Não há, portanto, uma *desidentificação*, nem com esse *Outro* e tampouco com suas próprias raízes. À vista disso, a FD1 com a qual se identificavam, no Paraguai, não é deixada para trás, porém não a trazem de forma íntegra conservando alguns traços daquela FD de que se deslocaram para a FD do MST com a qual agora se identificam. Ao mesmo tempo em que buscam aproximar-se do *Outro*, acalentam alguns lugares onde sua memória “[...] se cristaliza e se refugia [...]” (NORA, [1984], 1993, p. 7), onde a consciência da ruptura com o passado, com a vida que deixou para trás não são suficientes para prescindir da encarnação dessas lembranças. Não há como romper “[...] um elo de identidade muito antigo [...]” (*Idem*, p. 8).

A condição de repatriados leva à fragilização desses *sujeitos*, principalmente pelo fato de chegarem ao Brasil em situação irregular, sem documentação e sem a possibilidade de um trabalho imediato. A essas dificuldades iniciais somam-se outras tais como a impossibilidade de matricular os filhos em escolas brasileiras, falta de assistência à saúde, alimentação e outros empecilhos. Todos esses obstáculos os levam a agir, respondendo à urgência, conforme se pode verificar na sequência discursiva (*discurso sobre*) que se segue, recortada do *Jornal Correio do Estado*, de Mato Grosso do Sul, que denuncia *brasiguaios* que se apropriam indevidamente de alimentos transportados por uma das rodovias de MS, porque não receberam cestas básicas prometidas por governantes locais. O que chama a atenção, nesta SD é a magnitude da operação montada pela polícia para reprimir um grupo de Sem Terra famintos:

(SD42) A Polícia Militar montou uma verdadeira operação de guerra na manhã de hoje para recuperar alimentos que foram saqueados na sexta-feira (18), por brasiguaios ligados ao MST (Movimento dos Sem Terra), acampados na região de Itaquiraí. Mais de 200 policiais, 14 viaturas, dois ônibus, três micro-ônibus e cães farejadores estavam envolvidos na operação que resultou na recuperação de mais de

uma tonelada de mantimentos roubados. [...]. Os acusados do saque alegam que tiveram que recorrer a esse tipo de crime porque não receberam as cestas básicas prometidas pelos governantes locais. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 02/07/2012 – Título: *PM ‘varre’ acampamento de brasiguaios e recupera alimentos.*)

Observa-se que o *acontecimento* relatado na SD acima no espaço de *atualidade e memória* que convoca é marcado por um jogo astucioso de enunciados que, juntos, ajudam a projetar uma imagem negativa sobre os *brasiguaios* e integrantes do MST. Essas projeções são instauradas mediante a articulação de formulações como *operação de guerra, 200 policiais, 14 viaturas, dois ônibus, três micro-ônibus e cães farejadores* que associados a *saqueados e roubados* delimitam o universo desse discurso vinculando-o à mesma *rede de sentidos*. Analisados na perspectiva do seu exterior discursivo e compreendido como *interdiscurso* (na perspectiva de *já-ditos*) esses recortes remetem ao universo dos grandes aparatos mobilizados pelas polícias especiais para o combate aos narcotraficantes ou às quadrilhas de alta periculosidade. Seu funcionamento discursivo é, assim, responsável pela construção de um *efeito de sentido* que instaura os *brasiguaios* e os integrantes do MST como criminosos aos olhos da opinião pública.

Indursky (2011, p. 10-12) observa que o discurso produzido pela mídia é atravessado por saberes e sentidos de diferentes FD caracterizando-se pela heterogeneidade ideológica, pelas contradições e pela distorção. Embora não se inscreva em uma FD determinada, o discurso midiático identifica-se comumente com a FD com que a classe dominante agrária se identifica, mobilizando em suas práticas discursivas fragmentos de discursos que criminalizam os Sem Terra e suas lideranças.

O agravante da *tomada de posição* midiática é que a ausência de uma verdadeira interlocução com o público (o espaço midiático é caro e os sujeitos não se encontram fisicamente presentes nessa interação) abre brechas para que ela construa uma série de *efeitos* de verdade (aqui interpretados como gestos de leitura do mundo) mobilizados em torno das causas *brasiguaias*, assumindo o papel de representante da voz popular, declarando-se como instância de denúncia e impondo suas posições à opinião pública. Essas opiniões acabam se tornando responsáveis pela construção do imaginário da opinião pública acerca dos *brasiguaios* e de outros movimentos sociais. Na posição social de repatriados, embora identificando-se ao MST na luta comum pela terra, os *brasiguaios* carregam *memórias* que aparentemente podem parecer individuais, particulares, repleta de convicções pessoais, mas que se constituem em um conjunto de ideias e reflexões que os sujeitos emprestam de seu meio e dos grupos com os quais se identificam. É lá na *memória*, nesses lugares

aparentemente cristalizados, porém mutáveis, que o sujeito se refugia nos momentos de crise. O deslocamento forçado, a expulsão política e social do Paraguai, os poucos meios para sobreviver no Brasil, a falta de emprego, de moradia e de reconhecimento da cidadania desestabilizam esse sujeito, tornando instável sua identidade devido à perda das referências identitárias que tinha, quando no Paraguai. Essa desestabilização pode ser apreendida nos seguintes recortes (*discurso do/sobre*):

(SD43) [...] Todos eles sofreram a pressão dos camponeses paraguaios. “Eles chegaram até a invadir a casa armados quando eu estava trabalhando”, conta. “Eu pegava as crianças e corria para o mato, com medo”[...]. (Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande - MS – 06/05/2010, p. 10A – Título: *Iludidas famílias sonham com pedaço de chão.*)

(2) “Aqui [no Brasil] está melhor. Apesar de não termos mais nada [...]” (Recortado da SD30. Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande - MS – 05/05/2010, p. 11ª – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios.*)

(SD44) "A maioria dessa gente não é, legalmente, brasileira nem paraguaia. Ela simplesmente não existe no mapa", afirmou o líder do MST. "Volta para cá sem nenhum documento, sem registro de nascimento, sem anotações de algum médico ou hospital que provam o nascimento no Paraguai ou no Brasil. É gente que nasceu com a ajuda de parteiras, em casa. Fica difícil para o governo brasileiro prestar ajuda." (Estadão/Brasil *on line*, de 03/05/2010. Título: *MS poderá ter 40 mil famílias acampadas.*)

Para que possamos compreender o *papel da memória* na articulação da identidade dos brasiguaios, a partir da relação estreita que existe entre uma e outra, recorreremos ao pensamento de Pollak (1992) e Halbwachs (1990).

Pollak (1992, p. 202) observa que embora a *memória* pareça ser um fenômeno relativamente íntimo, muito próprio da pessoa, esse individualismo, entretanto, é puramente aparente, já que é um fenômeno construído socialmente, principalmente quando se trata de memória herdada.

Halbwachs, durante a primeira metade do século XX, já apontava esse aspecto social e coletivo da *memória* ao dizer que para se obter uma lembrança “É necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados [...] comuns que se encontram tanto no nosso espírito, quanto no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele [...] reciprocamente [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 34). Dessa forma, Halbwachs aponta para a *memória* como um fenômeno coletivo e social, em constante mutação e construído pelos grupos, já que há muitas *memórias coletivas*.

Mesmo quando considera a *memória* individual, o teórico observa que ela nunca está isolada, pois os sujeitos, para evocar seu próprio passado, têm frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros, reportando-se a pontos de referência que estão fora

deles e que são fixados pela sociedade (*Idem*, p. 54) tais como datas, eventos, lugares memoráveis, personagens que devem ser lembrados, acontecimentos relevantes, dentre outros. O aspecto mutável da *memória* se explica quando observamos que cada *memória* é um ponto de vista sobre a *memória coletiva*. Esses pontos de vista mudam conforme o lugar que o sujeito ocupa e conforme as relações que mantém com outros sujeitos (*Idem*, p. 51).

Exatamente por ser um fenômeno construído social e coletivamente pode-se dizer que existe uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992, p. 205). Pollak faz essa afirmação pensando na imagem que os sujeitos **têm** ao longo da vida e aquela que constroem e apresentam aos outros para ser percebida por eles. Ao vincular a identidade social a essas imagens, Pollak considera a dimensão do *Outro*, pois ninguém constrói uma autoimagem isenta de mudanças, de negociações e de transformações em relação ao *Outro*. O *sujeito* realiza tais negociações, considerando critérios como aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade, em relação à avaliação de outros sujeitos e ao grupo (*Idem*).

Também Pêcheux ([1969], 2010a, p. 81-2), adotando um ponto de vista discursivo, reconhece esses lugares colocados em jogo na estrutura social. Pêcheux os analisa como *formações imaginárias*, designando-os como regras de projeção, que estabelecem relações entre as situações dos protagonistas do discurso e suas posições sociais. Esses lugares, para Pêcheux, estão representados nos discursos, de modo que os sujeitos estabelecem lugares a si e aos outros, de acordo com a imagem que fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro.

Reportando essa reflexão ao *brasiguai* há que se reconhecer que esse *sujeito*, ao chegar ao Brasil, não traz apenas a dimensão do corpo físico, mas chega carregado de memórias e imagens pessoais que se juntam a outras tantas, nos acampamentos do MST. Contudo, essa memória que traz não está isolada, pois para evocar seu passado certamente faz apelo às lembranças dos seus iguais, a pontos de referência que existem fora dele, no seu exterior (datas, comemorações) e que já traz prontos consigo. Os traços dessas memórias pessoais e coletivas podem ser apreendidos nos dois recortes (*discurso do/sobre*) que se seguem:

(SD45) Há 11 anos Antônio Prestes, pai de Darci, aventurou-se no Paraguai e tinha a esperança de prosperar nas planícies férteis de Itaquyry.[...]. "Tinha uma casinha de dois cômodos na cidade, mas precisei vender para comer. Vendi-a por 3 milhões de guaranis, cerca de R\$ 1.800", diz Antônio. A esperança de Darci Prestes é uma bandeira vermelha do MST fincada em terras brasileiras. [...] (Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).



(SD46) “O Brasil nos rejeitou há mais de três décadas, quando nos arrancou da terra e nos obrigou a buscar refúgio no Paraguai.” [...] (Fragmento da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

Na SD (45) extraída da Revista *Época* a formulação “*Há 11 anos Antônio Prestes, pai de Darci, aventurou-se no Paraguai*” exhibe as marcas da memória desse *brasiguai*. Na SD (46) o enunciado “*O Brasil nos rejeitou há mais de três décadas*” recortado da *Carta dos Brasiguaios* acampados em Amambai, MS, em maio de 1992, mobiliza acontecimentos históricos ocorridos, na época, há mais de trinta anos marcando a memória coletiva dos imigrantes. Desse modo, se foi impossível ao *brasiguai* testemunhar um *acontecimento histórico*, se não estava presente no momento do evento, irá se lembrar daquilo que leu ou ouviu de outro sujeito, dos relatos e depoimentos, e irá incorporar isso, de modo definitivo, às suas lembranças. A *memória* que o *brasiguai* carrega tem, portanto, uma dimensão social, pois envolve um tempo, um espaço e uma história coletiva. As lembranças coletivas virão se somar às suas lembranças familiares e, depois de enraizadas, ambas serão uma só.

Voltando à questão da fragilização do *brasiguai* frente à repatriação forçada, Rosa *et al.* (2009) reconhecem a existência de dois processos de migrações/imigrações, a que os sujeitos são submetidos. De um lado existem as migrações/imigrações voluntárias, em que os sujeitos “[...] buscam [...] ampliar horizontes, conquistas, [...], romper apegos melancólicos e estilos de vida estagnados e superados” (ROSA *ET AL.*, 2009, p. 01). De outro, há os processos forçados, normalmente perpassados por situações de abandono, violência e miséria em que “[...] a dimensão do perdido e da dificuldade de se localizar no mundo tomam um lugar primordial [...]” (*Idem*) nos sujeitos. Se a emigração dos brasileiros para o Paraguai representou uma partida voluntária em busca de melhores condições de vida não há dúvidas que a repatriação da população *brasiguai* se enquadra na segunda categoria, conforme se pode verificar, a seguir (*discurso sobre*):

(SD47) A chegada de Prestes ao acampamento de Cascavel não é evento isolado. Trata-se de um repatriamento dos chamados brasiguaios organizado pela Pastoral do Imigrante da Igreja Católica. Os agentes da Pastoral do Imigrante, no Paraguai, são pequenos e médios proprietários rurais e empresários de outros setores. Todos brasileiros. Por ironia, um dos mais ativos é Osmar Moll, agricultor que teve sua terra invadida pelos chamados campesinos, os sem-terra paraguaios, em Puerto Indio, a 130 quilômetros ao norte de Ciudad Del Este. Dono de dois terrenos que formam uma fazenda de 116 hectares e de 10% das cotas de uma fábrica de *mozzarella* com capacidade para processar 6 mil litros de leite por dia, Moll tem bons motivos para continuar no Paraguai. Entende, porém, que o país não oferece mais perspectivas para os brasileiros pobres. “O Paraguai não é mais um eldorado para os brasileiros pobres”, garante. “Tenho em mãos uma lista com os nomes de 15 chefes de família, brasileiros, que não conseguem mais sobreviver do lado de cá da

fronteira", diz o brasileiro Moll. (Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

Ao ser expatriado, alijado de seus direitos políticos e sociais é na *memória* que o *brasiguai* irá buscar a identidade social deixada para trás; é a *memória* transposta em discurso que o fará articular os valores, as tradições e os ideais guardados. Pela ação da *memória*, o *brasiguai* irá se tornar o historiador de si mesmo e conseguirá, assim, “[...] redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história” (NORA, [1984], 1993, p. 17).

A SD que se segue transcreve uma narrativa feita em *discurso indireto relatado* por um jornalista da *Revista Época* sobre a experiência vivida por um *brasiguai* durante a saga desse imigrante em terras paraguaias. Na sequência o sujeito mobiliza argumentos que tentam explicitar as razões de sua saída do Paraguai, conforme observa-se a seguir:

(SD48) Seu pai, Daniel Rodrigues da Silva, é quem alinhava as razões da retirada do filho, nascido em 1979, meses depois da chegada da família a Itaquyry. [...] Daniel trabalhou 14 anos em terras alheias no Paraguai. Em 1993, comprou os direitos de posse de 8 hectares na cidade paraguaia. [...] pagou ao ocupante anterior da terra um preço pelas benfeitorias existentes e pela possibilidade de legalizar a propriedade junto ao governo. Para isso, deu uma comissão a uma imobiliária privada credenciada. Paraguaia, claro. [...] Ele traduz seu desalento em cifras, rabiscadas num pedaço de papel. (Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

O fato de ser uma narrativa realizada em terceira mão (as memórias do pai do *brasiguai* foram contadas ao filho e, depois, por este filho ao jornalista que as reporta ao leitor da Revista) aponta para um aspecto bastante interessante da memória que é a possibilidade de uma história de vida ser contada e, posteriormente, recontada de pai para filho, através de muitas gerações, a ponto de ir tomando o aspecto de história oral.

Baseando-se em Lacan e no conceito de angústia, seminário apresentado pelo psicanalista nos anos de 1962 - 3, Berta e Rosa (2005, p. 53) observam que, diante da perda das referências identitárias, os *sujeitos* passam por um tempo de desamparo em que custam a se localizar. Esse tempo influencia na subjetividade dos sujeitos e na concretização dos laços sociais que venham a constituir futuramente. As formulações “*A maioria dessa gente não é, legalmente, brasileira nem paraguaia. Ela simplesmente não existe no mapa [...]. Volta para cá sem nenhum documento, sem registro de nascimento, sem anotações de algum médico ou hospital que provam o nascimento no Paraguai ou no Brasil*” recortada da SD (44) e “*Aqui está melhor. Apesar de não termos mais nada, pelo menos tem tranquilidade*”, extraída da SD (31) mostram a situação de desamparo em que os *brasiguaios* repatriados do Paraguai chegam ao Brasil.

Podemos estabelecer uma aproximação entre o sentimento de perda do *brasiguai* e a dimensão da angústia de que fala Lacan. Para que o *brasiguai* construa um lugar discursivo, com base no resgate da imagem que tem para si e para o *outro*, para que consiga estabelecer laços sociais e políticos é preciso que reconstitua sua identidade, resgatando a própria história latente na *memória* e revendo sua posição de *sujeito* no mundo.

Em face do perdido, daquilo que deixou para trás, esse *sujeito* tem que realizar o luto, semelhante à perda de um ente querido, vivendo esse tempo de angústia e de melancolia. Só assim ele conseguirá reconstituir sua imagem, localizar-se no mundo, restabelecendo a esperança, os laços sociais com seus iguais ou construindo outros com o novo grupo. A perda sofrida por esses sujeitos e a esperança em dias melhores acha-se registrada nos recortes (*discurso de/sobre*) na SD49 e 51 e apenas *discurso sobre* nas SD50 e 52 que se seguem:

(SD49) O esquema básico do repatriamento para acampamentos do MST é descrito pela família Machado César, que chegou numa quinta-feira, dia 19 de agosto, à Fazenda Refopas. Saíram de Limoy, cidade a 120 quilômetros ao norte de Ciudad Del Este. Na primeira etapa, um ônibus paraguaio os levou até a Ponte da Amizade, que liga Ciudad Del Este a Foz do Iguaçu. Atrás seguiu um caminhão carregado com pouquíssima mobília, alguns sacos de mantimentos e muitas ferramentas. "A gente se preocupou mais com o material para trabalhar", diz Valderi Machado César. "Pegamos enxadas, machado, foice, martelo. De casa, só os colchões. Lá no Paraguai vendemos fogão, mesa, cadeiras e uma vaca", conta. (Revista *Época, on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

(SD50) Diz que só não foi no mesmo ônibus porque tenta vender seus direitos de posse para um paraguaio. Acha que consegue pagar a dívida da safra e, depois de vender o Corcel II, a geladeira e a mobília, pode obter dinheiro suficiente para manter a família até conseguir terras no Brasil. (Revista *Época, on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

(SD51) "[...]Ele disse que as invasões, na maioria das vezes violentas, os fizeram perder o pedaço de terra em que viviam no Paraguai. "[...]aqui parece que a terra pode sair logo", afirmou o trabalhador rural com esperança nos olhos. (Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande - MS – 05/05/2010, p. 11A – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD52) A esperança de Darci Prestes é uma bandeira vermelha do MST fincada em terras brasileiras. [...] (Revista *Época, on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

Os laços sociais são recompostos por meio da reconstituição de seu lugar discursivo no mundo e da condição de *sujeito*, o que só é possível através do resgate da sua própria história escondida na *memória*. A elaboração do luto, a aceitação da perda, põe em questão as crenças e as certezas desses *sujeitos*. O *brasiguai* terá que se adaptar a algo novo, pela perda das referências passadas e dos ideais acalentados. Tudo isso desestabiliza sua identidade. A

perda das referências identitárias e a necessidade de se adaptar ao novo encontram-se explicitadas nos recortes (*discurso de/sobre*) a seguir:

(SD53) “[...] Estamos sem terra e sem pátria. Nem brasileiros (pois não temos nossa cidadania reconhecida) e nem paraguaios, pois lá somos estrangeiros” (Fragmento da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(SD54) Depois de tapado com um estrado de madeira e escondido por plástico preto, será o banheiro da casa de plástico da família Prestes. Vai ser o mais novo banheiro do acampamento. O inchaço da cidade negra, plástica, se deve ao êxodo de quem saiu de Itaquyry. A chegada de Prestes ao acampamento de Cascavel não é evento isolado. Trata-se de um repatriamento dos chamados brasiguaios organizado pela Pastoral do Imigrante da Igreja Católica. (Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

Durante o processo de luto é comum que haja uma reinterpretação do passado, já que o apelo às lembranças do grupo, às memórias coletivas, permite sempre recriação, pois nem sempre os sujeitos estão presentes durante os acontecimentos. Assim, lembrar implica reconstruir os acontecimentos com base numa profusão de lembranças que se apoiam umas nas outras e que tiram sua força de um conjunto de sujeitos e das memórias que se juntam e se confundem. E, assim, a *memória do brasiguai* “[...] se enriquece de bens alheios que, desde que se tenham enraizado e encontrado seu lugar não se distinguem mais das outras lembranças” (HALBWACHS, 1990, p. 78). A mobilização da *memória coletiva* pelos sujeitos encontra-se registrada no recorte (*discurso do*) que se segue:

(3) “O Brasil nos rejeitou há mais de três décadas, quando nos arrancou da terra e nos obrigou a buscar refúgio no Paraguai. [...] o Paraguai, da mesma forma, não nos dá condições de sobrevivência e uma cidadania digna. [...]” (Recortado da SD46. Fragmento da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

Nora ([1984], 1993, p. 18) ao mencionar o processo de transformação da *memória social em memória privada* (subjetiva) observa que, nessa passagem, o sujeito se obriga a relembrar e reencontrar o sentimento de pertencimento. O sentimento de pertencer é o princípio e o segredo da identidade, que se resume à “[...] percepção do passado [...], à apropriação daquilo que sabemos não mais nos pertencer” (*Idem*, p. 20).

Desse modo, no primeiro momento ao chegar ao acampamento do MST, o *brasiguai* tentará reavivar as lembranças do seu passado, chegando mesmo a idealizar pessoas, lugares e objetos guardados na *memória*. Entretanto, nessa apropriação do passado e dos objetos perdidos os *sujeitos* tentarão buscar não apenas o reflexo daquilo que foram, mas

principalmente a diferença do que foram em relação ao que são, para reafirmar a própria identidade, pois é “[...] no espetáculo dessa diferença [...]” que os sujeitos podem vislumbrar “[...] o brilhar repentino de uma identidade possível de ser encontrada. Não mais a gênese, mas o deciframento do que [são] à luz do que não [são] mais” (*Idem*). A busca de reafirmação da própria identidade encontra-se explicitada nos seguintes recortes (*discurso do*):

(SD55) “Será que somos menos cidadãos brasileiros que os jagunços e fazendeiros que nos ameaçam? (Fragmento da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD56) “[...] lutamos pelo direito de voltar ao Brasil e dar aos nossos filhos uma pátria que os receba” (Fragmento da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

Tal exercício de *memória* (ou *vontade de memória*, no dizer de Nora), na visão de Pollak, faz com que irrompam fatos da vida dos sujeitos, ou de suas experiências coletivas, aos quais os sujeitos sempre voltam, como se fossem marcas solidificadas pelo trabalho de memória de cada um (POLLAK, 1992, p. 202). Assim, determinadas lembranças tornam-se a mais absoluta realidade e passam a fazer parte da essência desses sujeitos, mesmo que vividas em grupo. As experiências vividas coletivamente em virtude das condições históricas da repatriação perdurarão na memória privada e coletiva dos *brasiguaios*, conforme registradas no recorte (*discurso sobre*) que se segue:

(SD57) [...] Schuh calcula que a Pastoral do Imigrante foi responsável pelo repatriamento de 5 mil famílias de brasileiros para acampamentos do MST no oeste e noroeste do Paraná. Segundo diz, a missão da Pastoral foi a de organizar parte de um movimento espontâneo de retorno ao Brasil protagonizado por ex-imigrantes que vivem em situação precária no Paraguai. [...] (Revista *Época*, on line, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

À vista disso, embora não participem de determinados acontecimentos, estes podem tomar tal relevo em seu imaginário que, num determinado momento, é quase impossível distinguir se deles participou ou não. Isso se exemplifica com alguns *brasiguaios* que contam fatos que aconteceram com suas famílias mesmo antes de nascerem, como se lá estivessem e como se deles tivessem participado, conforme se pode verificar na sequência discursiva (*discurso do*) a seguir:

(SD58) Em 69 eu nasci. [...]. Meu pai ficou um pouco em Hernandarias, depois ele começou entrar diretamente aqui e veio para construir porque era tudo mato, aqui em 68,69 aqui em Santa Rosa apenas tinha umas barracas pequeninhas, a avenida principal nem tinha, só os madeiros tirando madeira [...]. (Depoimento de imigrante brasileiro na cidade de Santa Rosa de Monday, Alto Paraná, Paraguai, em

18/11/2004. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 74).

Na sequência discursiva recortada, tem-se um *brasiguaiio/brasiguayo* do município de Santa Rosa, Paraguai, que relata ter nascido no ano 1969. Não obstante, descreve a paisagem do município nos anos de 1968/1969, data em que sua família chegou àquela região. As sequências *era tudo mato, tinha umas barracas pequeninhas, a avenida principal nem tinha* pertencem a um domínio da sua memória familiar resgatadas por esse *sujeito* durante a enunciação, pois certamente esse *sujeito* não participou concretamente desses episódios.

As sequências precedentes podem ser examinadas à luz dos conceitos de *acontecimento* compreendido por Pêcheux (2002, p. 17) como “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” e o de *domínio de memória* formulado por COURTINE ([1981], 2009, p. 111-12; 2006a, p. 79) na perspectiva de *já-ditos* atualizados em uma enunciação presente. Essas noções nos ajudam a reconhecer as formulações recortadas como um processo de atualização oral de um *domínio de memória* familiar que, neste caso, não é comum a todos os *brasiguaios/brasiguayos*.

Entretanto, quando há o deslocamento de grupos mais ou menos extensos, como ocorreu no período da emigração dos brasileiros para o Paraguai, na década de 60, ou durante o repatriamento dos *brasiguayos* ao Brasil, muitos fatos ocorridos em grupo passam a fazer parte do *domínio de memória* de muitas famílias, simultaneamente. Em outras situações, mesmo que os *brasiguayos* não tenham feito o mesmo percurso, ou não ficaram reunidos no mesmo local, as lembranças das adversidades comuns irá aproximar suas memórias.

Dessa maneira, locais longínquos, fora do espaço-temporal dos *sujeitos*, projeções de outros eventos, a partir da *memória* dos pais, assim como fatos vivenciados em grupo, também constituem uma parte da *memória* dos *brasiguaios*. A *memória* dos *brasiguaios* é, assim, construída na oralidade e articulada por sujeitos que participam de um mesmo espaço-temporal e que por serem contemporâneos, parece que compartilham, em muitos casos, da mesma história, produzindo o *feito de sentido* de um *domínio de memória* comum a todos.

Resta, por fim, dizer que o que a memória social retém ou exclui é fruto sempre de um trabalho de organização (de datas, acontecimentos relevantes, personagens, etc.) que se perpetua para as gerações futuras a partir da realização de um trabalho de manutenção, articulada pelos sujeitos. Quando esse trabalho de organização é bem feito e não há crises, provenientes de situações de guerras ou de expulsão, a exemplo do que ocorreu com os

*brasiguaios*, as *memórias* e *identidades* se estabilizam e tornam-se preocupações menores para as sociedades.

Além da noção de *memória social*, que acabamos de mobilizar nesta seção, trabalharemos, neste capítulo, com o conceito de *memória discursiva*, compreendida na acepção de Pêcheux ([1983], 2010d, p. 52-3) na perspectiva de um duplo *jogo de forças* que, por um lado, mantém a regularização dos sentidos e a estabilização dos enunciados discursivos pelo viés do *interdiscurso*, mas também se abre aos deslizamentos dos sentidos ante o choque de um *acontecimento discursivo* novo.

#### **4.8 A dinâmica das identidades na região da fronteira Brasil-Paraguai: o jogo oblíquo dos efeitos de sentido, instaurados em torno da denominação/designação, e das possíveis equivocidades**

Conforme mencionamos na seção 4.4, Seriot (2001, p. 11-20) ao se debruçar sobre a problemática da construção de fronteiras identitárias, sociais e políticas nos mostra que as palavras e, por extensão, o discurso, constroem categorias que são postas como elementos-fronteira entre os grupos.

Fundamentando-se na ideia de *nação* e na problemática do *nome* que uma comunidade se atribui, o autor observa que a *etnomia* é um objeto de discurso, na medida em que o nome é um objeto simbólico que dá existência a um grupo, designando, agrupando ou separando comunidades (SERIOT, 2001, p. 16). Desse modo, dar nome a um determinado grupo é uma forma de fabricar uma *identidade*, trazendo o *outro* à existência, estabelecendo fronteiras entre o *nós* e o *eles*, de acordo com um *jus solis* (direito de solo) e um *jus sanguis* (direito de sangue), que refletem o tipo de oposição no qual os grupos se colocam. Assim, as fronteiras e limites longe de serem objetos naturais, refletem todo um processo de *fabricação discursiva das identidades* que designam uma comunidade trazida à existência. As fronteiras da identidade coletiva são construídas, portanto, *no e pelo* discurso na percepção do teórico.

Na análise do jogo dos *efeitos de sentido* que se instauram em torno da dupla *denominação/designação brasiguai/brasiguayo*, em cada lado da fronteira Brasil-Paraguai, outras considerações são igualmente importantes tais como os mecanismos das *formações imaginárias*, formulados por Pêcheux (2010a), e que se manifestam no processo discursivo por meio da *antecipação*, das *relações de força* e de *sentido*. Na *antecipação* o enunciador projeta uma representação imaginária do interlocutor que lhe permite prever os efeitos de seu discurso sobre o outro. As *relações de força* no discurso são determinadas pelo lugar social de onde fala o sujeito. Quanto às *relações de sentido*, estas estabelecem que os discursos se

relacionam uns com os outros. Desse modo, ocorre sempre um jogo de *imagens* dos sujeitos entre si; destes com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já-ditos com outros possíveis. Compreendidas como mecanismos de funcionamento discursivo as *formações imaginárias* não se relacionam aos lugares empíricos nos quais os sujeitos se inscrevem, mas às *imagens* que delineiam no interior das relações sociais e que os inscrevem como sujeitos discursivos a partir de suas projeções.

No texto de 1969, ao lançar as bases sobre a teoria do discurso, Pêcheux menciona essas *imagens* que os interlocutores A e B colocam em jogo, durante o processo discursivo, a partir dos lugares ou *posições sociais* de onde enunciam e que são determinados no interior da própria estrutura social (PÊCHEUX, 2010a, p. 81-2). O que funciona nos processos discursivos são essas *formações imaginárias*, responsáveis por uma série de *efeitos de sentidos* que irrompem em seus discursos. Pêcheux menciona quatro possíveis *posições* dos protagonistas do discurso a partir das *imagens* que constroem: *imagem* do lugar de A para o sujeito colocado em A, doravante  $I_A(A)$ ; *imagem* do lugar de B para o sujeito colocado em A, cuja representação é  $I_A(B)$ ; *imagem* do lugar de B para o sujeito colocado em B, simbolizada por  $I_B(B)$  e *imagem* do lugar de A para o sujeito colocado em B, representada por  $I_B(A)$ . Além dessas imagens que envolvem os lugares sociais, ainda trabalha com uma terceira forma de imagem que aponta para o *referente*, isto é àquilo de que se fala, representado pelas fórmulas  $I_A(R)$  e  $I_B(R)$ .

Em textos escritos em 1983, poucos meses antes de seu desaparecimento, Pêcheux ([1983], 2002; [1983], 2010d) nos alerta, ainda, que cada novo *acontecimento*, no contexto de atualidade e no espaço de memória que convoca, é profundamente opaco e se marca por meio de um jogo de denominações que ele chama de *obliquos* e que funcionam sob diferentes registros discursivos que marcam sua equivocidade (PÊCHEUX, [1983], 2002, p. 19-23). Trazendo o *jogo oblíquo das denominações* de que trata Pêcheux, nesses textos, para nosso objeto de análise, verificamos que, a partir da denominação *brasiguai/brasiguayo*, iremos nos defrontar não com um *jogo de denominações*, já que estamos tratando de uma única denominação com uma dupla grafia, mas com um *jogo oblíquo de efeitos de sentido*, em ambos os lados da linha de fronteira Brasil-Paraguai, instaurados em torno da denominação. É este *jogo* que será nosso objeto de análise nesta seção.

Pêcheux nos adverte, ainda, que cada novo *acontecimento discursivo* tem a particularidade de desmanchar a aparente regularização que preexistia, produzindo outra interpretação e, conseqüentemente, novos sentidos. O novo acontecimento, portanto, “[...]”



desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (PÊCHEUX, [1983], 2010d, p. 52). Desse modo, cada novo acontecimento remete a sentidos singulares, não previstos, que se deslocam discursivamente oferecendo lugar à interpretação dos sujeitos (PÊCHEUX, [1983], 2002, p. 53).

Todas as questões mencionadas são importantes ao se analisar os funcionamentos dos discursos que se seguem.

A partir do pensamento de Seriot (2001) e Pêcheux ([1969], 2010a; [1975], 2010b; [1975], 2009a; [1983], 2002; [1983], 2010d) passo a examinar o *jogo oblíquo* dos *efeitos de sentido* instaurados em torno da dupla denominação/designação *brasiguai/brasiguayo* e suas possíveis *equivocidades* (PÊCHEUX, 2002, p. 22) em cada lado da fronteira Brasil-Paraguai.

Partindo das afirmações de Pêcheux, a análise incidirá sobre os lugares sociais ocupados pelos sujeitos compreendidos como *posições* e onde o sujeito é duplamente afetado pelo *inconsciente* e pela *interpelação ideológica*.

Na perspectiva de nossa pesquisa interessa-nos analisar a segunda e primeira posições do sujeito, simbolizadas por  $I_A(B)$  e  $I_A(A)$  que remetem às seguintes interrogações: *Quem é ele para que eu lhe fale assim?* e *Quem sou eu para lhe falar assim?*

Transpondo a fórmula  $I_A(B)$ , teorizada por Pêcheux, para o âmbito de nossas pesquisas observamos que (B), nos discursos que analisamos, referem-se aos leitores brasileiros da imprensa nacional. Uma vez que nosso objeto de análise é o *brasiguayo/brasiguai*, entendemos que esse sujeito é o *referente* (R) sobre o qual a imprensa nacional e internacional enuncia ao leitor de seus periódicos. Desse modo, as fórmulas que utilizaremos nas nossas análises serão  $I_A(R)$ , compreendendo-se “R” como o *brasiguai/brasiguayo*, e  $I_A(A)$  que remetem às seguintes questões: 1.  $I_A(R)$  – *Quem é ele (o brasiguai/brasiguayo) para que dele eu fale assim? e;* 2.  $I_A(A)$  – *Quem sou eu para lhe falar assim?*

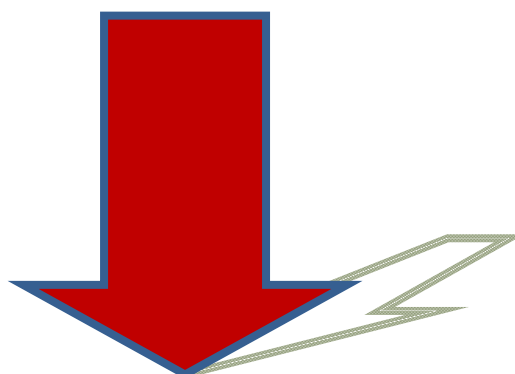
Observamos, inicialmente, que nos confins da fronteira as identidades nacionais são objeto de permanente disputa entre imigrantes brasileiros e população nativa do Paraguai. Nessa região, onde estão presentes, no mínimo, três línguas – português, espanhol e guarani – os nacionalismos linguísticos estão em permanente confronto, delimitando espaços e estabelecendo limites entre o *nós* (paraguaios) e o *eles* (imigrantes). As identidades, nessa região, refletem as oposições entre os grupos e são sempre construídas no interior dos discursos e nas relações estabelecidas entre os grupos sociais, na perspectiva de nossa

pesquisa. Longe de serem estáticas e consolidadas tais relações estão em constante movimentação sendo, às vezes, afirmadas e, outras, negadas pelas populações locais que constroem diferentes *efeitos de sentidos* em torno da dupla denominação *brasiguaiio/brasiguayo*, a partir das *imagens* que projetam desses *sujeitos* as quais dão sustentação aos *efeitos de sentido* que deslizam de acordo com as diferentes *condições de produção*.

Falar em relações estabelecidas de acordo com as condições de produção poderia pressupor a existência de *sujeitos* plenamente conscientes e que se utilizam de estratégias discursivas de acordo com um objetivo ou uma intencionalidade. Entretanto, na perspectiva teórica da AD pecheuxtiana estamos tratando de *sujeitos* que produzem discursos ideologicamente marcados, atravessados pelo *inconsciente* em suas práticas discursivas mantendo, no entanto, uma ilusão de autonomia frente ao *assujeitamento* pelo qual se identificam com determinada *formação discursiva*.

É a identificação com a *formação discursiva* que determina os seus discursos na perspectiva *do que pode e deve ser dito* em determinadas circunstâncias e que os faz produzir determinados dizeres a partir do lugar em que se reconhecem como *sujeitos*. Essa identificação os faz negar ou afirmar certo imaginário em torno da dupla denominação *brasiguaiio/brasiguayo*. Estamos tratando, portanto, de sujeitos atravessados pela identificação com certa FD, pela historicidade, pelo *inconsciente* e pela *ideologia* e não de sujeitos intencionais.

Tomando por base as considerações precedentes, as análises que se seguem serão empreendidas a partir de recortes de SD utilizando como critério o lado da fronteira em que a denominação aparece, a FD em que se inscreve e os efeitos de sentido que produzem, simbolizadas conforme se segue.



#### 4.8.1 Os diferentes *efeitos de sentido* instaurados em torno da denominação/designação *brasiguai* e as possíveis equivocidades do lado brasileiro da fronteira Brasil-Paraguai



Diagrama 2: A denominação *brasiguaios*, seus efeitos de sentidos e as possíveis equivocidades instauradas do lado brasileiro da fronteira

O diagrama 2, em forma de engrenagem, mostra que nas análises das imagens  $I_A(R)$  e  $I_A(A)$  projetadas sobre os *brasiguaios* questões como a *denominação/designação*, os *efeitos de sentido* instaurados nos discursos e suas possíveis *equivocidades* não podem ser examinadas como categorias separadas. Ao contrário, elas são acionadas circularmente, atravessando de forma encadeada as discursividades *sobre os brasiguaios* do lado brasileiro da fronteira.

Continuaremos a acompanhar no decorrer das análises das seções que se seguem, o *percurso ideológico da denominação/designação brasiguai/brasiguayo*, apontando os deslizamentos de sentidos instaurados e as contradições produzidas quando sujeitos de diferentes FD dela se apropriam.

As FD e *posições-sujeito* serão individuadas em função das SD analisadas e na ordem de sua ocorrência, podendo sofrer reconfigurações ao longo das análises a partir do olhar da analista sobre o *corpus*.

Todas as SD analisadas nesta subseção se enquadram na modalidade de *discurso sobre os brasiguaios*. Feitas estas considerações, passemos às análises.

Recortamos a seguir sete SD (*discurso sobre*) representativas de diferentes *imagens* mobilizadas por articulistas da imprensa brasileira e por políticos domiciliados do lado nacional da fronteira, as quais produzem *efeitos de sentido* diversos sobre a *designação brasiguaião*. Nos recortes que se seguem (A) corresponde aos sujeitos representados pelos articulistas da imprensa (de MS e PR) e pelo deputado federal Geraldo Resende e (R) aos *brasiguaios*:

(4) Há cerca de cinco anos, conforme contam **os trabalhadores** que vieram do Paraguai, começaram as invasões violentas nas pequenas áreas rurais, que antes eram suas propriedades. (Recortada da SD3 extraída do *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, de 05/05/2010, p. 11a – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(5) “[...] e, em nome de uma onda nacionalista, alguns políticos paraguaios chegaram ao ponto de incentivar a invasão de propriedades de **brasileiros**.” (Recortada da SD4 extraída do Pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende do PMDB/MS, publicado em *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

(6) Há cerca de cinco anos, porém, os camponeses paraguaios (que invadem e ocupam propriedades não tituladas) utilizam táticas de guerrilha com o objetivo de expulsar **os cidadãos com dupla nacionalidade** das terras do país vizinho (Recortada da SD3 extraída do *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11<sup>a</sup> – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(7) Dez representantes de **produtores rurais brasileiros** radicados no Paraguai – conhecidos como **brasiguaios** – estão na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE), onde vão acompanhar audiência pública a respeito das relações do Brasil com os demais países da América do Sul. (Recortada da SD10 extraída do *Jornal Correio do Estado*, *on line*, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

(8) Quais as providências que estão sendo tomadas pelo Itamaraty em apoio aos **brasiguaios – produtores brasileiros** que vivem no Paraguai – serão os pontos principais da audiência, em data a ser definida, que a Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA) terá com o ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota. (Recortada da SD12 extraída do *Jornal Correio do Estado*, *on line*, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*).

(SD59) Ainda não foi desta vez que Santa Rita, principal reduto brasileiro no interior do Paraguai, conseguiu eleger um **brasiguaião** como prefeito da cidade. O brasileiro Valter Mensch, ex-vereador e candidato do Movimento Independente Todos por Santa Rita, amargou a segunda colocação. [...]. Mas, por outro lado, em outras cidades do Paraguai pelo menos dois prefeitos de origem brasileira foram eleitos. São eles Joaquim Lopes Matheus, em Santa Fe del Paraná; e Vilmar

“Neneco” Acosta Marques, em Ypehú. Em Katueté, Edson Weber, ex-morador de Pato Bragado, município lindeiro ao Lago de Itaipu, elegeu-se vereador. [...]. (Rádio Grande Lago – AM 580 – *on line*. Reportagem de 08/11/2010. Título: *Thomé perde “por pouco” em San Alberto, mas dois brasileiros se elegem prefeitos de cidades do Paraguai*).-

(9) A Polícia Militar montou uma verdadeira operação de guerra na manhã de hoje para recuperar alimentos que foram saqueados na sexta-feira (18), por **brasiguaios** ligados ao MST (Movimento dos Sem Terra), acampados na região de Itaquiraí.[...]. Os **acusados do saque** alegam que tiveram que recorrer a esse tipo de crime porque não receberam as cestas básicas prometidas pelos governantes locais. (Recortada da SD31 extraída do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 02/07/2012 – Título: *PM ‘varre’ acampamento de brasiguaios e recupera alimentos*.)

A observação dos enunciados de (4) a (9) nos permite inscrever os sujeitos enunciadorees dessas SD em duas FD, que individuaremos como FD3 e FD4. A FD3 inscreve sujeitos-enunciadores da imprensa brasileira e a FD4 os partidários e partidos políticos nacionais.

Na FD3 estão inscritas duas *posições-sujeito* que irrompem em decorrência de diferentes *condições de produção*:

1) uma posição-sujeito (PS1) que se posiciona *a favor das causas brasiguaias* tecendo *comentários elogiosos* e *apoiando* esses imigrantes por ocasião da sua expulsão do Paraguai, enquanto eles ainda figuram como problema apenas do governo paraguaio e da diplomacia brasileira ( recortes 4, 6, 7, 8 e SD59) ou quando ainda não se tornaram uma ameaça concreta aos ruralistas locais; e

2) outra posição-sujeito (PS2) que criminaliza e hostiliza os *brasiguaios* quando estes já se encontram no Brasil, engajados na luta pela terra e participando de ações conjuntas com os Sem Terra do MST (recorte 9). Nessas *condições de produção* os *brasiguaios* acabam se transformando em ameaça para os ruralistas e o governo de MS com os quais a imprensa sul-mato-grossense mantém uma aliança histórica.

O que aproxima a PS1 e a PS2 é o fato que, embora manifeste opiniões contrárias reguladas pelas *condições de produção*, ambas identificam-se com a *forma-sujeito dominante*, pois defendem o respeito à propriedade privada mesmo que esta se constitua de imóveis, áreas privativas ou de alimentos, como se pode observar nas formulações “começaram as invasões violentas nas pequenas áreas rurais, que antes eram *suas propriedades*”, no recorte (4); “*com o objetivo de expulsar os cidadãos com dupla nacionalidade das terras*”, no (6); “*apoio aos brasiguaios – produtores brasileiros que vivem no Paraguai*” no (8); *reduto brasileiro no interior do Paraguai*, na SD (59) e “*recuperar alimentos que foram saqueados na sexta-feira*

(18), *por brasiguaios*”, no recorte (9). Desse modo, não se trata de FD distintas, mas de duas *posições-sujeito* que, ao passar da defesa à criminalização do *brasiguayo/brasiguai* introduz a contradição no interior da FD3.

Quanto à FD4, nossas análises nos permitem identificar uma única *posição-sujeito* (PS) que apoia as demandas dos *brasiguayos/brasiguaios*. Sabemos que no Brasil há um grande número de partidos políticos, o que poderia sugerir uma diversidade bastante grande de relações com a ideologia. Observa-se, entretanto, um grande número de partidos políticos identificados à ideologia de centro-direita e, alguns poucos, identificados à esquerda. No âmbito das nossas análises, contudo, até onde nosso *corpus* nos permitiu observar, todos os partidos políticos se mostraram favoráveis às demandas apresentadas pelos *brasiguaios*. Desse modo, ao individuarmos a FD4 identificamos apenas uma PS.

Cabe explicitar que as FD3 e FD4 e as *posições-sujeito* mencionadas individualizam sujeitos situados do lado brasileiro da fronteira Brasil-Paraguai, não devendo ser confundidas com as FD1 e FD2 e *posições-sujeito* (analisadas a partir da seção 4.5) nas quais inscrevemos os imigrantes brasileiros no Paraguai.

A individuação da FD3 e das *posições-sujeito* (PS1 e PS2) foi realizada considerando-se dois critérios: 1) a relação histórica que o sujeito do discurso (enunciador da imprensa nacional, na esfera de nossa pesquisa) estabelece com a ideologia da classe dominante em seu Estado e; 2) o discurso (contraditório) que faz circular *sobre o brasiguai*.

Nos recortes (4), (6), (7), (8) e (9) o sujeito enunciador é o articulista do jornal sul-mato-grossense *Correio do Estado*. Na SD (59) é o articulista do jornal *O Progresso* que reproduz em discurso direto a fala do deputado federal Geraldo Resende, do PMDB/MS. Cabe abrir um parêntese para observar que, conforme apontamos na seção 4.1 deste capítulo, os jornais *Correio do Estado* e *O Progresso*, ambos de Mato Grosso do Sul, desde a sua fundação sempre estiveram vinculados ideologicamente à classe política e ruralista local que se mostrou sucessivamente contrária ao retorno dos *brasiguaios* e a quaisquer movimentos sociais que reivindicassem a Reforma Agrária.

Conforme mencionamos naquela seção, *O Progresso* nasceu identificado à bandeira política do PSD (Partido Social Democrático) e o *Correio do Estado* à UDN (União Democrática Nacional). Esse forte vínculo com a classe dominante local pode ser atestado no discurso veiculado por esses dois periódicos, principalmente após os anos 90 quando o Movimento pela Reforma Agrária ganhou as ruas do país e, também, quando os *brasiguaios*

retornaram ao Brasil confrontando-se com os interesses dos ruralistas locais. Isso mostra que o discurso apreendido nas matérias veiculadas pelas duas empresas é um só identificando-se com a *forma-sujeito* dominante que organiza a FD. A principal característica desse discurso durante os anos 90 foi a construção de sentidos que deslegitimavam a luta social pela terra, desacreditando suas principais lideranças. À vista dessas questões, pode-se afirmar que existe semelhança no modo como esses dois periódicos se relacionam com a ideologia da classe dominante em MS, não se configurando, por conseguinte, como FD distintas. Entretanto quando passam da defesa (PS1) à criminalização dos Sem Terra (PS2), imprimem a contradição no interior da FD inscrevendo-se em *posições-sujeito* distintas.

Na SD (59) o sujeito-enunciador é o articulista da Rádio Grande Lago, de Foz do Iguaçu, Paraná. De acordo com os estudos de Staub e Hauptmann ([S.d], p. 100) essa Rádio, semelhante às outras mídias do interior do país, é uma modalidade de imprensa que vincula sua linha editorial às fontes oficiais de informação da sociedade, não abrindo espaço às manifestações de cidadãos comuns. Consequentemente suas posições político-ideológicas (incluindo-se as questões relacionadas à terra e aos *brasiguaios*) acham-se fortemente marcadas pelos discursos circunscritos ao seu grupo de informantes, dentre os quais destacam-se as fontes governamentais, a imprensa oficial da nação, os grandes jornais do Brasil e do exterior, prefeitos, vereadores, presidentes de clubes, associações e outras pessoas do cenário político. Dada à natureza dessa imprensa e à relação que mantém com a ideologia desses grupos dominantes (semelhante a que ocorre com os dois jornais sul-mato-grossenses citados) nós a inscreveremos, também, **na FD3** e na PS1 que apoia os *brasiguaios*.

Com relação à FD que afeta os partidos e políticos brasileiros, ratificamos que será identificada, neste estudo, como *FD4*. As análises ratificam nossa opção por inscrever todos os partidos políticos mencionados na mesma *formação discursiva* a partir da constatação que, apesar das diferenças que os partidos e políticos apresentam em relação às causas dos Sem Terra em determinadas *condições de produção*, nas SD analisadas todos se mostram favoráveis aos *brasiguaios*. Isso justifica, em nossa concepção, a sua inclusão em uma mesma FD4 e em uma única *posição-sujeito* (PS).

À vista das questões apontadas, podemos representar a configuração dessas duas FD e *posições-sujeito* - individuadas à luz dos recortes de SD (1) a (8) – de acordo com o seguinte quadro:



POSIÇÕES-SUJEITO DA IMPRENSA BRASILEIRA E DOS PARTIDOS POLÍTICOS NACIONAIS (NO ÂMBITO DESTA PESQUISA) INSCRITOS NA FD3 E FD4		
FD	PS1 e PS2	CARACTERÍSTICAS QUE INSCREVEM ESSES SUJEITOS NA FD3 E FD4
FD3	<ul style="list-style-type: none"> <li>PS1: apoia e elogia os <i>brasiguayos/brasiguaios</i> enquanto eles não se tornam um problema para o Governo e os ruralistas de seus Estados (Jornais <i>Correio do Estado</i> e <i>O Progresso</i> (sul-mato-grossenses) e <i>Rádio Grande Lago</i> (paranaense).</li> <li>PS2: criminaliza os <i>brasiguaios</i> quando eles se engajam na luta pela terra em MS, participando de ações conjuntas com o MST (Jornais <i>Correio do Estado</i> e <i>O progresso</i> (sul-mato-grossenses).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mantêm relação semelhante com a ideologia dos grupos dominantes, no âmbito de seus Estados (MS e PR) no que tange à questão da terra e dos <i>brasiguaios</i>, mostrando-se identificados à <i>forma-sujeito</i> que organiza essa FD.</li> </ul>
FD4	Políticos e partidos políticos brasileiros referidos nos discursos analisados.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em que pese as diferenças partidárias em relação às causas dos Sem Terra em determinadas <i>condições de produção</i>, no âmbito das SD analisadas todos se mostram favoráveis aos <i>brasiguaios</i>.</li> </ul>

Quadro 16: Individuação das FD3 e FD4

Tomando por base a imagem  $I_A(R)$  que remete ao exame de *Quem é ele (o brasiguaião) para que dele eu fale assim?* observa-se, desse modo, duas FD e duas *posições-sujeito* nos enunciados de (4) a (9). Nessas formulações os sujeitos acionam a nomeação *brasiguaião* construindo-a por meio de imagens e denominações equivalentes, cujo funcionamento é o de *paráfrases* que produzem o mesmo *efeito de sentido*. É o que se pode depreender nos recortes, a seguir, extraídos de SD já utilizadas em análises anteriores deste capítulo:

(XI) [...] contam os trabalhadores que vieram do Paraguai [...].(Recortado da SD4 extraída do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, de 05/05/2010, p. 11a – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(XII) [...] incentivar a invasão de propriedades de brasileiros. (Recortado da SD5 extraída do Pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende do PMDB/MS, publicado em *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).



(XIII) [...] expulsar os cidadãos com dupla nacionalidade das terras do país vizinho. (Recortado da SD4 extraída do *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11<sup>a</sup> – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(XIV) [...] produtores rurais brasileiros radicados no Paraguai [...]. (Recortado da SD11 extraída do *Jornal Correio do Estado, on line*, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

(XV) [...] apoio aos brasiguaios – produtores brasileiros que vivem no Paraguai [...] (Recortado da SD13 extraída do *Jornal Correio do Estado, on line*, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*).

(XVI) [...] eleger um brasiguai como prefeito da cidade. (Recortado da SD59. (Rádio Grande Lago – AM 580 – *on line*. Reportagem de 08/11/2010. Título: *Thomé perde “por pouco” em San Alberto, mas dois brasileiros se elegem prefeitos de cidades do Paraguai*).

(XVII<sub>a</sub>) [...] alimentos [...] saqueados [...] por brasiguaios ligados ao MST [...]. (Recortado da SD42 extraída do *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 02/07/2012 – Título: *PM ‘varre’ acampamento de brasiguaios e recupera alimentos*).

(XVII<sub>b</sub>) [...] Os acusados do saque alegam que tiveram que recorrer a esse tipo de crime [...] (Recortado da SD42 extraída do *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 02/07/2012 – Título: *PM ‘varre’ acampamento de brasiguaios e recupera alimentos*).

Em (XI) o articulista da imprensa leva o leitor a associar a denominação *brasiguai* à imagem de *trabalhadores que vieram do Paraguai*. Essa associação acontece num momento delicado em que irrompe no país vizinho uma onda de conflitos por terra, envolvendo imigrantes brasileiros e camponeses paraguaios resultando, dessas hostilidades, a expulsão de muitos brasileiros daquele país. Diante desse *acontecimento histórico*, ondas de nacionalismos irrompem, de ambos os lados da fronteira.

O discurso nacionalista se repete em (XII) *invasão de propriedades de brasileiros*, (XIII) *expulsar os cidadãos com dupla nacionalidade* (XIV) *produtores rurais brasileiros radicados* e (XV) *produtores brasileiros que vivem no Paraguai*. O relevo dado à nacionalidade (origem) brasileira em todos estes recortes é pontual como se observa em (XII), (XIV) e (XV) onde o item lexical *brasileiros* reforça essa identificação. Os segmentos *invasão* e *expulsar* ajudam a construir um efeito de sentido entre o enunciador da imprensa e os leitores, materializados nessas discursividades que são enunciadas a partir de *projeções imaginárias* construídas discursivamente sobre os *brasiguaios*. Na compreensão da imprensa brasileira eles são *brasileiros* e estão sendo expropriados e expulsos, de modo violento, de um país que ajudaram a construir.

Embora na maior parte dos recortes de (XI) a (XVIIb), em análise, os jornais brasileiros não mencionem diretamente o imigrante brasileiro como *brasiguai*, o uso dessa designação é frequente nos noticiários da imprensa nacional, como se pode comprovar nos recortes das SD, a seguir, já mobilizados em seções anteriores deste capítulo:

(10) Dez representantes de produtores rurais brasileiros radicados no Paraguai – conhecidos como **brasiguaios** – estão na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) [...].(Recortado da SD11. *Jornal Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

(11) *Geraldo critica ameaças a brasiguaios* (Título de reportagem que trata do pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende do PMDB/MS publicado em *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia*).

(12) Segundo se informa, o chanceler Amorim vem a Asunción preocupado pela situação dos **brasiguaios**. (Recortado de *Sopa Brasiguai* – *Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*).

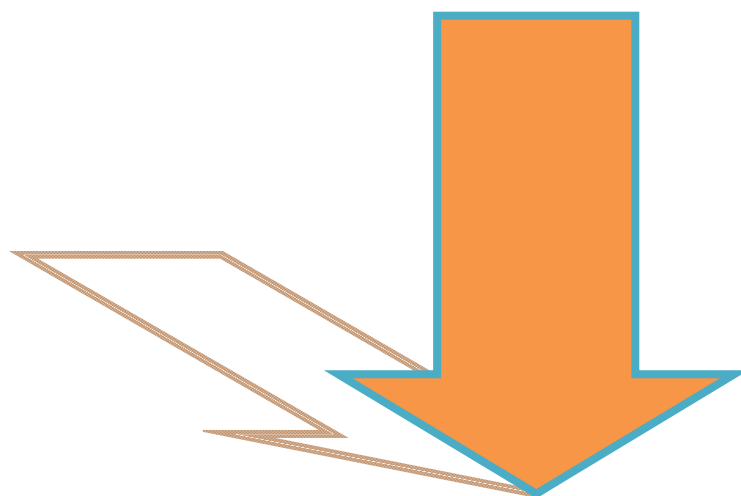
(13) Trata-se de um repatriamento dos chamados **brasiguaios** organizado pela Pastoral do Imigrante da Igreja Católica. (Recortada da SD47. *Revista Época*, on line, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

Nos recortes precedentes podemos identificar dois novos sujeitos enunciativos: o articulista do *blog Sopa Brasiguai*, do qual foi extraído e enunciado (12) e o sujeito enunciativo da *Revista Época*, da qual foi retirada a formulação (13). O que distingue essas duas *posições-sujeito* é a relação diversa que mantêm com a ideologia e a maior ou menor interatividade com os leitores.

O *blog Sopa Brasiguai* é um informativo produzido em Foz do Iguaçu, dedicado a divulgar reportagens sobre a fronteira Brasil-Paraguai. Voltado ao público brasileiro, dedica-se à divulgação de notícias em ambos os lados da fronteira exibindo, com frequência, reportagens da imprensa paraguai e abrindo-se à opinião dos leitores. Caracterizado pela intensa interatividade com o público, o *Sopa Brasiguai* é um diário da *web* que permite a atualização rápida das notícias, mediante o acréscimo da opinião do público acerca dos temas relacionados ao dia-a-dia fronteiriço, incluindo-se as questões relacionadas aos *brasiguaios* em ambos os lados da linha de fronteira. Pela natureza desse meio de comunicação podemos inscrevê-lo na FD3, entretanto não na mesma *posição-sujeito* dos jornais *Correio do Estado*, *O Progresso* e *Rádio Grande Lago* cujas opiniões são fortemente marcadas pelo vínculo com as classes dominantes nas questões relacionadas à terra e aos *brasiguaios*. Desse modo, individualizaremos o *Sopa Brasiguai* na FD3, todavia inscrito na *posição-sujeito* 3 (PS3).

Quanto à *Revista Época* é um semanário voltado ao público das classes média e alta da sociedade brasileira. Semelhante à *Veja* ( a maior revista em tiragem do país) é uma revista opinativa, imprimindo seu posicionamento político-ideológico às notícias que divulga, de modo a influenciar a *tomada de posição* dos leitores sobre a agenda que propõe. A relação que a Revista mantém com a ideologia é capitalista, caracterizando-se por fazer intensa propaganda ideológica em torno do ideário de um sistema voltado somente aos melhores (*meritocracia*) e em torno do sonho médio de consumo brasileiro. Suas reportagens, desse modo, tornam-se verdadeiras armas políticas, principalmente quando assume posições ideológicas contrárias às questões sociais ou o papel de agente político em processos eleitorais e em escândalos públicos. Seus leitores compram as edições semanais da Revista para cotejar as informações divulgadas pelos telejornais, imputando grande credibilidade às suas matérias. Constitui, por isso, um forte elemento de formação da opinião pública, não se abrindo à contestação (a não ser quando acontece por via judicial) o que é facilitado pelo altíssimo custo do espaço destinado à propaganda (cerca de 57.000 a 322.000 reais por anúncio). A *Revista Época* mantém estreita relação com a ideologia dos grupos dominantes brasileiros. Seu discurso mostra-se identificado à *forma-sujeito* que organiza essa FD, semelhante ao que ocorre com os jornais *Correio do Estado e O progresso*, de MS, e Rádio grande Lago, do PR. Devido a essa característica e ao posicionamento favorável aos *brasiguaios* apreendido na formulação (13) analisada, a *Revista Época* será inscrita, neste estudo, na PS1 da FD3.

A partir da inscrição dessas duas mídias na FD3 o desenho dessa *formação discursiva* passa a ser o que se segue:



POSIÇÕES-SUJEITO DA IMPRENSA BRASILEIRA (NO ÂMBITO DESTA PESQUISA) INSCRITAS NA FD3	
PS1, PS2 E PS3	CARACTERÍSTICAS QUE APROXIMAM OU DISTINGUEM OS SUJEITOS INSCRITOS NA FD3
<ul style="list-style-type: none"> <li>• PS1: apoia e elogia os <i>brasiguayos/brasiguaios</i> enquanto proprietários rurais que lutam em defesa de sua terra no Paraguai e enquanto eles não se tornam um problema para o Governo e os ruralistas em âmbito regional e nacional. Nessa <i>posição-sujeito</i> se inscrevem os jornais <i>Correio do Estado</i> e <i>O Progresso</i> (sul-mato-grossenses), <i>Rádio Grande Lago</i> (paranaense) e <i>Revista Época</i>.</li> <li>• PS2: criminaliza os <i>brasiguaios</i> quando eles se engajam na luta pela terra em MS, participando de ações conjuntas com o MST, pois passam a atacar terras consideradas propriedade privada. Inscrevem-se na PS2 os jornais sul-mato-grossenses <i>Correio do Estado</i> e <i>O Progresso</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mantêm relação semelhante com a ideologia dos grupos dominantes, em âmbito regional (MS e PR) e nacional no que tange à questão da terra e dos <i>brasiguaios</i>, mostrando-se identificados à <i>forma-sujeito</i> que organiza essa FD.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• PS3 – <i>Sopa Brasiguaia</i> (Blog informativo de Foz do Iguaçu)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaço democrático caracterizado pela intensa interatividade é um diário da <i>web</i> que permite a atualização rápida das notícias, mediante o acréscimo da opinião dos leitores, incluindo-se as questões relacionadas aos <i>brasiguaios</i> em ambos os lados da linha de fronteira.</li> </ul>

Quadro 17: Posições-sujeito inscritas na FD3

Essas FD e *posições-sujeito* podem ser assim representadas:

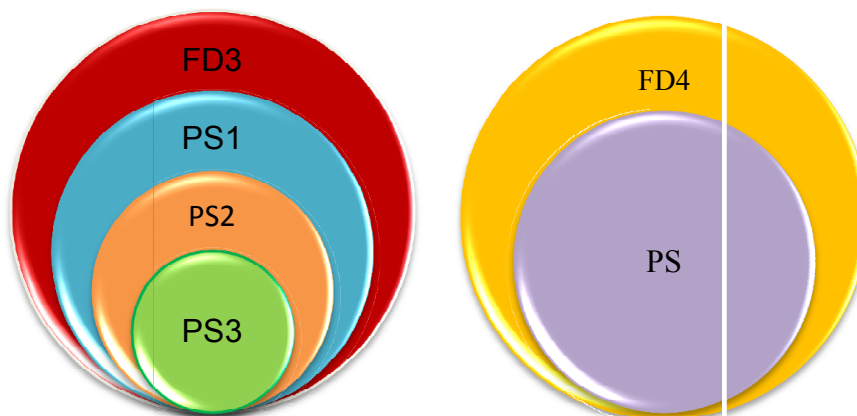


Diagrama 3: FD(3) e FD(4) e suas posições-sujeito correspondentes

No recorte (XII) a sequência *cidadãos com dupla nacionalidade* instaura um *efeito de sentido* que pode acionar múltiplas interpretações que se marcarão pela *equivocidade* (PÊCHEUX, 2002, p. 22). Por *equivocidade* compreendemos aqui a possibilidade de deslocamentos, de outras interpretações e, conseqüentemente, de novos sentidos que o jogo de denominações possibilita. Assim, o jogo de efeitos de sentido produzido pelos segmentos *cidadãos* e *dupla nacionalidade* pode levar os interlocutores a interpretarem que *todos* os imigrantes brasileiros naquele país possuem dupla nacionalidade e encontram-se em pleno gozo de seus direitos civis, políticos e sociais. Se assim fosse o conjunto desses direitos garantiria a liberdade, a propriedade e a igualdade, do ponto de vista legal, além de trabalho, saúde, moradia e educação a todos os imigrantes brasileiros e seus descendentes. No entanto, são poucos os que possuem direitos políticos e que podem participar da administração do país. Os poucos que exercitam esse direito estão representados no recorte (XVI) *um brasiguaiio como prefeito da cidade* e referem-se a alguns descendentes de imigrantes brasileiros que foram pioneiros na colonização de regiões e na fundação de cidades que hoje destacam-se como fortes redutos de imigração brasileira. Esses imigrantes fizeram fortuna em suas cidades e seus descendentes, paraguaios de nascimento e legalmente documentados, hoje podem participar de pleitos eleitorais com chance de vitória pelo grande número de eleitores que conseguem congrega em seus redutos eleitorais.

Outro ponto a se destacar ainda em relação à questão do *equivoco* é que o segmento *cidadãos* utilizado pelo articulista pode instaurar a ideia de que esses imigrantes possuem cidadania reconhecida do lado brasileiro da fronteira também. O governo brasileiro, entretanto, não acena com a possibilidade de reconhecimento de seus direitos para não ter de

assumir os problemas decorrentes de um possível retorno em massa. Dessa forma, a grande maioria, principalmente aqueles que estão sendo sumariamente expulsos, pode ser enquadrada na categoria de *não cidadãos*, pela falta de reconhecimento de seus direitos civis, políticos e sociais nos dois países. Do ponto de vista de Arendt (2004, p. 313) eles seriam *apátridas* por terem perdido sua cidadania no Estado brasileiro e não possuírem os direitos mínimos reconhecidos no país para onde emigraram. Na perspectiva de Rancière (1996, p. 23) eles seriam os *sem parcela*, uma massa humana sem propriedade, indocumentada, invisível por não terem lugar de pertença em ambos os lados da fronteira e que, por isso mesmo, não tomam parte em nada. A ausência de visibilidade do *brasiguai* e a falta de um lugar de pertencimento nos levam a refletir sobre a reconstituição da sua identidade, desestabilizada após a expulsão política e social do Paraguai.

Orlandi (2012, p. 74) nos lembra, interpretando o materialismo dialético, que “[...] o mundo não é um complexo de coisas acabadas, mas processos em constante movimento”. É nesse aspecto que “[...] a própria identidade é um movimento da história” (*Idem*, p. 74-5). Somamos a esse pensamento a ideia de que os sujeitos não são passivos às determinações sociais. Ante os *efeitos* da dominação, eles *ousam se revoltar pensando por si mesmos* (PÊCHEUX, [1978], 2009b, p. 281).

Assim, considerando essa movimentação constante e a fabricação das identidades como processos históricos (e discursivos) concluímos que os desdobramentos dessa situação de não cidadania pode provocar a irrupção de identidades sociais de *resistência*, aqui compreendidas a partir da percepção de Pêcheux de que em todos os processos de lutas de classe “[...] não há dominação sem resistência [...]” (PÊCHEUX, [1978], 2009b, p. 281). Desse modo em lutas de classe, como as desencadeadas no Paraguai, entre imigrantes brasileiros e nativos, surgem pontos de *resistência* de ambos os lados da fronteira em que os *sujeitos* não se *assujeitam* às ideologias dominantes, lutando para modificar tais condições.

Quando falamos em *resistência* não queremos nos referir a uma grande revolução, nos moldes como frequenta nosso imaginário, embora a *resistência* também possa se configurar dessa forma, a exemplo dos movimentos desencadeados na França durante a 2ª Guerra Mundial. Orlandi (2012, p. 227) nos auxilia nessa reflexão quando observa que “No discurso ‘oficial’ do capitalismo se guarda a palavra ‘resistência’ para situações idealizadas, tingindo-a de heroísmo”. A *resistência*, no entanto, acontece cotidianamente na mesma conjuntura onde se estabelecem as *relações de força* em que a dominação e a segregação se fazem sentir e onde os sujeitos reagem ao “[...] apagamento do seu eu social, e de alguma

forma se objetivam em suas relações” (*Idem*). Essas lutas ocorrem, assim, de forma pontual visando minorar os efeitos dessa dominação sobre os sujeitos.

Com Pêcheux (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 147- 151) aprendemos que a constituição do sujeito é um efeito ideológico e que a *interpelação* do indivíduo em *sujeito* se dá pela sua identificação com a *forma-sujeito* de uma determinada *formação discursiva*. Essa identificação abre possibilidades para que assuma uma *posição-sujeito* no interior de uma FD.

Do nosso ponto de vista, o impedimento da identificação dos sujeitos com uma *formação discursiva* por processos de dominação social, pode desencadear a irrupção de *identidades de resistência* construídas por indivíduos que precisam trazer à luz sua existência como *sujeitos*. Nesse aspecto, *brasiguaios* configura-se como uma identidade de *resistência* que irrompe quando o processo de dominação, desencadeado a partir do controle territorial, passa a se estender a todos os setores da vida desses *sujeitos* pelo viés de sua negação. Os dois estados nacionais não reconhecem a cidadania da grande maioria dos imigrantes brasileiros no Paraguai, em situação de pobreza, optando por sua segregação. Desse modo, não há como estabelecer uma *identificação* com esta ou aquela nação. Essa característica os faz fabricar uma terceira identidade. Não são brasileiros, nem paraguaios. São *brasiguaios* e resultam da fabricação discursiva de uma *identidade de resistência* que é forjada em *condições de produção* específicas, pela necessidade de resistir à negação<sup>21</sup> dos dois Estados envolvidos.

Assim, o não reconhecimento e a iminência da expropriação e expulsão acabam produzindo *sujeitos* prontos a lutarem contra as formas de dominação social que lhes são impostas, desencadeando conflitos nos locais onde essa dominação se faz sentir. Acuados esses sujeitos passam a se entrincheirar a partir da situação de exclusão e violência a que são submetidos, construindo uma identidade a partir da negação de sua cidadania pelas classes dominantes dos dois lados da fronteira. A *resistência*, nesse aspecto, irá caracterizar os *brasiguaios* isoladamente ou em grupo, possibilitando a reconstrução de suas subjetividades que, longe de estarem acabadas, permanecem em constante processo de transformação seguindo os movimentos da história.

Considerando a imagem projetada em Ia(A), agora tratando (A) como enunciadores

---

<sup>21</sup> A *resistência* irrompe não apenas no interior dos grupos de *brasiguaios*, mas também de camponeses paraguaios quando estes passam a interrogar certas determinações do governo de seu país, em torno da posse da terra. Mas esta é outra questão na qual não nos deteremos em nossa análise, bastando, para tanto, mencioná-la.

dos discursos recortados de (XI) a (XVIIb), e (B) como interlocutores (leitores dos jornais), pode-se se falar em *relações de força* quando observamos que todos os enunciados, de (XI) a (XVIIb), partem de lugares socialmente legitimados, pois procedem de sujeitos (articulista da imprensa e político) que enunciam a partir de uma posição social que legitima o seu dizer. O que caracteriza esses discursos é a ausência de uma interação face a face com os interlocutores, uma vez que estes não estão presentes fisicamente nesse *processo discursivo*.

Indursky (1997, p. 136-40) denomina o *processo discursivo* que se marca pela ausência de interação *in loco* de *interlocução discursiva*, cuja característica é não ser produzida no mesmo espaço físico e tampouco ser determinada pela presença do interlocutor. A interlocução discursiva, segundo a autora, “consiste [...] na interlocução entre sujeitos de discursos dispersos em espaços discursivos diferentes, afetados possivelmente por FD igualmente diversas” (*Idem*, p. 139).

Nessa interlocução (A) constrói seu discurso assumindo o lugar de legítimo representantes da voz popular (B), uma vez que os interlocutores desse *processo discursivo* não têm oportunidade de expressar suas dúvidas e saberes, de forma imediata, sobre a temática abordada. Caso venham a responder será em outro espaço e tempo. O silêncio de (B) caracteriza, portanto, o funcionamento desse discurso.

Soma-se a isso o fato de que esses enunciadores (A) estão transmitindo um saber para (B) que, em sua grande maioria, não o possui configurando-se, assim, o jogo de *relações de força*. Nesse jogo, (A) posiciona-se de um lado incorporando uma posição de autoridade característica daqueles que detêm um saber, um conhecimento que é associado ao poder de enunciar enquanto (B), de outro lado, encontra-se alijado dessa condição. Os discursos de (A), portanto, ganham força e sentido a partir do lugar ou do *status* que os enunciadores ocupam no espaço público o qual legitima suas enunciações. Seus dizeres produzem efeitos de verdade. Por efeitos de verdade compreendemos, neste estudo, os *sentidos* que são construídos nos discursos identificados às *formações ideológicas* das classes dominantes e que a sociedade acolhe e faz funcionar como verdadeiros, em determinadas condições históricas. A credibilidade conferida a esses discursos também será responsável pelos *equivocos* que o jogo de denominações vier a instaurar. A adesão coletiva dos interlocutores ao dito irá validar ou não esses dizeres.

Examinando-se a competência desses enunciadores, que enunciam a partir de um lugar institucional, pode-se inscrever seus enunciados no campo de *relações de força* vinculado à *formação discursiva* da imprensa que mantém relação de aliança com as classes



dominantes. O que aproxima essas duas FD é que ambas evidenciam *posições-sujeito* que são representativas da classe dominante brasileira e que, por incorporarem posições de autoridade, acabam estruturando as percepções de (B) de acordo com as regulações da cultura dominante que representam.

Se os recortes de (XI) a (XVI) projetam *imagens* positivas sobre os *brasiguaios*, o mesmo não ocorre com as formulações (XVIIa) e (XVIIb) onde os sentidos deslizam radicalmente para valores negativos atribuídos por (A) ao grupo (B). Observa-se que de (XI) a (XVIIb) as denominações flutuam de acordo com o jogo de interesses políticos que irrompe de acordo com determinadas *condições de produção*. Daí observarmos que a construção dessas imagens é feita de forma múltipla e ambivalente.

Nas *condições de produção* mencionadas encontramos o grupo de *brasiguaios* já em território brasileiro, vivendo em acampamentos do MST e investindo sobre caminhões de alimentos.

Conforme apontamos no capítulo II, o Estado de Mato Grosso do Sul se caracteriza por possuir um alto índice de concentração de terras nas mãos de latifundiários e é reduto da UDR (União Democrática Ruralista), movimento criado com o objetivo de articular ações de contraofensiva à Reforma Agrária. Por todas essas questões, do lado brasileiro da fronteira, os *brasiguaios* passaram a ser marginalizados nas *relações de poder* com os *grupos com parcela*, socialmente estabelecidos. Tiveram seus nomes associados à condição de *marginais*, *indesejáveis*, *perigosos e forasteiros*, uma *ameaça* à ordem social das cidades brasileiras localizadas ao longo da fronteira com o Paraguai, como se pode constatar na SD (60) que se segue, recortada da seção *Opinião* do jornal *O Progresso*, publicada em 22/04/2009:

(SD60) Os acampados chegaram atirando, destruindo veículos, cercas, porteiras e foram contidos por homens armados com espingardas, pistolas e revólveres [...]. O mais grave é que os **marginais** ligados ao MST usaram quatro jornalistas como escudo humano na tentativa de invadir a propriedade, demonstrando que para o movimento os fins justificam os meios. [...] (Diretora presidente do jornal *O Progresso*, seção *Opinião*, publicada em 22/04/2009. Título: *Inferno no campo*).

Na SD (60) as formulações “*Os acampados chegaram atirando, destruindo veículos, cercas, porteiras*” e “*os marginais ligados ao MST usaram quatro jornalistas como escudo humano*” constroem o *efeito de sentido* de criminalização dos Sem Terra, inscrevendo esse discurso na PS2 da FD3.

O mesmo processo de marginalização pode ser apreendido nos recortes (XVIIa) e (XVIIb) em que os itens lexicais *saqueados*, *operação de guerra*, *acusados* e *crime* são

responsáveis pela ativação de imagens que produzem o *efeito de sentido* de criminalização do *brasiguai*, associando-o ao bandido comum.

As ações do *brasiguai* apreendidas nessas formulações podem, no entanto, ser interpretadas pelo viés do que Hobsbawm analisa como *banditismo social*. Na obra *Bandidos* ([1969], 1976) Hobsbawm desenvolve uma análise histórica, fundamentada no pensamento marxista, sobre a problemática do *banditismo social* situando-o como uma forma primitiva de protesto coletivo organizado, característico das sociedades rurais. O *bandido social*, segundo o autor, constitui-se em processos de resistência às injustiças e perseguições sofridas em virtude do avanço do capitalismo e da desigualdade social que modifica inapelavelmente a vida cotidiana, influenciando a esfera pública e privada e incitando a luta de classes. O *banditismo* se sedimenta e se justifica como forma de defesa dos fracos contra os fortes, uma forma primitiva de resistir à opressão das classes dominantes, à dominação e à violência que subverte a ordem tradicional conhecida pelo camponês.

O bandido social, na visão do teórico, luta por justiça e isso o diferencia do delinquente comum. Essa forma de protesto surge, segundo o autor, em períodos de grandes privações e tensões sociais, causada pela fome ou pela incidência de guerras, representando a recusa à imposição de um poder que não é reconhecido pela sociedade rural.

À vista das questões apontadas, as ações do *brasiguai*, apreendidas nas duas formulações, o aproximam do *bandido social* descrito por Hobsbawm, uma vez que o motor que o impulsiona, de imediato, é a fome, a miséria, o estado de pobreza e a longa experiência de injustiças e padecimentos decorrentes da luta pela terra.

Quanto aos jornais *O Progresso* e *Correio do Estado*, responsáveis pelas formulações recortadas na SD (60), (XVIIa) e (XVIIb) são periódicos que, conforme afirmamos na seção 4.2, mantêm estreito vínculo ideológico com a classe ruralista e o Governo local. Suas opiniões *assujeitam-se* aos interesses desses grupos dominantes e à identificação que mantêm com essa *formação discursiva*. Pode-se dizer que sua voz enuncia à moda do que Pêcheux denomina de *língua de Estado* “[...] isto é, uma série de estratégias de discurso obstinada em evacuar qualquer contradição e mascarar a existência de relações de classes: ela usa uma falsa aparência para contornar indefinidamente o que todo mundo sabe e que ninguém pode dizer.” (PÊCHEUX [1979], 2012, p. 86). Seu discurso, portanto, é articulado a partir desse lugar, assumindo uma *posição-sujeito* que enuncia na perspectiva do que *pode e deve ser dito* de acordo com as circunstâncias e regulado pela FD na qual se inscreve.

Nesse aspecto, observa-se que de (XI) a (XVIIb) as denominações se deslocam de maneira contraditória, migrando da ativação de imagens que destacam a nacionalidade e o sofrimento experienciados pelo grupo no Paraguai (articuladas em outras *condições de produção*, quando o jornal pretendia sensibilizar a opinião pública) para a posição de exprobração, criada em (XVIIa) e (XVIIb), a partir da associação do grupo à imagem de saqueadores e marginais.

Uma vez que língua e ideologia se articulam na produção dos sujeitos e dos sentidos esse discurso funciona na organização de todo o imaginário social sobre os *brasiguaios*, resultando na construção dos sentidos e no modo de pensar de grande parte da sociedade sul-mato-grossense. Desse modo, deveriam ser avaliados segundo critérios éticos e de responsabilidade jurídica, pois face às interpretações possíveis podem resultar em ondas de xenofobia e segregação a sujeitos já marcados e fragilizados por processos de extrema marginalização.

Nas seções anteriores mostramos os deslizamentos de sentido que ocorrem em torno da *denominação/designação brasiguayo/brasiguai* quando analisada na perspectiva da FD1 (seção 4.5.1), FD2 (seção 4.5.2) e no interior da FD do MST (seção 4.6). As análises empreendidas nesta seção demonstram que, semelhante às FD anteriores, sob a aparência da mesma *designação* os sentidos também deslizam para diferentes regularizações quando observados à luz da FD3 e FD4, conforme veremos a seguir:



PERCURSO IDEOLÓGICO DA <i>DESIGNAÇÃO BRASIGUAIO</i> IDENTIFICADO À <i>FD3 E FD4</i>			
FD	PS	CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	DESLIZAMENTO DOS SENTIDOS INSTAURADOS EM TORNO DA <i>DESIGNAÇÃO</i>
FD3	PS1	Retorno do <i>brasiguai</i> ao Brasil	<p><i>Brasiguai</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• brasileiro que mora no Paraguai desde criança;</li> <li>• produtor brasileiro que vive no Paraguai;</li> <li>• brasileiro que transformou o Paraguai num dos maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul;</li> <li>• produtor rural brasileiro radicado no Paraguai ;</li> <li>• trabalhador que veio do Paraguai;</li> <li>• cidadão com dupla nacionalidade, expulso do país vizinho;</li> <li>• vítima de um duplo processo de expulsão nacional;</li> <li>• brasileiro que está sendo expropriados e expulso, de modo violento, de um país que ajudou a construir.</li> </ul>
FD3	PS2	Retorno do <i>brasiguai</i> ao Brasil	<p><i>Brasiguai</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• indesejável, perigoso, forasteiro, bandido que ameaça a ordem social das cidades brasileiras localizadas ao longo da fronteira com o Paraguai;</li> <li>• saqueador e marginal.</li> </ul>
FD3	PS3	Retorno do <i>brasiguai</i> ao Brasil	<p><i>Brasiguayo</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• prefeitos e vereadores no Paraguai.</li> </ul>
FD4	PS	Retorno do <i>brasiguai</i> ao Brasil	<p><i>Brasiguai</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• trabalhador brasileiro atraído ao Paraguai pela promessa de terras e melhores oportunidades;</li> <li>• brasileiro cuja propriedade está sendo invadida e incendiada no Paraguai;</li> <li>• brasileiro que há mais de 40 anos foi trabalhar no Paraguai.</li> </ul>

Quadro 18: Trajeto temático da designação *brasiguai* à luz das *FD3* e *FD4*

Por fim, considerando as análises empreendidas nesta seção, podemos traçar um quadro-síntese com os principais *efeitos de sentido* construídos do lado brasileiro da fronteira, representado de acordo com diagrama que se segue:

**QUADRO-SÍNTESE DAS ANÁLISES EMPREENDIDAS  
NA SUBSEÇÃO**

Diagrama 4: Simbolização do quadro-síntese das análises empreendidas do lado brasileiro

<b>IMAGENS PROJETADAS SOBRE OS <i>BRASIGUAIOS</i> NO LADO BRASILEIRO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI</b>				
<b>Designação</b>	<b>Imagem I<sub>A</sub>(A) - <i>Quem sou eu para lhe falar assim?</i></b>	<b>Efeitos de sentido instaurados sobre os <i>brasiguaios</i></b>	<b>Equivocidades que podem ser instauradas</b>	<b>Imagem I<sub>A</sub>(R)- <i>Quem é ele (o brasiguai) para que dele eu fale assim?</i></b>
<i>Brasiguai</i>	<i>Sujeito</i> identificado à FD da classe dominante (jornalista brasileiro)	- Trabalhador que veio do Paraguai	Todos os <i>brasiguaios</i> são trabalhadores	Imigrante brasileiro pobre no Paraguai em situação de expulsão (repatriado)
<i>Brasiguai</i>	<i>Sujeito</i> identificado à FD da classe dominante (jornalista brasileiro)	- Brasileiro (apelo ao nacionalismo); - Vítima	Todos os <i>brasiguaios</i> são vítimas	Imigrante brasileiro pobre no Paraguai em situação de expulsão (repatriado)
<i>Brasiguai</i>	<i>Sujeito</i> identificado à FD da classe dominante (Geraldo Resende- deputado Federal/PMDB-MS)	- Cidadão com dupla nacionalidade; - Vítima de um duplo processo de exclusão	- Todos os imigrantes brasileiros possuem dupla nacionalidade; - Os <i>brasiguaios</i> possuem nacionalidade reconhecida no Brasil.	Imigrante brasileiro pobre no Paraguai em situação de expulsão (repatriado)
<i>Brasiguai</i>	<i>Sujeito</i> identificado à FD da classe dominante (jornalista brasileiro)	Produtor rural brasileiro radicado no Paraguai	Todos os <i>brasiguaios</i> são produtores rurais no Paraguai	Imigrante brasileiro pequeno e médio produtor rural no Paraguai
<i>Brasiguai</i>	<i>Sujeito</i> identificado à FD da classe dominante (radialista brasileiro em Foz do Iguaçu)	O <i>brasiguai</i> está dominando a política paraguaia	Todos os <i>brasiguaios</i> possuem direitos políticos no Paraguai	Alguns (poucos) descendentes de imigrantes brasileiros ligados à elite política paraguaia
<i>Brasiguai</i>	<i>Sujeito</i> identificado à FD da classe dominante (jornalista brasileiro)	- Saqueador; - Criminoso	Todos os <i>brasiguaios</i> que retornaram ao Brasil são saqueadores	Imigrante brasileiro pobre no Paraguai em situação de expulsão (repatriado)

Quadro 19: Efeitos de sentido construídos sobre os *brasiguaios* do lado brasileiro da fronteira

#### 4.8.2 Os múltiplos *efeitos de sentido* instaurados em torno da denominação *brasiguayo* do lado paraguaio da fronteira Brasil-Paraguai

As análises das SD desta subseção continuarão seguindo o critério do lado da fronteira em que a denominação aparece, a FD em que se inscreve e os efeitos de sentido que produzem. O percurso estabelecido para as análises pode ser simbolizado conforme o diagrama que se segue:

A) Do lado paraguaio da fronteira



Diagrama 5: A denominação *brasiguayos*, seus efeitos de sentido e as possíveis equivocidades instauradas do lado paraguaio da fronteira

Tal como na subseção 4.8.1 o diagrama 5 apresentado nesta subseção mostra que nas análises das imagens  $I_A(R)$  e  $I_A(A)$  projetadas sobre os *brasiguayos*, analisadas do lado paraguaio da fronteira Brasil-Paraguai, questões como a *denominação*, os *efeitos de sentido* instaurados nos discursos e suas possíveis *equivocidades* não podem ser examinadas como categorias separadas, uma vez que atravessam de forma encadeada as discursividades que irrompem naquele país.

Semelhante à subseção anterior, continuaremos a individuar as FD e *posições-sujeito* em função das SD analisadas e na ordem de sua ocorrência. Desse modo, as FD inicialmente individuadas poderão sofrer novas reconfigurações ao longo das análises.

Todas as SD analisadas nesta subseção se enquadram na modalidade de *discurso sobre os brasiguayos*.

Do lado paraguaio da fronteira a designação *brasiguayo* que, à primeira vista, poderia ser tomada como uma mera *identificação* fronteiriça, nas últimas décadas acabou se tornando uma forma de *identificação* indefinida, negociada conforme os interesses dos grupos locais postos em jogo. Conforme apontamos no capítulo II deste estudo, a designação *brasiguayo* hoje é usada, no país, para designar simultaneamente o imigrante pobre que não ascendeu socialmente e que, muitas vezes, regressou ao Brasil; os grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; os filhos de imigrantes nascidos naquele país e que detêm a nacionalidade paraguaia; os imigrantes e seus descendentes que misturam a cultura brasileira e paraguaia e, por fim, todos os imigrantes brasileiros que vivem na nação vizinha, indistintamente.

A designação *brasiguayo* resulta, assim, num jogo oblíquo de *efeitos de sentido* construídos num quadro de *relações de força* que irrompem na sociedade paraguaia de acordo com os interesses explicitados ou ocultados por sujeitos, individualmente, ou por grupos em determinadas *condições de produção*. Há que se considerar, ainda, que esses sujeitos acionam tais discursos *inconscientemente*, mediante uma identificação com determinada *formação discursiva*. Essa *identificação* determina seus discursos na perspectiva do que *pode e deve ser dito*, articulando seus dizeres a partir do lugar em que se reconhecem como sujeitos.

Os múltiplos efeitos de sentido construídos por esses sujeitos em torno da designação *brasiguayo* podem resultar, ainda, em *equivocidades* aqui compreendidas como a possibilidade de outras interpretações e de novos sentidos produzidos pelos sujeitos enunciadorees em seus dizeres. É a respeito desse *jogo oblíquo* que se estabelece entre *denominação/designação*, efeitos de *sentido* e *equivocidades* do lado paraguaio que trataremos a seguir, tomando por base *seqüências discursivas* que recortamos em Albuquerque (2010) e em alguns periódicos em circulação no Paraguai.

Antes de passarmos às análises desta subseção, cabem algumas considerações metodológicas:

1. as análises que se seguem estão divididas em duas grandes subseções: a 4.8.2.1 e a 4.8.2.2 ;
2. na subseção 4.8.2.1 serão individuadas as FD5, FD6 e FD7 com base nas discursividades de sujeitos enunciadorees paraguaios;

3. por conta dessa individuação aparecerão discursividades de sujeitos paraguaios *desfavoráveis e favoráveis* ao *brasiguayo*, simultaneamente. Entretanto, após a individuação das três FD, as análises recairão sobre as discursividades de sujeitos que se posicionam **contra** a permanência dos *brasiguayos* no Paraguai;

4. na subseção 4.8.2.2 (seguinte) reuniremos as análises de SD de sujeitos enunciadores **favoráveis** à permanência dos *brasiguayos* no Paraguai.

#### **4.8.2.1 A individuação das FD5, FD6 e FD7 e suas respectivas posições-sujeito nas quais se inscrevem as tomadas de posição dos paraguaios. Efeitos de sentido instaurados por sujeitos contrários à presença do imigrante brasileiro no Paraguai**

##### **4.8.2.1.1 *Brasiguayos* ► invasores ► usurpadores de propriedades ► *brasiguayos* ricos**

O acontecimento histórico do fim da Ditadura Stroessner no Paraguai, datado de 1989, desencadeou uma série de movimentos campesinos no país que começaram a se reorganizar e a invadir as propriedades dos imigrantes brasileiros. Esse novo *acontecimento* compreendido no espaço de atualidade e memória (PÊCHEUX, [1983], 2002, p. 17) provocou a irrupção de diferentes interpretações, desencadeando *efeitos de sentido* diversos, em torno da *denominação/designação brasiguayo*, que ficaram registrados na materialidade dos discursos em circulação na sociedade paraguaia, perpetuando-se pelas décadas seguintes.

A partir dessa época, a designação *brasiguayo* ganhou *efeito de sentido*, no país, que associava a imagem dos imigrantes brasileiros a *usurpadores de propriedades e invasores de terras* que deveriam pertencer aos camponeses paraguaios pobres. Construía-se, desse modo, um discurso nacionalista em torno da ideia que os *campesinos paraguaios pobres* estavam se confrontando com os *brasiguayos ricos*.

Várias reportagens publicadas nos principais jornais em circulação no Paraguai tratavam da imigração brasileira e, a partir dela, dos *brasiguayos* sob a ótica de uma *invasão*, criada a partir de discursos produzidos por sujeitos identificados ideologicamente aos saberes que atravessavam uma das FD da classe dominante paraguaia, na qual se inscreviam políticos, religiosos, líderes campesinos, dentre outros que reproduziam o discurso crítico contra o que denominavam de *invasão estrangeira*. Embora enunciados por sujeitos de diferentes classes sociais, o que aproximava esses sujeitos e os colocava na mesma FD é que interpretavam a presença dos *brasiguayo* da mesma forma, desejando a expulsão de todos do Paraguai. Para todos esses sujeitos, críticos à expansão brasileira naquele país, não se devia justificar a pobreza do camponês paraguaio pelo discurso da preguiça, mas pela falta de apoio do governo paraguaio ao camponês por meio de projetos de desenvolvimento agrícola, linhas de



crédito, etc., que proporcionasse o desenvolvimento de uma agricultura moderna e competitiva.

Do ponto de vista da AD, pode-se compreender o funcionamento desse discurso a partir da identificação desses sujeitos com determinada *formação discursiva*, na perspectiva do que *pode e deve ser dito* em condições de produção específicas. Seus discursos expressam *posições-sujeito* que se inscrevem nessa FD por meio da identificação ideológica com parte da classe dominante paraguaia. Falamos em *parte* porque nem todos os setores da sociedade paraguaia rejeitam a presença dos *brasiguayos* no país. Ao contrário, vários setores da classe dominante constituído por empresários agrícolas, pecuaristas, comerciantes, políticos, educadores e mesmo camponeses paraguaios apoiam a imigração, destacando o desenvolvimento alcançado pelo país nos últimos anos e o papel dos imigrantes no crescimento econômico paraguaio das últimas décadas. Circulam, portanto, na sociedade paraguaia discursos *favoráveis e desfavoráveis* à presença dos imigrantes brasileiros naquele país.

Tomando por base esses dois discursos, selecionamos algumas SD (*discursos sobre*) que representam essas discursividades antagônicas com o objetivo de individuar as FD que atravessam a sociedade paraguaia. Observamos que os *efeitos de sentido* instaurados nesses discursos são responsáveis por boa parte da organização do imaginário da população paraguaia acerca dos *brasiguayos*<sup>22</sup>:

(SD61) [...] Yo no estoy en contra a los inmigrantes brasileños (*brasiguayos*), pero me preocupa [...] la manera incontrolada en que están comprando tierras y forzando a los colonos paraguayos a vender sus chacras, provocando un éxodo masivo [...]. Las chacras se convierten en tierra pelada para plantar soja, se cierran las escuelas, se abandonan los ranchos y las comunidades se convierten en pueblos fantasmas [...]. Hay que hacer algo para frenar este fenómeno, que solo traerá mayor pobreza y conflictos sociales al Paraguay (Recortada de entrevista concedida por Padre Paraguaio da Igreja Católica a GUTIÉRREZ, em 29/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 108).

(SD62) Prácticamente la mayor parte del norte de la región oriental de nuestro país está llena de los famosos “brasiguayos”, les pregunto, estuvieron por esas peligrosas regiones del norte? Les aseguro que un día les bastaría para darse cuenta de que no sería el más indicado para vivir, a no ser que estés dispuesto a convivir con esta “gente” que no tiene otro interés más que realizar negociados bastante lucrativos [...] Cuándo estos ‘dignos’ y bien pagados legisladores tomarán por lo menos en cuenta este tema? O es que de tanto que se pasan veraneando en las playas de nuestro vecino país, el Brasil, les gustaría que en el futuro próximo pasemos a ser ‘O estado do Paraguai’ (Recortada da carta de um leitor publicada no *Jornal ABC Color*, em 23/08/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 110).

<sup>22</sup> As SD foram transcritas conforme encontram-se no livro de Albuquerque (2010).

(SD63) [...] En fin, yo creo que acá nos compete defender nuestra soberanía, nuestra tierra, lo poco que tenemos delante de lo mucho que tienen nuestros hermanos brasileiros (Recortada de entrevista concedida por Bispo Paraguaio da Igreja Católica ao *Jornal ABC Color*, em 29/08/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 132-3).

(SD64) Con ellos aprendí a trabajar en serio, también los domingos, los feriados, hasta Semana Santa. Aprendí a trabajar en comunidad. Aprendí lo que es economía familiar. Ellos tienen otra manera de ver las cosas y están haciendo mucho por el país. Creo que, en lugar de atacarlos tanto, tenemos que conocerlos, dialogar. Hay muchas cosas que corregir, pero es innegable que su presencia favorece el país (Recortada de entrevista concedida pelo prefeito paraguaio de Santa Rita a GUTIÉRREZ, em 23/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186).

(SD65) Creo que ellos están haciendo un gran aporte a la economía del país. [...]. Los paraguayos estamos aprendiendo a romper nuestras limitaciones, para incorporar a esta forma de agricultura más moderna, que nos ayude a progresar (Entrevista concedida por empresário agrícola paraguaio a GUTIÉRREZ em 25/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186).

(SD66) [Los inmigrantes] comienzan al trabajo cuándo comienza el sol y va hasta la noche. Trece, catorce horas de trabajo por día. Compare esas trece, catorce horas con las cinco, seis de los campesinos. Es lógico que hay mucha diferencia, equivale mucha diferencia entre los dos. Tiene que tener mucha preparación, mucha ambición y, sobre todo, mucha capacidad de trabajo. Falta de cabeza es todo que lo falta en el paraguay [...]. Yo conozco la realidad, es muy profunda, y todo eso viene desde años, no es de hoy. Esta es una parte de un proceso cultural que ahora se está queriendo sacar de la mente paraguaya (Entrevista concedida por diretor escolar paraguaio a ALBUQUERQUE, em 17/01/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186-7).

O exame das SD anteriores nos permite observar a incidência de dois discursos antagônicos, atravessando as SD (61) a (66), enunciados por sujeitos inscritos em diferentes setores da sociedade paraguaia, conforme demonstrado no quadro a seguir:

SD	POSIÇÃO-SUJEITO, NO PARAGUAI, DESFAVORÁVEL À PRESENÇA DE IMIGRANTES BRASILEIROS NAQUELE PAÍS	SD	POSIÇÃO-SUJEITO, NO PARAGUAI, FAVORÁVEL À PRESENÇA DE IMIGRANTES BRASILEIROS NAQUELE PAÍS
SD61	<i>Hay que hacer algo para frenar este fenómeno, que solo traerá mayor pobreza y conflictos sociales al Paraguay</i> (Padre paraguaio da Igreja Católica).	SD64	Con ellos aprendí a trabajar en serio [...]. Aprendí a trabajar en comunidad. [...] pero es <b>innegable que su presencia favorece el país</b> (Prefeito Paraguaio da cidade de Santa Rita).
SD62	<i>Les aseguro que un día les bastaría para darse cuenta de que <b>no sería el más indicado para vivir, a no ser que estés dispuesto a convivir con esta "gente"</b></i> (Leitor paraguaio do <i>Jornal ABC Color</i> ).	SD65	[...] <b>ellos están haciendo un gran aporte a la economía del país.</b> [...] Los paraguayos estamos aprendiendo a romper nuestras limitaciones (Empresário agrícola paraguaio).
SD63	<i>yo creo que acá nos compete <b>defender nuestra soberanía, nuestra tierra, lo poco que tenemos delante de lo mucho que tienen nuestros hermanos brasileiros</b></i> (Bispo paraguaio da Igreja Católica).	SD66	[Los inmigrantes] comienzan al trabajo cuándo comienza el sol y va hasta la noche. Trece, catorce horas de trabajo por día. [...] <b>Tiene que tener mucha preparación, mucha ambición y, sobre todo, mucha capacidad de trabajo</b> (Diretor de escola paraguaia).

Quadro 20: Posições-sujeito favoráveis e desfavoráveis à presença de imigrantes brasileiros no Paraguai

Antes de passarmos à individualização das FD, cabe advertir que:

1. todos os recortes destacados nesta subseção foram extraídos de discursividades enunciadas apenas por **sujeitos paraguaios**. Não há entre eles brasileiros, tampouco descendentes de imigrantes;

2. esses sujeito-enunciadores paraguaios pertencem às seguintes classes sociais:

- a) padre e bispo paraguaios – classe média;
- b) leitor paraguaio do jornal *ABC Color* – classe social não determinada;
- c) prefeito paraguaio – classe média;
- d) produtor rural paraguaio – classe alta;
- e) diretor escolar paraguaio – classe média;

3. o padre e o bispo paraguaios pertencem à classe média, **porém são atravessados por saberes de uma FD que se singulariza por um conjunto de saberes de outras FD que nela se inscrevem, ora em aliança, ora em confronto em seu interior**, conforme as análises posteriores mostrarão. No interior dessa FD abrem espaço para interrogar as práticas capitalistas que nela se inscrevem. Ao questionarem os modos de ação dessa FD (“*que solo traerá mayor pobreza y conflictos sociales al Paraguay*”) instauram um processo de *contra-identificação* com alguns saberes dessa FD (embora mantenham-se identificados com outros) opondo-se aos saberes capitalistas inscritos em seu interior. Nesse aspecto, a ideologia que interpela esses sujeitos enunciadores no interior dessa FD passa a funcionar *às avessas sobre e contra si mesma* (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 202). Ao mesmo tempo os pontífices mobilizam fortemente saberes preservacionistas oriundos da FD ecológica que tornam essa FD bastante heterogênea. Assim sendo, saberes de vários domínios são tramados no interior dessa FD e, juntos, produzem o *efeito de sentido* de uma cortina de fumaça no discurso dos clérigos que tenta camuflar a xenofobia ressentida pelos *brasiguaios*.

4. o leitor paraguaio do jornal *ABC Color* ( de classe social não identificada) também se mostra afetado pela mesma FD. Semelhante ao que ocorre aos eclesiásticos, o leitor também volta-se contra a *forma-sujeito* dessa FD quando interroga os políticos paraguaios (“*Cuándo estos ‘dignos’ y bien pagados legisladores tomarán por lo menos en cuenta este tema?*”) sobre as práticas capitalistas dos *brasiguaios* “*que no tiene otro interés más que realizar negociados bastante lucrativos*”. A *desidentificação* com os saberes da FD o inscreve na mesma *formação-discursiva* com a qual se identificam o padre e o bispo paraguaios. Nessa *formação-discursiva* se inscrevem, portanto, sujeitos que se *contra-*

*identificam* com alguns saberes da FD (como o padre e o bispo) e sujeitos que se *desidentificam* com essa FD (conforme o leitor). O que aproxima esses sujeitos e os inscreve na mesma FD é a xenofobia *contra* os *brasiguayos* que se marca em suas discursividades.

5. o prefeito (classe média), o produtor rural (classe alta) e o diretor de escola (classe média) mostram-se identificados à *forma-sujeito* que organiza a FD inscrevendo-se, por conseguinte na mesma *posição-sujeito* (PS).

A observação desses recortes nos permite afirmar que, independente do setor social de onde provêm os sujeitos enunciadores dessas formulações (ou da classe alta, média ou indeterminada a qual pertencem) o que distingue esses discursos é o fato de que apresentam discursividades que se opõem: uma **desfavorável** à presença de imigrantes brasileiros no Paraguai e *contra-identificada* e/ou *desidentificada* à *forma-sujeito* que organiza a FD (SD61, SD62 e SD63) e outra **favorável** à presença de imigrantes brasileiros no Paraguai e identificada à *forma-sujeito* que organiza essa FD (SD64, SD65 e SD66). Na *formação discursiva* dos sujeitos **favoráveis** à presença de imigrantes brasileiros inscrevem-se, também, aqueles que enunciam **discursos de integração entre brasiguayos e paraguaios** (conforme veremos em análises mais à frente nesta seção).

Tomando como critério esse par opositivo (favorável/desfavorável) que marca a *identificação/desidentificação/contra-identificação* com a *forma-sujeito* que organiza a FD e a partir do nosso olhar sobre o *corpus*, os enunciados recortados nos autorizam a individuar os sujeitos enunciadores dessas discursividades em **duas FD – FD5 e FD6 – e duas posições-sujeito – PS1 e PS2** - inscritas em cada uma dessas FD (identificadas à *forma-sujeito* que organiza a FD5 e FD6). Na **FD5** inscrevem-se os sujeitos **contrários** à permanência dos *brasiguayos* no Paraguai e na **FD6** os **favoráveis**.

A **PS1 inscrita na FD5** enuncia **discursos nacionalistas** em torno da soberania paraguaia. Essa PS se mostra contrária à permanência dos imigrantes brasileiros no Paraguai interpretados como *estranhos* e/ou *estrangeiros* que incomodam, por terem emigrado de um país economicamente mais desenvolvido e vencedor da *Guerra da Tríplice Aliança* (1864-1870) contra o Paraguai. Já a **PS2 identificada à FD5** mobiliza argumentos **preservacionistas** que apontam o imigrante brasileiro como destruidor da natureza e dos recursos naturais paraguaios.

A **PS1** inscrita na **FD6** enuncia **discursos de integração e pacificação** entre imigrantes brasileiros e paraguaios. Quanto à **PS2** identificada à **FD6**, instaura a imagem do brasiguayo como um colaborador no **desenvolvimento econômico paraguaio**.

Cabe reiterar que **as FD5 e FD6** inscrevem apenas **sujeitos paraguaios** (não há brasileiros entre eles) de várias classes sociais naquele país. Desse modo, não devem ser confundidas com as outras FD anteriormente individuadas em nossas análises.

O segmento da SD(62) que se segue, recortado do discurso de um leitor paraguaio do jornal *ABC Color*, mobiliza um **discurso nacionalista** característico da PS1 da FD5:

(14) [...] O es que de tanto que se pasan veraneando en las playas de nuestro vecino país, el Brasil, les gustaría que en el futuro próximo pasemos a ser ‘*O estado do Paraguai*’ [...] (Recortada da SD62. Carta de um leitor publicada no *Jornal ABC Color*, em 23/08/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 110).

Neste recorte, a formulação “*pasemos a ser ‘O estado do Paraguai’*” (curiosamente escrita nas duas línguas: português e espanhol) traz à discussão uma questão que atormenta a sociedade paraguaia: o receio de que o Brasil, considerado um poderoso vizinho imperialista pelos paraguaios, anexe o estado paraguaio ao brasileiro em um futuro próximo. Essa suspeição encontra-se registrada, neste discurso, tanto no fio de sua *estrutura* discursiva, que amalgama as duas línguas, quanto no temor do *acontecimento*, que consistiria (segundo o imaginário paraguaio) na anexação do Paraguai ao Brasil.

É importante ressaltar que, longe de ser uma fábula, este é um tema importante que atravessa a sociedade paraguaia dando origem a uma série de **discursos nacionalistas característicos dos sujeitos identificados à FD5** que reivindicam a soberania nacional do país. Um dos principais defensores do **ideário nacionalista paraguaio** com o qual se identificam os sujeitos inscritos na FD5 é exatamente o Jornal *ABC Color* (responsável pela publicação da *carta do leitor*) periódico que se declara defensor dos *interesses nacionais* do país.

Além do temor da anexação do Paraguai ao Brasil, outras questões relacionadas à *Hidrelétrica de Itaipu* e à suspensão do Paraguai do *Mercosul*, creditada pelos paraguaios na conta do estado brasileiro, são responsáveis pela construção dessa **ideologia nacionalista e anti-brasileira** que ganha legitimidade na imprensa nacional paraguaia, construindo sentidos que acirram ainda mais os ódios e aversões contra o *poderoso vizinho imperialista*. Esses

sentidos são responsáveis pela construção do imaginário do povo paraguaio em relação à presença brasileira no país.

A partir das questões apresentadas, as FD e *posições-sujeito* em que se inscrevem os sujeitos paraguaios podem ser desenhadas (até o momento) conforme os quadros que se seguem:

<b>POSIÇÕES-SUJEITO INSCRITAS NA FD5 DA SOCIEDADE PARAGUAIA</b>		
<b>FD</b>	<b>PS1 E PS2</b>	<b>CARACTERÍSTICAS DAS PS1 E PS2 INSCRITAS NA FD5</b>
FD5	Sujeitos procedentes de setores e classes sociais diversos da sociedade paraguaia.	<p><b>PS1:</b> A <i>posição-sujeito</i> (PS1) inscrita na FD5 é <b>desfavorável</b> à presença de imigrantes brasileiros no Paraguai, mostra-se <b>desidentificada/contraindentificada à forma-sujeito que organiza a FD5</b> naquele país e compartilha de uma <b>ideologia nacionalista</b> que defende a soberania e os interesses nacionais paraguaios.</p> <p><b>PS2:</b> A <i>posição-sujeito</i> (PS2) inscrita na FD5 é <b>desfavorável</b> à presença de imigrantes brasileiros no Paraguai, mostra-se <b>desidentificada/contraindentificada à forma-sujeito que organiza a FD5</b> naquele país e partilha de <b>saberes de ordem preservacionista/ecologista</b>.</p>

Quadro 21: Individuação da FD5

<b>POSIÇÕES-SUJEITO INSCRITAS NA FD6 DA SOCIEDADE PARAGUAIA</b>		
<b>FD</b>	<b>PS1 E PS2</b>	<b>CARACTERÍSTICAS DAS PS1 E PS2 INSCRITAS NA FD6</b>
FD6	Sujeitos procedentes de setores e classes sociais diversos da sociedade paraguaia.	<p><b>PS1:</b> A PS1 inscrita na FD6 é <b>favorável</b> à presença dos imigrantes brasileiros no Paraguai, <b>identificada à forma-sujeito que organiza a FD6</b>, naquele país, e defende a presença dos imigrantes brasileiros por meio de <b>discursos de integração e pacificação entre brasiguayos e paraguayos</b>.</p> <p><b>PS2:</b> A PS2 inscrita na FD6 é <b>favorável</b> à presença dos imigrantes brasileiros no Paraguai, <b>identificada à forma-sujeito que organiza a FD6</b>, naquele país, e defende a presença dos imigrantes brasileiros por meio de discursos que realçam o <b>desenvolvimento econômico do Paraguai</b> após a chegada dos <i>brasiguayos</i>.</p>

Quadro 22: Individuação da FD6

Ainda no âmbito da individuação dessas duas FD podemos notar que as SD (61) a (66) podem ser apreendidas num quadro de *relações de força* que se sustentam nas *posições sociais* onde se inscrevem esses sujeitos enunciadores (padre e bispo da Igreja católica paraguaia, prefeito paraguaio, diretor de escola paraguaia, empresário agrícola paraguaio e leitor do jornal paraguaio *ABC Color*) e a partir das quais enunciam. Quando analisados sob o ponto de vista de Ia(R) – *Quem sou eu para dele falar assim?*– observamos que uma parte desses sujeitos enuncia a partir das *posições-sujeito* (PS1 e PS2) identificadas aos saberes da FD5 e outras identificadas às PS1 e PS2 da FD6, ambas inscritas na *formação ideológica* de classes sociais que conseguem influenciar o imaginário de boa parte da população paraguaia. As PS1 e PS2 inscritas na FD5 mostram-se *contra-identificadas/desidentificadas* com alguns saberes da FD5 (conforme já mencionamos) ao mesmo tempo em que mobilizam saberes outros, tais como saberes da FD preservacionista/ecológica que, por vezes, servem de pretexto para saberes xenófobos. Quanto às PS (PS1 e PS2) inscritas na FD6 identificam-se aos saberes dessa FD enunciando a integração, pacificação e o desenvolvimento econômico paraguaio.

Embora divergentes essas *posições-sujeito* são capazes de mobilizar a opinião pública, construindo imagens a partir do lugar social que ocupam, articulando sentidos que ganham legitimidade no imaginário dos seus interlocutores. Quanto aos *efeitos de sentido* que constroem, são instaurados a partir da formação ideológica e discursiva com as quais se identificam ou se contra-identificam.

Realizadas estas considerações passamos agora a analisar os *efeitos de sentido* apreendidos nas discursividades de *sujeitos contrários* à presença do *brasiguayo* no Paraguai.

Nas SD (61) e (63) observamos que o padre e um bispo da Igreja católica paraguaia (PS1 e PS2 inscritas na FD5) projetam imagens sobre os colonos *brasiguayos* como se todos fossem *imigrantes ricos* em oposição aos paraguaios, todos *pobres*. A oposição *riqueza/pobreza* norteia suas formulações e encontra-se fortemente marcada nas seguintes sequências:

(15) [...] la manera incontrolada en que están comprando tierras y forzando a los colonos paraguayos a vender sus chacras [...] (Recortada da SD61. Entrevista concedida por Padre Paraguaio da Igreja Católica a GUTIÉRREZ, em 29/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 108)

(16) [...] defender [...] lo poco que tenemos delante de lo mucho que tienen, nuestros hermanos brasileiros [...] (Recortada da SD63. Entrevista concedida por Bispo Paraguaio da Igreja Católica ao *Jornal ABC Color*, em 29/08/2003 . In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 132-3)

Em seu funcionamento, esse discurso acaba criando *efeitos de sentido* que associam a imagem dos *brasiguayos* a *usurpadores das terras de colonos pobres*, que estariam provocando o êxodo rural e a marginalização do campesinato paraguaio. As sequências *incontrolada, tierras, poco* em oposição a *mucho*, e as formas verbais *comprando, forzando, vender* e *defender* são responsáveis pela articulação dessas imagens. Uma vez que partem de representantes da Igreja, acionam na *memória discursiva* dos interlocutores antigas contendas entre os bandeirantes paulistas e jesuítas (mencionadas no capítulo II deste estudo) datadas do período colonial, atualizadas, no presente, nas imagens projetadas sobre os *brasiguayos* por esses religiosos.

O agenciamento de sentidos negativos também pode ser observado no recorte da SD (62) que se segue retirada de carta de um leitor ao *Jornal ABC Color*:

(17) a no ser que estés dispuesto a convivir con esta “gente” que no tiene outro interés más que realizar negociados bastante lucrativos [...] (Recortada da SD62. Carta de um leitor publicada no *Jornal ABC Color*, em 23/08/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 110).

No recorte precedente, o item lexical *gente*, marcado por aspas<sup>23</sup> e usado em referência aos *brasiguayos* cria um *efeito de sentido* de menosprezo e depreciação que instaura a crítica ao espírito capitalista dos brasileiros ricos e plantadores de soja (tomados no discurso como *brasiguayos*). As aspas que marcam o segmento assinalam também a xenofobia do leitor paraguaio em relação ao imigrante brasileiro, soando como se ele (o *brasiguayo*) pertencesse a uma espécie quase sub-humana. Outros itens lexicais, tais como *interés, negociados* e *lucrativos*, em sua materialidade linguística, também são determinantes na construção dessas imagens.

O exame da sequência nos permite afirmar que trata-se do discurso de um sujeito que identifica-se à formação discursiva xenófoba, que se opõe à presença de estrangeiros, especialmente brasileiros/*brasiguayos* no Paraguai. Desse modo, podemos inscrever esse sujeito enunciador na PS1 inscrita na FD5, com a qual identificam-se os paraguaios contrários à permanência dos *brasiguayos* naquele país e que enunciam discursos nacionalistas.

Nas SD e recortes que se seguem (já utilizados em análises desenvolvidas em outras

---

<sup>23</sup>O uso de aspas é uma marca enunciativa que aponta para uma das formas da *heterogeneidade mostrada marcada* estudadas por Authier-Revuz (1990, p. 25-42). Ao estudar a *heterogeneidade mostrada* a autora distingue as *formas marcadas das não marcadas*. As *formas marcadas* aparecem sob forma de discurso direto, entre aspas e itálicos e pela presença de glosas. As *formas não marcadas* são aquelas que *o outro é dado a conhecer sem uma marca especial*.



seções) o articulista do jornal paraguaio *ABC Color* (identificado à PS1 da FD5 que se caracteriza por enunciar discursos regulados pelo ideário nacionalista paraguaio) um dos principais representantes da imprensa daquele país, faz críticas às posições políticas assumidas pelo governo brasileiro em relação ao Paraguai. Durante a exposição dessas críticas, o articulista do jornal resgata argumentos de natureza imperialista, bastante difundidos entre os discursos dos países mais pobres da América Latina e de outros continentes:

(SD67) Existe, além disso, outro fator de prioridade no interesse brasileiro, Itaipu, e a região que rodeia a hidrelétrica é a preferida pelos imigrantes do país vizinho. E com a dívida criada, manipulada e alentada pelos brasileiros de US\$ 20 bilhões em Itaipu, não é difícil temer que, em poucos anos mais, o Brasil pretenda anexar o nosso país ou mantê-lo como estado livre associado, como os Estados Unidos fazem com Porto Rico. (*Sopa Brasiguaiá – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*)

(18) O ânimo e a determinação expansionista lusitana datam desde os primórdios da colonização sulamericana. Seus expoentes mais célebres foram os famosos bandeirantes, considerados heróis no Brasil, mas aqui, aventureiros bárbaros e belicosos. Vinham capturar indígenas para vendê-los como mão-de-obra escrava [...] e arrinconar a província do Paraguai. (Recortada da SD25. *Sopa Brasiguaiá – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*).

(SD68) A presença de aproximadamente trezentos mil brasiguaios em nosso território, sem dúvida, constitui um fator de interesse para a chancelaria brasileira [...]. Mas assim mesmo, deveria ser uma grande preocupação para o governo paraguaio à medida que os territórios que os brasiguaios ocupam e dominam estão na mira do interesse geopolítico brasileiro. (Recortada da SD 2 *Sopa Brasiguaiá – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*)

(19) Em poucas palavras, é muito grande o interesse que o Brasil tem nesses territórios, como para justificar uma vigilância mais estreita de sua diplomacia sobre as autoridades paraguaias. [...] Para nós, o grave risco que corremos com o interesse que o Brasil demonstra em relação ao Paraguai consiste em que o dito interesse culmine com a meta que [...] sua chancelaria alenta secretamente: apropriar-se para sempre, legal e pacificamente ante os olhos do mundo, de 90% da produção de Itaipu [...]. (Recortada da SD25. *Sopa Brasiguaiá – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*)

Para melhor compreendermos os argumentos usados no discurso que essas SD representam, convém resgatarmos algumas questões históricas em torno de *Itaipu* que motiva o impasse entre os dois países.

A hidrelétrica binacional de *Itaipu* foi construída entre os anos de 1975 e 1982, por meio de um acordo firmado entre o Brasil e o Paraguai. Nesse período, os dois países estavam

sob o regime de Ditaduras militares. O Brasil contribuiu com a maior parte dos recursos para a construção da Hidrelétrica, com a finalidade de utilizar os recursos hídricos do Rio Paraná e resolver os problemas de energia da região. *Itaipu* hoje é a maior hidrelétrica do mundo, embora opere apenas com 18 turbinas das 20 construídas. Caso operasse com a sua capacidade total teria energia suficiente para exportar para vários países da América Latina. Entretanto, essa possibilidade vem sendo adiada devido à política de desconfiança que existe entre os dois países *irmãos*. A posição do Brasil, nesse aspecto, é que a partir do momento em que a dívida com a construção de *Itaipu* esteja paga pelo Paraguai, novos acordos poderão ser firmados para a exportação da energia para outros países.

Do total de energia que hoje é produzida em *Itaipu* o Paraguai consome apenas 5%, pois é sócio também da Binacional de *Yaciretá* e proprietário da hidrelétrica de *Acaray*. No entanto, o país não tem infraestrutura para o aproveitamento integral dos seus recursos hidroelétricos gastando, por outro lado, muito combustível importado de origem fóssil, especialmente *diesel* usado em 70% de sua frota de carros movidos por esse combustível. Há, portanto, um desencontro entre o que se produz e o que se gasta no Paraguai. O excedente da energia elétrica ociosa vinha sendo vendida ao Brasil até o ano de 2009 (a venda está definida pelo *Tratado de Itaipu*) por 120 milhões de dólares. Após a eleição do presidente Fernando Lugo foi firmado um acordo, com o presidente brasileiro Luis Inácio Lula da Silva, que determinava o aumento do preço da energia de 5,1% para 15,3%, além de outros acordos para a construção de linhas de transmissão de alta tensão entre *Itaipu* e Assunção. Desse modo, o Brasil passaria a pagar ao sócio 360 milhões de dólares pela energia consumida.

Com a deposição do presidente Lugo, em 2012, todos os acordos foram suspensos e *Itaipu* voltou a figurar nos discursos reivindicatórios de políticos paraguaios. A suspensão do país do bloco do *Mercosul* piorou o impasse e o novo presidente paraguaio, Federico Franco, reavivou o discurso nacionalista (característico dos sujeitos identificados à PS1 da FD5) em torno de *Itaipu* anunciando que o Paraguai iria parar de *ceder* energia ao Brasil, como se este não pagasse pela energia consumida. São estas, portanto, as *condições de produção* que instauram o discurso manifestado nas SD precedentes. Lembramos, ainda, que esse discurso é produzido pelo Jornal paraguaio *ABC Color*, periódico que manifesta um ideário francamente nacionalista (inscrito na PS1 da FD5) em defesa do que considera como *interesses nacionais* do país.

Voltando aos recortes na SD (67) o articulista do jornal *ABC Color* (inscrito na PS1 da FD5) acusa o governo brasileiro de manipular a dívida paraguaia com o país, em

decorrência da construção de Itaipu, para controlar e, quem sabe, anexar num futuro próximo o Paraguai ao Brasil. Em (18) o sujeito enunciador (inscrito na PS1 da FD5) apela à *memória discursiva* e resgata acontecimentos históricos da época da colonização portuguesa no Brasil, como forma de criticar a avidez expansionista lusitana (e, por extensão, a brasileira). Na SD (68) critica a presença de *brasiguaios* no Paraguai, atribuindo essa permanência a interesses da chancelaria brasileira e a uma suposta geopolítica expansionista do Brasil. Em (19) acusa o Brasil de ter interesses no Paraguai e de adotar uma política de vigilância para, futuramente, apropriar-se da quase totalidade da produção de energia elétrica de *Itaipu*, deixando o Paraguai com quase nada.

Os argumentos utilizados pelo articulista do jornal paraguaio (identificado à PS1 da FD5) mobiliza *pré-construídos* que buscam justificar a projeção da imagem do Brasil como um país imperialista. Nesse aspecto, o discurso nacionalista paraguaio *antibrasileiro* e, por extensão, *antibrasiguayo* que, conforme vimos, se origina em muitas FD, dentre elas em FD7 na qual se inscreve o camponês paraguaio, torna-se o ponto de encontro entre a *memória* e a *atualidade*, uma vez que mobiliza a *memória discursiva* para, com base nela, associar os *pré-construídos* históricos da expansão portuguesa ao Brasil atual. Nesse discurso entram em jogo fortemente as *formações imaginárias* sobre Portugal, sobre o Brasil Colônia e sobre o Brasil atual, instaurando o *efeito de sentido* do Brasil como um país rico, expansionista e impiedoso.

As questões apontadas em todos os recortes - política expansionista, na (SD67); vigilância e interesse geopolítico no território de outro país, no recorte (19) e na SD (68); interesses econômicos, na sequência (18) instauram o *efeito de sentido* do Paraguai como um país pobre, vitimado pelo Brasil imperialista. Esses sentidos são responsáveis pela construção do imaginário dos leitores do jornal. Cabe observar que esse argumento é mobilizado do lugar discursivo de um sujeito que, afetado pela inscrição na PS1 da FD5 compreende o Paraguai sob a ótica de um país despojado, ameaçado por um país rico. Em outros termos, a oposição *pobre X rico* perpassa esse discurso, responsável pela construção de sentidos negativos da opinião pública paraguaia em relação ao Brasil.

Posicionar-se contra o Brasil é, desse modo, um traço que marca esse discurso que antes de ser *antibrasiguayo* é, sobretudo, *antibrasil imperialista* e que atravessa, como vimos na individuação da PS1 da FD5, uma *formação discursiva* bastante heterogênea que busca nas FD do Imperialismo e do Colonialismo *pré-construídos* para sustentar sua xenofobia.

As SD (67), (68) e os segmentos (18) a (19) inscrevem-se, como vimos, na PS1 da FD5. Nesse aspecto, podem ser tomadas a partir de processos de dominação ideológica que

estão presentes no discurso do articulista paraguaio e que se delinea historicamente em países pobres, como o Paraguai.

Os segmentos nominais e verbais presentes na SD (67) – *interesse brasileiro, país vizinho, dívida, manipulada, temer, anexar, nosso país*; no segmento (18) – *determinação, expansionista, aventureiros, bárbaros, belicosos, capturar, arrinconar (encurrular)*; na SD (68) – *presença, trezentos mil brasiguaios, interesse, chancelaria brasileira, ocupam, dominam, interesse geopolítico brasileiro* e no recorte (19) – *justificar, vigilância, autoridades paraguaias, apropriar-se, produção e Itaipu* – em sua materialidade linguística, são determinantes para atestar esse processo de dominação ideológica e do *assujeitamento* do *sujeito-jornalístico* ao discurso *antibrasileiro* que atravessa a sociedade paraguaia.

Em alguns países da América Latina o discurso contra o Imperialismo brasileiro é tão recorrente que não se restringe apenas aos cidadãos comuns, estendendo-se aos vários setores da sociedade, inclusive entre representantes do governo que não se mostram refratários a ele. É o que se pode observar na SD (69) e no segmento (20), a seguir, recortados do discurso de cidadãos paraguaios (*discurso sobre*). O primeiro, enunciado pela ex-ministra de Relações Exteriores do Paraguai, Leila Rachid, publicado no jornal *on line Carta Capital Wikileaks*, em 17/02/2011, sob o título *Ex-ministra do Paraguai temia ‘controle’ do Brasil sobre seu país*. O segundo discurso (já analisado em outra seção deste capítulo) formulado por um taxista paraguaio da cidade de Naranjal, Paraguai:

(SD69) Além da Colômbia que, [...], reclamou com os Estados Unidos sobre um suposto “imperialismo brasileiro” na América do Sul, a ex-ministra de Relações Exteriores do Paraguai, Leila Rachid, foi outra autoridade que buscou auxílio da diplomacia norte-americana contra a política externa brasileira, em uma reunião com o embaixador dos EUA em Assunção, em 21 de abril de 2005. Leila Rachid foi chanceler entre 2003 e 2006, durante o governo do colorado Nicanor Duarte Frutos. [...] Considerado um aliado próximo dos EUA, o paraguaio chegou a permitir a presença de tropas norte-americanas no país até 2006, como parte de um acordo de cooperação militar com os EUA. [...] O documento prossegue: “Ela fez um comentário pessoal [dizendo] que Amorim está empurrando uma agenda para minimizar a influência dos EUA na América do Sul e afirmar o domínio brasileiro, uma direção que ela se opõe fortemente porque se traduz em controle irrestrito do Brasil sobre o destino do Paraguai”, diz o despacho. [...] Nessa reunião, Rachid não poderia ser mais clara. [...]. “Ela reclamou que o Brasil havia cortado cotas de exportações paraguaias”, relata o documento. Ela também estava preocupada com ” a ambição brasileira de se tornar a maior liderança política na região” e instou que “os EUA se afirmassem para se opor ao Brasil”. (*Carta Capital – Wikileaks, on line. Publicada em 17/02/2011. Título: Ex-ministra do Paraguai temia ‘controle’ do Brasil sobre seu país*).

(20) Disse uma vez para um taxista paraguaio que eu estava estudando a imigração brasileira no Paraguai o que o deixou bastante alterado. [...]. Disse-me que seu país não precisava mais de imigrantes, pois “quien manda acá es brasilero, todo es de brasilero, solo falta poner a bandera del Brasil aqui. Todo brasilero, intendente [prefeito], a mayoria de los concejales [vereadores]. Nosotros somos ‘cachorros’

para ellos”. Falou-me que os brasileiros tinham tomado muita terra paraguaia na *Guerra da Triplíce Aliança* (1864-1870) e era necessário defender a terra que conseguiram com os bolivianos na *Guerra do Chaco* (1932-35). [...]. (Recortada da SD24. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 29. Notas do caderno de campo do autor, de conversa realizada com um taxista paraguaio em 20/11/2004, na cidade de Naranjal-Paraguai).

É interessante observar que embora sejam provenientes de lugares sociais diferentes, estes discursos se sustentam na mesma fonte ideológica que é o discurso nacionalista paraguaio (inscrito em PS1 da FD5) e com base nele posiciona-se contra a presença brasileira naquele país. Desse modo, o discurso atualiza saberes provenientes do Imperialismo, posicionando-se contra o Brasil na liderança da América Latina, em primeiro lugar, e, por extensão, a qualquer presença brasileira no Paraguai, em segundo lugar. Nesse entremeio emerge o *brasiguayo* como o sujeito que atravessou a fronteira para colonizar terras e, assim, facilitar a invasão brasileira.

Apesar de o Brasil ter adotado, a partir do século XX, uma política de aproximação com os países da América Latina que enfatiza a cooperação e a integração entre vizinhos, o que se percebe, por meio das formulações anteriormente recortadas, é que existe no imaginário da população paraguaia e de um conjunto de pessoas inscritas na classe dominante (como a chanceler paraguaia) um estado de tensão permanente contra uma possível política de controle e intervenção brasileira naquele país. Isso gera conflitos e reações adversas que se registram nos discursos dos sujeitos, sejam eles cidadãos comuns ou representantes do governo local, conforme pode-se constatar na SD (69) e no segmento (20) recortados.

Nas formulações destacadas segmentos como *imperialismo brasileiro*, *política externa brasileira*, *controle irrestrito do Brasil*, *opor (ao Brasil)*, presentes na SD (69); e *(não) precisava de imigrantes*, *tomado, terra paraguaia*, *defender e a terra (o Paraguai)*, registrados em (20), concorrem para articular o discurso nacionalista paraguaio (PS1 da FD5) contra a política brasileira, denominada no Paraguai de imperialista e expansionista. Esse discurso, conforme constatamos nas sequências, não se restringe a uma classe social específica. Esse fato comprova que tanto a unidade do sujeito quanto o fechamento da FD na qual ele se inscreve são da ordem da ilusão, pois podem ser atravessados por saberes provenientes de outra FD, no caso de *pré-construídos* que mobilizam argumentos provenientes do Imperialismo, provocando significativas movimentações nas fileiras dos sentidos.

Outra questão importante a se observar é que em muitos recortes mencionados o jogo de *efeitos de sentido* construído pode instaurar *equivoco* de que todos os *brasiguayos* são

*imigrantes ricos* quando, na verdade, como já discutimos na seção 4.8.2, a grande maioria apenas sobrevive no país desprovida de todos os direitos e em precária situação econômica.

#### 4.8.2.1.2 *Brasiguayos* ► grandes latifundiários ► destruidores da natureza

Outro *efeito de sentido* corrente na sociedade paraguaia é aquele que associa a imagem do *brasiguayo* aos grandes latifundiários, plantadores de soja e destruidores do meio ambiente. Nos recortes que se seguem selecionamos algumas formulações que são representativas desse discurso:

(SD70) “Creio que o governo deve rever a questão que tem a ver com os latifúndios ou grandes plantações de soja, que em alguns casos, trancam comunidades inteiras, além dos problemas que temos com os agrotóxicos, que são regados nas comunidades. [...] o que o governo deveria ter feito desde o começo, com o cultivo da soja, era ter determinado zonas para a plantação, e não fazê-lo indiscriminadamente e agredindo o meio ambiente e comunidades porque não há regulamentação.[...]” (*Sopa Brasiguaia, on line, de 26/10/2008. Título: Bispo católico [paraguaio] analisa conflito no campo*).

(SD71) Mas em outra ordem de atividades, a penetração dos brasileiros nas regiões fronteiriças alentou a exploração florestal e a de produtos silvestres. A intensa depredação de nossos recursos florestais e de nossa fauna silvestre – uma das mais dramáticas do mundo – se deveu, não unicamente, mas em grande medida, ao estímulo econômico dos compradores e empresários brasileiros instalados em ambos lados da fronteira seca. [...] (*Sopa Brasiguaia – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil. Subtítulo: Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*).

Conforme podemos observar nos recortes anteriores, as *imagens* construídas sobre os *brasiguayos* partem de sujeitos que enunciam a partir da *posição-sujeito* 2 (PS2) inscrita na FD5. Embora as sequências sejam proferidas de duas diferentes posições sociais, ambas convergem para discursividades onde é possível apreender traços ideológicos ligados ao imaginário de boa parte das classes sociais, cujos discursos rejeitam a permanência dos *brasiguayos* naquele país. Esses traços podem ser percebidos pelo viés do *interdiscurso* entendido na perspectiva do *esquecimento nº 1*, zona onde o sujeito recalca (esquece) os sentidos que se formam por meio de processos (sociais) que lhes são exteriores. Esse *interdiscurso* está presente nos dois recortes que correspondem às (SD70) e (SD71) e emerge sob forma de *já-ditos* que resultam de práticas discursivas diversas, que circulam no interior da mesma *formação ideológica e discursiva*. Segmentos como *latifúndios* e *grandes plantações de soja*, na SD (70) e *estímulo econômico dos compradores e empresários brasileiro* na SD (71) produzem *efeitos de sentido* que criam representações sobre os *brasiguayos* como grandes latifundiários e que frequentam o imaginário de grande parte da sociedade paraguaia.

Também pelo viés do *interdiscurso* podem ser analisados os itens lexicais *agrotóxico*, *meio ambiente* e *agredindo*, presentes no primeiro recorte, e *exploração* e *deprecação*, no segundo recorte, que estão vinculados à mesma rede de sentidos ligada ao discurso sobre o meio ambiente. São segmentos que aparecem de forma recorrente nesses discursos e que funcionam como *paráfrases* de outras formulações ouvidas e já esquecidas pelos sujeitos. Compreendidas como *paráfrases discursivas* enquadram-se na zona de *esquecimento n° 2*, onde o *sujeito* se move e constitui o seu dizer. Os segmentos mencionados e organizados nos dois recortes são responsáveis por *efeitos de sentido* que associam os *brasiguayos* a destruidores da natureza.

É importante observar que essas representações povoam o imaginário de várias classes sociais, dentre elas de camponeses pobres, conforme se pode verificar no recorte que se segue:

(SD72) Con esa expansión se produce lo que nosotros conceptualizamos que es la invasión extranjera , porque no solamente ocupa la tierra [...] sino instala su modelo de producción, su idioma, su cultura, sus autoridades, todo, entonces está ocupado prácticamente por la otra potencia nacional, que la principal es brasileña. [...] y lo peor, lastimosamente te tengo que decir, por ser tu compatriota, que es el peor criminal, desde el punto de vista de la destrucción ambiental, destrucción local, sea hídrico, descargando veneno, lavando los instrumentos de maquinarias, el uso de agroquímicos. Encima de eso, tirando todos los envases vacíos, flotando ahí en el agua, hasta inclusive algunos cerrando los causes, es un desastre, son los más criminales en ese sentido. [...]. Entonces las organizaciones campesinas cuando se desarrollan otra vez tienen una política de recuperación del territorio perdido, de las comunidades paraguayas porque los asentamientos son legalizados, pero todavía falta titular [...]. (Líder campesino de la MCNOC – Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 107).

A SD (72) precedente e a (73), que apresentaremos a seguir, foram extraídas das discursividades de dois sujeitos enunciadores ligados ao movimento camponês que atuam na luta pela reforma agrária no Paraguai. Conforme mencionamos no capítulo II e em vários pontos de nossas análises, os camponeses paraguaios (*carperos*<sup>24</sup>) vêm sendo acusados de invadir terras de imigrantes brasileiros naquele país. Nesse aspecto, cabe aqui abrir um parêntese para refletir sobre a natureza do movimento camponês paraguaio, os saberes com os quais se identifica e o modo como conduz a luta pela terra.

De acordo com Gonzalez (2012, p. 2) o movimento camponês paraguaio iniciou uma organização mais sistemática a partir dos anos 90, quando passou a contestar os títulos de

---

<sup>24</sup> *Carpero* é o Sem Terra paraguaio.

propriedades concedidos a brasileiros e seus descendentes durante a Ditadura Stroessner. O Movimento é integrado por trabalhadores sem-terra, desempregados, indígenas e despojados pelos latifúndios paraguaios, atuando na ocupação de terras, consideradas remanescentes de grilagem, como forma de pressionar a realização da reforma agrária pelo governo paraguaio.

Embora muitos intelectuais comparem o movimento campesino paraguaio ao MST, uma vez que ambos reivindicam a reforma agrária e adotam formas de ações semelhantes centradas nas ocupações de terras, as similaridades entre eles param por aí.

O MST é um movimento de organização complexa que se espalha por, praticamente, todos os estados brasileiros. Sua pauta de reivindicações perpassa a questão da distribuição de terras, abrangendo temas de natureza política, social, cultural, educacional, econômica e ambiental. Propõe uma agenda diversificada que contempla um programa de reformas de base na agricultura brasileira, tais como a implantação de políticas agrícolas mais claras, o incentivo à agricultura familiar, o sistema de crédito cooperativo, o combate ao uso de agrotóxicos, aos alimentos transgênicos, a toda forma de contaminação do solo, dentre inúmeras outras reivindicações. Mantém cooperativas e escolas de ensino fundamental e médio que funcionam em parceria com universidades e outras instituições, visando à educação de suas comunidades e a formação política de novas lideranças. Defende a fraternidade internacional de trabalhadores, pensamento que poderia até aproximá-los dos Sem Terra paraguaios, caso a luta pela terra, naquele país, não se voltasse contra camponeses brasileiros. Esta é a grande contradição que separa as duas lutas, pois ambos os Movimentos (MST e campesinato paraguaio) perseguem a reforma agrária. Nesse aspecto, estão afetados pela mesma formação ideológica. Mas em que pese a causa comum entre os dois grupos que poderia inscrevê-los na mesma FD Sem Terra, a historicidade diversa desses dois movimentos sociais os coloca como adversários e não como companheiros de luta.

O MST exerce também o papel fundamental de orientar e organizar as comunidades desde os acampamentos até depois de assentadas, buscando garantir a infraestrutura necessária para a permanência delas nos assentamentos. Sua organização não se restringe ao território brasileiro. Nesse aspecto, vincula-se à Via Campesina, organização internacional que reúne os movimentos sociais e agrários do mundo inteiro. Defende a fraternidade internacional de trabalhadores, além de receber apoio de ONGs, organizações de Direitos Humanos, partidos políticos, setores eclesiais, artísticos, dentre outros.

Quanto ao campesinato paraguaio é um movimento que se estruturou após o aumento da concentração de terras e da pobreza rural no Paraguai. Com o fim da Ditadura Stroessner,



as associações que representavam os movimentos camponeses paraguaios se organizaram, reivindicando a mudança na estrutura fundiária daquele país. A partir daí, registrou-se o aumento de conflitos nos campos paraguaios, principalmente nas áreas de maior concentração de brasileiros.

O movimento camponês está estruturado em três setores: distrital, departamental e nacional. As duas organizações principais são a *Federación Nacional Campesina (FNC)* e a *Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas (MCNOC)* que reúnem diferentes associações camponesas e indígenas. Todas integram o movimento da sociedade civil denominado *Frente Nacional de Lucha por la Vida y la Soberanía*. As duas entidades possuem estrutura organizativa e ideológica diferentes, atuando de maneira diversa na condução da luta pela terra. A FNC possui uma estrutura mais centralizadora e não negocia ou dialoga com o executivo paraguaio, enquanto a MCNOC atua de maneira descentralizada, participando de projetos agrícolas do governo de seu país.

O movimento campesino paraguaio não apresenta uma pauta de reivindicações definida que oriente suas ações. A luta é contra o latifúndio e o modelo agrícola *sojero*. Sua proposta se resume à reivindicação do confisco de terras para a reforma agrária no Paraguai, defendida por meio de exasperados discursos nacionalistas, cuja fúria se volta contra os imigrantes brasileiros, transformando-se em xenofobia. O ideário que defende atravessa os saberes inscritos na PS1 da FD5, formação discursiva contrária à permanência dos imigrantes brasileiros no Paraguai. Devido à falta de formação política (característica que também os distingue do MST) seus afiliados são frequentemente usados por políticos paraguaios, cujo interesse é se aproveitarem da questão agrária para a apropriação das terras mais férteis onde atualmente se concentram as maiores plantações de soja de proprietários brasileiros, voltadas ao milionário setor do agronegócio. Não recebem apoio financeiro e jurídico do governo paraguaio, por isso é comum que muitos camponeses vendam as propriedades logo depois de conseguido o objeto da demanda.

As formas distintas de organização do campesinato paraguaio e do MST, os saberes com os quais se identificam e a condução na luta pela terra nos permite compreender que, embora esses dois movimentos mobilizem o mesmo argumento em torno da reforma agrária, não se inscrevem na mesma formação discursiva que afeta o discurso do MST. Em vista disso o campesinato paraguaio será individuado na FD7 configurada no quadro a seguir:



<b>POSIÇÃO-SUJEITO DO CAMPESINATO PARAGUAIO INSCRITA NA FD7</b>		
<b>PS (FD7)</b>	<b>CARACTERÍSTICAS QUE APROXIMAM E DISTINGUEM O CAMPESINATO PARAGUAIO DO MST, NA LUTA PELA TERRA</b>	
	<b>FD DO MST</b>	<b>FD7 (CAMPESINATO PARAGUAIO/CARPERO)</b>
Sem-Terra, desempregados, indígenas e despossuídos pelos latifúndios no Paraguai, de propriedade de brasileiros e paraguaios.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reivindica a reforma agrária no Brasil;</li> <li>• sua ação se baseia na ocupação de terras improdutivas no Brasil;</li> <li>• possui uma organização complexa espalhada por todo o território brasileiro;</li> <li>• vincula-se à Via Campesina, organização internacional de trabalhadores, além de receber apoio de ONGs, organizações de Direitos Humanos, partidos políticos e vários outros setores da sociedade;</li> <li>• sua pauta de reivindicações perpassa apenas a questão da distribuição de terras, abrangendo temas de natureza política, social, educacional, econômica, ambiental e cultural;</li> <li>• propõe uma agenda diversificada que contempla um programa de reformas de base na agricultura brasileira;</li> <li>• mantém escolas de ensino fundamental e médio, em parceria com universidades, visando a educação e a formação política de suas comunidades;</li> <li>• defende a fraternidade internacional de trabalhadores;</li> <li>• orienta e organiza as comunidades desde os acampamentos até depois de assentadas, buscando garantir a infraestrutura necessária para a permanência delas nos assentamentos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reivindica a reforma agrária no Paraguai;</li> <li>• sua ação se baseia na ocupação de terras consideradas remanescentes de grilagem no Paraguai;</li> <li>• divide-se entre a <i>Federación Nacional Campesina (FNC)</i> e a <i>Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas (MCNOC)</i>, organizações com estrutura e ideologias diferentes na condução da luta pela terra;</li> <li>• não tem uma pauta de reivindicações definida;</li> <li>• sua proposta se resume à reivindicação de terras para a reforma agrária no Paraguai;</li> <li>• a condução da luta se baseia na contestação dos títulos de propriedades concedidos a brasileiros e seus descendentes;</li> <li>• defende essa bandeira por meio de discursos nacionalistas e xenófobos;</li> <li>• propõe o confisco das terras <i>nacionais paraguayas</i> que hoje estão nas mãos de imigrantes brasileiros.</li> <li>• a grande maioria vende as terras, objeto do litígio, ao agronegócio paraguaio por falta de apoio técnico e financeiro do seu governo.</li> </ul>

Quadro 23: Individuação da FD7

O exame da SD (72) mostra que apesar de enunciar a partir da FD7 do campesinato paraguaio, o *sujeito* enunciador mobiliza saberes que se inscrevem na mesma *formação ideológica* dos sujeitos identificados à PS2 inscrita na FD5. Neste aspecto, nosso *gesto de leitura* nos leva a deduzir que as *formações imaginárias antibrasiguayas* projetadas por grande parte dos camponeses paraguaios (*carperos*) migraram da FD7 (e de diversas outras FD, tais como da FD xenófoba, etc) atravessando as fronteiras da PS2 da FD5, ajudando a construir o ideário *antibrasileiro* e *antibrasiguayo* que singulariza a FD5.

O funcionamento do discurso da SD(72) pode ser explicado pelo viés da *memória* que o atravessa, compreendida como “[...] um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries de *tecidos de índices legíveis* [...]” (PÊCHEUX, [1981], 2012c, p. 142). Nesse espaço de *memória* o discurso da invasão estrangeira *presente na formulação* “*se produce lo que nosotros conceptualizamos que es la invasión extranjera , porque no solamente ocupa la tierra [...] sino instala su modelo de producción, su idioma, su*

*cultura, [...] todo [...] la principal es brasileña*” se incorpora ao discurso de repulsão ao imigrante brasileiro, trazendo ao presente, pelo viés da *memória discursiva* desse sujeito enunciador, traços da memória social do povo paraguaio que migram da FD7 instaurando os sentidos na PS2 inscrita na FD5. Pode-se afirmar que essa formulação evoca, por meio de sucessivas práticas discursivas cristalizadas no enunciado *es la invasión extranjera*, continuamente repetido, a memória simultânea dos três maiores acontecimentos históricos (apontados no capítulo II) que frequentam o imaginário do povo paraguaio: as invasões dos bandeirantes paulistas, a Guerra do Paraguai e a emigração brasileira para aquele país na segunda metade do século XX. Todos esses acontecimentos ecoam na memória social paraguaia, repercutindo no discurso desse sujeito. À luz da *heterogeneidade* pode-se associar o discurso desse campesino à concepção de *alteridade* compreendida como a incidência do discurso do *Outro* (do *inconsciente*, do *interdiscurso*) que o atravessa.

Semelhante funcionamento discursivo acontece quando o sujeito associa a imagem dos *brasiguayos* a grandes latifundiários que “compran [...] lo que tiene” no Paraguai ou aciona saberes presentes em sequências como *destrucción ambiental, destrucción local, desastre* e *criminales* (fortemente marcados na PS2 inscrita na FD5 e que provêm de discursos sobre a preservação da natureza). Nesse aspecto o sujeito se apropria de saberes que circulam em rede de formulações, sob determinadas condições históricas de produção, retomados inconscientemente e fortes o suficiente para construir os sentidos que circulam na sociedade. Tais discursos irrompem no dizer desse sujeito a partir de outras formulações, recuperadas também pelo viés da *memória discursiva*. Isso comprova que o funcionamento dos discursos só pode ser concebido num espaço de *memória*, “[...] onde existe sempre um *outro interno* marcando o *real histórico* como remissão ao *outro externo* [...]” (PÊCHEUX [1983], 2010d, p. 56).

O *equivoco* que se pode instaurar a partir desses *efeitos de sentido* é de que todos os *brasiguayos* são grandes latifundiários e delinquentes ambientais, imagem genérica produzida num quadro de *relações de força* onde A (campesino pobre/*carpero*) não considera que, em meio aos conflitos, a realidade econômica e social dos imigrantes brasileiros (R) é bastante heterogênea, registrando-se dentre eles um grande número de *sujeitos* marginalizados.

#### **4.8.2.1.3 *Brasiguayos* ► imigrantes pobres que não ascenderam socialmente e que, muitas vezes, já regressaram ao Brasil**

É importante observar que os *efeitos de sentido* analisados anteriormente em torno da designação (*brasiguayos* = grandes empreendedores = destruidores da natureza) instaurados

segundo o imaginário de sujeitos identificados à FD7, podem sofrer deslizamentos de sentidos no interior da FD7. É o que se pode verificar na SD recortada a seguir:

(SD73) Nosotros caracterizamos en dos formas: hay los brasiguayos que vinieron a trabajar como peones que se convirtieron en pequeños productores que tiene 10, 20 hectáreas. [...] Eso sería una visión que nosotros tenemos caracterizado cuales son los brasiguayos, los pequeños productores que vinieron como peón a trabajar y volvieron a su país y nosotros defendemos inclusive eso y tenemos que ir organizando, si ellos quieren regresar a su país que regresen y que ataquen el latifundio de su país. Y los otros serían los grandes productores de soja que también algunos se convirtieron en brasiguayos y ahora ya son asentado en nuestro país (Líder camponês da FNC - Federación Nacional Campesina em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 231).

Observando o funcionamento deste discurso é possível apreender que parte de um sujeito enunciador inscrito na FD7. As formulações da SD (73) quando comparadas aos enunciados da SD (72) projetam duas imagens diversas dos sujeitos denominados *brasiguayos*, compreendidos na SD (73) tanto no sentido de pequenos produtores rurais (*son los brasiguayos, los pequeños productores que vinieron como peón*) como de grandes latifundiários plantadores de soja, designados no país como *sojeros* (*Y los otros serían los grandes productores de soja que también algunos se convirtieron en brasiguayos*).

Esse funcionamento configura a existência de deslizamentos nos sentidos instaurados em torno da designação *brasiguayo* no interior da FD7, na classificação e no relacionamento com o grupo de imigrantes brasileiros. Embora os sentidos em torno da designação deslizem da SD (72) para a SD (73), conforme podemos constatar no quadro que se segue, os sujeitos enunciativos das duas FD não se configuram como *posições-sujeito* distintas, pois ambos mostram-se atravessados pelos **saberes contrários à permanência de *brasiguayos* no Paraguai**, ideário nacionalista e preservacionista compartilhado por boa parte da população paraguaia inscrita na PS1 e PS2 da FD5. Esse ideário pode ser apreendido no recorte “[...] *y nosotros defendemos inclusive eso y tenemos que ir organizando, si ellos quieren regresar a su país que regresen y que ataquen el latifundio de su país*”. Nessa formulação as sequências “*nosotros defendemos [...] que regresen*”, “*que ataquen el latifundio de su país*” demonstram que os saberes da FD7 migraram, atravessando as fronteiras da FD5. Isso se configura no que Pêcheux denomina de relação de aliança.



POSIÇÃO-SUJEITO INSCRITA NA FD7			
SD	PS	DISCURSOS QUE ATRAVESSAM AS SD (69) E (70)	CARACTERÍSTICA QUE APROXIMA OS SUJEITOS INSCRITOS NA FD7
SD (69)	Líder campesino da MCNOC – <i>Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O discurso sobre o <i>brasiguayo</i> como invasor estrangeiro e criminoso ambiental;</li> <li>o discurso em torno da recuperação do <i>território perdido das comunidades paraguaias</i> pelas organizações campesinas.</li> </ul>	O discurso dos sujeitos enunciadorees porta saberes que migraram da FD7 atravessando as fronteiras das PS1 e PS2 da FD5, onde estão inscritos sujeitos cujos discursos são contrários à permanência do <i>brasiguayo</i> no Paraguai.
SD (70)	Líder camponês da FNC - <i>Federación Nacional Campesina</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O discurso sobre o <i>brasiguayo</i> como o pequeno produtor rural que já retornou ao Brasil e também como os grandes produtores de soja já estabilizados no Paraguai;</li> <li>o discurso da expulsão demonstrado através do desejo de que todos os <i>brasiguayos</i> regressem e ataquem os latifúndios do Brasil.</li> </ul>	

Quadro 24: Posição-sujeito inscrita na FD7

Quando observamos que os sujeitos inscritos nas PS1 e PS2 da FD5 paraguia se apropriam de discursividades provenientes da FD7, em circulação no campo social, compreendemos que essas duas FD (FD5 e FD7) não podem ser compreendidas como um *bloco homogêneo* ou como *uma massa uniforme e única* de saberes. As fronteiras das FD5 e FD7 são móveis e fluidas o suficiente para serem atravessadas por saberes que migram de outras FD. Isso comprova que uma FD não é um espaço fechado. Tampouco as *posições-sujeito* a ela identificadas são estáveis. Há sempre espaço para a *reconfiguração* de saberes e de *posições-sujeito* que se deslocam, de acordo com as condições históricas de produção e com os interesses dos grupos.

Os diferentes *efeitos de sentidos* materializados nessas discursividades revelam a existência de uma luta simbólica que se trava em torno da presença dos *brasiguayos* naquele

país. Isso demonstra que os sentidos estão em permanente movimentação, sendo ativados de acordo com o jogo político dos *efeitos de sentidos* que irrompe nos litígios sobre a terra e do direito à sua posse naquela região de fronteira.

#### 4.8.2.1.4 *Brasiguayo* ► todo imigrante que vive no Paraguai, indistintamente

Por fim, *brasiguayo* pode fazer referência, indistintamente, a todos os imigrantes brasileiros que vivem atualmente no Paraguai. Esse *efeito de sentido* foi sendo construído ao longo de mais de quatro décadas da presença brasileira naquele país e, hoje, é reforçado pelo imaginário de muitos sujeitos que enunciam a partir da identificação com as PS1 e PS2 inscritas nas FD5 e FD6 da sociedade paraguaia.

Conforme mencionamos ao longo de nossas análises, se antes da emergência dos conflitos a designação *brasiguayo* era constantemente negada pelos imigrantes brasileiros mais estabilizados economicamente, sendo associada a sentidos estigmatizados como fracassados, miseráveis ou sem terra por essas FD dominantes, após o acirramento dos conflitos no Paraguai a identificação passou a ser assumida também por pequenos e médios produtores de soja, cujas terras encontravam-se ameaçadas de invasão. Esses produtores passaram a mobilizar a denominação *brasiguayo* para ganhar força de representação junto ao governo brasileiro, quando este passou a acompanhar de perto o desenrolar dos conflitos pelo viés diplomático. Novas tensões irromperam, a partir daí, envolvendo a diplomacia dos dois países, mobilizada em torno não apenas das questões referentes aos *brasiguayos*, mas também de disputas ligadas à concessão e cobranças de tarifas energéticas geradas pela Hidrelétrica de Itaipu, já mencionadas nesta subseção.

Diante desse quadro de disputas o imigrante brasileiro acaba sintetizando essa contraditória experiência de repulsão e integração, vivida no Paraguai, flexibilizando a identidade de *brasiguayo* que passa a ser adotada de acordo com as condições históricas estabelecidas na relação tensa com o *outro* (com o nativo paraguaio) e que é constantemente redefinida de acordo com os embates políticos, sociais e econômicos. Um exemplo disso é o fato de que muitos descendentes de imigrantes ligados à elite política paraguaia (prefeitos, vereadores, representantes de associações) mobilizam naturalmente a denominação de *brasiguayo* durante os processos eleitorais, ou quando há interesse em enunciar como se fossem porta-vozes de todos os brasileiros e seus descendentes no Paraguai. Essas questões já foram analisadas na subseção 4.5.2 deste capítulo. A imprensa internacional também contribui para a trivialização da denominação quando passa a usá-la indistintamente, como forma de designação de todos os imigrantes brasileiros naquele país.

Deste modo, gradativamente a denominação *brasiguayo* foi tomando a forma de nomeação comum a todos os brasileiros que emigraram para o Paraguai em busca de melhores oportunidades, embora em tempos de calmaria ela continue a ser estigmatizada pelos imigrantes mais abastados.

Todas essas questões levantadas comprovam que as identidades, no Paraguai, longe de estarem consolidadas, encontram-se em permanente redefinição, assumindo um caráter dinâmico e relacional nos aparatos discursivos e institucionais paraguaios e adaptando-se a partir dos confrontos vividos no presente. É o que podemos constatar no recorte que se segue extraído do Jornal paraguaio *ABC Color* e publicado no *Blog* brasileiro *Sopa Brasiguaia* (PS3 inscrita na FD3) em que o articulista do jornal paraguaio designa de *brasiguayo*, indistintamente, os *trezentos mil* imigrantes que, de acordo com ele, se espalham pelo território paraguaio:

(21) A presença de aproximadamente **trezentos mil brasiguayos em nosso território**, sem dúvida, constitui um fator de interesse para a chancelaria brasileira no que concerne a assegurar a proteção de seus direitos e impedir que se cometam abusos contra eles, sob o pretexto de serem estrangeiros. Mas assim mesmo, deveria ser uma grande preocupação para o governo paraguaio à medida que **os territórios que os brasiguayos ocupam e dominam** estão na mira do interesse geopolítico brasileiro. (Recortada da SD 68. Sopa Brasiguaia – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: Editorial – *Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*)

Desse modo, dos dois lados da fronteira os discursos em torno da identidade *brasiguaio/brasiguayo* encontram-se em permanente negociação, flutuando de acordo com os interesses políticos, religiosos, jornalísticos, de camponeses e dos próprios imigrantes brasileiros que sintetizam na denominação as contradições de suas experiências. Trata-se, portanto, de uma verdadeira *fabricação discursiva* dessa identidade, sujeita a vários *efeitos de sentido*.

Na subseção a seguir analisaremos as discursividades de sujeitos **partidários à presença** do *brasiguayo* no Paraguai.

#### **4.8.2.2 Efeitos de sentido instaurados por sujeitos favoráveis à permanência dos imigrantes brasileiros no Paraguai**

##### **4.8.2.2.1 *Brasiguayos*: trabalhadores que ajudam no desenvolvimento da economia do país ► trabalhadores incansáveis ► exemplos de obstinação pelo trabalho**

As seqüências a seguir mostram o discurso de sujeitos identificados à PS2 inscrita na FD6 que mantém múltiplas formas de aliança com o imigrante brasileiro,

mobilizando um discurso de legitimação à sua permanência naquele país. É o que podemos constatar nos recortes (22) a (24) a seguir, já mobilizados em outras análises deste capítulo:

(22) Con ellos aprendí a trabajar en serio, también los domingos, los feriados, hasta Semana Santa. [...]. Ellos [...] están haciendo mucho por el país. [...] es innegable que su presencia favorece el país (Recortado da SD64. Entrevista concedida pelo prefeito paraguaio de Santa Rita a GUTIÉRREZ, em 23/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186).

(23) Creo que ellos están haciendo un gran aporte a la economía del país. (Recortado da SD65. Entrevista concedida por empresário agrícola paraguaio a GUTIÉRREZ em 25/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186)

(24) [...] comienzan al trabajo cuándo comienza el sol y va hasta la noche. Trece, catorce horas de trabajo por día. Compare esas trece, catorce horas con las cinco, seis de los campesinos. [...] Tiene que tener mucha preparación, mucha ambición y, sobre todo, mucha capacidad de trabajo. Falta de cabeza es todo que lo falta en el paraguay (Recortado da SD66. Entrevista concedida por diretor escolar paraguaio a ALBUQUERQUE. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186-7).

O funcionamento discursivo das formulações “*están haciendo mucho por el país*”, “*su presencia favorece el país*” recortada da SD (22) e “*están haciendo un gran aporte a la economía del país*” extraída da SD (23) constrói um *efeito de sentido* de contribuição, instaurando a imagem do *brasiguayo* como colaborador do processo de desenvolvimento do Paraguai.

As sequências “*Con ellos aprendí a trabajar en serio, también los domingos, los feriados, hasta Semana Santa*” na SD (22), “*comienzan al trabajo cuándo comienza el sol y va hasta la noche*” e “*Trece, catorce horas de trabajo por día*”, extraídas da SD (24), instaura o *efeito de sentido* de trabalhador incansável, associando a imagem do *brasiguayo* a um apóstolo do trabalho.

Na formulação “*Tiene que tener mucha preparación, mucha ambición y, sobre todo, mucha capacidad de trabajo*”, extraída da SD (24), o *efeito de sentido* instaurado é o de admiração pela capacidade de trabalho e conhecimento de técnicas agrícolas que o sujeito enunciador atribui ao imigrante brasileiro.

Os enunciados “*Compare esas trece, catorce horas con las cinco, seis de los campesinos*”, “*Falta de cabeza es todo que lo falta en el paraguay*” recortados da SD (24) aciona o *efeito de sentido* de preguiçoso, indolente e com mentalidade atrasada, saturando de maneira negativa a imagem do campesino paraguaio (*carpero*) de modo a realçar os atributos dos imigrantes brasileiros. Cabe notar que a saturação negativa construída no discurso desse sujeito enunciador se faz pela comparação entre as horas trabalhadas por imigrantes brasileiros e campesinos paraguaios. O *efeito de sentido* se instaura pela oposição que o



sujeito enunciador estabelece entre *brasileiros = trabajadores X campesinos paraguayos (carperos) = preguiçosos*.

Este caso é interessante, pois revela que os *efectos de sentido* instaurados no discurso desse sujeito enunciador (diretor de escola paraguaia) são os mesmos que atravessam as discursividades de grande parte dos imigrantes brasileiros que estigmatizam os paraguayos nas relações sociais, apontando-os como preguiçosos, atrasados e pouco civilizados. Isso demonstra que as fronteiras das FD de imigrantes brasileiros (FD1 e FD2) e da classe social paraguaia individuada como PS2 da FD6 e na qual se inscreve esse sujeito enunciador não são espaços fechados, sendo atravessadas por saberes e estigmas instaurados em condições de produção heterogêneas e a partir de múltiplas contradições e conflitos internos.

Por fim, a projeção de imagens construídas sobre o *brasiguayo* como trabalhador incansável, obstinado pelo trabalho pode levar ao equívoco de que todos os imigrantes brasileiros possuem esses atributos quando, na verdade, essa unanimidade é duvidosa.

#### 4.8.2.2.2 *Brasiguayos* ► descendentes de imigrantes brasileiros nascidos no Paraguai ► todos os imigrantes brasileiros adaptados à cultura paraguaia

Verifica-se hoje, em muitos setores sociais paraguayos, a irrupção de outro *efecto de sentido* que associa a designação *brasiguayo* aos descendentes de imigrantes brasileiros nascidos no Paraguai e adaptados à cultura daquele país. Na SD (74) a seguir podemos constatar a construção desses *efectos de sentido* mencionados:

(SD74) Esta es una mezcla entre paraguayos y brasileños. Como ellos son hijos de inmigrantes, la influencia en la casa, todos los días papá y mamá les hablan en portugués, entonces ellos se sienten brasileños, miran las teles, los canales brasileños se exalta el nacionalismo y esto lo que sale: el Brasil es el más grande del mundo, todos los días es exaltación del nacionalismo [...]. Pero viene a la escuela, a la institución escolar y tienen que hablar en castellano, tienen que hablar el guaraní, tienen que practicar costumbres y tradiciones paraguayas, entonces se sienten paraguayos, saben bien que nacieron en Paraguay [...] pero pertenecen, sus padres son inmigrantes. Ahí viene la palabra *brasiguayo*, una mezcla (Professor de História em escola paraguaia em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 232).

Na SD (74) observamos que o que caracteriza o *brasiguayo*, do ponto de vista do sujeito enunciador, é a comprovação da nacionalidade paraguaia ou da dupla nacionalidade caracterizada pelo sujeito que mescla saberes da cultura brasileira e paraguaia. Esses *efectos de sentido* podem ser apreendidos na sequências (25) e (26) recortadas da SD (74) a seguir:

(25) “[...] *ellos son hijos de inmigrantes e saben bien que nacieron en Paraguay*”  
► *efecto de sentido* de comprovação da nacionalidade paraguaia;

(26) “[...] *todos los días papá y mamá les hablan en portugués, entonces ellos se sienten brasileños [...]. Pero viene a la escuela [...] y tienen que hablar en castellano, tienen que hablar el guarani, tienen que practicar costumbres y tradiciones paraguayas*” ► *efeito de sentido* de miscigenação cultural.

O funcionamento desse discurso nos permite inscrevê-lo na PS1 da FD6 na qual estão individuados os sujeitos cujas discursividades almejam a **integração entre paraguaios e brasiguayos** no âmbito das relações sociais no Paraguai. O *discurso de integração* também pode ser observado na seguinte sequência recortada de um poema escrito pelo paraguaio Diego Esteban Terrazas, da cidade de *Katuetê*, Paraguai:

(SD75) [...] Katuetê: “sem dúvida”, “seguros”;/ Paraguayos e inmigrantes brasileños/ Abrazados por la fuerza de la unión/ Construyeron en el corazón de Kanindeyú/ La ciudad de la integración/ Sin distinción, trabajando sin receso,/ Paraguayos e brasileños demostraron que/ De la integración nace el progreso/ Trabajando juntos,/ Unidos por la amistad,/ Construyeron con sacrificio/ Y el sudor de la frente, / Esta magnífica ciudad,/ Katuetê, mi querida Katuetê (Recortada do poema *A mi Katuetê*, de Diego Esteban Terrazas, *apud* Feliú, 1999, p. 76. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 202).

Na SD (75) os itens lexicais “*sem dúvida*”, “*seguros*” - grafados em português ao lado de formulações em espanhol – além das formas *abrazados*, *construyeron* (ambos), *unión*, *integración*, *juntos* e *unidos* instauram o *efeito de sentido* de unidade, aliança e integração entre paraguaios e *brasiguayos*, inscrevendo o discurso desse sujeito enunciador na PS1 da FD6.

No recorte (25), extraído da SD (74), os itens lexicais *saben*, *nacieron* e *Paraguay* (associado ao *brasiguayo*) instauram o *efeito de sentido* de nacionalidade paraguaia. No recorte (26) as formulações “*papá y mamá les hablan en portugués*”, “*se sienten brasileños*” e “*tienen que practicar costumbres y tradiciones paraguayas*” constroem o *efeito de sentido* do *brasiguayo* como o imigrante brasileiro que já se adaptou à cultura paraguaia e que mescla práticas e costumes dos dois países. No recorte (26) registram-se, ainda, alguns saberes que tiveram que ser assimilados pelo *brasiguayo* para que pudesse permanecer no Paraguai. Esses saberes podem ser apreendidos nos segmentos “*viene a la escuela*”, “*hablar en castellano*” e “*hablar el guarani*”, que reafirmam o fato de que a interpelação do sujeito, em território paraguaio, não se dá apenas pelo laço de cidadania, mas principalmente pela exigência em torno da identificação-subjetivação às duas línguas nacionais: o castelhano e o guarani.

Para além da SD (74) podemos apontar, ainda, outros saberes que os *brasiguayos* assimilam ao longo da sua permanência no Paraguai e que atravessam as FD nas quais se

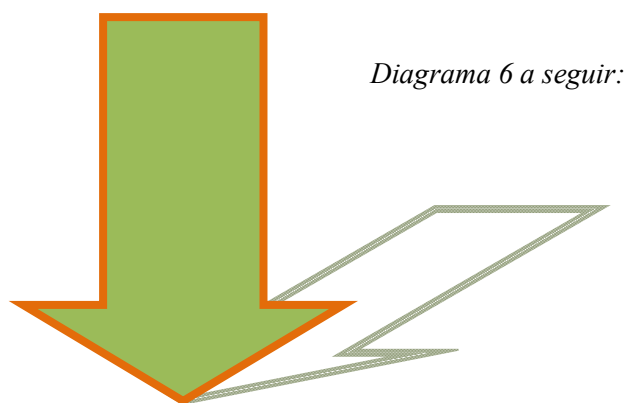
inscrevem, tais como tomar *tererê* e falar em *portuñol* (português e espanhol) ou em *portuguarañol* (português, guarani e espanhol). Desse modo, a designação *brasiguayo* está associada, na SD (74), a uma *fabricação discursiva* heterogênea de identidade marcada por diferentes saberes provenientes dessa mistura cultural. O *brasiguayo*, nesse aspecto, situa-se no *entremeio* de uma identidade brasileira parcialmente perdida e uma identidade paraguaia não reconhecida, conforme se pode observar nos dois recortes a seguir:

(SD76) Hoje eu vou no Brasil e eu me sinto estranho porque apesar da gente ter parente e tudo e a cada pouco tempo ir visitá-los, a gente se sente estranho porque é outra moeda, é uma outra política, a gente vê que eles têm apoio do governo, é diferente, a casa é outra casa, é outro sistema (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 218).

(SD77) Quem nasce aqui não tem que ser chamado brasiguayo, deve ser chamado de paraguay, porque todo mundo quer uma identidade onde se integrar. Às vezes, o termo brasiguayo é um pouco pejorativo porque aqui a migração atualmente no Paraguai está passando uns conflitos bastante grande, então esse choque cultural, quando você fala que é brasiguayo, o pessoal já olha pra você diferente. Então o próprio sotaque, não falar, já muitas vezes denuncia a tua cultura, a sua origem, onde você nasceu e muitas vezes pode ser até um problema (Padre brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 234).

Nesses recortes a perda da identidade acha-se registrada nos seguintes segmentos *eu me sinto estranho*, *a gente se sente estranho*, *é diferente*, *é outro sistema*, na SD (76) e *todo mundo quer uma identidade onde se integrar*, na SD (77). O fato de mesclar práticas e costumes dos dois países caracteriza o *brasiguayo* como uma *identidade de entremeio* resultante de uma *fabricação discursiva*.

Face às análises empreendidas até o momento, as FD e *posições-sujeito* nas quais se inscrevem os sujeitos enunciativos paraguaios podem ser simbolizadas de acordo com o Diagrama que se segue:



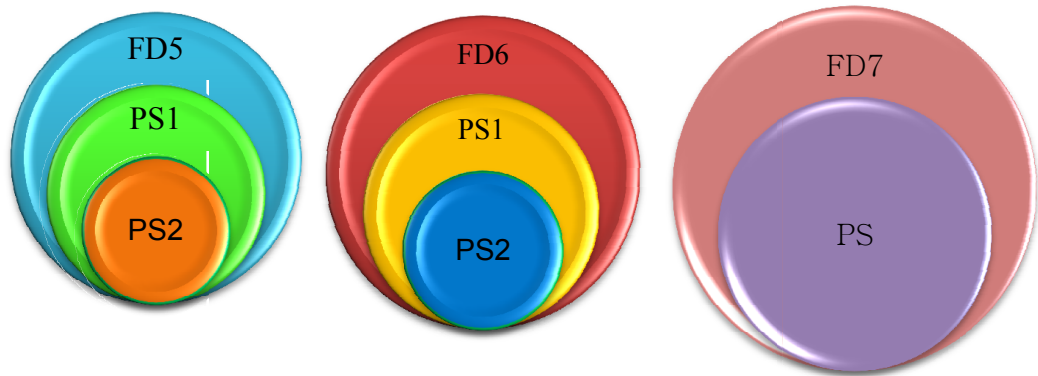
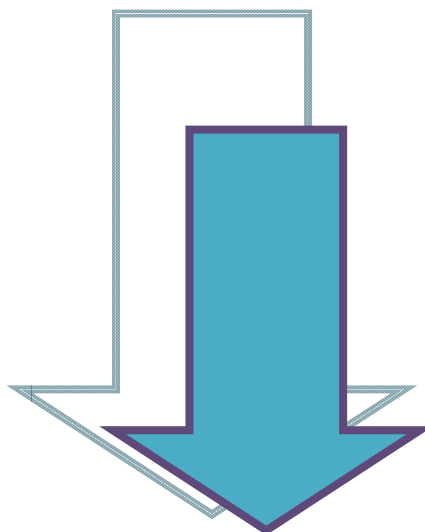


Diagrama 6: FD e posições-sujeito nas quais se inscrevem os paraguaios.

**PS1 da FD5:** paraguaios contrários à presença de brasiguayos no Paraguai que enunciam discursos nacionalistas. **PS2 da FD5:** paraguaios contrários à presença de brasiguayos no Paraguai que enunciam discursos preservacionistas. **PS1 da FD6:** paraguaios favoráveis à permanência de brasiguayos no Paraguai que enunciam discursos de integração e pacificação entre brasiguayos e paraguaios. **PS2 da FD6:** paraguaios favoráveis à permanência de brasiguayos no Paraguai que enfatizam o desenvolvimento econômico paraguaio após a chegada dos imigrantes brasileiros. **PS da FD7:** campesinato paraguaio.

As análises empreendidas nesta subseção ratificam o fato de que, tal como nas FD individualizadas em outras seções, nas FD5, FD6 e FD7 os *efeitos de sentido* em torno da designação *brasiguayo* também deslizam para diversas regularizações. Diferentes *efeitos de sentido* vão sendo evidenciados na dispersão e circulação dos discursos, por meio dos quais os sujeitos enunciadorees designam o *brasiguayo* ou se autoneameiam *fabricando uma identidade* de ocasião.

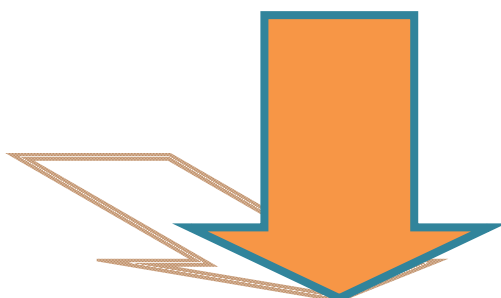
À vista dessas questões, o *percurso ideológico da designação brasiguayo* à luz das FD5, FD6 e FD7 pode ser representado de acordo com o quadro que se segue:



PERCURSO IDEOLÓGICO DA DESIGNAÇÃO <i>BRASIGUAYO</i> NO INTERIOR DAS FD5, FD6 E FD7 (DA SOCIEDADE PARAGUAIA)	
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	DESLIZAMENTO DE SENTIDOS INSTAURADOS EM TORNO DA <i>DESIGNAÇÃO</i>
Invasão de propriedades de imigrantes brasileiros no Paraguai, após a irrupção de movimentos de luta pela terra naquele país.	<p><i>Brasiguayo</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• usurpador de propriedade;</li> <li>• invasor de terras de camponeses paraguaios pobres;</li> <li>• imigrante rico;</li> <li>• grande latifundiário;</li> <li>• destruidor da natureza;</li> <li>• <i>sojero</i>;</li> <li>• trabalhador que ajuda no desenvolvimento econômico do Paraguai;</li> <li>• trabalhador incansável; apóstolo do trabalho;</li> <li>• exemplo de obstinação pelo trabalho;</li> <li>• imigrante pobre que não ascendeu socialmente e que, muitas vezes, já regressou ao Brasil;</li> <li>• descendente de imigrante brasileiro nascido no Paraguai;</li> <li>• todo imigrante brasileiro adaptado à cultura paraguaia;</li> <li>• todo imigrante que vive no Paraguai, indistintamente.</li> </ul>

*Quadro 25: Trajeto temático da designação brasiguayo à luz das PS1 e PS2 da FD5, PS1 e PS2 da FD6 e PS da FD7. PS1 da FD5: paraguaios contrários à presença de brasiguayos no Paraguai que enunciam discursos nacionalistas. PS2 da FD5: paraguaios contrários à presença de brasiguayos no Paraguai que enunciam discursos preservacionistas. PS1 da FD6: paraguaios favoráveis à permanência de brasiguayos no Paraguai que enunciam discursos de integração e pacificação entre brasiguayos e paraguaios. PS2 da FD6: paraguaios favoráveis à permanência de brasiguayos no Paraguai que enfatizam o desenvolvimento econômico paraguaio após a chegada dos imigrantes brasileiros. PS da FD7: campesinato paraguaio.*

Face às questões discutidas anteriormente é possível elaborar um quadro-síntese dos *efeitos de sentido* produzidos sobre a designação *brasiguayo* no lado paraguaio da fronteira, conforme consta a seguir:



EFEITOS DE SENTIDO CONSTRUÍDOS SOBRE OS <i>BRASIGUAYOS</i> NO LADO PARAGUAIO DA FRONTEIRA				
Denomi- nação	Imagem I <sub>A</sub> (A) - <i>Quem sou eu para dele falar assim?</i>	<i>Efeitos de sentido instaurados sobre o brasiguayo</i>	Equivocidades que podem ser instauradas	Imagem I <sub>A</sub> (R) <i>Quem é ele (o brasiguayo) para que eu dele fale assim?</i>
<i>Brasiguayo</i>	<i>Sujeito</i> identificado à PS1 inscrita na FD5 paraguaia (políticos, religiosos, etc).	- Invasor estrangeiro. - Usurpador de propriedades de paraguaios pobres.	Todos os <i>brasiguayos</i> são ricos	Imigrante brasileiro no Paraguai com diversas situações sociais e econômicas.
<i>Brasiguayo</i>	<i>Sujeito</i> identificado à PS2 inscrita na FD6 da sociedade paraguaia	- Trabalhador que ajuda no desenvolvimento do Paraguai; - Trabalhador incansável; exemplo de obstinação pelo trabalho.	Todos os <i>brasiguayos</i> são trabalhadores incansáveis e obstinados pelo trabalho.	Imigrante brasileiro no Paraguai com diversas situações sociais e econômicas.
<i>Brasiguayo</i>	- PS2 que se identifica à FD5. - Camponês identificado à FD7 cujos discursos migram para a PS2 da FD5.	- Grande latifundiário. - Destruidor da natureza.	- Todos os <i>brasiguayos</i> são grandes latifundiários. - Todos são delinquentes ambientais.	Imigrante brasileiro no Paraguai com diversas situações sociais e econômicas.
<i>Brasiguayo</i>	Posição-sujeito heterogênea identificada à FD7 do campesinato paraguaio.	- Imigrante pobre que não ascendeu socialmente. - Imigrante que já voltou ao Brasil. - <i>Sojero</i> .	- São os peões que se tornaram pequenos produtores. - São os grandes produtores de soja que se transformaram em <i>brasiguayos</i> .	Imigrante brasileiro no Paraguai com diversas situações sociais e econômicas.
<i>Brasiguayo</i>	<i>Sujeito</i> identificado à PS1 inscrita na FD6 da sociedade paraguaia.	- Descendente de imigrante brasileiro, nascido no Paraguai. - Imigrante com nacionalidade paraguaia. - Imigrante com dupla nacionalidade.	São <i>brasiguayos</i> apenas os filhos de imigrantes com dupla nacionalidade.	Imigrante brasileiro no Paraguai com diversas situações sociais e econômicas.
<i>Brasiguayo</i>	Imigrante brasileiro no Paraguai	<i>Identidade de entremeio</i> : perdida no Brasil e não reconhecida no Paraguai	- Todos os <i>brasiguayos</i> estão construindo uma identidade	Indivíduo que busca um lugar de pertença
<i>Brasiguayo</i>	- <i>Sujeito</i> identificado às PS1 e PS2 das FD5 e FD6 da sociedade paraguaia. - O próprio imigrante.	Todos os imigrantes que vivem no Paraguai, indistintamente.	São todos os imigrantes brasileiros, independente de classe social ou situação econômica.	Imigrante brasileiro no Paraguai com diversas situações sociais e econômicas.

Quadro 26: Quadro-síntese dos efeitos de sentido produzidos sobre a designação *brasiguayo* no lado paraguaio da fronteira

#### 4.9 *Memória discursiva e interdiscurso: uma última volta ao exame do corpus*

Neste ponto da análise, passo a observar a recorrência de alguns enunciados em situações discursivas recortadas do *corpus*. Analiso a existência de determinadas marcas linguísticas, buscando apreender os *efeitos de sentido* construídos pelos sujeitos, nas diversas situações discursivas recortadas, procurando determinar como a *memória discursiva* e o *interdiscurso* irrompem nas discursividades em circulação.

Embora todo *processo discursivo* se desenvolva sobre uma base linguística, o *discurso* não se resume unicamente a um conjunto de materialidades, uma vez que também é um lugar de *memória*. Nele se depositam, por consequência, traços identitários dos sujeitos, a herança das lutas, das vitórias e fracassos dos acontecimentos vividos, as *tomadas de posições* que o deixam pleno de vestígios de *memórias* do passado e do coletivo (social) que nele irrompe. O *discurso* é o elemento fundamental na *fabricação discursiva* das identidades, porque traz a história e toda a influência cultural de que as *memórias* se revestem. Em torno do *discurso* se unem grupos que portam valores comuns e que fortalecem identificações, alicerçando sentimentos de pertencimento, mas também instituindo demarcações sociais e políticas entre os *sujeitos*.

O *discurso do sujeito*, desse modo, se constitui de todo um conjunto de traços de e/ou de fragmentos mais ou menos extensos provenientes de outros discursos, da exterioridade, em suma do *interdiscurso*, e é produzido no interior de uma *formação discursiva* dada com a qual o sujeito se identifica. O discurso dos sujeitos depende, assim, do *interdiscurso* que fornece elementos *pré-construídos* que o sustentam. Os *pré-construídos*, um dos elementos do *interdiscurso*, correspondem ao *sempre já aí* da interpelação ideológica (PÊCHEUX, 2009a, p. 151) que impõe a realidade e seus sentidos aos *sujeitos*. Isso reitera o fato de que em todo discurso “[...] algo fala (*ça parle*) sempre antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 2009, p. 149). O *interdiscurso* considerado desse modo equivale, assim, ao *já-dito* (*Idem*, p. 154).

Enunciar, portanto, é situar-se em relação a um *já-dito*, que se constituiu em outro discurso. Desse modo, não existe um *discurso* de origem absoluta. Ao se colocarem os elementos em uma nova situação discursiva, mudam-se as *condições de produção*. Consequentemente, a interpretação desses elementos recebe um novo *sentido*.

Tomando por base o pensamento de Pêcheux, consideremos as formulações abaixo retiradas do *corpus*.

(27) Eles são brasileiros, mas moram no Paraguai desde crianças, quando foram levados pelos pais em busca de terras mais baratas para plantar e viver melhor. (Recortada da SD2. *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11 – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*) )

(28) É preciso lembrar que eles foram atraídos pela promessa de oportunidades e, em pouco mais de 30 anos, transformaram o Paraguai num dos maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul. (Recortada da SD3. *O Progresso*, de Dourados-MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*)

Considerando essas SD a partir da reflexão precedente pode-se verificar um conjunto recorrente de elementos nos segmentos (27) e (28) que conectam cada uma delas, fazendo parecer reformulações de um mesmo dizer sedimentado no *interdiscurso* e que ressoa desde lá, nas formulações dos sujeitos, como prováveis *paráfrases* de outras formulações anteriormente ouvidas.

Embora produzidas sob condições *heterogêneas* (a primeira formulação foi publicada em 05/05/2010, pelo *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande/MS, e a segunda data de 05/11/2008 e foi recortada do *Jornal O progresso*, de Dourados/MS, portanto em tempos e espaços diferentes) as formulações (27) e (28) estão vinculadas à mesma *rede de sentidos*, o que pode dar uma falsa ideia de *homogeneidade*, remetendo a um mesmo discurso originário que irrompeu a partir da situação histórica da emigração dos brasileiros ao Paraguai.

Nesse aspecto, uma análise puramente intuitiva nos levaria a observar as formulações de maneira a conectá-las apenas como *paráfrases* de outros dizeres que pertencem a essa rede. Temos que considerar, entretanto, que tais formulações foram produzidas sob condições *heterogêneas* de produção - em (27) o articulista do jornal denuncia que o MST está recrutando *brasiguaios*, no Paraguai, para conter seu esvaziamento progressivo. Em (28) o jornal reporta falas do deputado Geraldo Resende, que se mostra indignado com os conflitos vividos pelos *brasiguaios* no Paraguai, em discurso proferido na câmara dos deputados. Desse modo, produzidas em condições de produção heterogêneas tais formulações são passíveis de sofrerem deriva no interior das FD em que são produzidas, transformando-se, esburacando-se e desregulando-se ante o *peso do acontecimento novo que vem perturbar a aparente regularidade anterior* (PÊCHEUX, 2010d, p. 52). Observemos esses pontos de deriva nas formulações a seguir:

(XVIII) são brasileiros, mas moram no Paraguai [...] quando foram levados pelos pais [...] para [...] viver melhor. (Recortada da SD2. *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11 – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*) )

(XIX) eles foram atraídos [ao Paraguai] pela promessa de oportunidades [...] (Recortada da SD3. *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*)



Os recortes acima embora pertençam à mesma *rede de sentidos*, uma vez que tratam do mesmo *acontecimento histórico* da migração dos brasileiros para o Paraguai, aparentemente retomam sentidos já construídos historicamente, mobilizados pela mesma rede de memória, expressos nas sequências *foram [...] para viver melhor*, na formulação (XVIII) e *foram atraídos pela promessa de oportunidades*, na formulação (XIX). Se compararmos essas duas formulações, de maneira fragmentada, sem considerarmos que as discursividades foram produzidas em condições distintas de produção, por sujeitos inscritos na PS1 da FD3 (inscreve a imprensa sul-mato-grossense identificada aos saberes dos grupos dominantes do Estado de MS que apoia os *brasiguaios*) e FD4 (inscreve políticos que no âmbito das SD se mostram receptivos aos *brasiguaios*) podemos construir a ilusão de que ambas funcionam como paráfrases uma da outra, mobilizadas pelo viés da *memória discursiva* dos enunciadores.

Um exame mais minucioso, todavia, nos mostra que a repetibilidade dos segmentos “*foram levados [...] para [...] viver melhor*” e “*foram atraídos pela promessa de oportunidades*”, nas sequências mencionadas, não garante a produção do mesmo *efeito de sentido* quando colocadas no interior das SD de onde foram recortadas.

Na sequência (XVIII) o *efeito de sentido* instaurado pelo enunciador é o de associar os imigrantes à condição de *vítimas ingênuas* atraídas ao Paraguai pelo viés de um discurso enganoso de prosperidade. O *não-dito* nessa formulação, mas que o enunciatário pode inferir, é que uma vez que ela foi recortada de uma reportagem que denuncia *brasiguaios* sendo atraídos do Paraguai para conter o esvaziamento do MST, conduzem à interpretação que novamente esses imigrantes estão sendo manipulados por interesses outros.

Na formulação (XIX) o *efeito de sentido* produzido é o de trabalhadores incansáveis, verdadeiros apóstolos do trabalho que em pouco tempo (“*pouco mais de trinta anos*”) conseguiram construir o que os paraguaios não fizeram: “*transformaram o Paraguai num dos maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul*”. O *não-dito* instaura-se pela oposição que o jogo de sentidos oferece à interpretação, podendo ser estabelecido entre *trabalhadores incansáveis, apóstolos do trabalho* (brasileiros) X *preguiçosos, indolentes* (paraguaios). Em outros termos, o *não-dito* é que o brasileiro é trabalhador, enquanto o paraguaio é preguiçoso, daí terem conseguido a transformação econômica do país.

Esse deslizamento de sentidos pode ser explicado pelo viés do esquecimento nº 1, zona onde o *sujeito* se marca pela *dispersão* embora mantenha a *ilusão* de que os sentidos do seu discurso permanecem estabilizados.

Conforme se pode observar, a repetibilidade dos elementos nas sequências (XVIII) e (XIX) não garante a produção do mesmo *efeito de sentido*. Desse modo, mesmo que o dito pertença à mesma *rede de memória*, ou *rede de implícitos*, conforme menciona Pêcheux [1983], 2010d, p. 53), quando colocado em condições diferentes de produção, como nas formulações anteriores, produzirá *efeitos de sentido* diversos.

O fato do dito pertencer à mesma *rede de implícitos* ou *rede de sentidos* pode dar a falsa ilusão que irrompe no discurso de forma estável e sedimentada, aparentando uma repetição ou estabilização de sentidos. Entretanto, quando o dito irrompe em condições discursivas diferentes, na perspectiva de um acontecimento discursivo novo ou se inscrevendo em outra FD, como é o caso das duas sequências que analisamos, essa aparente estabilidade pode ruir e sentidos novos poderão irromper, desfazendo a suposta regularização. À vista disso, todo dizível só ganha *sentido* nas condições de produção em que irrompe e na FD no qual se inscreve. Pertencer à mesma *rede de memória* não garante o mesmo *efeito de sentido*, tampouco a estabilização da memória garante a estabilização dos sentidos. Tudo funciona na perspectiva de um duplo *jogo de força* que pode manter a regularização parafrástica anterior ou desajustá-la, conduzindo a novos sentidos (PÊCHEUX [1983], 2010d, p. 53).

Desse modo, o jogo de força que incide sobre a *memória discursiva* exibe um duplo aspecto, em que de um lado permite o deslizamento e, de outro, mantém a regularização pelo viés da repetição. Em outras palavras, a *memória discursiva* se abre aos deslizamentos, mas também é um espaço de repetição, de retomadas de implícitos, de paráfrases e regularização de sentidos. Essa estruturação material é mantida pelo viés do *interdiscurso*, compreendido como *já-ditos* manifestado por *pré-construídos* e *paráfrases* que, em seu funcionamento, conseguem manter a estabilização das discursividades.

Diante desse jogo de forças em que fatores históricos e ideológicos afetam *sujeitos* e *sentidos*, é possível verificar que as sequências (XVIII) e (XIX) não permitem apenas o deslizamento de sentidos. Elas também manifestam a repetibilidade de certos elementos, que irrompem nos dizeres, pelo viés do *interdiscurso*, visando manter a regularidade pré-existente, conforme podemos constatar em “*foram levados pelos pais [...] para [...] viver melhor*” e “*foram atraídos pela promessa de oportunidades*”, em que as formulações funcionam como paráfrases uma da outra. Segundo Orlandi (2001, p. 36), “Os processos parafrásticos são

aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”. A paráfrase, para a autora, está ao lado da estabilização, da *memória discursiva*. De fato, a repetibilidade proporciona um efeito de estabilidade às sequências analisadas.

Analisando, portanto, as implicações da *memória discursiva* pode-se observar nos recortes analisados marcas de um discurso proveniente da segunda metade do século XX em torno da emigração brasileira que, compreendidas pelo viés do esquecimento nº 1, constituem-se numa zona onde o sujeito *esquece* os sentidos que se formam por meio de processos sócio-histórico-ideológicos que lhes são exteriores. Dessa forma, os sujeitos afetados pela *ideologia* retomam inconscientemente sentidos já construídos historicamente, aqui identificados com a emigração de brasileiros ao país vizinho, na década de 60.

Reconhece-se, ainda, nos segmentos recortados, a ocorrência do esquecimento nº 2, da ordem da enunciação, zona onde o sujeito pode ingressar mais ou menos consciente. O esquecimento de natureza enunciativa caracteriza-se pela incidência de famílias parafrásticas (como em “*para [...] viver melhor*” e “*pela promessa de oportunidades*” em que os sujeitos produzem sucessivamente uma variedade constante do mesmo discurso: *os brasileiros emigraram ao Paraguai buscando oportunidades para terem uma vida melhor*) que fazem com que o sujeito retorne ao mesmo dizer, mantendo uma regularização preexistente em diversas formulações.

Pelo viés do interdiscurso podem-se também analisar outros segmentos presentes nas formulações que se seguem, cuja temática é a invasão e a violência contra a população de brasiguaios:

(29) De cinco anos para cá a “nacionalização” pregada pelo povo paraguaio fez com que grupos armados invadissem terras de brasiguaios e os encurralassem [...] (Recortada da SD29. *Jornal Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10ª – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*).

(30) Há cerca de cinco anos, conforme contam os trabalhadores que vieram do Paraguai, começaram as invasões violentas nas pequenas áreas rurais, que antes eram suas propriedades. (Recortada da SD4. *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11ª – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(31) “[...] transmissões de rádio em guarani exortam os camponeses sem-terra a ataquem os brasileiros, incendiando suas casas ou invadindo suas lojas.” (Recortada da SD6. Pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende, publicado em *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*)

(32) Segundo o senador, mais de 350 mil pessoas formam a comunidade de brasiguaios que há mais de 40 anos foram trabalhar no Paraguai e hoje sofrem constrangimentos e ameaças, sendo inclusive acusadas de falsificação de documentos. (Recortada da SD15. *Jornal Correio do Estado*, *on line*, de Campo

Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*)

(33) [...] o produtor rural brasileiro Altevir Dotto, 59 anos, que há 35 anos vive no Paraguai, disse que os brasileiros vivem uma “situação muito delicada” no país vizinho. – Não sei se o problema é político ou racial, mas existem ameaças de invasão de nossas terras. (Recortada da SD12. *Jornal Correio do Estado, on line*, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

Nas formulações (29), (30), (31), (32) e (33) temos uma variação do discurso proferido em (29), aqui tomado como ponto de referência em relação aos outros discursos. São dizeres que, embora formulados em condições heterogêneas, são parafraseados num espaço de repetição e ativados mediante a retomada de discursos que irrompem a partir da memória que reagrupa acontecimentos e *já-ditos*. É o que podemos observar nos recortes a seguir:

(XX) [...] fez com que grupos armados invadissem terras de brasiguaios [...] (Recortada da SD29. *Jornal Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10<sup>a</sup> – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*)

(XXI) [...] começaram as invasões violentas nas pequenas áreas rurais [...] (Recortada da SD4. *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11<sup>a</sup> – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(XXII) [...] exortam os camponeses sem-terra a ataquem os brasileiros, incendiando suas casas ou invadindo suas lojas. (Recortada da SD6. Pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende, publicado em *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*)

(XXIII) [...] e hoje sofrem constrangimentos e ameaças [...] (Recortada da SD15. *Jornal Correio do Estado, on line*, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*)

(XXIV) [...] mas existem ameaças de invasão de nossas terras. (Recortada da SD12. *Jornal Correio do Estado, on line*, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

Coexistem nesses discursos uma rede interdiscursiva de formulações, garantida pela presença do segmento verbal *invadir* expresso em (XX) e (XXII), com suas respectivas variações (*invadissem/invadindo*) e do item lexical *invasão* (invasões/invasão), presente em (XXI) e (XXIV). Em (XXIII) registramos uma paráfrase por meio da qual os segmentos *invadir/invasão* são substituídos pelas formas nominais *constrangimentos* e *ameaças*, que agem parafrasticamente na linearidade da formulação, não chegando a comprometer a rede interdiscursiva.

Essa interdiscursividade, compreendida como *domínio de memória* (COURTINE, [1981], 2009, p. 111-12; 2006a, p. 79) permite o reagrupamento de dizeres que atestam a existência de uma *memória discursiva* que faz retorno constante no *discurso sobre* os

*brasiguaios* produzido pela imprensa sul-mato-grossense. O enunciado (XXI), nesse aspecto, configura-se como um retorno e um reagrupamento da formulação manifesta em (XX):

(XX) De cinco anos para cá a “nacionalização” [...] fez com que grupos armados invadissem [...] (Recortada da SD29. *Jornal Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10ª – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*)

(XXI) Há cerca de cinco anos [...] começaram as invasões violentas [...] (Recortada da SD4. *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11ª – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

Compreendido dessa forma, pode-se dizer que os enunciados de (XX) e (XXI) foram produzidos no interior de um espaço de repetição, “[...] uma retomada de palavra por palavra, do discurso ao discurso de inúmeras formulações [...]” (COURTINE, 2006a, p. 80). Por conseguinte, é um discurso formado a partir de elementos *pré-construídos*, de formulações de natureza histórico-ideológica, cujo efeito é o de uma cadeia discursiva produzida em série e dispersa no tempo, conforme as datas de sua enunciação deixam perceber.

Na formulação (XX) “*De cinco anos para cá a “nacionalização” pregada pelo povo paraguaio fez com que grupos armados invadissem*” e (XXIV) “*disse que os brasileiros vivem uma ‘situação muito delicada’ no país vizinho*” o uso das aspas marcam uma das formas da *modalização autonímica* (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32), revelando a presença do *Outro* no discurso. Entretanto o *Outro* é marcado nas duas formulações de maneira a gerar diferentes interpretações, no plano das duas enunciações.

Na formulação (XX) o item lexical *nacionalização* marca a presença do *outro* no discurso do sujeito por meio da *heterogeneidade mostrada marcada*, demarcando as fronteiras entre um dizer e outro. Nesse aspecto, o uso das aspas é semelhante ao que ocorre na formulação (XXIV). Entretanto, o uso das aspas em (XX), como elemento modalizador, marca o uso do recurso da ironia como forma de marcar a repulsa do sujeito discursivo ao discurso ideológico estatal paraguaio, que sob o pretexto da *nacionalização* expulsa um contingente significativo de brasileiros daquele país. Desse modo, embora haja a retomada do discurso estatal paraguaio, ela se dá no interior da PS1 da FD3 da imprensa brasileira, produzindo um efeito de sentido diverso que sinaliza a recusa/repulsa do *sujeito enunciator* ou se marca pelo uso das aspas.

O uso das aspas que recobrem o item lexical mencionado, nesse aspecto, manifesta a opinião contrária do falante ao discurso institucionalizado paraguaio, ironizando o que foi dito

de forma a estabelecer um acento de depreciação. O falante, desse modo, constrói a identidade de seu discurso, a partir da desqualificação do discurso do *outro*.

*Na formulação (XXIV) a presença do Outro no discurso é considerada na relação do sujeito discursivo com a exterioridade. As aspas, nesse aspecto, marcam a heterogeneidade discursiva mostrada e marcada de um discurso relatado indireto:*

(XXIV) [...] disse que os brasileiros vivem uma situação “muito delicada” no país vizinho (Recortada da SD11. Jornal *Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

As aspas colocam em evidência, na formulação anterior, um processo de ruptura que se processa no fio do discurso, por meio da sequência *muito delicada*, referindo-se à situação dos brasileiros no Paraguai. A sequência constrói um *efeito de sentido* que ameniza o impacto de um discurso mais contundente, se este fosse o dizer do *sujeito* ao relatar a situação crítica vivida pelos brasileiros naquele país. Desse modo, o segmento funciona, no plano da enunciação, semelhante a um eufemismo, atualizado no discurso do *sujeito enunciador* de modo a substituir um termo mais impactante por um item lexical mais polido, atenuando o *efeito de sentido* que se poderia criar a partir do uso de um *outro*. Isso revela a preocupação do sujeito com a recepção do seu dizer pelo interlocutor.

A preocupação do sujeito em atenuar o impacto do seu discurso sobre os possíveis interlocutores explica-se quando nos debruçamos sobre a formulação (XXIV), analisando-a do ponto de vista das *formações imaginárias* de que fala Pêcheux (2010a, p. 81-2). Dentre os três mecanismos das *formações imaginárias* que podem frequentar os discursos dos sujeitos (*antecipação, relações de força e de sentido*) é o mecanismo de *antecipação* que melhor explica o funcionamento discursivo da sequência (XXIV). O mecanismo de *antecipação* permite ao enunciador se posicionar de um ponto de vista exterior ao seu discurso, projetando uma representação imaginária de seu interlocutor, o que lhe autoriza prever os efeitos de seu discurso sobre o *outro*. Esse *fora-discursivo* admite antecipar os efeitos possíveis que seu dizer poderá instaurar no *outro*, de modo a atenuá-lo ou impactá-lo de acordo com as *condições de produção* em que se realiza o seu discurso.

No entanto quando reconhecemos que o enunciador pode se antecipar às reações do interlocutor, não queremos dizer que se trata de um sujeito consciente que estrutura seus discursos a partir de uma intencionalidade. Estamos falando de sujeitos que constroem representações sobre o *outro* a partir de uma *posição social*, ou seja, do lugar em que se

reconhecem como *sujeitos*, atravessados pela identificação com uma FD determinada e por sua historicidade.

Analisando a sequência (XXIV) do ponto de vista de Ia(A) – *Quem sou eu para lhe falar assim?*– observamos que ela parte de um sujeito enunciador (Altevir Dotto) que enuncia a partir da *posição* social de um imigrante brasileiro identificado à PS2 da FD1, *posição-sujeito* em que se inscrevem, do ponto de vista de nossa pesquisa, os pequenos e médios produtores rurais brasileiros no Paraguai que estão ameaçados de terem suas propriedades invadidas. As *condições de produção* nas quais ocorre esse discurso é a de uma audiência em Brasília, onde produtores *brasiguaios* aguardam para acompanhar uma sessão junto à Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE). Antes da audiência um produtor rural *brasiguai* concedeu a entrevista, objeto do nosso recorte.

Mediante as *condições de produção* explicitadas e da inscrição desse *sujeito* na PS2 da FD1, na perspectiva *do que pode e deve ser dito*, compreendemos que o seu discurso é regulado pelas *condições de produção* descritas, já que está concedendo uma entrevista à imprensa a partir da *posição* de porta-voz de um grupo. O lugar social de onde fala o coloca em posição de reivindicar as demandas sociais e políticas dos pares que representa, já que enuncia a partir de uma posição socialmente legitimada e de um lugar que lhe confere o direito de poder falar em nome dos seus pares. As condições de produção, a cena enunciativa e a *posição* de onde fala justificam, desse modo, a mobilização de um discurso mais polido que do ponto de vista da *antecipação* se mostra mais apropriado à aceitação de quaisquer tipos de leitores.

Retomamos, no quadro a seguir, o conjunto de *efeitos de sentido* (analisados nas subseções 4.8.1 e 4.8.2) que sujeitos enunciadorees brasileiros e paraguaios, identificados à (FD3) e (FD5) constroem quando mobilizam a designação *brasiguai*/*brasiguayo* em suas discursividades. Lembramos que há três *posições-sujeito* identificadas à FD3 (formação discursiva que inscreve a imprensa brasileira no âmbito de nossa pesquisa) e duas *posições-sujeito* identificadas à FD5 (na qual se inscrevem sujeitos de várias classes sociais da sociedade paraguaia):

<b>FD3</b> (imprensa brasileira)	PS1: apoia e elogia os <i>brasiguaios</i> enquanto eles não são um problema para o governo e os ruralistas brasileiros;
	PS2: criminaliza os <i>brasiguaios</i> quando estes se engajam na luta pela terra no Brasil;
	PS3: democrática, se abre às discussões dos problemas agrários com interlocutores de ambos os lados da fronteira.

<b>FD5</b> (paraguaios de diversas classes sociais)	<b>PS1:</b> contrária à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai, compartilha o <i>ideário nacionalista</i> em defesa da soberania paraguaia. <b>PS2:</b> contrária à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai, enuncia discursos de natureza preservacionista.
--	--

O quadro a seguir mostra que os sentidos também deslizam para diferentes regularizações quando observados à luz destas diferentes *posições-sujeito* inscritas na FD3 e FD5:

<b>PERCURSO IDEOLÓGICO DA DESIGNAÇÃO BRASIGUAIO/BRASIGUAYO À LUZ DAS FD3 E FD5</b>			
FD	PS	CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	EFEITOS DE SENTIDOS INSTAURADOS EM TORNO DA DESIGNAÇÃO
FD3	PS1	Retorno dos <i>brasiguaios</i> ao Brasil	<i>Brasiguaiio:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>• brasileiro que mora no Paraguai desde criança,</li> <li>• produtor brasileiro que vivem no Paraguai;</li> <li>• brasileiro que transformou o Paraguai num dos maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul;</li> <li>• produtor rural brasileiro radicado no Paraguai ;</li> <li>• trabalhador que veio do Paraguai;</li> <li>• cidadão com dupla nacionalidade expulso do país vizinho;</li> <li>• vítima de um duplo processo de expulsão nacional;</li> <li>• brasileiro que está sendo expropriado e expulso, de modo violento, de um país que ajudou a construir.</li> </ul>
FD3	PS2	Retorno dos <i>brasiguaios</i> ao Brasil	<i>Brasiguaiio:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>• indesejável, perigoso, forasteiro, bandido que ameaça a ordem social das cidades brasileiras localizadas ao longo da fronteira com o Paraguai;</li> <li>• saqueador e marginal.</li> </ul>
FD3	PS3	Retorno do <i>brasiguaiio</i> ao Brasil	<i>Brasiguaiio:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>• prefeitos e vereadores no Paraguai.</li> </ul>
FD5	PS1	Conflitos agrários no Paraguai	<i>Brasiguayo:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>• invasor estrangeiro;</li> <li>• usurpador de propriedades de paraguaios pobres;</li> <li>• grande latifundiário;</li> <li>• capitalista que só visa lucro, imperialista;</li> <li>• novo bandeirante (colonizador);</li> <li>• todo imigrante brasileiro que vive no Paraguai, indistintamente.</li> </ul>
FD5	PS2	Conflitos agrários no Paraguai	<i>Brasiguayo:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>• destruidor da natureza, do meio ambiente;</li> <li>• plantadores de soja;</li> <li>• depredadores de recursos naturais do Paraguai;</li> <li>• exploradores ambientais e destruidores locais.</li> </ul>

Quadro 27: Trajeto temático da designação *brasiguaiio/brasiguayo* à luz das FD3 e FD5



Deste modo, observa-se que diferentes *efeitos de sentido* que vão sendo produzidos quando a designação *brasiguaiio/brasiguayo* emerge nas discursividades de sujeitos enunciadorees brasileiros (FD3) e paraguaios (FD5) em distintas *condições de produção*.

Considerando que essas designações provêm de diferentes sequências discursivas, pode-se inferir que há uma verdadeira dispersão lexical nos modos de designar utilizados pelos sujeitos enunciadorees dos dois países, quando se referem ao *brasiguaiio/brasiguayo*. Se pensarmos que o nome dá existência aos grupos (SERIOT, 2001, p. 16) e que categorizam os sujeitos nomeados ao mesmo tempo em que *fabricam discursivamente* suas identidades, concluimos que esta dispersão lexical produz um efeito de indefinição dessa identidade. Isso atesta o fato de que a linguagem não é transparente e que é necessário ao analista se afastar da regularidade da paráfrase e das “evidências” das materialidades discursivas para chegar ao verdadeiro sentido.

Nesse aspecto, como foi-nos dado apontar, ao longo de nossas análises, temos que considerar que a recorrência da designação (a repetibilidade) não garante a mesma produção de *efeito de sentido*, pois quando colocada em condições diferentes de produção, em situações discursivas diversas ou quando se inscreve em outra FD, conforme constatamos no quadro anterior, não produz os mesmos sentidos. À vista disso, podemos afirmar a partir do quadro 27 que o *sentido* da designação só irrompe quando considerado à luz das condições de produção em que aparece e da FD na qual se inscreve. O deslocamento de sentidos aponta, assim, para o que estamos designando de *jogo oblíquo dos efeitos de sentidos* produzido a partir da designação *brasiguaiio* (FD3) e *brasiguayo* (FD5).

A dispersão lexical construída para designar os mesmos sujeitos no interior das FD3 e FD5 (*brasiguaios, brasiguayos, produtores rurais, cidadãos com dupla nacionalidade, vítimas, indesejáveis, saqueadores, invasores estrangeiros, usurpadores de propriedades de paraguaios pobres, grandes latifundiários, etc.*) pode ser explicada pela temporalidade do acontecimento, compreendido como “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2002, p.17) a partir de diferentes gestos de interpretação dos sujeitos, que produziram diferentes *efeitos de sentido* em suas discursividades.

Nas formulações que se seguem (*discurso sobre*), observa-se a existência de um conjunto de *posições-sujeito*, expressas em diferentes modos de enunciação, que estão condicionados a discursos institucionalizados:

(34) “Esta matança de camponeses aconteceu como resultado de um processo de violência policial instigado pelos latifundiários descontentes com o presidente Lugo [...] Latifundiários brasileiros como Tranquilo Favero, o produtor de soja mais rico do Paraguai, estão interessados em desestabilizar o governo, eles querem que Lugo caia” declarou Martín Almada, o mais importante representante do movimento dos direitos humanos paraguaio. (Recortada da SD16. Reportagem publicada no *Blog* do Professor Fernando Massote. Título: *Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo*. Política Internacional: 27/06/2012)

(35) “[...] eles foram atraídos pela promessa de oportunidades e, em pouco mais de 30 anos, transformaram o Paraguai num dos maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul [...]” (Recortada da SD2. Jornal *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*)

(36) Quais as providências que estão sendo tomadas pelo Itamaraty em apoio aos brasiguaios – produtores brasileiros que vivem no Paraguai – serão os pontos principais da audiência, [...] que a Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA) terá com o ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota. A posição foi manifestada, [...] pelo senador Waldemir Moka (PMDB), vice-presidente da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA). (Recortada da SD12. Jornal *Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*)

(37) Segundo se informa, o chanceler Amorim vem a Asunción preocupado pela situação dos brasiguaios. Desde a época da colonização sulamericana, o Brasil não parou de expandir-se para o oeste. Mais além das fronteiras oficiais, os brasiguaios hoje já estão instalados na metade da região oriental e no interior do departamento (estado) de Alto Paraguay. (Recortada da SD24. *Sopa Brasiguaiá – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*)

Observa-se, nestes enunciados, a existência de um conjunto de *posições-sujeito* compreendidas a partir dos lugares sociais que ocupam os sujeitos enunciadore e das FD com as quais se identificam. Essas posições estão expressas em diferentes modos de enunciação, que derivam da estrutura político-ideológica que esses sujeitos representam (PÊCHEUX, 2010a, p. 75). O lugar social a partir do qual enunciam lhes confere o poder de dizer, como representantes legítimos do poder público e da sociedade organizada.

Podemos identificar na sequência (34) um sujeito (Martín Almada) que fala a partir do lugar social de prêmio Nobel da Paz alternativo e representante do discurso em favor dos direitos humanos, no Paraguai. Esse sujeito enunciadore se identifica aos saberes da PS1 inscrita na FD6, cujos discursos pregam a pacificação/integração entre paraguayos e *brasiguayos*. O discurso de Almada foi publicado pelo *Blog* brasileiro de Fernando Massote que se inscreve na PS3 identificada à FD3.

No recorte (35) o sujeito se pronuncia a partir do discurso do *Poder Legislativo* brasileiro, enunciando do lugar discursivo de deputado federal do PMDB e identificado, em nossa pesquisa, com uma única *posição-sujeito* (PS) inscrita em FD4.

Na SD (36) o articulista do jornal *Correio do Estado* (PS1 identificada à FD3) se reporta ao representante da diplomacia brasileira inscrito, neste estudo, na FD4.

Na sequência (37) o articulista do Jornal paraguaio *ABC Color* (identificado à PS1 da FD5) comenta a visita do chanceler da Presidência da República, Celso Amorim ao Paraguai. O chanceler identifica-se à *posição-sujeito* única (PS) inscrita na FD4.

Reconhece-se nas sequências (34) a (37) um quadro de *relações de força* e de *sentido* de natureza hierarquizada e que se sustenta no poder dos diferentes lugares sociais e discursivos ocupados por esses sujeitos, assim como no conjunto dos discursos oficiais que provêm desses lugares. Desse modo, entende-se que os sujeitos se expressam condicionados por determinações ideológicas que emanam das instituições sociais que representam como podemos verificar no recorte de número (34) em que o deputado federal Geraldo Resende fala a partir da posição de representante do poder legislativo brasileiro. Todos esses sujeitos, de (34) a (37) possuem competência jurídica para enunciar tais discursos, uma vez que enunciam como “sujeito[s] de direito [...] efeito de uma estrutura social bem determinada[.]” (ORLANDI, 2001, p. 51).

A partir da competência desses sujeitos, que falam sob uma rubrica institucional, podemos inscrever esses segmentos em diferentes campos das relações de força, examinando-se as *formações discursivas* nas quais se inscrevem. Em (34) reconhecemos um sujeito que se identifica aos saberes que atravessam a FD7 (campesinato paraguaio) pois analisa os conflitos por terra no Paraguai (que deram origem à *matança de campesinos* e às articulações da FD2 – grandes latifundiários brasileiros no Paraguai - para a derrocada do presidente Lugo) pelo viés do discurso dos direitos humanos. Em (35), (36) e (37) observa-se o registro de três ações de apoio aos *brasiguaios* desencadeadas a partir da *posição-sujeito* (PS) inscrita na FD4. As sequências (35) e (36) registram as discursividades do deputado federal do PMDB Geraldo Resende (*eles foram atraídos pela promessa de oportunidades*) e do Senador Waldemir Moka (*providências [...] de apoio aos brasiguaios*), ambas identificadas à PS da FD4. A sequência (36) faz referência às ações empreendidas pelo chanceler brasileiro Celso Amorim, que atua a partir da posição de representante do Itamaraty, também identificado à PS da FD4.

É importante considerarmos, ainda, os processos de *interpelação ou subjetivação do sujeito falante pelo sujeito ideológico*. Desse ponto de vista, os discursos de (34) a (37) em seu funcionamento, podem ser compreendidos como produzidos por sujeitos que se apropriam de discursos institucionalizados, perpetuando ideologias provenientes do aparelho administrativo que representam. Em outras palavras, de (34) a (37) tem-se um conjunto de sujeitos nomeados (Martín Almada, Geraldo Resende, Antônio Patriota, Waldemir Moka e Celso Amorim) que enunciam como *porta-vozes* legítimos de máquinas políticas.

Por fim, acompanhamos no decorrer de várias seções deste capítulo as diferentes regularizações de sentido em torno da *denominação/designação brasiguayo/brasiguai* à luz de diversas FD. No quadro que se segue, relembramos todas as FD e *posições-sujeito* individuadas nesta pesquisa:

QUADRO-SÍNTESE COM TODAS AS FD E POSIÇÕES-SUJEITO MOBILIZADAS NESTE ESTUDO		
FD1	PS1	Camponeses <i>brasiguayos</i> pobres, fracassados, Sem Terra, expulsos do Paraguai.
	PS2	Pequenos e médios produtores rurais brasileiros no Paraguai que assumem a denominação de <i>brasiguayos</i> .
FD2	PS1	Grandes produtores rurais brasileiros no Paraguai.
	PS2	Imigrantes brasileiros que se lançam à vida política para defenderem os interesses dos latifundiários brasileiros naquele país.
FD3	PS1	Imprensa brasileira que apoia e elogia os <i>brasiguaios</i> enquanto eles não são um problema para o governo e os ruralistas do país.
	PS2	Imprensa brasileira que criminaliza os <i>brasiguaios</i> quando estes se engajam na luta pela terra no Brasil.
	PS3	<i>Blogs</i> brasileiros (democráticos) que se abrem às discussões dos problemas agrários com interlocutores de ambos os lados da fronteira.
FD4	PS	Políticos e partidos políticos brasileiros que, no âmbito desta pesquisa, se mostram favoráveis às demandas <i>brasiguaias</i> .
FD5	PS1	Sujeitos procedentes de diversos setores e classes sociais paraguaias que são atravessados pela FD contrária à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai, compartilhando do <i>ideário nacionalista</i> em defesa da soberania paraguai.
	PS1	Sujeitos atravessados pela FD contrária à presença de <i>brasiguayos</i> no Paraguai contrários e que enunciam <i>discursos preservacionistas</i> .
FD6	PS1	Sujeitos procedentes de diversos setores e classes sociais paraguaias favoráveis à permanência do <i>brasiguayo</i> no Paraguai e que enunciam <i>discursos de integração e pacificação entre brasileiros e paraguaios</i> .
	PS2	Sujeitos favoráveis à permanência do <i>brasiguayo</i> no Paraguai e que enfatizam o <i>desenvolvimento econômico</i> daquele país após a chegada do imigrante brasileiro.
FD7	PS	Campesinos paraguaios cujos saberes migraram da FD7 atravessando as fronteiras da FD5 onde estão inscritos sujeitos cujos discursos são contrários à permanência do <i>brasiguayo</i> no Paraguai.
FD do MST	PS1	Sem Terra brasileiros do MST.
	PS2	<i>Brasiguaios</i> expulsos do Paraguai que se alocam em acampamentos do MST.

Quadro 28: Quadro-síntese de todas as FD e posições-sujeito mobilizadas na pesquisa

No quadro-síntese 29 que se segue reunimos o *percurso ideológico* dessa nomeação apreendido ao longo de todas as análises desenvolvidas:

PERCURSO IDEOLÓGICO DA DENOMINAÇÃO/DESIGNAÇÃO BRASIGUAYO/BRASIGUAIO		
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	FD	DESLIZAMENTOS DE SENTIDOS EM TORNO DA DENOMINAÇÃO/DESIGNAÇÃO
1. Emigração brasileira para o Paraguai na década de 60.	FD1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Emigrantes brasileiros (nordestinos, mineiros, descendentes de europeus, etc.) que cruzaram a fronteira física Brasil-Paraguai em busca de terras baratas e agriculturáveis ou para atuar em frentes de trabalho no Paraguai.</li> </ul>
2. O <i>acontecimento enunciativo brasiguayo/brasiguai</i> irrompe, em 1985, no cenário político mundial.	FD1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Camponês marginalizado no Paraguai;</li> <li>imigrante brasileiro fracassado no Paraguai;</li> <li>Sem Terra; sem recursos no Paraguai;</li> <li>imigrante expulso do Paraguai e que começava a retornar derrotado ao Brasil.</li> </ul>
3. Aumento dos conflitos por terra no Paraguai entre imigrantes brasileiros e campesinos paraguaios.  4. Início das invasões de terras de imigrantes brasileiros no Paraguai.	FD1	<ul style="list-style-type: none"> <li>O pequeno e médio proprietário de terra no Paraguai, em situação regular no país, se apropria da denominação <i>brasiguayo</i> fabricando uma identidade de ocasião.</li> </ul>
5. Imigrante brasileiro inscrito na FD2 (político) passa a adotar a denominação de <i>brasiguayo</i> para defender o interesse dos latifundiários brasileiros no Paraguai.	FD2	<ul style="list-style-type: none"> <li>O imigrante brasileiro inscrito na FD2 no Paraguai também se apropria da denominação <i>brasiguayo fabricando</i>, circunstancialmente, <i>uma identidade</i> de ocasião.</li> </ul>
6. Retorno dos <i>brasiguaios</i> ao Brasil	FD3	<ul style="list-style-type: none"> <li>Brasileiros que moram no Paraguai desde crianças, quando foram levados pelos pais em busca de terras mais baratas para plantar e viver melhor;</li> <li>produtores brasileiros que vivem no Paraguai;</li> <li>brasileiros que transformaram o Paraguai num dos maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul (segundo o discurso do sujeito da FD3);</li> <li>produtores rurais brasileiros radicados no Paraguai ;</li> <li>trabalhadores que vieram do Paraguai;</li> <li>cidadãos com dupla nacionalidade, expulsos do país vizinho;</li> <li>vítimas de um duplo processo de expulsão nacional;</li> <li><i>brasileiros</i> que estão sendo expropriados e expulsos, de modo violento, de um país que ajudaram a construir;</li> <li>cidadãos com dupla nacionalidade;</li> <li>indesejáveis, perigosos, forasteiros, bandidos que ameaçam a ordem social das cidades brasileiras localizadas ao longo da fronteira com o Paraguai;</li> <li>saqueadores e marginais.</li> </ul>

PERCURSO IDEOLÓGICO DA <i>DENOMINAÇÃO/DESIGNAÇÃO</i> <i>BRASIGUAYO/BRASIGUAIO</i>		
7. Retorno dos <i>brasiguaios</i> ao Brasil	FD4	<ul style="list-style-type: none"> <li>Grupo de trabalhadores brasileiros que foram atraídos ao Paraguai pela promessa de terras e melhores oportunidades;</li> <li>brasileiros cujas propriedades estão sendo invadidas e incendiadas no Paraguai;</li> <li>brasileiros que há mais de 40 anos foram trabalhar no Paraguai.</li> </ul>
8. Invasão de propriedades de imigrantes brasileiros no Paraguai, após a irrupção de movimentos de luta pela terra naquele país.	FD5 e FD7	<ul style="list-style-type: none"> <li>Usurpadores de propriedades paraguaias;</li> <li>invasores de terras de camponeses paraguaios pobres;</li> <li>imigrantes ricos, imperialistas;</li> <li>grandes latifundiários;</li> <li>destruidores da natureza; depredadores dos recursos naturais paraguaios;</li> <li><i>sojeros</i>;</li> <li>imigrantes pobres que não ascenderam socialmente e que, muitas vezes, já regressaram ao Brasil;</li> <li>descendente de imigrantes brasileiros nascidos no Paraguai;</li> <li>capitalistas impiedosos; novos bandeirantes; expansionistas;</li> <li>todos os imigrantes que vivem no Paraguai, indistintamente.</li> </ul>
9. Invasão de propriedades de imigrantes brasileiros no Paraguai, após a irrupção de movimentos de luta pela terra naquele país.	FD6	<ul style="list-style-type: none"> <li>Trabalhadores que ajudam no desenvolvimento econômico do Paraguai;</li> <li>trabalhadores incansáveis; apóstolos do trabalho no Paraguai;</li> <li>exemplos de obstinação pelo trabalho no Paraguai.</li> </ul>
10. Retorno dos <i>brasiguaios</i> ao Brasil	FD do MST	<ul style="list-style-type: none"> <li>A denominação <i>brasiguai</i> passa a identificar o Sem Terra, expulso do Paraguai que retorna ao Brasil e se aloca nos acampamentos do MST para lutar pela terra em território brasileiro.</li> </ul>
11. Pressão do poder público do Estado de MS para o retorno dos <i>brasiguaios</i> ao Paraguai e demora no reconhecimento dos direitos de cidadania do grupo pelo governo Federal.	FD do MST	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sem Terra e sem pátria;</li> <li>nova geração de palestinos;</li> <li>apátridas.</li> </ul>

Quadro 29: Trajeto temático da designação *brasiguai*/*brasiguayo* à luz das FD1, FD2, FD3, FD4, FD5, FD6, FD7 e FD do MST

O exame do quadro-síntese 29 nos permite constatar que da FD1 a FD7 a *denominação/designação brasiguai/brasiguayo* sofre múltiplos deslizamentos de sentido, sendo apropriada por sujeitos inscritos em diferentes FD. Deste modo, sob a aparência de uma mesma *denominação/designação* oculta-se um jogo de sentidos que só se revela quando a nomeação é analisada na perspectiva das condições de produção em que emerge e na FD na qual se inscreve.

Na FD1, por exemplo, observamos a PS1 que se automeia *brasiguayo* e ao se denominar *constrói discursivamente a própria identidade*. Na mesma FD1, no entanto,

inscreve-se a PS2 que se *apropria da denominação brasiguayo fabricando uma identidade discursiva de ocasião* em decorrência das *condições de produção*.

Semelhante desregulação de sentidos pode ser observada na FD2, quando sujeitos ligados à elite política paraguaia (PS2 inscrita na FD2) também se apropriam da denominação *fabricando* a própria identidade. Desse modo, diferentes *posições-sujeito* identificadas a distintas FD vão produzindo *efeitos de sentido* diversos ao se apropriarem da denominação.

Para além das FD1 e FD2 já mencionadas, esse antagonismo também pode ser observado no interior da FD do MST por ocasião do retorno dos *brasiguaios* e de sua alocação nos acampamentos dos Sem Terra brasileiros. Neste caso específico, a *autonomeação* instaura um *duplo efeito de luta de classes*: primeiro em torno da *construção da identidade brasiguayo* no interior da FD do MST e, depois, pela *demarcação do brasiguayo* como uma *posição-sujeito* distinta dos *Sem Terra brasileiros*.

Na FD5 (com a qual se identificam os setores paraguaios contrários à presença do *brasiguayo*) confirmamos mais uma vez esse antagonismo quando observamos que a designação remete a sentidos opostos, regulados pela identificação com a *forma-sujeito contrária* ou *favorável* à permanência do *brasiguayo* no Paraguai. O atravessamento de saberes da FD7, examinados no interior da FD5, também faz com que os sentidos em torno da designação se singularizem na FD7 do campesinato paraguaio.

Desse modo, o vaivém de sentidos em torno da denominação *brasiguayo/brasiguayo* vai sendo negociado, de FD a FD, na dispersão e circulação dos discursos, produzindo contradições no entremeio das FD que atravessa. Pelo viés dessa contradição, capturada nos *efeitos de sentido* produzidos em torno da *denominação/designação*, em cada FD analisada, pode-se observar o embate ideológico que atravessa as diferentes classes sociais em ambos os lados da linha de fronteira.

O exame dessas FD e *posições-sujeito* mostram, assim, que o lugar de produção dos discursos, longe de ser pacífico, é um campo ativo de *relações de força* atravessado por práticas que organizam e interditam *o que pode e deve ser dito* em determinadas condições de produção, que só podem ser capturadas na deriva das discursividades dos sujeitos e na desconstrução das “evidências” de seus discursos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a pretensão de traçar conclusões definitivas sobre as questões tratadas nesta pesquisa, uma vez que em AD toda conclusão é da ordem da ilusão e da incompletude, é possível, no entanto, refletir no interior das fronteiras temáticas que nos dispusemos a investigar.

Nesta tese o drama em torno da questão agrária, vivido pelo sujeito duplamente denominado *brasiguai/brasiguayo*, esteve no horizonte de nossas investigações, transformando-se em *objeto de análise* para refletirmos em torno de questões como *discurso* (nosso *objeto teórico*) *memórias e fabricação/construção discursiva das identidades*.

Partindo do tema *Discursos, memórias e fabricação/construção discursiva da identidade: os brasiguaios nos dois lados da linha*, individuamos 7 FD e 13 *posições-sujeito*, analisadas em 77 sequências discursivas, sustentando-nos na *Análise do Discurso de linha francesa (AD)* pelo viés da voz teórica de Michel Pêcheux. Nesse aspecto, debruçamo-nos no exame dos múltiplos sentidos instaurados em torno da denominação/designação *brasiguai/brasiguayo*, em ambos os lados da fronteira Brasil-Paraguai.

Por força de responder ao universo de questões que orientaram este estudo, retomamos alguns aspectos estudados nesta tese.

A propósito das questões *quem são os brasiguai, os motivos que os levaram a migrar para o país vizinho, os conflitos e polêmicas em torno de sua presença no Paraguai e a razão de sua volta ao Brasil, junto ao MST*, as análises apontaram o aparecimento da denominação/designação *brasiguai/brasiguayo* como um *acontecimento enunciativo* que irrompeu durante o século XX, após inúmeros emigrantes brasileiros terem cruzado a fronteira física Brasil-Paraguai, expulsos pelo agravamento dos conflitos nos campos brasileiros. Essas tensões foram causadas pelo processo de mecanização da agricultura brasileira e de construções como a Hidrelétrica de Itaipu que, durante os anos 60 e 70, desterraram grande parte das populações rurais pobres daquela região do Brasil. No Paraguai, entretanto, as terras concedidas por Stroessner aos brasileiros alimentavam grande parte da população rural daquele país, constituída por indígenas e camponeses.

No limiar do século XX, após o fim da Ditadura Stroessner, movimentos camponeses de luta pela terra começaram a se organizar, dando início a uma série de conflitos fundiários que desencadearam invasões de propriedades de imigrantes brasileiros e resultaram na expulsão de boa parte deles do Paraguai. No movimento de retorno, sem a ajuda do governo



brasileiro, alocaram-se em acampamentos do MST, incorporando-se mais uma vez à histórica luta pela terra, no Brasil, que haviam deixado para trás desde a década de 60.

A partir dessa expulsão, todas as ações empreendidas pelo *brasiguaiio/brasiguayo*, incluindo-se a sua autonomização, passaram a discursivizar o *acontecimento enunciativo* de seu surgimento, de modo que esse sujeito começou a se inscrever na língua pelo viés da denominação/designação assumida.

O exame da autonomização é fundamental para apontarmos *como a denominação brasiguaiio/brasiguayo marca discursivamente a identidade desse sujeito*. Do ponto de vista *semântico-enunciativo* o exame da denominação/designação assinala a junção de dois sintagmas (brasileiro e paraguaio) que dá origem a um terceiro, duplamente enunciado (*brasiguaiio/brasiguayo*). A dupla denominação remete à autoidentificação e à reconstituição da identidade desses sujeitos. A emergência desse terceiro sintagma origina-se de um processo de ruptura com as duas identidades com as quais o sujeito anteriormente se identificava. Desse modo, as *condições de produção* de repatriamento, determinam a subjetivação do sujeito por meio da criação de uma terceira identidade, construída discursivamente, que sintetiza novos valores e símbolos adotados pelo grupo, assim como a busca de outras relações de pertencimento.

Cabe observar, ainda, que o ato de nomear tem implicações profundas nas interações sociais, determinando *relações de força* que são mecanismos de sujeição presentes nas sociedades. Seriot (2001, p. 16-7) nos aponta essa questão quando lembra que o nome é um objeto simbólico que dá existência aos grupos e, ao mesmo tempo, cristaliza oposições entre eles. Pêcheux também reflete acerca do *nome* lembrando que “o significante toma parte na interpelação-identificação do indivíduo em sujeito” (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 241). Desse modo, o nome é uma *modalidade discursiva* que designa o sujeito e o inscreve no discurso desde o seu nascimento, embora opere sobre ele de forma incompreensível, uma vez que interpela o indivíduo em sujeito de seu discurso produzindo-o como *causa de si sob a forma da evidência primeira* (Idem, p, 243) como se *sempre já* fosse sujeito.

Assim sendo, o nome interpela o indivíduo em sujeito de seu discurso e *fabrica* discursivamente uma identidade trazendo um *outro* à existência. Nesse aspecto, denominar é um processo que instaura sempre *relações de poder*, pois estabelece diferenças entre os grupos. É também um ato jurídico, pois o nome que se dá a um grupo tem que ser reconhecido pelos *aparelhos ideológicos* do Estado. Em outros termos, a denominação é uma

forma de dizer que os grupos não são iguais. Ao mesmo tempo, a denominação de um grupo o torna visível para o social.

Essa desigualdade entre os grupos pode ser constatada ao se observar que a denominação/designação *brasiguaiio/brasiguayo*, em sua opacidade, instaura efeitos de sentidos diversos quando analisados em cada lado da fronteira Brasil-Paraguai e no interior das FD em que é acionado, ou quando passa a marcar distinções entre as duas *posições-sujeito* (*brasiguaios* e Sem Terra brasileiros) no interior da FD do MST.

Esse último aspecto pode ser observado a partir da chegada dos repatriados aos acampamentos do Movimento Sem Terra, quando os *efeitos de sentido* em torno da denominação deslizam novamente. A irrupção da denominação marca, assim, a necessidade de autoidentificação. Os *efeitos de sentido* instaurados em torno da denominação no interior da FD em que se inscreve o discurso do MST acabam por revelar um embate ideológico, configurado pelo viés de um jogo de *relações de força* acionado em torno da construção da própria identidade e da demarcação de um espaço político entre o *brasiguaiio* e o militante do Movimento Sem Terra.

A análise do *jogo oblíquo de efeitos de sentido* em torno da dupla denominação/designação indica que os sentidos instaurados, em ambos os lados da linha de fronteira Brasil-Paraguai, resultam das *condições de produção* dos discursos e das FD nas quais se inscrevem os sujeitos enunciativos. Entretanto, se os sentidos em cada lado da linha fronteira portam diferentes regulações, os *acontecimentos históricos* das disputas entre os dois estados nacionais aparecem como temática comum que frequenta as discursividades de brasileiros e paraguaios. A lembrança das disputas históricas entre as duas nações irrompe nos discursos pelo viés da *memória discursiva* dos sujeitos, reacendendo as lembranças de antigas rixas entre os dois estados nacionais pela delimitação das fronteiras entre os dois países. Desse modo, verifica-se na nova fase litigiosa de conflitos por terra no Paraguai, discursividades inflamadas que se multiplicam, em ambos os lados da fronteira, exaltando nacionalismos.

Do lado brasileiro, as análises mostram que as denominações/designações flutuam de acordo com o jogo de interesses políticos que irrompe em determinadas *condições de produção*. Assim, no período histórico em que o *brasiguaiio* é expulso do Paraguai a imprensa e muitas vozes políticas, no Brasil, se erguem construindo a imagem dos repatriados como um grupo de trabalhadores brasileiros que foram atraídos ao Paraguai e enganados pela promessa de terras e melhores oportunidades. Em outras *condições de produção*, quando o *brasiguaiio*,

já no Brasil, participa de ações junto ao MST, passa a ser marginalizado nas *relações de poder* com os grupos socialmente estabelecidos, tendo seu nome associado à condição de *indesejável, perigoso e forasteiro*, sujeito cuja presença torna-se ameaça à ordem social das cidades fronteiriças.

Do lado paraguaio da fronteira a designação *brasiguayo* apresenta-se como uma forma de *identificação* indefinida que resulta de um *jogo oblíquo de efeitos de sentido* construído num quadro de *relações de força* distinto, em função de determinadas *condições de produção*. O exame das discursividades mostra que os *efeitos de sentido* instaurados em torno da designação emergem de acordo com os interesses explicitados ou ocultados por sujeitos, que acionam discursos regulados pela identificação com determinada *formação discursiva*, na perspectiva do que *pode e deve ser dito*, articulando seus dizeres a partir do lugar em que se reconhecem como sujeitos.

Nossas análises apontam múltiplos *efeitos de sentido* mobilizados em torno da designação *brasiguayo* atravessando a sociedade paraguaia. Dentre eles, registra-se a designação *brasiguayo* associada aos *efeitos de sentido* de *usurpadores de propriedades, destruidores do meio ambiente, invasores de terras que deveriam pertencer aos camponeses paraguaios pobres*, por um lado, e, por outro, como *apóstolos do trabalho, imigrantes que ajudam no desenvolvimento econômico paraguaio, grandes latifundiários, plantadores de soja, descendentes de imigrantes brasileiros nascidos no Paraguai e adaptados à cultura daquele país e todos os imigrantes brasileiros que vivem atualmente no Paraguai, indistintamente*. Estes diferentes *efeitos de sentido* que ressoam ao mesmo tempo, podem provocar a ilusão que são mobilizados indistintamente quando, na verdade, são determinados pelo lugar discursivo a partir do qual o sujeito do discurso enuncia.

O exame das discursividades mostrou, ainda, que os sentidos que atravessam o campo social paraguaio são identificados, ideologicamente, aos saberes que atravessam várias FD nas quais se inscrevem sujeitos de várias classes sociais do país. Esses sujeitos se dividem entre aqueles que reproduzem o discurso crítico contra o que denominam de *invasão estrangeira* e outros que apoiam a imigração brasileira, mobilizando sentidos de legitimação e integração entre paraguaios e *brasiguayos* no âmbito das relações sociais. Circulam, portanto, no campo social paraguaio simultaneamente discursos *favoráveis* e *desfavoráveis* à presença dos imigrantes brasileiros no país, os quais são responsáveis pela construção do imaginário do povo paraguaio em relação à presença brasileira na região.

Com relação à *FD do campesinato paraguaio*, embora muitos intelectuais comparem o movimento campesino paraguaio ao MST, uma vez que ambos reivindicam a reforma agrária e adotam formas de ações semelhantes centradas nas ocupações de terras, as formas diversas de organização exibidas pelos dois Movimentos, os saberes com os quais se identificam e a condução na luta pela terra nos permitem compreender que são organizações distintas. Assim, embora se identifiquem com a mesma formação ideológica e mobilizem o mesmo argumento em torno da reforma agrária, não se inscrevem na mesma *formação discursiva*, pois trata-se de dois movimentos sociais historicamente diferentes

Cabe notar, ainda, que grande parte dos saberes identificados à FD7, na qual se inscreve o campesinato paraguaio, atravessou as fronteiras da FD5 onde se inscrevem sujeitos contrários à permanência dos *brasiguayos* naquele país. Dessa forma, campesinos e grande parte das classes sociais paraguaias assumem posicionamentos semelhantes nas questões que envolvem brasileiros e *brasiguayos*.

Em função da co-existência desses diferentes *efeitos de sentido* decorre o que designamos de *jogo oblíquo de efeitos de sentido* instaurado em torno da denominação/designação *brasiguaiio/brasiguayo* por *posições-sujeito* em ambos os lados da linha de fronteira. Nesse aspecto, a nomeação que poderia figurar como uma mera identificação fronteiriça acaba se tornando uma forma de *identificação* indefinida, negociada conforme os interesses dos grupos sociais postos em jogo.

À vista de todas estas questões, pode-se concluir que a designação *brasiguayo* está associada, no Paraguai, a uma *fabricação discursiva* heterogênea de identidade, que situa o imigrante brasileiro no *entremeio* de uma identidade brasileira parcialmente perdida e uma identidade paraguaia não reconhecida, em decorrência de processos de luta de classes naquele país. O paradoxo que se verifica em torno dessa questão é que, embora os *efeitos de sentido* se desloquem assumindo valores positivos ou negativos de acordo com as condições de produção, observa-se que os sujeitos-enunciadores ao utilizarem a designação *brasiguayo* acabam por legitimá-la, contribuindo para o reconhecimento da existência social do grupo.

Diante de um quadro de disputas o *brasiguayo* acaba sintetizando a contraditória experiência de repulsão e integração, redefinindo a própria identidade de acordo com as condições históricas estabelecidas na relação tensa com o *outro* (com o nativo paraguaio) regulado pelos interesses políticos, sociais e econômicos postos em jogo.

Todas as questões apontadas comprovam que as identidades, tanto no Brasil quanto no Paraguai, longe de estarem consolidadas encontram-se em permanente redefinição, assumindo um caráter dinâmico e relacional nos aparatos discursivos e institucionais em cada lado da fronteira, agrupando sentidos e adaptando-se a partir dos confrontos vividos pelos imigrantes.

*Refletindo nos processos identitários como decorrentes dos movimentos da história (ORLANDI, 2012b, p. 74) e que não há dominação sem resistência (PÊCHEUX, [1978], 2009b, p. 281) compreendemos, ainda, pelo viés das análises que em lutas de classe, como as desencadeadas no Paraguai e no Brasil em torno de questões sociais, surgem pontos de resistência, em ambos os lados da fronteira, quando os sujeitos não se assujeitam às ideologias dominantes, lutando para modificar tais condições.*

Pêcheux ([1975], 2009a, p. 147- 151) nos auxilia na compreensão desse processo quando afirma que a constituição do sujeito é um efeito ideológico e que a *interpelação* do indivíduo em *sujeito* se dá pela sua identificação com a *forma-sujeito* de uma determinada *formação discursiva*. Essa identificação abre possibilidades para que assuma uma *posição-sujeito* no interior de uma FD. A partir desse pensamento, entendemos que o impedimento da identificação dos sujeitos com uma *formação discursiva* por processos de dominação social, pode desencadear a irrupção de *identidades de resistência*, construídas por indivíduos que precisam trazer à luz sua existência como *sujeitos*.

Nesse aspecto, o *brasiguaiio/brasiguayo* configura-se como uma identidade de *resistência* que irrompe quando o processo de dominação, desencadeado a partir do controle territorial, passa a se estender a todos os setores da vida desses *sujeitos* pelo viés de sua negação. Os dois estados nacionais não reconhecem a sua cidadania, optando por sua segregação. Desse modo, não há como estabelecer uma *identificação* com esta ou aquela nação. Essa característica os faz fabricar uma terceira identidade. Não são brasileiros, nem paraguaios. São *brasiguaios/brasiguayos* e resultam da *fabricação/construção discursiva* de uma *identidade de resistência* que é forjada em *condições de produção* específicas, pela necessidade de resistir à negação dos dois Estados envolvidos. A *resistência*, nesse aspecto, irá caracterizar o *brasiguaiio*, isoladamente ou em grupo, possibilitando a reconstrução de sua subjetividade que, longe de estar acabada, permanece em constante processo de transformação, seguindo os movimentos da história.

O exame de questões relacionadas à *memória discursiva e ao interdiscurso*, na seção 4.9 revelou, ainda, o duplo jogo de força que incide sobre a *memória discursiva* que, de um

lado, permite o deslizamento de sentidos e, de outro, mantém a regularização pelo viés do *interdiscurso*.

As análises mostraram que a repetibilidade dos segmentos e dos itens lexicais não garante a produção do mesmo *efeito de sentido*, quando considerada no interior das SD recortadas. O fato do dito pertencer à mesma *rede de implícitos* ou *rede de sentidos* pode dar, assim, a falsa ilusão que irrompe no discurso de forma estável e sedimentada, aparentando uma repetição ou estabilização de sentidos. Entretanto, quando o dito irrompe em *condições de produção* diferentes ou se inscrevendo em outra FD, como demonstramos nas análises da seção 4.9, essa aparente estabilidade pode ruir e sentidos novos podem irromper, desfazendo a suposta regularização. Desse modo, concluímos que o dizível só ganha *sentido* nas condições de produção em que irrompe e na FD no qual se inscreve. Pertencer à mesma *rede de memória* não garante o mesmo *efeito de sentido*, tampouco a estabilização da memória garante a estabilização dos sentidos. Tudo funciona na perspectiva de um duplo *jogo de força* que pode manter a regularização parafrástica anterior ou desajustá-la, conduzindo a novos efeitos de sentido (PÊCHEUX [1983], 2010d, p. 53).

Para além dessas análises, ao discorrer acerca da *memória* observando que ela deve ser compreendida nos sentidos da *memória mítica*, da *memória social inscrita em práticas* e da *memória do historiador*, Pêcheux ([1983], 2010d, p. 50) nos autoriza a estabelecer algumas aproximações com pensadores contemporâneos como Halbwachs, Nora e Pollak que tratam da memória histórica e da identidade. Nesse aspecto, as análises mostram que a dupla denominação/designação marca, também, a existência de uma *memória social* que aponta para a exterioridade e que assinala, simbolicamente, a identidade desses sujeitos. Ocupando a posição social de repatriado, embora identifique-se ao MST na luta comum pela terra, o *brasiguai* carrega *memórias* que empresta de seu meio e do grupo com o qual se identifica. Essas *memórias* se juntam a outras tantas, nos acampamentos do MST. Desse modo, a memória que o grupo de *brasiguaios* traz da sua vivência no Paraguai não está isolada, pois para evocar o passado certamente faz apelo às lembranças dos seus iguais. O deslocamento forçado, a expulsão política e social do Paraguai, os poucos meios para sobreviver no Brasil desestabilizam esse sujeito, tornando instável sua identidade devido à perda das referências identitárias que tinha, quando no Paraguai. Desse modo, o *brasiguai* terá que se adaptar ao novo, de modo a reafirmar a própria identidade.

As reflexões de Pêcheux ([1975], 2009a, p. 215-8) em torno das diferentes *tomadas de posição* do sujeito e de Indursky (2002) a propósito do *acontecimento enunciativo* nos

ajudaram a compreender que o *acontecimento histórico* do retorno dos brasileiros deu espaço à discursivização desse acontecimento e, no âmbito dessa discursivização, deu-se a nomeação *brasiguai*. Desse modo, o nome *brasiguai* passou a operar com o efeito de *pré-construído*, instaurado pelo viés da *modalidade discursiva da discrepância*, caracterizada pela interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso, produzindo-o como *causa de si, como se sempre já fosse sujeito*, a partir do nome adotado (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 241).

No Brasil, esses imigrantes repatriados se juntaram às fileiras do MST, nos mesmos acampamentos. A partir daí e com base no que afirma Indursky, entendemos que, já nos acampamentos dos Sem Terra brasileiros, esse grupo passa a identificar-se a alguns saberes do MST e a se *contra-identificar* com outros.

Pêcheux também nos auxilia a pensar nesse complexo *processo de identificação* e de *autonomeação* ao discorrer que a *identificação é contemporânea à interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso*. Desse modo, se antes o sujeito estava *encravado* na FD1 com a qual se identificava no Paraguai, no acampamento do MST esse *encravamento se desloca*, resultando, no que o teórico denomina de *identificação imaginária*, cujo efeito é de um “[...] ajustamento sempre inacabado do sujeito consigo mesmo (baseado na relação com outros sujeitos, cada um dos quais é para ele um alterego) [...]” (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 242-3).

Ainda segundo Pêcheux, a *identificação imaginária* é “dependente da questão da identidade” (*Idem*, p. 243). Nesse aspecto, a *identificação imaginária*, que emerge a partir da necessidade do *brasiguai* se ajustar ao *outro*, soma-se à questão simbólica do *nome* que irá distingui-lo dos Sem Terra brasileiros. O imbricamento desses processos simultâneos (interpelação-identificação-produção de sentidos) mostra que a interpelação é de natureza ideológica e jurídica, ao mesmo tempo, remetendo à questão do *nome* e da *lei*.

A proximidade entre esses sujeitos desencadeia um estado de tensão e estranhamento com o sujeito histórico da FD do discurso do MST. Esse estranhamento, entretanto, não desencadeia a ruptura total dos *brasiguaios* com a FD do MST, pois ambos continuam identificados à luta pela terra, agora empreendida pelo *brasiguai* em território brasileiro. Não obstante, o *brasiguai* passa a se caracterizar como uma diferente *posição-sujeito* inscrita na mesma FD que afeta o discurso do MST, singularizada pelo histórico das lutas que os distingue dos Sem Terra brasileiros, pelas suas demandas e reivindicações às autoridades brasileiras.

Desse modo, o *acontecimento histórico* irá provocar uma nova fragmentação na *forma-sujeito* que organiza a FD em que se inscreve o discurso do MST, já *heterogênea* em sua primeira constituição, instaurando um modo singular de enunciar os sentidos no interior dessa FD. Novos saberes incorporados pela *posição-sujeito brasiguaiio*, pelo viés do *interdiscurso*, se juntam aos saberes inscritos na FD do MST, invadindo esse espaço, atravessando suas fronteiras e determinando uma movimentação no domínio dos saberes com os quais se identificam os Sem Terra do MST. Entretanto, esses novos saberes no que diz respeito ao nosso objeto de análise, não produzem uma ruptura com essa FD. O que ocorre é um “[...] reordenamento/modificação/estranhamento muito intensos nos seus dizeres e seus sentidos” (INDURSKY, 2008, p. 27).

O cotejo das demandas e reivindicações apresentadas por *brasiguaios* e *Sem Terra* brasileiros (detalhadas nos quadros 12, 13 e 14 apresentados na subseção 4.6.1) demonstrou que elas não são as mesmas para os dois grupos, embora ambos apresentem necessidades parcialmente comuns. Isso ratifica o fato de que o *brasiguaiio* inscreve-se como uma nova *posição-sujeito* no interior da FD do MST, trazendo demandas específicas as quais agregam saberes e sentidos diversos à FD com que os Sem Terra brasileiros se identificam. Esse conjunto de saberes pode produzir um forte estranhamento no interior da FD que afeta o discurso do MST, de tal modo que, num futuro próximo, pode haver a irrupção de um novo *sujeito-histórico*, decorrente da organização autônoma do grupo que já se reconhece sem nacionalidade definida e sem território, distanciando-se, portanto, de organizações brasileiras ou paraguaias e dos saberes que mobilizam os membros do MST. Mas isso somente os próximos *acontecimentos históricos* poderão determinar.

As análises empreendidas ao longo deste estudo nos permitiram observar que a *denominação/designação brasiguayo/brasiguaiio* assinala diferentes regularizações de sentido. Numa primeira aproximação, a *denominação/designação* aponta para uma primeira série temática identificada com a FD1, em que a *posição-sujeito* (PS1) ao se autoneamar *brasiguayo*, *constrói discursivamente a própria identidade*.

Essa série de *efeitos de sentido* instaurados em torno da denominação/designação, posteriormente deslizam na PS2 da FD1 e na PS2 da FD2, quando outros sujeitos se apropriam da denominação *brasiguayo fabricando uma identidade discursiva* de ocasião, em decorrência das *condições de produção*. Nesse aspecto, a apropriação da denominação pode ser pensada como um *simulacro de identificação*, pois está apontando para uma identificação fabricada que cessará no instante em que não for mais necessária ao sujeito.



Por ocasião do retorno dos *brasiguaios* e sua alocação no acampamento dos Sem Terra brasileiros, ocorre novo deslizamento de sentidos. A *autonomeação* passa a instaurar um *duplo efeito de luta de classes*: primeiro em torno da *construção da identidade brasiguai* no interior da FD do MST e, depois, pela *demarcação do brasiguai* como uma *posição-sujeito* distinta dos *Sem Terra brasileiros*. Ocorre, desse modo, no âmbito da FD do MST, um processo de *identificação imaginária do brasiguai*, instaurado pela necessidade de ajustar-se ao *outro*. Esse processo é simultaneamente acompanhado da emergência do *nome* que aponta para o autorreconhecimento e para a constituição jurídica (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 241-3) do *brasiguai*, distinguindo-o dos acampados brasileiros.

Sentidos antagônicos atravessam também os sujeitos enunciadores inscritos nas PS1 e PS2 das FD5 e FD6 (com as quais se identificam boa parte das classes sociais paraguaias) confirmados quando observamos que a designação remete a sentidos opostos, regulados pela identificação com a *forma-sujeito contrária* ou *favorável* à permanência do *brasiguayo* no Paraguai.

As análises apontam, ainda, que saberes da FD7, na qual se inscreve o campesinato paraguai, migram atravessando as fronteiras da FD5.

À vista de todas essas questões, observamos que diferentes sentidos vão sendo instaurados na dispersão e circulação dos discursos, produzindo contradições no entremeio das FD que mobilizam a denominação/designação.

A observação dessas diferentes regularizações, à luz de diversas FD, aponta a existência de um *percurso ideológico*, revelado pelo viés dos diferentes *efeitos de sentido* que *brasiguai/brasiguayo* produz. Esse percurso (indicado no quadro-síntese 29 da seção 4.9) mostra que sob a aparência de uma mesma denominação/designação oculta-se um *jogo oblíquo de efeitos de sentido* que encoberta o embate ideológico entre diferentes classes sociais.

As hipóteses traçadas para este estudo foram ratificadas parcialmente. Confirmamos a hipótese que *a memória discursiva e os efeitos de sentido que emergem nas discursividades sociais, são forjados nas fronteiras das formações discursivas a partir das quais se estabelece uma interlocução entre os sujeitos em função das condições de produção*. Entretanto, nossas análises mostram que as imagens projetadas sobre os *brasiguaios/brasiguayos* em ambos os lados linha de fronteira *não são semelhantes*.

Todas essas questões comprovam que hoje, sob a bandeira do MST, na FD dos Sem Terra, incorpora-se uma nova *posição-sujeito*, representada pelo *brasiguaió*. A coexistência dessa *posição-sujeito* com as demais, já inscritas no âmbito dessa FD, não determina o surgimento de uma nova *forma-sujeito*. Por conseguinte, não temos aí um *acontecimento discursivo*, nos moldes do que postula Pêcheux ([1975], 2010b), mas um *acontecimento enunciativo*, nos termos que formula Indursky (2008, p. 29), o qual produz novos *efeitos de sentido* na FD dos trabalhadores rurais brasileiros que lutam pela terra.

Finalizamos este estudo refletindo que em meio a diversas possibilidades de se pensar a língua, o sujeito e os sentidos pelo viés da temática que elegemos, tudo o que aqui apresentamos é apenas um vestígio das múltiplas leituras possíveis, cujo gesto tenta timidamente acompanhar a complexidade do pensamento teórico de Michel Pêcheux. Em toda leitura, entretanto, há algo inacabado que aponta possibilidades para novas reflexões e diferentes abordagens. Nesse aspecto, convidamos o leitor a prosseguir, esperando que este estudo e o *corpus*, em anexo, despertem novos gestos de análise que removam qualquer ilusão da transparência da linguagem, de forma que a leitura que aqui realizamos encontre nova ocasião de se redefinir.

À medida que a construção do saber se dá a partir da interlocução de diferentes vozes, este trabalho deve ser interpretado como uma oportunidade de diálogo que tivemos na tentativa de contribuir na elucidação de práticas discursivas que marcam a inscrição do sujeito no campo da linguagem, ocultando o embate ideológico pelo controle e domínio dos discursos entre diferentes classes sociais.

Esperamos que outras oportunidades de diálogo surjam, trazendo mais luzes às questões tratadas nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In.: ACHARD, Pierre (org.), *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes, 3ªed., Campinas - SP: Pontes Editores, 2010.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.
- ARENDT, Hanna. *Origem do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In.: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: UNICAMP - IEL n.19, jul/dez., 1990, p. 25-42.
- BANDEIRA, Moniz. *Estado nacional e política internacional na América Latina*. Brasília: Edunb/Editora Ensaio, 1993.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2004.
- BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; NORDER, Luiz Antonio Cabello. Os impactos regionais dos assentamentos rurais em São Paulo (1960-1997). In.: MEDEIROS, L.S.; LEITE, S. (Orgs). *A formação dos assentamentos rurais no Brasil: processos sociais e políticas públicas*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Ed. Universidade/UFRGS/CPDA, 1999.
- BERTA, Sandra Leticia; ROSA, Miriam Debieux. *Angústia e luto no exílio político*. Revista Textura, São Paulo, ano 5, n. 5, 2005, p. 52-56.
- CANGUILHEM, Georges. *Le cerveau et pensée*. Cours Publics de MURS, 20 de fevereiro de 1990, p. 1.
- CARVALHO, Horácio Martins de. *Governo Lula e a contrarreforma agrária no Brasil*. Revista ADUSP – Associação de Docentes da USP, nº 28, de abril de 2003, p. 13 – 9. Disponível em <http://adusp.org.br/files/revistas/29/r29a2.pdf> . Acesso em 22/10/2013.
- CAZARIN, Ercília Ana. *A migração do discurso de Lula de uma para outra posição-sujeito*. Cadernos de Letras da UFF – Letras & Infovias, nº 32, [sd].
- \_\_\_\_\_. Sobre ‘La frontière absente (um bilan)’. In.: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Lendro (Orgs.). *Michel Pécheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: claraluz, 2005, p. 269-74.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (1981). Trad. Cristina de campos Velho Birk et al. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006a.
- \_\_\_\_\_. O professor e o militante. Archives & Documents de la SHESL, n.2, mars 1982, p. 1-15. In.: COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006b.

CHIAVENATO, Julio José. *Stroessner: retrato de uma ditadura*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DELGADO, Guilherme Costa. A questão agrária no Brasil, 1950-2003. In: JACCOUD, Luciana (Org.). *Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo*. Brasília, IPEA, 2005, p. 51-90.

DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker. *O português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana, Vervuert, 2004.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERRARI, Carlos Alberto. *Brasiguaios na fronteira: luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo e na cidade*. Revista Pegada, v. 8, n. 2, dez. 2007.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro. Formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (1979 – 1999)*. Tese apresentada ao Departamento de Geografia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

FIGUEREDO, Oscar Agustin Torres; MIGUEL, Lovois Andrade. *A modernização da agricultura e os Brasiguaios no Paraguai*. In: XLIV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2006, Fortaleza. Brasília: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural - SOBER, 2006. v. 1. p. 1-15.

FOWERAKER, Joe. *A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

GARCÍA, Nilsa Areán. *As premissas seguidas pelo grupo de morfologia histórica do português*. Revista Philologus, Ano 17, Nº 50. Rio de Janeiro: CiFEFiL, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, set./dez.2011, p. 23.

GUILHAUMOU Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da História. In.: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1994, p. 163-83.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

GONZALEZ, Emílio. *Guerra no Paraguai, um conflito brasileiro*. Disponível em <http://passapalavra.info/2012/06/60932>. Acesso em 28/09/2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice – Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HAESBAERT, Rogério; SANTA BÁRBARA, Marcelo de Jesus. *Identidade e migração em áreas transfronteiriças*. Revista Geographia, vol. 3, n. 5, Universidade Federal Fluminense (UFF), 2009, ISSN 1517-7793.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso* [1971]. LINGUASAGEM- Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem. Universidade Federal de São Carlos, 3. ed., Outubro/Novembro de 2008. São Carlos, SP. Disponível em: [http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao\\_hph.php/](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php/). Acesso em 16/07/2013.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da ‘análise do discurso’ de Michel Pêcheux (1969). In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010a, p. 11-38.

HOBBSAWM, Eric John Ernst. *Bandidos* [1969]. Trad. Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

INDURSKY, Freda. O ideológico e o político no discurso do/sobre o MST. In.: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange. *O acontecimento do discursivo no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 277-303.

\_\_\_\_\_. A representação do MST na mídia: discurso verbal e não-verbal. In: ZANDWAIS, Ana & ROMÃO, Lucília M. S (Orgs.). *Leituras do político*. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2011.

\_\_\_\_\_. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. Porto Alegre, Ensaios: *Práticas Discursivas e Identitárias – Sujeito e Língua*, v. 22, p. 9 - 33, Revista do PPG Letras da UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. *O MST e o discurso de subsistência*. Verso & Reverso Revista da Comunicação, n. 37, jul/dez, 2003a/2, p.133-146, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

\_\_\_\_\_. *Lula lá: Estrutura e Acontecimento*. In: Organon - Revista do Instituto de Letras da UFRS, n. 35, Porto Alegre, 2003b, p. 101-121

\_\_\_\_\_. *O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST: uma questão de lugar fronteira*. Revista da ANPOLL, n. 12, jan/jun, 2002, p. 111-131

\_\_\_\_\_. *A função enunciativa do porta-voz no discurso sobre o MST*. Rio de Janeiro, *Alea*, v.2, n.2, p.17-26, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, UFRJ, set. 2000.

\_\_\_\_\_. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

LENHARO, Alcir. A terra para quem nela não trabalha (a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50). Revista brasileira: terra e poder, São Paulo, v. 6, n.12, p. 47-64, mar/ago, 1986.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso – (re)ler Michel Pêcheux hoje* (1990). Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARINUCCI, Roberto. *Migrações internacionais intra-regionais na América Latina e no Caribe*. Disponível em [http://www.csem.org.br/pdfs/migracoes\\_em\\_america\\_latina\\_e\\_caribe\\_roberto\\_marinucci.pdf](http://www.csem.org.br/pdfs/migracoes_em_america_latina_e_caribe_roberto_marinucci.pdf). Acesso em 27.08.2013.

MÁRMORA, Lélío. Migraciones: prejuicio y antiprejuicio. In.: Revista de Ciências Sociales. Buenos Aires – Argentina, n. 20, 2000, p. 27-49.

MARTINS, José de Souza. *Reforma Agrária – o impossível diálogo sobre a História possível*. Tempo Social; Rev. Sociologia USP, São Paulo, 11(2), p. 97-128, out. 1999.

\_\_\_\_\_. A questão agrária brasileira e o papel do MST. In.: STEDILE, João Pedro (org.). *A reforma agrária e a luta do MST*. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich (1848). *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. Sueli Barros Cassal. 1. Ed., Porto Alegre: L&PM Editores, 2001.

MENEZES, Alfredo da Mota. *A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai, 1955-1980*. Campinas: Papyrus, 1987.

MORAES, Ceres. *Interesses e colaboração do Brasil e dos Estados Unidos com a ditadura de Stroessner (1954-63)*. Diálogos, v.11, n.1 e 2, 2007, p. 55-80.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares* (1984). Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso e contemporaneidade científica. In.: *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2012a, p. 37-54.

\_\_\_\_\_. *Quando a falha fala - materialidade, sujeito, sentido* (2011). In.: *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2012b, p. 69-82.

\_\_\_\_\_. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. In.: *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2012c, p. 213-239.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Segmentar ou recortar? In: GUIMARÃES, Eduardo. (org.) *Linguística: questões e controvérsias*. Série Estudos, n.10. Uberaba: Fiube, 1984.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da análise do discurso [1983]. In.: *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por: Eni Pulccinelli Orlandi. Trad. Eni Puccinelli Orlandi, 3.ed., Campinas: Pontes, 2012a, p. 283-94.

\_\_\_\_\_. Foi ‘propaganda’ mesmo que você disse? [1979]. In.: *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por: Eni Pulccinelli Orlandi. Trad. Eni Puccinelli Orlandi, 3.ed.. Campinas: Pontes, 2012b, p. 73 - 92.

\_\_\_\_\_. Leitura e memória: projeto de pesquisa [1981]. In.: *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por: Eni Pulccinelli Orlandi. Trad. Tania C. Clemente de Souza, 3.ed.. Campinas: Pontes, 2012c, p. 141 - 50.

\_\_\_\_\_. Especificidade de uma disciplina de interpretação - A análise de discurso na França [1984]. In.: *Análise de discurso*: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por: Eni Pulcinelli Orlandi. Trad. Solange Leda Gallo, 3.ed., Campinas: Pontes, 2012d, p. 227 - 30.

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (AAD-69). In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010a, p. 59-158.

\_\_\_\_\_ e FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso : atualização e perspectivas (1975). In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010b, p. 159-249.

\_\_\_\_\_. A análise do discurso: três épocas (1983). In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4.ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2010c, p. 307-15.

\_\_\_\_\_. Papel da memória (1983). In.: ACHARD, Pierre (org.), *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes, 3.ed., Campinas - SP: Pontes Editores, 2010d.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje (1982). In.: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.) *Gestos de Leitura*: da história no discurso. Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010e.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009a.

\_\_\_\_\_. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação (1978). In.: *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al., 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009b.

\_\_\_\_\_. *O discurso*: estrutura ou acontecimento (1983). Trad. Eni Pulcinelli Orlandi, 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sobre a (des)construção das teorias linguísticas* (1982). In.: Cadernos de tradução do Instituto de Letras da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n.4, out., 1998, p. 35-55.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A questão agrária*. 4. ed., São Paulo: Brasiliense, 1979.

PRIORI, Angelo; KLAUCK, Roberto Carlos. *O retorno dos brasiguaios*. Revista Espaço Acadêmico, nº 109, junho de 2010, Ano X, p. 95-102, ISSN 1519-6186.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento* – política e filosofia. Trad. de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

ROSA, Miriam Debieux et al. *A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 12, nº 3, São Paulo, setembro, 2009.

SCHEWENGBER, Isabela. *Quando o MST é notícia*. Dourados: Editora da UFGD, 2008.

SERIOT, Patrik. *Ethnos e Demos: a construção discursiva da identidade coletiva*. RUA: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – Nucredi. Campinas, SP, n.7, março, 2001.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz Medeiros de. *Brasileiros no Exterior, a história dos Brasiguaios – Soja: a expansão dos negócios*. Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais – Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, 28/02/2010. Disponível em <http://www.ufjf.br/ladem/2010/02/28/brasileiros-no-exterior-regaste-historico-dos-brasiguaios-soja-a-expansao-dos-negocios/>. Acesso em: 15/07/2012.

SOUCHARD, Sylavain. *La formation d un espace brésiguayen dans l Est du Paraguay*. Migrations pionnières brésiliennes et organisations socio-spatiales dans l’Orient du Paraguay. Thèse (Doctorat en Géographie) – Université de Poitiers. Poitiers, 2001.

SPRANDEL, Márcia Anita. Identidade e mobilização: a luta pela terra e pelos direitos de cidadania na fronteira Brasil-Paraguai. In.: *Etnia y nación en América Latina*. Portal Educacional das Américas. Coleção Interamer, nº 45, vol. II, [sd]. Disponível em <http://www.educoas.org/Portal/bdigital/conten/>. Acesso em 20/09/2012.

\_\_\_\_\_; PÓVOA NETO, Helion. Os objetivos da conferência internacional sobre população, desenvolvimento (Cairo 1994) e a política migratória brasileira. In.: *Brasil, 15 anos após a conferência do Cairo*. Associação Brasileira de Estudos da População – ABEP, Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA, 2009.

\_\_\_\_\_. *Brasileiros na fronteira com o Paraguai*. Estudos Avançados. Vol. 20, n. 57, São Paulo, maio/agosto, 2006.

\_\_\_\_\_. Aqui não é como a casa da gente: comparando agricultores brasileiros na Argentina e no Paraguai. In.: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). *Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Brasiguayos: una identidad de frontera y sus transformaciones. In. GRIMSON, Alejandro (org.). *Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro*. Buenos Aires: La crujía, 2000.

\_\_\_\_\_. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1992.

STAUB, Daiane e HAUPTMANN, Claudenir. *Os critérios de seleção de notícias no ‘Rádio Jornal Rotativa no ar, de Santa Helena’*. Revista Advérbio, vol. VIII, n.16, [s.d]. ISSN 1808-883X.

STEDILE, João Pedro (Org.). *Stedile: mídia e judiciário agora reprimem no campo*. Publicado em 18/12/2012. Disponível em <http://www.viomundo.com.br/falatorio/stedile-midia-e-judiciario-agora-reprimem-no-campo.html>. Acesso em 12/08/2013

\_\_\_\_\_. *A questão agrária no Brasil: o debate tradicional, 1500-1960*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.



THUN, Harald. O comportamento linguístico dos brasiguaios no Paraguai visto a partir do material do Atlas Linguístico Guaraní-Románico (ALGR). In: DIETRICH, Wolf & NOLL, Volker (org.). *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Frankfurt A.M. : Iberoamericana; Vervuert, 2004. p. 169-191.

VIEIRA, Aline *et al.* *A reforma agrária na imprensa*. Revista Eclética da PUC/Rio. Ano 3, nº 4, jan/jun, 1997, p. 25-8.

WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990.

ZAAR, Miriam Hermi. *A migração rural no Oeste paranaense / Brasil: a trajetória dos brasiguaios*. In.: Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, Nº 94 (88). 1º de agosto de 2001. ISSN 1138-9788.

### **REPORTAGENS DE JORNAIS, REVISTAS E OUTROS ARQUIVOS**

*ABC Color*, on line, Assunção, Paraguai, de 14/05/2013. Título: *Del imperio español al imperio brasileño*.

*ABC Color*, on line, Assunção, Paraguai, de 09/02/2013. Fonte: Víctor Pizzurno. Título: *Indígenas ganan con producción récord de soja y maíz*.

*ABC Color*, on line, Assunção, Paraguai, de 13/08/2012. Título: *Detectan delito ambiental en estancia de o bispado*.

*ABC Color*, on line, Assunção, Paraguai, de 05/08/2012. Título: *Invaden un costoso terreno en Salto del Guairá tras vencer defensa de guardias*.

*ABC Color*, on line, Assunção, Paraguai, de 23/08/2004. Carta de um leitor publicada no Jornal. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 110.

*ABC Color*, on line, Assunção, Paraguai, de 29/08/2003. Entrevista com bispo paraguaio da Igreja Católica. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 132-3

*Agência Brasil de Comunicação*, em 24/06/2012. Título: *Marco Aurélio Garcia diz que o Brasil não vai intervir em questões internas do Paraguai*.

ARRUDA, Roldão. *MST vive crise e vê cair número de acampados*. Reportagem publicada em 31 de março de 2011. Disponível em <http://www.rudaricci.blogspot.com.br/2011/03/esvaziamento-do-mst-materiaderoldao.html/> . Acesso em: 15/09/2012.

*Blog do Professor Fernando Massote*, 27/06/2012. Política Internacional Título: *Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo*.

*Brasil de Fato*, on line, 25/04/2013. Título: *Reforma agrária, urgente, necessária e esquecida, 25/04/2013*. Disponível em <http://www.brasildefato.com.br/node/12755> . Acesso em 23/10/2013.

*Brasil de Fato*, on line, de 31/07/2012. Título: *Sem Terra ocupam fazenda de brasiguaios*.

*Brazilian Press*, de Newark, NJ, de 21/06/2012. Título: *Brasiguaios temem ser alvo de violência em conflitos agrários no Paraguai*.

*Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos *brasiguaios*, nº 1, MS, 1992.

*Carta à população*, Mundo Novo, 21/06/85 apud SPRANDEL, *Interamer*, on line, nº 45, vol. II [sd]. Disponível em <http://www.educoas.org/Portal/bdigital/conten/>. Acesso em 20/09/2012.

*Carta Capital – Wikileaks*, on line. Publicada em 17/02/2011. Título: *Ex-ministra do Paraguai temia ‘controle’ do Brasil sobre seu país*

*Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, on line, de 09/07/2012 – Título: *Drama de brasiguaios começa a ser solucionado*.

*Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, on line, de 02/07/2012 – Título: *PM ‘varre’ acampamento de brasiguaios e recupera alimentos*.

*Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*.

*Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*.

*Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10 – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*.

*Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11 – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*.

*Correio Popular*. Campinas – SP – 15/04/2012, p. A14-5. Título: *Novo Brasil Esvazia MST*.

Depoimento de Jornalista paraguaio na cidade de Salto de Guairá, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 15/03/2005. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 77.

Depoimento de imigrante brasileiro e vereador em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 173

Depoimento de imigrante brasileiro e vereador em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 182.

Depoimento de professor de História em escola paraguaia, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 232

Depoimento de imigrante brasileiro na cidade de Mbaracayu em entrevista a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 81

Depoimento de professor de História em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 221.

Depoimento de imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 177

Depoimento de professor de História em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 143.

Depoimento de imigrante brasileiro na cidade de Mbaracayu, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 73.

Depoimento de imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 193.

Depoimento de descendente de imigrante brasileiro e prefeito de Naranjal em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 179.

Depoimento de imigrante brasileiro da cidade de Santa Rita. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 90.

Depoimento de César Pandoin, Prefeito de Naranjal em entrevista a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 89.

Depoimento de imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 18/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 233.

Depoimento de filho de imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 18/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 217.

Depoimento de imigrante brasileiro na cidade de Santa Rosa de Monday, Alto Paraná, em 18/11/2004. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 74.

Depoimento do Prefeito e produtor rural de Santa Rosa de Monday, Alto Paraná, Paraguai, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 18/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 76.

Depoimento de padre brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 234.

Depoimento de imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, no Paraguai, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 232.

Depoimento de imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 218.

Depoimento de imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 172-3.

Depoimento de imigrante brasileiro na cidade de Santa Rita, Paraguai, em 17/11/2004. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 74.

Depoimento de imigrante brasileiro na cidade de Naranjal, Paraguai, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 75.

Depoimento de líder campesino de la MCNOC – Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 107.

Depoimento de líder camponês da FNC - Federación Nacional Campesina, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 231.

Depoimento concedido por diretor escolar paraguaio a ALBUQUERQUE, em 17/01/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186-7.

Depoimento de André Colmán Gutiérrez, jornalista do jornal paraguaio *Última Hora*, em 22/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 92-3.

Depoimento de Padre Paraguaio da Igreja Católica a GUTIÉRREZ, Asunción: *Última Hora*, em 26/09/2003. Título: *Agrotóxicos causan gran mortalidad de peces en zonas de Juan E. O’Leary*, In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 108

Depoimento do prefeito paraguaio de Santa Rita a GUTIÉRREZ. Asunción: *Última Hora*, em 23/09/2003. Título: *Santa Rita no parece Paraguay*. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186.

Depoimento de imigrante brasileiro a GUTIÉRREZ. Asunción: *Última Hora*, em 17/09/2003. Título: *Soy Paraguaio, aunque no hable en guaraní*. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 117.

Depoimento de imigrante brasileiro a GUTIÉRREZ. Asunción: *Última Hora*, em 23/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 87.

Depoimento de imigrante brasileiro a GUTIÉRREZ. Asunción: *Última Hora*, em 25/09/2003. Título: *Nací en Brasil, pero quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay*. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186.

Depoimento de imigrante brasileiro a VERÍSSIMO, 1997, p. 545 *apud* ALBUQUERQUE, 2010, p. 168.

Depoimento de Paraguaia de Katuete a GUTIÉRREZ, em 22/09/1993. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 95.

Diário do Grande ABC, *on line*, de 11/08/1999. Título: *Sem-terra paraguaios bloqueiam acessos à San Alberto*.

*Estadão Brasil on line*, de 03/05/2010. Título: *MS poderá ter 40 mil famílias acampadas*.

Notas do caderno de campo de ALBUQUERQUE. Conversa realizada com um taxista paraguaio em 20/11/2004, na cidade de Naranjal-Paraguai. In.:ALBUQUERQUE, 2010, p. 29.

Nota Técnica nº 12, Ipea. Título: *A importância do crédito para o desenvolvimento social e produtivo dos assentado*, *apud* Revista *on line* *Desafios do Desenvolvimento*, IPEA, de 28/12/2012.

*O Progresso*, de Dourados- MS – seção *Opinião*, publicada em 22/04/2009. Título: *Inferno no campo*.

*O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*.

Poema do paraguaio Diego Esteban Terrazas. In.: Feliú, 1999, p. 76 *apud* ALBUQUERQUE, 2010, p. 202. Título: *A mi Katuetê*.

Propaganda em português na *Radio Pioneiro*, em San Alberto – Alto Paraná, Paraguay, em 24/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 94

*Rádio Grande Lago* – AM 580 – *on line*. Reportagem de 08/11/2010. Título: *Thomé perde “por pouco” em San Alberto, mas dois brasileiros se elegem prefeitos de cidades do Paraguai*.

Revista *on line Desafios do Desenvolvimento*, IPEA, de 28/12/2012. Título: *Reforma agrária perde fôlego na agenda nacional*.

Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*

Senador paraguaio, sessão ordinaria, em 21/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 126.

*Sopa Brasiguaia – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, *on line*. Publicado em 26/10/2008. Título: *Bispo católico [paraguaio] analisa conflito no campo*.

*Sopa Brasiguaia – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, *on line*. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*

## ANEXO A

### CORPUS

(SD1) Cultivamos soja, trigo, girasol, maiz, por sistema de plantio directo. Usamos una tecnologia de cultivo avanzada como la de Brasil o Estados Unidos. Queremos que el Paraguay se desarrolle y salga adelante, que se acabe la corrupción. [...]. (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a GUTIÉRREZ em 17/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 117).

(SD2) Eles são brasileiros, mas moram no Paraguai desde crianças, quando foram levados pelos pais em busca de terras mais baratas para plantar e viver melhor. Os pais se foram e deixaram os filhos. Alguns, há mais de 30 anos, ficaram no povoado chamado de La Terza, situado no povoado de Mariscal Francisco Solano López, próximo à fronteira com Foz do Iguaçu (PR) (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11 – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD3) É preciso lembrar que eles foram atraídos pela promessa de oportunidades e, em pouco mais de 30 anos, transformaram o Paraguai num dos maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul, gerando milhares de empregos diretos e indiretos (O *Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*)

(SD4) Há cerca de cinco anos, conforme contam os trabalhadores que vieram do Paraguai, começaram as invasões violentas nas pequenas áreas rurais, que antes eram suas propriedades. “Não é coisa de camponês, isso é mandado por gente grande”, defende Antônio Chella, de 65 anos, dos quais 30 passou no Paraguai. Segundo ele, “há juizes e delegados de polícia por trás das invasões.” É a pior polícia do mundo. Eles não gostam de brasileiros. Então os camponeses invadem e pagam a renda da terra para os poderosos”, aposta. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11ª – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD5) “[...] e, em nome de uma onda nacionalista, alguns políticos paraguaios chegaram ao ponto de incentivar a invasão de propriedades de brasileiros.” (Pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende, publicado em O *Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

(SD6) “[...] Geraldo fez uma denúncia que considera grave: transmissões de rádio em guarani exortam os camponeses sem-terra a atacarem os brasileiros, incendiando suas casas ou invadindo suas lojas.” (O *Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

(SD7) Há cerca de cinco anos, porém, os camponeses paraguaios (que invadem e ocupam propriedades não tituladas) utilizam táticas de guerrilha com o objetivo de expulsar os cidadãos com dupla nacionalidade das terras do país vizinho (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11ª – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD8) “O Brasil nos rejeitou há mais de três décadas, quando nos arrancou da terra e nos obrigou a buscar refúgio no Paraguai. Hoje o Paraguai, da mesma forma, não nos dá condições de sobrevivência e uma cidadania digna. [...] Somos os *brasiguaios* e lutamos pelo direito de voltar ao Brasil e dar aos nossos filhos uma pátria que os receba” (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD9) Brasiguai quer dizer brasileiro que veio do Brasil para o Paraguai, então juntou *Brasiguai*, quer dizer até o linguajar como nós falamos, misturado, tanto o paraguaio como o brasileiro que vivemos assim juntos, criou-se um linguajar do

brasiguaios. Nós não sabemos mais, nós perdemos nossa identidade no Brasil e também não temos nossa identidade aqui porque não falamos o guarani. Nesse meio termo criou-se o brasiguaios (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, no Paraguai, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 232).

(SD10) Porque o Paraguai realmente se minha família não tivesse aqui eu não sei se no Brasil se nós teria. Talvez estava lá com os 5 alqueires lá de terra, trabalhando de peão, eu tinha nascido no Brasil, eu ia trabalhar de funcionário ou não sei que lá. [...]. Talvez é isso brasiguaios porque trouxe uma herança do Brasil, que é a tendência de trabalhar, não é descansar. E paraguaios porque entrou num país que deu oportunidade, abrir espaço, não adianta abrir um livro e não saber ler, tem que abrir o livro, ler e se aproveitar da leitura (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 18/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 233).

(SD11) Dez representantes de produtores rurais brasileiros radicados no Paraguai – conhecidos como brasiguaios – estão na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE), onde vão acompanhar audiência pública a respeito das relações do Brasil com os demais países da América do Sul. Entre os convidados está a advogada Marilene Sguarizi Dias, que falará em nome dos brasiguaios. (Jornal *Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

(SD12) Pouco antes da audiência, o produtor rural brasileiro Altevir Dotto, 59 anos, que há 35 anos vive no Paraguai, disse que os brasileiros vivem uma “situação muito delicada” no país vizinho. – Não sei se o problema é político ou racial, mas existem ameaças de invasão de nossas terras. Temos certeza de que nossos títulos são legais e que estamos cumprindo as leis do Paraguai – disse Dotto. (Jornal *Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

(SD13) Quais as providências que estão sendo tomadas pelo Itamaraty em apoio aos brasiguaios – produtores brasileiros que vivem no Paraguai – serão os pontos principais da audiência, em data a ser definida, que a Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA) terá com o ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota. A posição foi manifestada, em pronunciamento ontem (23), pelo senador Waldemir Moka (PMDB), vice-presidente da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA). (Jornal *Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*).

(SD14) Alvo permanente de invasões de sem-terra, a comunidade dos agricultores brasileiros que migrou para o Paraguai, conhecida como brasiguaios, teme ser o próximo alvo do aumento da violência nos conflitos agrários naquele país. O temor se acentuou na semana passada, depois de um confronto armado entre agentes da Polícia Nacional e sem-terra resultar em 18 mortes. – Pode chegar até nós, porque os políticos de Assunção adoram usar os brasileiros como bode expiatório para tudo que acontece – comentou o brasiguaios Marcelo Kaefer (Jornal *on line Brazilian Press*, de Newark, NJ – 21/06/2012. Título: *Brasiguaios temem ser alvo de violência em conflitos agrários no Paraguai*).

(SD15) Segundo o senador, mais de 350 mil pessoas formam a comunidade de brasiguaios que há mais de 40 anos foram trabalhar no Paraguai e hoje sofrem constrangimentos e ameaças, sendo inclusive acusadas de falsificação de documentos. (Jornal *Correio do Estado*, on line, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*).

(SD16) Onze camponeses Sem Terra foram assassinados na sexta-feira passada em uma fazenda próxima à fronteira com o Brasil, onde está aumentando a tensão em paralelo às reivindicações e ações diretas pela reforma agrária. O enfrentamento entre policiais e lavradores deixou sete agentes mortos, entre eles os chefes do Grupo de Operações Especiais, uma espécie de BOPE paraguaio, só que sua tarefa não é reprimir favelados como no Rio de Janeiro, mas os peões rurais que, depois que Lugo chegou ao governo, em 2008, aumentaram seu nível de organização e decisão de luta, depois de décadas de submissão diante do jugo da ditadura de Alfredo Stroessner. (Reportagem publicada no *Blog* do Professor Fernando Massote. Título: *Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo*. Política Internacional: 27/06/2012).

(SD17) “Esta matança de camponeses aconteceu como resultado de um processo de violência policial instigado pelos latifundiários descontentes com o presidente Lugo, ele não é querido pela direita e pelos grandes produtores. Latifundiários brasileiros como Tranquilo Favero, o produtor de soja mais rico do Paraguai, estão interessados em desestabilizar o governo, eles querem que Lugo caia” declarou Martín Almada, o mais importante representante do movimento dos direitos humanos paraguaio. (Reportagem publicada no *Blog* do Professor Fernando Massote. Título: *Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo*. Política Internacional: 27/06/2012).

(SD18) “Nós sabemos por nossa longa experiência sobre como se descarrega a violência do Estado contra a população, que estes fatos nunca estão isolados de uma intencionalidade política maior. [...] O latifúndio e os grandes produtores de soja brasileiros estão muito interessados em que Lugo não possa chegar a 2013, quando deve acabar seu mandato”, disse Almada por telefone à Carta Maior, desde Assunção. (Reportagem publicada no *Blog* do Professor Fernando Massote. Título: *Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo*. Política Internacional: 27/06/2012).

(SD19) Um dos acusados de ter se apropriado de milhares de hectares que eram públicos é precisamente o brasileiro nacionalizado paraguaio Tranquilo Favero, que não oculta sua simpatia pela repressão de camponeses “ignorantes”, como ficou comprovado em declarações formuladas neste ano e que provocaram um escândalo. “Diplomacia você pode usar com pessoas cultas... só que... você sabe o dito popular que diz: a mulher do malandro obedece só com pau... tamos lidando com pessoas de tamanha ignorância que com diplomacia você não soluciona” disse o maior produtor de soja do Paraguai, nascido em Santa Catarina. (Reportagem publicada no *Blog* do Professor Fernando Massote. Título: *Os latifundiários brasiguaios derrubam Lugo*. Política Internacional: 27/06/2012)

(SD20) O assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência da República, Marco Aurélio Garcia, descartou, a possibilidade de o Brasil e os demais países do Mercosul (Argentina e Uruguai) intervirem em questões internas do Paraguai. Mas Garcia reiterou as críticas do governo brasileiro à forma como foi conduzido o processo de impeachment do presidente Fernando Lugo, que na última sexta-feira (22) foi substituído pelo seu vice, Federico Franco. (Reportagem publicada na Agência Brasil de Comunicação, em 24/06/2012. Título: *Marco Aurélio Garcia diz que o Brasil não vai intervir em questões internas do Paraguai*.)

(SD21) “Talvez brasiguayo porque você tem a origem, você tem o sonho que veio do Brasil, tem o orgulho [...], talvez brasiguayo que é o brasileiro que entrou, se considera uma parte brasileiro pela origem, pelo que aprendeu, pelo que trouxe, e paraguaio pelo que o país está dando” (Prefeito e produtor rural de Santa Rosa de Monday, Paraguai, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 18/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 76).

(SD22) [...] eu vejo que os nordestinos são um pouco desprivilegiados. Eles vêm e pouco constroem porque eles sofrem um pouco [...] nós sofremos um pouco de um preconceito (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 172-3).



(SD23) Hay empresarios brasileños y hay agricultores brasileños. Los empresarios son aquellos que después se han venido a Alto Paraná, al departamento de Canindeyú con las tierras rojas, tierras fértiles, tienen dinero para comprar esas tierras. Son grandes empresarios que no viven acá, son gente que vienen a comprar extensiones de tierra, que muchas veces lo tienen aquí como un capital para sacar créditos, esos son los empresarios. Los agricultores son aquellos que tienen sus tierras, adquieren su plata, pero no se van, están montados en sus tractores, trabajando, sembrando, montados en sus cosechadoras y en sus camiones. Entonces esa es la diferencia (Jornalista paraguaio na cidade de Salto de Guairá, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 15/03/2005. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 77).

(SD24) Disse uma vez para um taxista paraguaio que eu estava estudando a imigração brasileira no Paraguai o que o deixou bastante alterado. Ele achava que eu era um funcionário do governo brasileiro e que estaria incentivando a entrada de mais brasileiros no Paraguai. Disse-me que seu país não precisava mais de imigrantes, pois “quien manda acá es brasilero, todo es de brasilero, solo falta poner a bandera del Brasil aqui. Todo brasilero, intendente [prefeito], a mayoría de los concejales [vereadores]. Nosotros somos ‘cachorros’ para ellos”. Falou-me que os brasileiros tinham tomado muita terra paraguaia na *Guerra da Triplíce Aliança* (1864-1870) e era necessário defender a terra que conseguiram com os bolivianos na *Guerra do Chaco* (1932-35). [...]. (Notas do caderno de campo de ALBUQUERQUE, de conversa realizada com um taxista paraguaio em 20/11/2004, na cidade de Naranjal-Paraguai. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 29).

(SD25) Segundo se informa, o chanceler Amorim vem a Asunción preocupado pela situação dos brasiguaios. Desde a época da colonização sulamericana, o Brasil não parou de expandir-se para o oeste. Mais além das fronteiras oficiais, os brasiguaios hoje já estão instalados na metade da região oriental e no interior do departamento (estado) de Alto Paraguay.[...] O ânimo e a determinação expansionista lusitana datam desde os primórdios da colonização sulamericana. Seus expoentes mais célebres foram os famosos bandeirantes, considerados heróis no Brasil, mas aqui, aventureiros bárbaros e belicosos. Vinham capturar indígenas para vendê-los como mão-de-obra escrava nas plantações paulistas, mas acabaram por expandir o domínio lusitano às bordas do território hispânico e arrinconar a província do Paraguai. Desde então, o Brasil não parou de se expandir para o oeste. [...] é muito grande o interesse que o Brasil tem nesses territórios, como para justificar uma vigilância mais estreita de sua diplomacia sobre as autoridades paraguaias. [...] Para nós, o grave risco que corremos com o interesse que o Brasil demonstra em relação ao Paraguai consiste em que dito interesse culmine com a meta que – isso se pode assegurar – sua chancelaria alenta secretamente: apropriar-se para sempre, legal e pacificamente ante os olhos do mundo, de 90% da produção de Itaipu, deixando-nos o restante para nosso consumo [...] não é difícil temer que em poucos anos mais, o Paraguai estará submetido a uma grave pressão por parte do Brasil, até para pretender anexá-lo ou mantê-lo como um estado livre associado, como os Estados Unidos fazem com Porto Rico. [...]. (*Sopa Brasiguaia – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai, on line*. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*).

(SD26) Cerca de 90 famílias Sem Terra ocuparam a fazenda de dois brasileiros produtores de milho e soja no Paraguai. Esta é a primeira ocupação desde o *impeachment* do presidente Fernando Lugo e a posse do vice-presidente Federico Franco na sexta-feira (22). [...] Um conflito entre trabalhadores Sem Terra e policiais durante a desocupação de uma fazenda em Curuguaty, que terminou em 17 mortos, foi usado como justificativa para o processo movido pela oposição contra o presidente Fernando Lugo, que terminou em seu *impeachment* na última sexta-feira. (*Jornal Brasil de Fato, on line*, de 31/07/2012. Título: *Sem Terra ocupam fazenda de brasiguaios*).

(SD27) Cosecha récord de soja y maíz lograron en la presente zafra unas 40 familias de nativos aché, de la comunidad de Puerto Barra, Alto Paraná. La ganancia, libre de costos, se estima en unos US\$ 277.000 mediante la producción mecanizada de 209 hectáreas de soja (4,1 Ton/Ha.) y 18 hectáreas de maíz (10,2 Ton/Ha.), según informó Miro Shuster, de la firma Semillas Progreso, que hace la asesoría técnica y la asistencia financiera de los indígenas. [...]. La comunidad aché es un ejemplo de integración de indígenas con productores brasiguayos que le rodean. Los indígenas demuestran una sorprendente capacidad de adaptación al uso de la tecnología agrícola. [...] La comunidad indígena de los aché, compuesta por cerca de 170 personas, está establecida en un predio de 850 hectáreas donde desarrollan la agricultura en unas 300 hectáreas, 270 con agricultura mecanizada (soja, maíz, trigo) y 70 hectáreas con agricultura de autosustento. Igualmente, impulsan la cría de cerdos, lechería, avicultura, piscicultura, apicultura, horticultura. [...] (*Jornal ABC Color*, on line, Assuncão, Paraguai, de 09/02/2013. Fonte: Víctor Pizzurno. Título: *Indígenas ganan con producción récord de soja y maíz*).

(SD28) Esvaziado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) está aproveitando os conflitos fundiários no Paraguai para reforçar as mobilizações no Brasil, atraindo centenas de famílias de brasiguaios para Itaquiraí, que já enfrenta problemas nos serviços de saúde pública. Os coordenadores da entidade esperam que, até o fim do ano, o número de brasiguaios chegue a 15 mil famílias no Estado. “O MST buscou as famílias através de palestras e está apoiando seu retorno ao Brasil, fornecendo alimentação aos que não têm. É uma forma de fortalecer o movimento”, justificou um dos coordenadores do acampamento às margens da BR – 163, Evalderson Orlando dos Santos. Até agora, o aglomerado tem cerca de 650 famílias, sendo 500 procedentes do país vizinho. (*Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande - MS – 05/05/2010, Capa – *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD29) A vida deles ficava a cada dia mais difícil no Paraguai, onde estavam havia, pelo menos 30 anos, plantando e sobrevivendo do que a terra lhes oferecia. De cinco anos para cá a “nacionalização” pregada pelo povo paraguaio fez com que grupos armados invadissem terras de brasiguaios e os encurralassem de tal forma que fossem obrigados a deixar o país. A solução encontrada por muitos foi seguir as indicações de um grupo de brasileiros que os apresentou a uma forma de conseguir novas terras, agora no Brasil – o Movimento dos trabalhadores Sem-Terra (MST). (*Jornal Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10ª – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*).

(SD30) Ele e todos os outros brasiguaios vivem, atualmente, ao lado de outros acampados brasileiros, que se instalaram na região em setembro do ano passado. (*Jornal Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10ª – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*).

(SD31) “Aqui está melhor. Apesar de não termos mais nada, pelo menos tem tranquilidade”, conclui Gervasio da Silva, 31 anos, que chegou ao acampamento em abril, junto com a esposa, a paraguaia Yanice, de 26 anos, e com os três filhos pequenos. (*Jornal Correio do Estado* de Campo Grande - MS – 05/05/2010, p. 11ª – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD32) “Por que as autoridades brasileiras não nos dão o direito de retornar para o nosso país?” (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD33) “Por que as autoridades nos tomam instrumentos de trabalho para ‘evitar’ conflitos e não desarmam os jagunços das fazendas que estão com metralhadoras e escopetas e agem com a proteção da PM?” (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD34) "Será que somos menos cidadãos brasileiros que os jagunços e fazendeiros que nos ameaçam? A quem devemos reclamar nossos direitos de voltar para o nosso país e continuar produzindo na terra de onde tiramos nosso sustento?" (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD35) "Por que o governo ao invés de nos repatriar quer nos mandar de volta para o Paraguai onde não tem mais condições de sobreviver? Se não tivermos nossos direitos garantidos, romperemos a primeira cerca, não só a da fronteira, para fugir da marginalidade e da miséria que querem nos atirar" (Recorte da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD36) "Estamos acampados porque queremos terra para plantar e criar nossas famílias. Não é do nosso gosto estar aqui, mas no Paraguai não dava para ficar mais. [...] Se o governo cumprir sua promessa, não vamos ocupar terra de ninguém." (*Carta à população*, Mundo Novo, 21/06/85, *apud* SPRANDEL, *Interamer*, *on line*, [sd]).

(SD37) "Vamos ser uma nova geração de palestinos" (A.M.S., depoimento em 24/11/92, *apud* SRANDEL, *Interamer*, *on line*, [sd]).

(SD38) O cadastramento das famílias foi uma das ações propostas na audiência de conciliação realizada em 18 de outubro. Participaram o Ministério Público federal, além de representantes do Movimento dos Sem Terra (MST), Incra, Ouvidoria Agrária Regional, Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), Presidência da República e Prefeitura de Itaquiraí. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 09/07/2012 – Título: *Drama de brasiguaios começa a ser solucionado*).

(SD39) Os brasiguaios terão acesso a atendimento médico em posto de saúde, que fica próximo ao assentamento, serão oferecidas vagas em escola de educação fundamental, para as crianças em idade escolar. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 09/07/2012 – Título: *Drama de brasiguaios começa a ser solucionado*).

(SD40) Com base no cadastro das famílias, será encaminhado ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome a relação para que sejam **fornecidas** cestas de alimentos. O cadastro também servirá para determinar a logística da remoção e oferecer emissão de documento civil. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 09/07/2012 – Título: *Drama de brasiguaios começa a ser solucionado*).

(SD41) Cerca de 600 famílias de brasiguaios acampadas na rodovia BR 163, em Itaquiraí devem começar a se cadastrar para receberem um assentamento no município. O cadastro, que é uma etapa prévia da remoção das famílias é realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 09/07/2012 – Título: *Drama de brasiguaios começa a ser solucionado*).

(SD42) A Polícia Militar montou uma verdadeira operação de guerra na manhã de hoje para recuperar alimentos que foram saqueados na sexta-feira (18), por brasiguaios ligados ao MST (Movimento dos Sem Terra), acampados na região de Itaquiraí. Mais de 200 policiais, 14 viaturas, dois ônibus, três micro-ônibus e cães farejadores estavam envolvidos na operação que resultou na recuperação de mais de

uma tonelada de mantimentos roubados. [...]. Os acusados do saque alegam que tiveram que recorrer a esse tipo de crime porque não receberam as cestas básicas prometidas pelos governantes locais. (Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 02/07/2012 – Título: *PM ‘varre’ acampamento de brasiguaios e recupera alimentos.*)

(SD43) [...] Todos eles sofreram a pressão dos campesinos paraguaios. “Eles chegaram até a invadir a casa armados quando eu estava trabalhando”, conta. “Eu pegava as crianças e corria para o mato, com medo”[...]. (Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande - MS – 06/05/2010, p. 10A – Título: *Iludidas famílias sonham com pedaço de chão.*)

(SD44) "A maioria dessa gente não é, legalmente, brasileira nem paraguaia. Ela simplesmente não existe no mapa", afirmou o líder do MST. "Volta para cá sem nenhum documento, sem registro de nascimento, sem anotações de algum médico ou hospital que provam o nascimento no Paraguai ou no Brasil. É gente que nasceu com a ajuda de parteiras, em casa. Fica difícil para o governo brasileiro prestar ajuda." (Estadão/Brasil *on line*, de 03/05/2010. Título: *MS poderá ter 40 mil famílias acampadas.*)

(SD45) Há 11 anos Antônio Prestes, pai de Darci, aventurou-se no Paraguai e tinha a esperança de prosperar nas planícies férteis de Itaquyry.[...]. "Tinha uma casinha de dois cômodos na cidade, mas precisei vender para comer. Vendi-a por 3 milhões de guaranis, cerca de R\$ 1.800", diz Antônio. A esperança de Darci Prestes é uma bandeira vermelha do MST fincada em terras brasileiras. [...] (Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria.*)

(SD46) “O Brasil nos rejeitou há mais de três décadas, quando nos arrancou da terra e nos obrigou a buscar refúgio no Paraguai.” [...] (Fragmento da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD47) A chegada de Prestes ao acampamento de Cascavel não é evento isolado. Trata-se de um repatriamento dos chamados brasiguaios organizado pela Pastoral do Imigrante da Igreja Católica. Os agentes da Pastoral do Imigrante, no Paraguai, são pequenos e médios proprietários rurais e empresários de outros setores. Todos brasileiros. Por ironia, um dos mais ativos é Osmar Moll, agricultor que teve sua terra invadida pelos chamados campesinos, os sem-terra paraguaios, em Puerto Indio, a 130 quilômetros ao norte de Ciudad Del Este. Dono de dois terrenos que formam uma fazenda de 116 hectares e de 10% das cotas de uma fábrica de *mozzarella* com capacidade para processar 6 mil litros de leite por dia, Moll tem bons motivos para continuar no Paraguai. Entende, porém, que o país não oferece mais perspectivas para os brasileiros pobres. "O Paraguai não é mais um eldorado para os brasileiros pobres", garante. "Tenho em mãos uma lista com os nomes de 15 chefes de família, brasileiros, que não conseguem mais sobreviver do lado de cá da fronteira", diz o brasileiro Moll. (Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria.*)

(SD48) Seu pai, Daniel Rodrigues da Silva, é quem alinhava as razões da retirada do filho, nascido em 1979, meses depois da chegada da família a Itaquyry. [...] Daniel trabalhou 14 anos em terras alheias no Paraguai. Em 1993, comprou os direitos de posse de 8 hectares na cidade paraguaia.[...] pagou ao ocupante anterior da terra um preço pelas benfeitorias existentes e pela possibilidade de legalizar a propriedade junto ao governo. Para isso, deu uma comissão a uma imobiliária privada credenciada. Paraguaia, claro. [...] Ele traduz seu desalento em cifras, rabiscadas

num pedaço de papel. (Revista *Época*, on line, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

(SD49) O esquema básico do repatriamento para acampamentos do MST é descrito pela família Machado César, que chegou numa quinta-feira, dia 19 de agosto, à Fazenda Refopas. Saíram de Limoy, cidade a 120 quilômetros ao norte de Ciudad Del Este. Na primeira etapa, um ônibus paraguaio os levou até a Ponte da Amizade, que liga Ciudad Del Este a Foz do Iguaçu. Atrás seguiu um caminhão carregado com pouquíssima mobília, alguns sacos de mantimentos e muitas ferramentas. "A gente se preocupou mais com o material para trabalhar", diz Valderi Machado César. "Pegamos enxadas, machado, foice, martelo. De casa, só os colchões. Lá no Paraguai vendemos fogão, mesa, cadeiras e uma vaca", conta. (Revista *Época*, on line, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

(SD50) Diz que só não foi no mesmo ônibus porque tenta vender seus direitos de posse para um paraguaio. Acha que consegue pagar a dívida da safra e, depois de vender o Corcel II, a geladeira e a mobília, pode obter dinheiro suficiente para manter a família até conseguir terras no Brasil. (Revista *Época*, on line, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

(SD51) "[...]Ele disse que as invasões, na maioria das vezes violentas, os fizeram perder o pedaço de terra em que viviam no Paraguai. "[...]aqui parece que a terra pode sair logo", afirmou o trabalhador rural com esperança nos olhos. (Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande - MS - 05/05/2010, p. 11A - Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD52) A esperança de Darci Prestes é uma bandeira vermelha do MST fincada em terras brasileiras. [...] (Revista *Época*, on line, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

(SD53) "[...] Estamos sem terra e sem pátria. Nem brasileiros (pois não temos nossa cidadania reconhecida) e nem paraguaios, pois lá somos estrangeiros" (Fragmento da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992)

(SD54) Depois de tapado com um estrado de madeira e escondido por plástico preto, será o banheiro da casa de plástico da família Prestes. Vai ser o mais novo banheiro do acampamento. O inchaço da cidade negra, plástica, se deve ao êxodo de quem saiu de Itaquyry. A chegada de Prestes ao acampamento de Cascavel não é evento isolado. Trata-se de um repatriamento dos chamados brasiguaios organizado pela Pastoral do Imigrante da Igreja Católica. (Revista *Época*, on line, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

(SD55) "Será que somos menos cidadãos brasileiros que os jagunços e fazendeiros que nos ameaçam? (Fragmento da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD56) "[...] lutamos pelo direito de voltar ao Brasil e dar aos nossos filhos uma pátria que os receba" (Fragmento da *Carta dos brasiguaios*, acampados em Amambai, datada de 26/05/92. Publicada em *Brasil uma pátria para os brasiguaios*. Boletim do Movimento pelo repatriamento dos brasiguaios, nº 1, MS, 1992).

(SD57) [...] Schuh calcula que a Pastoral do Imigrante foi responsável pelo repatriamento de 5 mil famílias de brasileiros para acampamentos do MST no oeste e noroeste do Paraná. Segundo diz, a missão da Pastoral foi a de organizar parte de um movimento espontâneo de retorno ao Brasil protagonizado por ex-imigrantes que

vivem em situação precária no Paraguai. [...] (Revista *Época*, *on line*, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

(SD58) Em 69 eu nasci. [...]. Meu pai ficou um pouco em Hernandarias, depois ele começou entrar diretamente aqui e veio para construir porque era tudo mato, aqui em 68,69 aqui em Santa Rosa apenas tinha umas barracas pequeninhas, a avenida principal nem tinha, só os madeiros tirando madeira [...]. (Depoimento de imigrante brasileiro na cidade de Santa Rosa de Monday, Alto Paraná, Paraguai, em 18/11/2004. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 74).

(SD59) 49 Ainda não foi desta vez que Santa Rita, principal reduto brasileiro no interior do Paraguai, conseguiu eleger um *brasiguai* como prefeito da cidade. O brasileiro Valter Mensch, ex-vereador e candidato do Movimento Independente Todos por Santa Rita, amargou a segunda colocação. [...]. Mas, por outro lado, em outras cidades do Paraguai pelo menos dois prefeitos de origem brasileira foram eleitos. São eles Joaquim Lopes Matheus, em Santa Fe del Paraná; e Vilmar “Neneco” Acosta Marques, em Ypehú. Em Katueté, Edson Weber, ex-morador de Pato Bragado, município lindeiro ao Lago de Itaipu, elegeu-se vereador. [...]. (Rádio Grande Lago – AM 580 – *on line*. Reportagem de 08/11/2010. Título: *Thomé perde “por pouco” em San Alberto, mas dois brasileiros se elegem prefeitos de cidades do Paraguai*).-

(SD60) Os acampados chegaram atirando, destruindo veículos, cercas, porteiros e foram contidos por homens armados com espingardas, pistolas e revólveres [...]. O mais grave é que os **marginais** ligados ao MST usaram quatro jornalistas como escudo humano na tentativa de invadir a propriedade, demonstrando que para o movimento os fins justificam os meios. [...] (Diretora presidente do jornal *O Progreso*, seção *Opinião*, publicada em 22/04/2009. Título: *Inferno no campo*).

(SD61) [...] Yo no estoy en contra a los inmigrantes brasileños (*brasiguayos*), pero me preocupa [...] la manera incontrolada en que están comprando tierras y forzando a los colonos paraguayos a vender sus chacras, provocando un éxodo masivo [...]. Las chacras se convierten en tierra pelada para plantar soja, se cierran las escuelas, se abandonan los ranchos y las comunidades se convierten en pueblos fantasmas [...]. Hay que hacer algo para frenar este fenómeno, que solo traerá mayor pobreza y conflictos sociales al Paraguay (Recortada de entrevista concedida por padre paraguaio da Igreja Católica a GUTIÉRREZ, em 29/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 108).

(SD62) Prácticamente la mayor parte del norte de la región oriental de nuestro país está llena de los famosos “brasiguayos”, les pregunto, estuvieron por esas peligrosas regiones del norte? Les aseguro que un día les bastaría para darse cuenta de que no sería el más indicado para vivir, a no ser que estés dispuesto a convivir con esta “gente” que no tiene otro interés más que realizar negociados bastante lucrativos [...] Cuándo estos ‘dignos’ y bien pagados legisladores tomarán por lo menos en cuenta este tema? O es que de tanto que se pasan veraneando en las playas de nuestro vecino país, el Brasil, les gustaría que en el futuro próximo pasemos a ser ‘O estado do Paraguai’ (Recortada da carta de um leitor publicada no *Jornal ABC Color*, em 23/08/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 110).

(SD63) [...] En fin, yo creo que acá nos compete defender nuestra soberanía, nuestra tierra, lo poco que tenemos delante de lo mucho que tienen nuestros hermanos brasileiros (Recortada de entrevista concedida por bispo paraguaio da Igreja Católica ao *Jornal ABC Color*, em 29/08/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 132-3).

(SD64) Con ellos aprendí a trabajar en serio, también los domingos, los feriados, hasta Semana Santa. Aprendí a trabajar en comunidad. Aprendí lo que es economía familiar. Ellos tienen otra manera de ver las cosas y están haciendo mucho por el país. Creo que, en lugar de atacarlos tanto, tenemos que conocerlos, dialogar. Hay muchas cosas que corregir, pero es innegable que su presencia favorece el país

(Recortada de entrevista concedida pelo prefeito paraguaio de Santa Rita a GUTIÉRREZ, em 23/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186).

(SD65) Creo que ellos están haciendo un gran aporte a la economía del país. [...]. Los paraguayos estamos aprendiendo a romper nuestras limitaciones, para incorporarnos a esta forma de agricultura más moderna, que nos ayude a progresar (Entrevista concedida por empresário agrícola paraguaio a GUTIÉRREZ em 25/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186)

(SD66) [Los inmigrantes] comienzan al trabajo cuándo comienza el sol y va hasta la noche. Trece, catorce horas de trabajo por día. Compare esas trece, catorce horas con las cinco, seis de los campesinos. Es lógico que hay mucha diferencia, equivale mucha diferencia entre los dos. Tiene que tener mucha preparación, mucha ambición y, sobre todo, mucha capacidad de trabajo. Falta de cabeza es todo que lo falta en el paraguayo [...]. Yo conozco la realidad, es muy profunda, y todo eso viene desde años, no es de hoy. Esta es una parte de un proceso cultural que ahora se está queriendo sacar de la mente paraguaya (Entrevista concedida por diretor escolar paraguaio a ALBUQUERQUE, em 17/01/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 186-7).

(SD67) Existe, além disso, outro fator de prioridade no interesse brasileiro, Itaipu, e a região que rodeia a hidrelétrica é a preferida pelos imigrantes do país vizinho. E com a dívida criada, manipulada e alentada pelos brasileiros de US\$ 20 bilhões em Itaipu, não é difícil temer que, em poucos anos mais, o Brasil pretenda anexar o nosso país ou mantê-lo como estado livre associado, como os Estados Unidos fazem com Porto Rico. (*Sopa Brasiguai – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*)

(SD68) A presença de aproximadamente trezentos mil brasiguaios em nosso território, sem dúvida, constitui um fator de interesse para a chancelaria brasileira [...]. Mas assim mesmo, deveria ser uma grande preocupação para o governo paraguaio à medida que os territórios que os brasiguaios ocupam e dominam estão na mira do interesse geopolítico brasileiro. (Recortada da SD 2 *Sopa Brasiguai – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*)

(SD69) Além da Colômbia que, [...], reclamou com os Estados Unidos sobre um suposto “imperialismo brasileiro” na América do Sul, a ex-ministra de Relações Exteriores do Paraguai, Leila Rachid, foi outra autoridade que buscou auxílio da diplomacia norte-americana contra a política externa brasileira, em uma reunião com o embaixador dos EUA em Assunção, em 21 de abril de 2005. Leila Rachid foi chanceler entre 2003 e 2006, durante o governo do colorado Nicanor Duarte Frutos. [...] Considerado um aliado próximo dos EUA, o paraguaio chegou a permitir a presença de tropas norte-americanas no país até 2006, como parte de um acordo de cooperação militar com os EUA. [...] O documento prossegue: “Ela fez um comentário pessoal [dizendo] que Amorim está empurrando uma agenda para minimizar a influência dos EUA na América do Sul e afirmar o domínio brasileiro, uma direção que ela se opõe fortemente porque se traduz em controle irrestrito do Brasil sobre o destino do Paraguai”, diz o despacho. [...] Nessa reunião, Rachid não poderia ser mais clara. [...] “Ela reclamou que o Brasil havia cortado cotas de exportações paraguaias”, relata o documento. Ela também estava preocupada com ” a ambição brasileira de se tornar a maior liderança política na região” e instou que “os EUA se afirmassem para se opor ao Brasil”. (*Carta Capital – Wikileaks*, on line. Publicada em 17/02/2011. Título: *Ex-ministra do Paraguai temia ‘controle’ do Brasil sobre seu país*).

(SD70) “Creio que o governo deve rever a questão que tem a ver com os latifúndios ou grandes plantações de soja, que em alguns casos, trancam comunidades inteiras, além dos problemas que temos com os agrotóxicos, que são regados nas comunidades. [...] o que o governo deveria ter feito desde o começo, com o cultivo

da soja, era ter determinado zonas para a plantação, e não fazê-lo indiscriminadamente e agredindo o meio ambiente e comunidades porque não há regulamentação.[...]"( *Sopa Brasiguaiá, on line*, de 26/10/2008. Título: *Bispo católico [paraguaio] analisa conflito no campo*).

(SD71) Mas em outra ordem de atividades, a penetração dos brasileiros nas regiões fronteiriças alentou a exploração florestal e a de produtos silvestres. A intensa depredação de nossos recursos florestais e de nossa fauna silvestre – uma das mais dramáticas do mundo – se deveu, não unicamente, mas em grande medida, ao estímulo econômico dos compradores e empresários brasileiros instalados em ambos lados da fronteira seca. [...] (*Sopa Brasiguaiá – Notícias da Fronteira Brasil-Paraguai*, on line. Publicado em 23/11/2006. Título: *Jornal ABC Color faz duras críticas ao Brasil*. Subtítulo: *Editorial – Amorim vem para “convencer” uma vez mais aos governantes paraguaios?*).

(SD72) ” Con esa expansión se produce lo que nosotros conceptualizamos que es la invasión extranjera , porque no solamente ocupa la tierra [...] sino instala su modelo de producción, su idioma, su cultura, sus autoridades, todo, entonces está ocupado prácticamente por la otra potencia nacional, que la principal es brasileña. [...] y lo peor, lastimosamente te tengo que decir, por ser tu compatriota, que es el peor criminal, desde el punto de vista de la destrucción ambiental, destrucción local, sea hídrico, descargando veneno, lavando los instrumentos de maquinarias, el uso de agroquímicos. Encima de eso, tirando todos los envases vacíos, flotando ahí en el agua, hasta inclusive algunos cerrando los causes, es un desastre, son los más criminales en ese sentido. [...]. Entonces las organizaciones campesinas cuando se desarrollan otra vez tienen una política de recuperación del territorio perdido, de las comunidades paraguayas porque los asentamientos son legalizados, pero todavía falta titular [...].” (Líder campesino de la MCNOC – Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 107).

(SD73) Nosotros caracterizamos en dos formas: hay los brasiguayos que vinieron a trabajar como peones que se convirtieron en pequeños productores que tiene 10, 20 hectáreas. [...] Eso sería una visión que nosotros tenemos caracterizado cuales son los brasiguayos, los pequeños productores que vinieron como peón a trabajar y volvieron a su país y nosotros defendemos inclusive eso y tenemos que ir organizando, si ellos quieren regresar a su país que regresen y que ataquen el latifundio de su país. Y los otros serían los grandes productores de soja que también algunos se convirtieron en brasiguayos y ahora ya son asentado en nuestro país (Líder camponês da FNC - Federación Nacional Campesina em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 231).

(SD74) Esta es una mezcla entre paraguayos y brasileños. Como ellos son hijos de inmigrantes, la influencia en la casa, todos los días papá y mamá les hablan en portugués, entonces ellos se sienten brasileños, miran las teles, los canales brasileños se exalta el nacionalismo y esto lo que sale: el Brasil es el más grande del mundo, todos los días es exaltación del nacionalismo [...]. Pero viene a la escuela, a la institución escolar y tienen que hablar en castellano, tienen que hablar el guaraní, tienen que practicar costumbres y tradiciones paraguayas, entonces se sienten paraguayos, saben bien que nacieron en Paraguay [...] pero pertenecen, sus padres son inmigrantes. Ahí viene la palabra brasiguayo, una mezcla (Professor de História em escola paraguaia em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 232).

(SD75) [...] Katuetê: “sem dúvida”, “seguros”;/ Paraguayos e inmigrantes brasileiros/ Abrazados por la fuerza de la unión/ Construyeron en el corazón de Kanindeyú/ La ciudad de la integración/ Sin distinción, trabajando sin receso,/ Paraguayos e brasileiros demostraron que/ De la integración nace el progreso/ Trabajando juntos,/ Unidos por la amistad,/ Construyeron con sacrificio/ Y el sudor de la frente, / Esta magnífica ciudad,/ Katuetê, mi querida Katuetê (Recortada do



poema *A mi Katuetê*, de Diego Esteban Terrazas *apud* Feliú, 1999, p. 76. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 202).

(SD76) Hoje eu vou no Brasil e eu me sinto estranho porque apesar da gente ter parente e tudo e a cada pouco tempo ir visitá-los, a gente se sente estranho porque é outra moeda, é uma outra política, a gente vê que eles têm apoio do governo, é diferente, a casa é outra casa, é outro sistema (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 218).

(SD77) Quem nasce aqui não tem que ser chamado brasiguayo, deve ser chamado de paraguayo, porque todo mundo quer uma identidade onde se integrar. Às vezes, o termo brasiguayo é um pouco pejorativo porque aqui a migração atualmente no Paraguai está passando uns conflitos bastante grande, então esse choque cultural, quando você fala que é brasiguayo, o pessoal já olha pra você diferente. Então o próprio sotaque, não falar, já muitas vezes denuncia a tua cultura, a sua origem, onde você nasceu e muitas vezes pode ser até um problema (Padre brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 234)

## FRAGMENTOS QUE ILUSTRARAM O CAPÍTULO II

Não gosto de alemão. Falam uma língua do diabo. Olham pra gente com ar de pouco caso. Tudo neles é diferente: as roupas, as danças, as comidas, as casas até o cheiro. Quando vejo um homem de pele muito branca, cabelo de barba de milho e olho de bolita de vidro, até me dá nojo. Se eu fosse governo, mandava essa alemoada embora. Não é que eu seja mesquinho, somítico ou malevo: estrangeiro também é filho de Deus. [...]. (VERÍSSIMO, 1997, p. 545 *apud* ALBUQUERQUE, 2010, p. 168 ).

Meu pai e minha mãe vieram no ano de 1966, de Santa Catarina pro Paraná e do Paraná pro Paraguai. Meu pai e minha mãe são do Rio Grande do Sul, são gaúchos. Eu nasci no Paraná e tenho um irmão que é paraguaio [...] (Imigrante brasileiro na cidade de Mbaracayu em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 73).

No ano de 1960 nós saímos do Nordeste, chegamos no estado de São Paulo. Era na época das colheitas de amendoim e algodão. Viemos de caminhão pau-de-arara. Até São Paulo viemos com nossos recursos. De São Paulo fomos para Presidente Prudente. Trabalhamos 90 dias em Presidente Prudente, ganhamos um pouquinho de dinheiro, fretamos de novo um outro caminhão. Eram três famílias que estavam juntas. Nós chegamos até Ivaílanda, que é uma cidadezinha pequena perto de Maringá (Norte do Paraná). Em Ivaílanda chegamos a trabalhar mais 60 dias, meu pai e meus irmãos. Ganhamos outro pouquinho de dinheiro, fretamos outro caminhão até Goioerê, seria o nosso destino. Viemos e trabalhamos anos e anos em fazendas, daí compramos um pequeno pedaço de terra em Goioerê, cinco alqueires de terra. A família muito grande, era 11 homens e 2 mulheres e meu pai e minha mãe. Com todas as dificuldades que os nordestinos encontram no Sul, encontram dificuldades terríveis, com este pedacinho de terra que compramos, a família começou a crescer, casar, os filhos começaram a casar, daí nós viemos para uma cidade quase já nas fronteiras. Ali nós moramos 10 anos, depois chegamos a Foz do Iguaçu. Em Foz do Iguaçu foi onde eu primeiramente tive a ideia de passar a ponte na época do militar no Brasil. Antes da construção de Itaipu nos já estávamos entrando no Paraguai e também fomos infelizes. Nós tínhamos uma propriedade e fomos desapropriados por Itaipu pela chamada Alvorada do Iguaçu e dali nós viemos para Foz do Iguaçu, passamos a ponte para o lado de cá. Hoje está com 27 anos que estamos no Paraguai. [...]. Hoje tenho uma fazenda aqui no Paraguai. A gente construiu esta grande fazenda, estamos sendo fortes produtores na região. (Depoimento de imigrante brasileiro na cidade de Naranjal, em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 17/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 75).

[...] la tradición cultural de los inmigrantes sigue siendo muy fuerte y muchas veces, cuando asistimos a una celebración, tenemos la impresión de encontrarnos en Brasil. Pero eso también sucede porque el Estado paraguayo ha permanecido prácticamente ausente en toda esta región fronteriza y hasta ahora casi todo llega del Brasil (Paraguaia de Katuete *apud* Gutiérrez, 22/09/1993. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 95).

[...]. Nesta quarta-feira de madrugada, um grupo de sem-terra paraguaios bloqueou os acessos à cidade e interditou o prédio da prefeitura. A manifestação acontece uma semana depois que a Polícia Nacional do Paraguai teve de interferir, por ordem da Justiça, para acabar com o protesto que durante 21 dias manteve a cidade parcialmente sitiada. O alvo dos protestos é o **prefeito de San Alberto, o brasileiro Romildo Antônio de Souza Maia, 36 anos**, que pela segunda vez é deposto do cargo à revelia, sob a acusação de mau uso do dinheiro público. Os dois protestos foram organizados por adversários políticos de Maia e líderes locais do movimento sem-terra. Cinco dos nove vereadores querem a saída do prefeito e já pediram uma intervenção federal no município, que pode ser julgado pelo Congresso paraguaio ainda esta semana. (Diário do Grande ABC, *on line*, de 11/08/1999. Título: *Sem-terra paraguaios bloqueiam acessos à San Alberto*).

Disputando era eu com mais três e nós ganhamos com 66,6% acima dos 3. Saí muito bem, dos 12 vereadores, 8 entrou da minha lista. Nas mesas de imigrantes a diferença era de 260 contra 7, contra 3 e contra 1, uma coisa assim. Na mesa de paraguaios natos era menos a diferença, mas também tinha diferença para nosso lado (César Pandoin, Prefeito de Naranjal em entrevista a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 89).

[...] Primeiro se plantava e se cultivava menta, aí da menta você entrava na plantação de soja e todos os produtos agrícolas de consumo, que é arroz, feijão, milho e tudo. Para o comércio era menta. A menta deu lugar à soja e aí com a entrada de algumas máquinas começou a mecanização. Aquela pessoa que fazia 5 hectares começou a fazer 20, 30, começou a aumentar, deslocar e começou a ampliar as áreas. [...] (Imigrante brasileiro na cidade de Mbaracayu em entrevista a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 81).

Hoje o Paraguai é o que é por causa dos imigrantes, senão o Paraguai não seria essa potência que ele é enquanto soja e em vários outros aspectos diferentes (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 193).

Para você ver hoje o país, o Paraguai do jeito que é [...] é o único país do mundo que tem 88% de plantio direto e isso é porque têm descendentes de outros países que vêm aqui e implantaram, isso se não fosse os imigrantes isso não teria acontecido (Imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 193).

Nosotros no podemos volvernos unos anónimos, nosotros debemos fortalecer lo que significa la nacionalidad, el ciudadano paraguayo orgulloso de su frontera, mil veces vilipendiada, hemos tenido desmembraciones atroces [...]. Si es valorizar los principios nacionales, defender la integridad territorial de los intereses de las personas, estamos en la vanguardia. Y por último, ruego a Dios todo poderoso, para que la bandera paraguaya siga flameando en nuestro territorio nacional y en ningún caso pase por nuestra mente que otras banderas flameen al mismo nivel en donde el pendón nacional debe ser predominante en todas las instituciones de la República (Senador paraguaio, sesión ordinaria, 21/10/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 126)

[...] Esto no parece Paraguay [...]. Calles limpias, amplias avenidas asfaltadas, paseos centrales bien cuidados y con mucho verde. Prósperos edificios comerciales, galerías, bancos, financieras, locales de vendas de vehículos, tractores y

cosechadoras. Y el más impresionante: casi no existe vendedores ambulantes (GUTIÉRREZ, 23/09/2003 *apud* ALBUQUERQUE, 2010, p. 87).

Eu digo para você dentro de 4 ou 5 anos vai ter uma renovação dentro do Paraguai que são os filhos destes imigrantes tomando toda a parte política. Hoje nós temos aqui no distrito e Naranjal, onde eu moro, nós temos um prefeito de 25 anos. Ele é filho de imigrante, filho de brasileiro, mãe argentina, e são todos descendentes de alemão ali. Então é uma renovação, o que ele fez, é uma política jovem. Já tem senador que é descendente de alemão, só que eles são uma minoria, mas cada dia está crescendo mais e vai chegar num momento que vai mudar esta mentalidade (Imigrante brasileiro da cidade de Santa Rita. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 90).

O sistema de vida deles é bem diferente do brasileiro. O brasileiro trabalha dia e noite na época de plantio, na época de preparação da terra e não tem hora, pode ser domingo, pode ser feriado, porque todo dia é dia de plantar. Na hora de colher tem que colher. Eles não, eles não querem compromisso com criação de porco, de galinha, de qualquer animalzinho, porque eles querem ser livres. Eles trabalham, começam segunda-feira, mas eles começam, primeiro tomam seu mate, depois eles vão para o serviço, quando é 10 horas tem que tomar tererê porque isso é sagrado, é o costume deles [...]. Depois eles vão trabalhar um pouquinho, já é meio dia e vão para casa. [...] eles almoçam e vão para a *siesta* deles [...] ( Imigrante brasileiro e vereador. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 182).

Porque aqui tem a colonização dos imigrantes brasileiros e têm as colônias paraguaias, é outra realidade. As colônias que são de brasileiros, imigrantes, são mais fortes, mais dinâmicas economicamente, em todos os aspectos. As colônias paraguaias são aquelas que pararam no tempo. [...] (Imigrante brasileiro. Entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 177).

[Os paraguaios] são por natureza mais fracos no trabalho, não têm visão do futuro, são mais índios. O pensamento deles é poder ficar dentro do mato, de viver assim de caça, pesca. O trabalho deles é fazer alguma coisinha, plantar mandioca. Eles dizem que o trabalho mata, acham que a vida deve ser vivida diferente. Então eles acham isso, vendo como o brasileiro trabalha, para que trabalhar para fazer tanto dinheiro assim se vamos morrer um dia, tem que pensar pro dia de hoje, comer e dormir e ter sombra e água fresca. Essa é a mentalidade deles (Imigrante brasileiro e vereador em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 26/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 173).

Eu como sou paraguaio legítimo eu posso ser candidato, o estrangeiro só pode ser vereador ou *concejel* como fala aqui. É que aqui a maioria somos estrangeiros [...]. A gente às vezes é considerado não legítimo paraguaio, eu muitas vezes sou considerado como brasileiro. Então os jornais colocam a gente como *intendente* (prefeito) *brasiguayo*, um *intendente* brasileiro [...]. Eles são, nós, eu sou paraguaio, nasci aqui, me considero. [...] (Filho de imigrante brasileiro em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 18/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 217).

Entre 800 y 1.000 personas irrumpieron ayer en un costoso inmueble ubicado a 2,5 kilómetros del centro de Salto del Guairá, camino al aeropuerto de esta capital departamental, que pertenece al inmigrante brasileño João Carlos Bernardes. [...]Ahora los carperos decidieron asentarse en el sitio con la intención de forzar que el dueño del inmueble y el instituto agrario vuelvan a negociar un acuerdo para la transacción de compraventa, de tal forma que luego el lote les sea cedido.[...]. [...]El grupo que anoche protagonizó la violenta invasión está compuesto de obreros y pequeños comerciantes, que viven en casas de alquiler situadas en los barrios periféricos de la ciudad de Salto del Guairá. [...] La mayoría se trasladó a la ciudad después del repunte económico de la zona y no pueden acceder a un terreno por el

alto costo. (*Jornal ABC Color*, on line, Assuncão, Paraguai, de 05/08/2012. Título: *Invaden un costoso terreno en Salto del Guairá tras vencer defensa de guardias*).

Una de las armas fundamentales del Paraguay en las dos guerras fue el guaraní. Los brasileños y argentinos no entienden el guaraní. Entonces era más fácil hablar en guaraní, comunicar en guaraní entonces despistaban a sus enemigos. Se utilizaba el guaraní porque es el idioma que más nos acerca como paraguayo (Professor de História em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 143).

Es idioma que más utilizamos, el paraguayo habla más en guaraní que en español. Es más fácil para la comunicación. Es un idioma completo, es más dulce, si nosotros hablamos en el guaraní parece que estamos expresando nuestros sentimientos (Professor de História em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 25/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 221).

Atenção aí, sensacional festa da virgem de *Caacupé*, tradicional festa do chop, acontece próximo dia 6 de dezembro na colônia 8, na vila Magali. [...] às 8 h haverá um culto, às 9 h um amistoso de futebol suíço, ao meio dia almoço com churrasco, saladas e bebidas [...] participação de grupos paraguaios e brasileiros [...] às 18h30min início do baile com animação da banda *Matebaile* (Propaganda em português na Radio Pioneiro, em San Alberto – Alto Paraná, Paraguay, em 24/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 94).

Son las 21:35 de un miércoles cuando llegamos a la ciudad de Katuete, departamento de Canindeyú, a casi 400 km de Assunción. [...] Frente a un bar, varios jóvenes toman cerveza [...] Nos acercamos hasta ellos con el móvil de *Última Hora* para preguntar cómo se llega en la casa de un poblador del lugar:

- *Nde, socio* (le dice el chofer a uno de los jóvenes) *Ikatu pio aporandumi ndeve petei mba'e?*

El joven se acerca con un gesto amable pero incómodo:

- Desculpa... mas eu não compreendo guaraní. Você não sabe falar em português? Pergunta.

- No mi amigo. Yo no hablo portugués, sino guaraní. Por qué? Acaso aquí no es Paraguay?

- Sim claro. [...] mas você tem que falar em português [...] aqui tá cheio de brasileiros. (André Colmán, jornalista do jornal paraguaio *Última Hora* apud GUTIÉRREZ, 22/09/2003. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 92-3).

O emblema *Gente que trabalha* foi nós que fizemos. Antes era como todos os emblemas, todos quase iguais [...] têm 4 janelinhas. Nós fizemos uma *naranjinha*. Então que a *naranjinha* é nossa, é Naranjal. O negocinho da mão é a integração, depois tem a agricultura, a *ganaderia* (pecuária) [...] e embaixo tem verde e amarelo, na verdade, não por ser brasileiro, é porque o verde simboliza a natureza e o amarelo o plantio direto. [...] (Descendente de imigrante brasileiro e prefeito de Naranjal em entrevista concedida a ALBUQUERQUE, em 19/11/2004. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 179).

Hace poco el ex ministro de la justicia (Ángel José Burró) se ha expedido contra los bandeirantes. Hasta hoy en día en San Pablo tienen todavía el monumento a los bandeirantes. Para mí, el monumento a los bandeirantes tendría que ser una vergüenza para los hermanos brasileños. Sabemos la filosofía de los bandeirantes y mamelucos. Tenemos en San Carlos el fuerte contra los bandeirantes. Yo no sé si a los brasileños sigue alimentando a la filosofía de los bandeirantes [...]. En fin, yo no creo que acá nos compete defender nuestra soberanía, nuestra tierra, lo poco que tenemos delante de lo mucho que tienen nuestros hermanos brasileiros (*Jornal ABC Color*. Publicado em 29/08/2003. Entrevista com Bispo paraguaio da Igreja Católica. In.: ALBUQUERQUE, 2010, p. 132-3).

[...] Mucha sangre fue derramada [...] La coyuntura actual nos demuestra [...] lo difícil que es para un país como el nuestro, rodeado por dos naciones enormes y con pretensiones altamente hegemónicas, consolidar la independencia que nuestros padres proclamaron el 14 y 15 de mayo de 1811. [...] casi un año atrás fuimos testigos atónitos y víctimas inocentes a un tiempo de la más brutal intervención en los asuntos internos de la República que se haya conocido desde la Guerra de la Triple Alianza. [...] Sin concedernos siquiera el legítimo derecho a defendernos [...]a nuestra sumaria y arbitraria suspensión del Mercosur y la Unasur. [...]. El ultrajante Tratado Secreto de la Triple Alianza, suscrito por los enemigos de la Nación paraguaya el 1 de mayo de 1865, sostenía en su artículo 7º: “No siendo la guerra contra el pueblo paraguayo sino contra su gobierno...”[...] ¡Hipócritas! Todo, desde luego, comandado por el codicioso imperio brasileño, hoy travestido bajo los ropajes de una supuesta república democrática, pero con la misma insaciable voracidad imperialista de hace un siglo y medio. Sí, el mismo imperio, poderoso y soberbio, que desde hace 40 años, en virtud de un oprobioso tratado suscrito entre dos tiranos sangrientos, viene robándonos descaradamente la energía hidroeléctrica que producimos en Itaipú, y nos impide disponer libremente de ella para comerciarla con quienes mejor nos la paguen. [...]. No hemos declarado formalmente nuestra independencia del imperio español [...] para permitir que sus intolerables cadenas fueran reemplazadas por las de otro amo, el angurriente y despiadado imperio del Brasil (Jornal *ABC Color*, on line, Assuncão, Paraguai, de 14/05/2013. Título: *Del imperio español al imperio brasileño*).

Para cobrir as terras de soja na última safra, foi a uma companhia de silos e pediu emprestados sementes, fertilizantes, defensivos e o serviço de um trator para fazer o plantio. Na colheita, em maio, foi à empresa entregar a produção. O saldo era uma dívida de 6 milhões de guaranis (ou R\$ 3.614,50), engordada mensalmente por juros de 1,5% sobre o valor equivalente em dólares. "Morro de velho e não consigo pagar a terra", conclui Daniel. (Recortada da Revista *Época*, on line, Ed. 69, de 13/09/99. Título: *Na fronteira da miséria*).

**ANEXO B**  
***CORPUS GRAVADO EM CD-ROOM***